

AMOR & RITMO

Ritmo
IMPERFEITO

O SEGREDO DA MINHA MELHOR AMIGA

SARA FIDÉLIS



Ritmo
IMPERFEITO

O SEGREDO DA MINHA MELHOR AMIGA

SARA FIDÉLIS

Copyright © 2020 Sara Fidélis
**RITMO IMPERFEITO – O SEGREDO DA MINHA MELHOR
AMIGA**

REVISÃO: Larissa Honório
DESIGN CAPA: Letti Oliver
DIAGRAMAÇÃO: April Kroes

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais, é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Sumário

[Notas Inicias](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Epílogo](#)

[Nota sobre a vida](#)

[Mais uma nota sobre a vida](#)

[Agradecimentos](#)

[Redes sociais](#)

[Outras obras](#)

Notas Iniciais

É muito difícil escrever esse texto, mais difícil que foi escrever o livro, porque sinto que com ele, realmente estou encerrando uma parte maravilhosa da minha carreira como escritora: a trilogia Amor & Ritmo chegou ao fim.

Tudo bem, talvez acabem me convencendo a escrever um spin-off, porque assim como eu, vocês não estão sabendo lidar com a despedida, mas ainda assim, Ashton, Josh e Tray contaram suas histórias e cantaram suas canções.

Escrever Ritmo Envolvente, foi engraçado. Comecei o livro despretensiosa, não sabia bem o que seria dele e nem mesmo se usaria meu nome para publicar.

Então Ashton ganhou meu coração. Me apaixonei de tal maneira que seria impossível ver as pessoas lendo e não gritar: Gente! Fui eu que fiz.

Quando ele foi lançado e vi a mesma paixão que havia em mim, sendo disseminada por aí, foi um choque. Eu não esperava ver tantas dominadas, mas aconteceu.

Então veio Josh e seu Ritmo Sensual, com sua sensatez e auto controle, mas com uma intensidade absurda sob as camadas de calma, sem falar no altruísmo desse homem, e mais uma vez, vocês o receberam de braços abertos.

E durante todo esse tempo, Tray Anders esteve ali, fazendo suas

piadinhas ruins, levando humor para os momentos difíceis e apoiando os amigos em todas as decisões. Tray se tornou o preferido de muita gente...

Enquanto escrevo essas linhas, ainda não sei como será quando Tray chegar e mostrar seu ritmo, imperfeito, mas delicioso e tão único.

Temos um protagonista desbocado, que fala o que quer e leva muita coisa na brincadeira, mas que ama com uma intensidade só dele, com uma fidelidade inquestionável. Tray também me dominou.

Jasmim, nossa mocinha, tomou decisões que em alguns momentos vocês podem discordar e bem, não estão sem razão nisso, mas peço que tenham cuidado ao julgá-la, minha menina já sofreu demais e vai contar tudo a vocês, no tempo certo, no tempo dela.

Dito isso, espero que seja um último show grandioso, com recorde de público e que as canções tocadas aqui, se eternizem em nossos corações.

Que amem a praga e a peste, porque eu... sou toda deles.





PRESENTE

Sinto uma gota de suor escorrer sob meu colete aberto, a primeira de muitas.

Ouçó Ashton alcançar notas insanas e o acompanhamento, meus dedos estão em uma velocidade alucinante até *pra* mim. Fecho os olhos, envolvido pela música e sou alcançado pelo som lindo *pra* caralho que o público faz, cantando em voz alta.

Pauso meus movimentos, Josh faz o mesmo e Ash deixa que cantem. É envolvente e a energia é de outro mundo. Sempre me surpreendo com o quanto esses momentos mexem comigo.

Estamos no topo do mundo, mas são essas pessoas que se aglomeram em uma multidão *pra* nos ouvir, que fazem toda a luta até aqui ser válida.

As luzes pintam o palco de muitas cores, dançando acima de nós e colorindo a plateia; a fumaça preenche o ambiente. O cheiro dela se dissipando no ar é tão familiar que já se tornou parte do show.

A Dominion saiu finalmente em turnê. Depois de alguns imprevistos — não tem outro nome *pra* dar ao casamento de dois membros da banda —, retomamos a agenda cerca de um mês atrás e estamos rodando desde então.

Londres, Amsterdã, São Paulo, Madri. Cidades totalmente diferentes e cada uma nos recebeu com tanto entusiasmo que nos ajudou a relembrar o gostinho de cair na estrada. Agora estamos praticamente em casa, em Los Angeles e amanhã em Seattle.

*Hold my hand
And don't let go, girl
I will always lead her
And then it will be free.*

As vozes se calam. É a minha deixa. O gemido da guitarra preenche o ar enquanto sinto cada toque, cada nota que sai de mim para o instrumento e dele para o ar da noite.

Meus cabelos são curtos e ainda assim estão colados na testa, o suor evidencia o agito do show, meus saltos são cheios de adrenalina enquanto me curvo arrancando tudo das cordas, até o último fôlego e ouvindo os gritos ensandecidos que me instigam ainda mais.

— Obrigado, galera! Vocês são fodaaaa... — Ashton brada no microfone e uma salva de palmas se segue. — Foi incrível estar aqui, nós estamos dominados por vocês!

As pessoas assoviam e nos ovacionam em resposta. Com um último aceno ele se despede, indo para os fundos na direção do camarim. Nós fazemos o mesmo e logo estamos os três em uma sala ampla atrás do palco.

Os seguranças, diante da porta, tentam conter um grupo de pessoas que já tomou conta da entrada do lugar antes mesmo que o show terminasse. Enquanto isso nós nos trocamos e respiramos um pouco, antes que alguns fã sejam liberados, como sempre.

— Cara, eu não vejo a hora de estar em casa — Josh fala, enchendo um copo de água e tomando em seguida.

— Também estou cansado — respondo e tomo a garrafa d'água de sua mão.

Bebo um gole no gargalo mesmo e sinto o frescor aliviar um pouco do calor que estou sentindo.

— E então? Que tal irem buscar as meninas e ir *pra* uma festa? Sabem que aqui tem aquele lugar exclusivo, que gosto de ir, mas se vocês forem sair podemos ir em uma festa qualquer...

Me interrompo quando noto que meu convite — é claro — vai e volta pra mim. Desde que os babacas amarraram a corda em volta do pescoço, minhas companhias acabaram.

— A Ju está com a Ashley no hotel, Tray. Não vai rolar... — Ashton responde, confirmando que virou mesmo uma mocinha.

Olho dele *pra* Josh, que apenas dá de ombros.

— Vou ficar com a Ane, cara.

— Mas que porra! Vocês são dois eunucos agora? Não podem ir sem elas, não? — Claro que eu sei a resposta, mas cacete, tenho que expressar minha frustração de algum jeito.

Bufo, resignado. Antes que eu comece a insistir pateticamente, o segurança abre a porta e algumas pessoas começam a entrar.

Geralmente selecionam muito bem quem recebe os passes, não são os mais histéricos ou que tenham uma aparência de que vão tentar drogar um de nós — é, sabemos que já aconteceu.

Nós três nos separamos e rodamos entre os poucos ocupantes da sala, cumprimentando, dando autógrafos e posando *pra* algumas fotos.

Converso com um rapaz chato *pra* cacete que insiste que deveríamos considerar um baixista — ele — e mesmo que eu sorria explicando que preferimos manter o eletrônico, o cara ainda implora que eu ache um baixo *pra* me mostrar “*do que é capaz*”.

— É sério, Ty... — Era o que me faltava agora, um apelido novo! — Se me vir tocando tenho certeza que vai mudar de ideia. Sou o mais capacitado para a função.

Só torço *pra* que seja capaz de calar a boca logo, porque não ando com muito saco *pra* essa gente que vem aqui tentando encontrar uma brecha *pra* entrar na banda. Sério, quem faz isso?

Não me lembro de quando era mais jovem, antes da banda deslanchar, ter ido em algum show do Maroon 5 e pedido *pro* Adam Levine me deixar mostrar o que eu sabia fazer na guitarra. Cada doido que me aparece...

Aceno como quem concorda e peço licença para falar com duas moças que esperam ao lado. Elas dizem que vieram juntas e logo que me aproximo o

bastante, apontam a câmera do aparelho na mão de uma delas, para uma selfie nossa. Sorrio, fazendo questão de mostrar uma careta engraçada no processo, as garotas acham divertido e correm *pra* ver a foto no celular.

— Então... — A loira começa. — Nós vamos dar uma festa, sabe? Pouca gente, pessoal selecionado, lugar privado. Sei que deve ter algo mais importante e tal, mas quem sabe...

A morena não me encara, claramente esperando uma negativa, mas em se tratando de bom senso, o meu mandou lembranças. Principalmente agora, que ando me sentindo um tanto sozinho e jogado *pra* escanteio.

— Uma festa onde? — questiono interessado.

Afinal, foda-se. Se for embora, vou ficar assistindo televisão.

— Pensamos no nosso quarto de hotel — fala maliciosa, meu interesse aumenta em muitos níveis. É hoje que o BigTray vai se dar bem. — Soubemos que vocês estão hospedados no mesmo lugar que nós.

Delícia. Pelo tom de voz dela, as intenções são muito claras.

— Pouca gente, é? Em um quarto? Que hotel é esse?

Quando ela fala o nome confirmo que é mesmo o que estamos hospedados. Eu não sou trouxa também, podia ser uma armação *pra* descobrir onde estamos ficando.

As moças me passam o número do quarto, mas acabo pedindo que me esperem.

Ofereço às duas uma carona no nosso ônibus e elas topam na hora. A loirinha, que disse se chamar Penny, se senta na minha perna direita e a outra, que não gravei o nome, ao meu lado no banco, mais tímida, uma gracinha.

Ash e Josh estão lá na frente, nas primeiras poltronas e com cara de poucos amigos. Sei bem que vou escutar por causa isso, principalmente porque Julia e Ane não vão ficar muito contentes.

Quando paramos no hotel, me despeço deles ainda no saguão. Os dois seguem para o último andar e eu apenas me deixo levar pelas duas mulheres.



Que merda de dor de cabeça.

Acordo e primeiro noto o teto alto, muito alto e branco, tão branco que preciso fechar os olhos outra vez e aos poucos ir me adaptando à luz do dia.

Sinto um peso sobre meu braço, que nem circulação tem mais, pelo jeito. Quando olho *pro* lado vejo uma massa de cabelos loiros revoltos e o rosto adormecido da menina que me trouxe até aqui ontem.

Qual era mesmo o nome dela? Porra... Odeio quando não consigo lembrar, elas sempre ficam muito chateadas.

A perna dela está jogada sobre mim e desço meus olhos pelo corpo completamente nu. Mas de quem é essa outra perna?

Olho para o outro lado e noto a morena tímida, sem uma única peça de roupa também. Caralho, a timidez dela foi embora rapidinho, me lembro agora.

Sorrio relembrando a noite que tivemos.

Entramos no quarto e elas realmente convidaram mais algumas pessoas. Acho que havia dois caras, que em algum momento se deram bem com outras duas garotas, das cinco que foram convidadas.

Cara! Rodízio de oral, já vivi muita coisa, mas um rodízio desses...

Me sento na cama e vejo as outras meninas deitadas aos nossos pés.

Ah, Tray Anders: o deus do sexo.

Ou Tray *Sanders*, como algumas poucas pessoas preferem me chamar, o S tem algo a ver com Sexy, Safado, Selvagem... Muitas opções.

Imagens das meninas se tocando enquanto eu me afundava em cada uma delas invadem minha mente e percebo que uma ereção já está a toda, apenas esperando *pra* ver qual delas vai despertar primeiro e ser a sorteada. Antes que eu precise ir.

Falando nisso, que horas são? Busco meu celular na cama, mas não consigo nem mesmo encontrar minhas roupas. Me levanto, enquanto a loirinha se remexe, despertando. Hum... Acho que temos uma ganhadora.

Deixo a cama e aquele amontoado de corpos deliciosos em busca das minhas coisas e encontro uma peça em cada canto da suíte; quando acho o celular vejo que tenho cinco chamadas do Ash.

Cacete. Vou perder o voo.

Visto a calça correndo enquanto ligo *pra* ele no processo.

— Ash? — Ele atende já gritando. — Eu sei, porra. *Tô* indo... Não, não, não... Não vai me deixar aqui, seu puto. *Tô* no hotel, me dá cinco minutos.

Por sorte o heliponto é aqui mesmo e logo que calço os sapatos, pego a camiseta e saio vestindo porta afora.

Minhas coisas.

Disco o número da Ane, ela é a que fica menos irritada com minhas noitadas.

— Ane? Alguém pegou minhas malas?

Ela ri, capeta de menina.

— Mandei buscarem, Tray. Anda logo, o Josh vai ter um filho se você demorar mais um pouco. Aiii... — Ouço a reclamação dela e imagino que Josh não tenha curtido o comentário.

— Tá bom, pirralha. Já *tô* quase aí.

Realmente o elevador logo para no andar em que estou, que acabo de descobrir ser o quarto e aperto o botão que me leva para a cobertura, onde pego as escadas para o heliponto.

Quando finalmente chego, estou tentando vestir a jaqueta sobre os ombros e as hélices do helicóptero fazem um vento tão forte que a maldita quase sai voando, mas a seguro a tempo. Corro para a porta aberta e entro, sabendo que a pequena equipe que Carter deixou nos assessorando, já tomou os assentos ao fundo, deixando os lugares mais à frente reservados para nós e o último dos seguranças entra depois de mim.

Deixo um sorriso enorme tomar conta do meu rosto, olho *pros* meus amigos que me encaram parecendo assassinos treinados e abro os braços.

— Oi, bebês... Cheguei!

Ane ri e desvia os olhos *pra* Josh não ver. Julia ergue a sobrancelha, me olhando com ar acusatório, mas eu sei que não está brava de verdade.

Já Ash simplesmente vira o rosto *pra* janela e coloca os óculos escuros sobre o rosto. Tomo meu assento vendo Josh bufar, irritado e acabo rindo ainda mais.

— Que foi, Nicols? Ane não te deu uma boa noite?

— Cala a boca, Tray. Você é muito idiota, sabia que estávamos te esperando — reclama.

— Mamãe — provoco. — Eu estava trepando. Vê se faz o mesmo e sai do meu pé.

Nem a chatice desses dois pode tirar meu bom humor. Tive uma noite fantástica e agora vou *pra* casa, me jogar na cama e dormir por umas dez horas seguidas. Retiro o celular que está vibrando no bolso e vejo que é justamente de casa. Rosa está me ligando e isso só pode significar uma coisa.

Atendo rindo ainda mais, se é que isso é possível.

— Rosinha, meu amor! Tem boas notícias *pra* mim?

Ela suspira. Merda, suspiro não é bom...

— *Olha, eu insisti muito, ofereci tudo que me disse que eu podia e ela não aceitou o emprego. Já tentei umas cinco vezes desde que vocês viajaram. Decidi te ligar porque sabia que ia chegar pensando que deu tudo certo, mas a sua amiga é muito complicada.*

A porra da Jasmim sempre sabe acabar com meu humor. Ela sabe acabar

com tudo, a praga.

— Como assim, não aceitou? Ela *tá* fazendo bico, cacete! Ofereceu o valor que falei?

— *Ofereci, apesar de achar um absurdo porque nenhuma das outras meninas recebe tanto assim...*

— E falou das folgas semanais?

— *Claro — Outro suspiro. — Ela disse que... Espera aí que eu anotei o recado. Ah, ela disse: fala pro Tray que não vou cair na pilha dele e não vou lavar suas cuecas nojentas. Diz que sei muito bem que quer me fazer de gata borralheira, de pirracinha porque não pedi ajuda e que isso não vai rolar. Estou muito bem empregada, obrigada.*

— Aaaaaahhh, essa mulher é um demônio! Deixa, Rosa. Eu vou atrás dela quando chegar em casa e ela vai me escutar, mentirosa do inferno.

Rosa fica muda do outro lado e quase posso ouvir o sermão por eu falar assim.

— O que? É mentirosa mesmo, falou que trabalhava *pra* um ricoço, que ganhava muito bem e nhé, nhé, nhé. Tudo *pra* não pedir ajuda. E quando joguei isso na cara dela, o que ela fez?

— *Eu não sei bem o que ela fez... Só vi o senhor todo molhado de champagne.*

— Pois é! Disse *pra* eu enfiar meu dinheiro sujo naquele lugar. Tá. Ela não usou essa expressão, mas dá no mesmo. Dinheiro SUJO, Rosa! De onde ela tirou essa merda?

— *Não sei... — Rosa não parece disposta a servir de psicóloga.*

— Tá bom, valeu por tentar. Deixa comigo agora.

Desligo o celular irritado. Toda minha alegria matinal evaporou.

Ouçõ um pigarreio e então a voz do Ash.

— Então, a Jas te deu um olé outra vez?

Nem me dou ao trabalho de responder. Ele não quis contratá-la quando pedi e deu nisso.

Josh começa a rir e olha por sobre o ombro com vontade de jogá-lo daqui *pra* fora.

— Que foi?

Ele apenas dá de ombros, ainda achando graça.

— Nada. É que você gosta tanto de zoar o Ash e eu, falar sobre como usamos coleira e tudo mais e a Jas consegue estragar teu dia, sem nem chegar perto.

— Larga de ser imbecil, Josh. Não é a mesma coisa, a Jas é minha amiga. Minha *melhor* amiga e eu pensava que era o dela também, mas aquela bandida não me conta nada.

— Ela não era tua *amiga* quando transaram nas férias no Chile... — Ash comenta, agora olhando *pra* Ashley que viaja no meio dos pais. Ele fala como se não estivesse prestando atenção ao que diz.

Julia me olha em expectativa, acho que nem ela e nem Ane sabiam disso. Babaca.

— A gente fica junto de vez em quando, vocês sabem disso. Mas não muda o que somos. É só *pra* lembrar os velhos tempos.

Vejo que os olhos de Josh parecem até brilhar com minha resposta. Lá vem...

— Não sei por quê fica irritado, então. Nos velhos tempos vocês namoraram e ela te chutou, agora vocês transam de vez em quando e ela te chuta... Tudo em seu devido lugar.

Ash solta uma gargalhada ao escutar o comentário dele e os dois se encaram felizinhos. Desgraçados.

— Jasmim nunca me chutou — falo alto, para que me ouçam. — Nós chegamos a um acordo de que era melhor assim, sabem muito bem disso.

— Foi sim. Por isso que você chorou na nossa cabeça por uns cinco meses... — Ash resmunga com ironia e atrai a atenção das meninas.

Merda! Vontade de enfiar um soco na cara dele *pra* calar a boca.

— Isso é sério? — Ane pergunta. — Eu não tenho lembranças do Tray apaixonado. Desde que me lembro tinha alguma garota pendurada no ombro

dele, ou saindo do quarto, ou pelada na cozinha...

Josh assente.

— É o jeito dele de fingir que não está nem aí.

Ela olha *pra* mim esperando uma resposta e eu abro um sorriso.

— Pirralha, eles podem falar o que quiserem, mas eu acordei com cinco gostosas na cama

— E vai dormir sozinho... — Josh solta e vejo Ane o cutucando de leve.

Porra! Todo mundo acha que eu é que estou perdendo alguma coisa? E daí que não estou em um relacionamento? Saio e chego quando quero, sem dar satisfação *pra* ninguém e não corro o risco de ser deixado, nunca mais.

Eu estou bem. Muito bem, na verdade.

Me viro *pra* frente outra vez, os ignorando e curto o resto do voo com meus fones, escutando umas músicas e fingindo que ninguém mais está aqui.

Ficam me enchendo o saco, mas eu não caio na onda deles, não. O irritante aqui sou eu. Não vão me tirar do sério.

Quando descemos em Seattle, Carter já está nos esperando no aeroporto e nos leva direto *pra* casa. Passo direto *pro* quarto.

Prefiro não ficar escutando as asneiras dos outros agora e parece que decidiram tirar o dia para isso.

Eu vou é dormir. Mereço um descanso depois da noitada que tive.

Arranco a jaqueta, tiro os sapatos e me atiro na cama, abraçando o travesseiro. Mas as palavras da Rosa no telefone, lendo o recado, voltam *pra* me perturbar.

“Não vou lavar suas cuecas nojentas.”

Peste.

Abro os olhos e busco meu celular ao lado da cama, escrevendo uma mensagem *pra* Jasmim o mais rápido que consigo.

“Praga do meu inferno particular... Onde você está? Recebi seu recadinho

e não gostei de uma parte em especial.”

Espero com o aparelho na mão, já rindo só de imaginar a resposta mal criada que ela vai me dar. Vejo que visualizou e espero uns cinco minutos até perceber que Jasmim não vai se dar ao trabalho nem de me xingar.

Disco o número dela e ouço os toques, esperando que atenda *pra* que eu possa começar o discurso de ódio que já tenho na ponta da língua.

Mas ela não atende.

Jasmim sempre foi teimosa, fosse *pra* escolher um sabor de pizza ou decidir quem ia fazer o que, tarefas de escola, roupas *pra* sair, fosse qual fosse o impasse ela sempre batia o pé. Por isso eu sei que quando enfia uma coisa na cabeça, nem reza forte *pra* demover.

Um porre, às vezes, mas sempre gostei disso nela, uma personalidade forte, que não aceita ninguém passar por cima dela ou das pessoas de quem gosta.

O foda é que no momento não pareço fazer parte desse grupo. Ela está com raiva das coisas que falei no casamento do Ash e eu, irritado por causa das mentiras dela e da teimosia em não pedir ajuda, mesmo precisando.

É como se estivesse segurando uma ponta da corda e ela, a outra. E assim, nesse cabo de guerra nós seguimos, até que eu encontre a praga e a obrigue a aceitar o emprego. Vou me divertir um pouco a irritando e quando ela atirar um dos nossos jarros de vidro na minha cabeça, paro de pegar no seu pé e ofereço uma opção melhor, com menos trabalho e um salário decente, já que de graça está fora de cogitação.

Mas antes, vou atormentar um pouco minha flor... que está mais *pra* uma planta carnívora.



Jasmin

TREZE ANOS ANTES

Encarei a imagem diante de mim no espelho, trocando o peso do corpo de um pé para o outro enquanto decidia se finalmente estava pronta.

— Você está maravilhosa, Jas — Chrystal disse e me virei, dando uma voltinha, esperando mais uma confirmação. — Está mesmo, linda.

Abri um sorriso, satisfeita. Era algo diferente das coisas que costumava usar, também, não tinha motivo *pra* me arrumar no dia a dia.

Ia da escola para casa e depois para o trabalho de meio período. Não tinha muito tempo para festas, mas era aniversário de Tray, meu melhor amigo no mundo todo e eu não podia ignorar e ficar em casa vendo algum filme, ele não me perdoaria.

Por isso, troquei as calças jeans por um vestido tubinho preto e os tênis por sandálias de salto. Meus cabelos castanhos estavam soltos e Chrystal havia enrolado as pontas deles, fazendo alguns cachos e também dedicado um tempo para me maquiar, de um modo mais discreto.

A festa ia ser no porão dos Ray. Eleanor havia viajado e levado Anelyse com ela, deixando a casa livre para que Ashton oferecesse a festa, com algumas condições que, pelo visto, não seriam seguidas à risca.

— Tem certeza que posso ir? Ninguém vai me expulsar? — Chrys perguntou e pude ver seus olhos meio assustados pelo espelho.

Me virei *pra* ela, rindo da bobagem que dissera.

— De onde você tira essas coisas? Não é como se fosse a casa de

alguém importante, são nossos amigos e todo mundo vai estar lá.

— São seus amigos, Jas. E bom, desde que a banda deles começou a ficar conhecida...

— Chrys, pelo amor de Deus! Os meninos tocam no colégio de vez em quando. Não vá agir igual essas desmioladas que ficam estendendo tapete vermelho *pra* eles, por favor.

Ela deu de ombros.

— Tem certeza, né?

— Tenho. — Revirei os olhos. — E não aja assim perto dele, daqui a pouco o ego do Anders não vai deixar que ele passe pela porta.

Isso acabou fazendo com que minha prima soltasse uma risada.

— Tá bom, então vamos.

Acenei concordando e peguei a bolsinha minúscula que ela tinha me emprestado, *pra* combinar com o vestido. Coloquei dentro a caixinha pequena com o presente que encomendei *pra* Tray e deixamos o quarto.

Na sala, o som da televisão ia às alturas. Minha avó estava sentada no sofá, cochilando.

Não adiantava chamar, ela já não escutava muito bem tinha algum tempo, então apenas toquei sua mão para atrair sua atenção e a vi abrir os olhos sonolentos *pra* mim e me oferecer um sorriso em seguida.

— Que linda, Jas. Sua mãe ficaria tão contente em te ver assim...

Não ficaria não, minha mãe não ficava contente com absolutamente nada que se referisse a mim, simplesmente porque não se importava se eu estava viva ou morta.

Mas não disse isso a minha vó.

— Estou indo no aniversário do Tray, vó. Devo voltar tarde, mas estou com minhas chaves, tá? Vou trancar a porta, então pode ir dormir despreocupada.

Ela assentiu, parecendo contente.

— Tá bom, meu amor. Fala *pro* menino que vou fazer o bolo que ele

gosta amanhã, diz que espero que venha *pro* café, à tarde.

Concordei com um gesto e com Chrystal ao meu lado, saí de casa.

Tray morava umas quatro casas depois de mim, também com sua avó e os Ray a uns dois quarteirões de distância. Não precisei parar na casa de Tray *pra* saber que não estava ali, a festa já estava acontecendo e com certeza ele havia sido um dos primeiros a chegar, estava empolgado quando nos falamos mais cedo e a essa hora já devia estar aprontando.

Quando chegamos na esquina, já conseguimos ver um aglomerado de pessoas do lado de fora, parecia que o bairro todo tinha decidido comparecer. Considerando que a festa era no porão, aquele monte de gente do lado de fora só podia indicar que a coisa estava muito louca.

— Ai meu Deus — Chrystal falou do meu lado. — É agora que me mandam *pra* casa.

— Deixa de ser doida, menina — repreendi, rindo.

Segurei na mão dela e passamos pela porta, que conforme o esperado, não tinha ninguém vigiando.

A música estava alta e tinha algumas pessoas espalhadas pela sala. Vi um casal se esgueirando escada acima e só torci em silêncio para que não usassem o quarto de Eleanor, ou a coisa ficaria feia para os meninos depois.

Nenhum deles estava à vista, mas reconheci um rosto ou outro do colégio e os cumprimentei enquanto nos misturávamos, indo em direção a cozinha.

Havia um barril de cerveja em um canto e as pessoas faziam fila para se servir. Considerando que ninguém tinha idade para isso, eu nem queria saber quem havia comprado aquilo.

Avistei Josh em um canto conversando com um outro rapaz e o cumprimentei com um gesto de cabeça. Ele retribuiu e me apontou a direção da escada, indicando que Tray estava lá embaixo.

O barulho na descida para o porão estava mais alto e o maior número de convidados também estava ali. Desci os degraus, olhando por sobre o ombro *pra* confirmar que minha prima estava me seguindo; quando a vi atrás de mim, continuei meu caminho, me espremendo por entre alguns bêbados

precoces e uns casais sem noção que se agarravam na frente de todo mundo.

Não foi preciso muito esforço para encontrar Tray. Ele estava dançando em cima de uma mesinha de madeira, no centro do cômodo e já tinha uma quantidade considerável de pessoas ao seu redor, rindo da performance e batendo palmas.

Chrystal e eu passamos por Ashton, que estava se atracando com uma garota em um sofá perto de onde ficavam os instrumentos que eles usavam nos ensaios. Então nos posicionamos mais ao fundo, esperando. Em algum momento, Tray iria se cansar do show e desceria de lá.

— Temos que ficar muito tempo? — Chrys me cutucou com o dedo, parecendo mais deslocada que eu.

— Um pouco. Depois que ele parar com a palhaçada e descer da mesa, vou entregar o presente e dar os parabéns, aí podemos ir. Você não queria vir?

— Querer eu queria, né? Mas não conheço ninguém.

— Você conhece a maioria dessas pessoas, e eu também. Só não são nossa turma.

Ela abriu um sorriso.

— Eu não sei como ele... — Ela aponta Tray, que agora resolveu que é um bom momento *pra* arrancar a camiseta e jogar *pro* alto. — Pode ser seu melhor amigo. Você sabe que não têm nada em comum, né?

Comecei a rir ao ver que ele decidiu agir como se tocasse uma guitarra imaginária.

— O cabelo dele está grande demais...

Chrys revirou os olhos para mim.

— Eu sei, tá? Parece mesmo que somos diferentes demais *pra* quem vê de fora. Mas somos amigos desde pequenos, você sabe disso. Tray gosta das mesmas coisas que eu, *durante a semana*.

Chrystal ergueu as sobrancelhas, achando graça.

— E no fim de semana ele fica doido?

Dei de ombros, conformada.

— Eu também gosto de festas. Só não posso sair muito, você sabe.

Ela assentiu. Fomos criadas bem próximas, mas Chrys sempre teve os pais e morava com eles, enquanto que eu fiquei com minha avó, ela cuidou de mim quando minha mãe sumiu no mundo e agora, era minha vez de cuidar dela.

Com a saúde da vovó fragilizada, ficou complicado deixá-la sozinha com frequência, então acabava passando mais tempo em casa do que gostaria.

Estava pensando nisso quando vi Tray erguer um copo de cerveja para o alto e tomar tudo de uma vez, entornando boa parte da bebida sobre o peito. Soltei um arquejo com a cena, mas ao olhar ao redor, percebi que era a única a pensar na bagunça, porque ouvi alguns gritos empolgados das garotas que o aplaudiam. O que me levou a considerar a insanidade. Delas, claro.

— Vou pegar bebidas *pra* nós, quer vir ou me espera aqui?

— Fico — Chrys respondeu. — Vou esperar quietinha aqui, tentando não ser notada.

Neguei com a cabeça, rindo um pouco do seu comportamento bobo. Chrystal era loira, alta e muito bonita, mas bem tímida.

Subi as escadas outra vez e quando cheguei a cozinha, percebi que a fila em busca de cerveja apenas havia aumentado. Segui para o banheiro então, deveria ter ido em casa, antes de sair, mas já estava na festa...

Depois de chegar ao banheiro, com algum esforço, fechei a porta atrás de mim. Graças a Deus sem fila, por enquanto. Olhei as horas no celular, já passava das dez da noite e a festa tinha começado depois das sete.

Poderia fingir ter chegado mais cedo e que ele apenas não havia me encontrado para, assim, ir embora mais rápido.

Com essa ideia plantada na mente, fiz o que vim fazer — sem detalhes quanto a isso — e depois aproveitei para checar a maquiagem. Uma careta se desenhava no meu rosto, direcionada ao batom, vermelho demais, mas até que estava bonitinha.

Antes que eu deixasse o banheiro, a porta se abriu.

Droga, como pude esquecer de trancar? E se entrassem antes enquanto eu fazia xixi?

Me virei de frente e o vi de costas, fechando a porta. Reconheço os cabelos castanhos claros, lisos e a pele morena.

Respirei mais aliviada. Era só a praga do Anders.

De cabeça baixa, ele levou a mão ao botão da calça. Epa!

— Ei, ei, peste! Eu estou aqui, não vai abaixando a calça, não. Tá doido?

Ele parou no ato e finalmente ergueu o rosto. Vi sua expressão confusa por instante e em seguida com os olhos arregalados, encarou minha roupa e depois meus sapatos. Só então voltando ao meu rosto.

— Jas? — perguntou, parecendo chocado. *Idiota.*

— Não. O Papai Noel. Devia bater antes de entrar e ir arrancando suas partes íntimas *pra* fora.

Ele riu, passando a mão pelos cabelos, os tirando de sobre os olhos azuis.

— Uau, praga. Não sabia que estava escondendo essas pernas, aí.

O comentário me fez querer puxar o vestido um pouco *pra* baixo.

— Deixa de ser otário. Olha, eu vi um pouco sua apresentação lá embaixo, mas você sabe, não posso ficar muito tempo, tenho que ir *pra* casa logo. Então faz o que veio fazer e me encontra lá no terraço, tenho um presentinho *pra* você.

Tray abriu um sorriso ainda maior.

— Essa é minha, Jas. Não esqueceu o presente! E eu vim mijar...

— Eca, Anders. Desnecessário dizer o que veio fazer, ok? Te espero lá em cima, mas acelera que a Chrystal está sozinha lá embaixo.

Assentindo, ele seguiu um pouco cambaleante na direção do sanitário, minha deixa *pra* sair de cena.

Abri caminho entre as pessoas e passei pela sala, subindo as escadas. Empurrei a porta do quarto de Ashton, que estava entreaberta e o encontrei no maior amasso com a garota de antes, mas agora na cama.

Eles paralisaram no meio do beijo e me olharam.

Ash abriu um sorriso meio sem graça.

— E aí, Jas?

Apontei para a porta aberta da varanda.

— Terraço, Anders e tal.

Ele assentiu.

— Vai em frente, eu aviso que você subiu.

Passei por eles e notei que a menina estava se esforçando para esconder um sutiã pink, nada discreto. Fiz um sinal destrambelhado.

— Prossigam...

Corri para a varanda e, de lá, para a escada que levava ao terraço aberto.

Eleanor colocou um sofá velho bem no centro do lugar e era nele que nós ficávamos quando queríamos conversar. Tray, eu, os garotos... Só não podíamos beber ali em cima, os riscos eram altos.

Droga. Eu não deveria ter sugerido que viéssemos *pra* cá, o idiota tinha bebido muito.

Me sentei no sofá, esperando por ele. Não demorou muito e ouvi sua voz enquanto subia as escadas.

— Jas? Cadê você, praga?

Sorri, escutando seus gritos.

— No sofá, Anders.

Instantes depois ele se atirou no assento ao meu lado, deitando no meu colo e colocando as pernas *pra* cima.

— Você está fedendo a cerveja, Tray.

Ele afirmou com um gesto, parecendo considerar um elogio.

— Para de enrolar, Jas. Dá logo meu presente que estou curioso, porra.

— Fica falando desse jeito que não dou é nada — respondi, provocando.

— Anda logo, merda. Por favor — acrescentou, rindo mais que o normal.

Abri a bolsinha e retirei de lá uma caixinha preta, de veludo e entreguei na mão que ele me estendia. Ele franziu a testa encarando o objeto e então me olhou muito sério.

— Não posso me casar ainda, Jas. Desculpa.

Dei um tapa na testa dele, que levou a mão a ela, esfregando feito um bebê chorão.

— Abre logo.

Observei enquanto ele destravava e abria, revelando o pingente de prata no centro da almofadinha.

— Caralho, Jas! — Tray se levantou, sentando-se de repente, enquanto admirava a palheta presa em uma corrente, da mesma cor do pingente. — Isso é muito lindo.

— Eu sei — respondi, contente comigo mesma. — Sou a melhor com presentes.

— Isso é... — Ele se virou no sofá, finalmente me olhando nos olhos. — Isso é muito caro, Jas! Não posso aceitar, é prata de verdade, né? Teve que vender um rim *pra* me comprar isso? Não devia ter comprado, vai ter que devolver.

Fechei a cara. Eu sabia que ele faria uma cena.

Se eu tive que economizar por algum tempo? Claro, mas o problema era só meu.

— Não aceitam devolução, já mandei gravar. — Dei de ombros.

— Gravar? — Tray virou a joia na mão, procurando a inscrição.

“Para o melhor. Guitarrista e amigo.”

— Isso ficou foda, demais!

Notei a expressão no rosto dele, parecia mesmo contente, mas ainda assim preferi confirmar.

— Você gostou mesmo?

— Se eu gostei? Pirou? Eu adorei, Jas! Vem cá, faz as coisas direito, coloca em mim igual naqueles filmes, vai.

Ele me entregou o colar e eu coloquei em seu pescoço, me esforçando *pra* encontrar o fecho, já que não estava muito claro.

— Pronto, princesa — brinquei. — Agora, vamos combinar uma coisa. Amanhã, vai lá *pra* casa depois do almoço, filmes e bolo, ok? Minha avó disse que é intimação dela, então já sabe. E vou deixar *pra* te abraçar e falar toda aquela baboseira de parabéns lá em casa, porque você está um nojo, todo melado.

Ele segurou o pingente, olhando *pra* baixo. Pelo modo como sorria, tinha valido a pena esquecer as botas novas que eu queria tanto.

— Combinado. Juro que, mesmo de ressaca, eu vou estar lá.

— Isso aí, mas vomitando não, tá? Se estiver passando mal não precisa aparecer, eu não limpo serviço de gente irresponsável.

Me levantei do sofá e peguei a bolsa que tinha deixado sobre ele.

— Ah, e use camisinha, vai se formar esse ano e eu sou muito jovem *pra* ser tia... — completei, indo na direção das escadas.

— Jas — ele gritou.

Me virei e o vi me encarando, com aquele olhar do capeta que ele fazia algumas vezes.

— Que foi?

— Não existe isso de desejar os parabéns no dia seguinte, que papo de doida é esse?

Dei dois passos para trás, me preparando para a fuga.

— Não, não, não... Tray! Peguei esse vestido emprestado, você não vai me deixar fedendo.

— Jas, Jas... Devia saber que não ia aceitar esse presente sem um abraço, não se faz isso.

— Eu não me importo! — interrompi. — Pode me agradecer amanhã.

Me virei, saindo o mais rápido possível de perto dele, mas estava de

salto, o que me impossibilitou de correr. Já ele, virou maratonista de repente e me alcançou antes que eu chegasse ao primeiro degrau.

Tray me segurou por trás e me ergueu, fazendo com que eu tirasse os pés do chão.

— Eu estou fedendo, praga? Você vai me pagar por dizer isso. Amigos têm que compartilhar, inclusive o mal cheiro — falou, enquanto esfregava o peito nas minhas costas.

— Imbecil! Anders! Me coloca no chão agora, seu babaca.

Rindo, ele me desceu, mas meu alívio durou pouco, logo Tray me pegou, virando-me de ponta cabeça e me jogando sobre o ombro.

— Tray! — Esmurrei suas costas. — Eu estou de vestido, imbecil.

— E não tem ninguém aqui, nervosinha. — Senti um tapa na minha bunda e abri a boca de espanto.

— Você me deu uma palmada? Ficou maluco agora, foi? Olha a liberdade, Anders, me coloca no chão!

— Já te vi tomando banho, para de bancar a santa. — Ele gargalhou com o golpe que dei em suas costelas.

— Eu tinha cinco anos, estrupício. Eu vou te dar um abraço, prometo. Agora me larga!

Finalmente senti o sangue descer da minha cabeça, voltando para as várias partes do corpo que precisavam dele para viver. Cambaleei um pouco sobre os saltos e ele me amparou.

— Não devia usar saltos, Jas. Você não sabe andar com isso...

Encarei-o furiosa.

— Eu sei andar, sim. Quando não estou tonta por ter sido colocada de cabeça *pra* baixo por um *bar ambulante*.

— Iiiih, voltamos a reclamação inicial, vou ter que te pegar de novo?

Bufei, irritada.

— Vem cá, Jas. Seja boazinha, me diz aquelas frases decoradas para os aniversariantes e me dá meu abraço, que eu te deixo ir.

Me aproximei, contrariada e passei os braços ao redor do pescoço dele. Tray envolveu minha cintura e afundou o rosto no meio dos meus cabelos, em um abraço apertado.

— Feliz aniversário, meu calvário. Que você alcance seus maiores sonhos, que a Dominium seja tudo aquilo que você deseja e que, do seu jeito louco, você seja a pessoa mais feliz desse mundo.

Ao invés de me soltar, seu aperto ficou mais forte.

— Jas, eu adorei o presente — ele disse. — Obrigado. Você é a melhor coisa da minha vida.

Balancei a cabeça, compreendendo o que ele queria dizer. Tray também era a melhor coisa que já tinha me acontecido.

— E a propósito. Você está linda, devia usar vestidos mais vezes, porque suas pernas são maravilhosas.

Dei um tapa nas costas dele, que riu.

— É sério. Amigavelmente falando, são bem... gostosinhas.

— Nem sei se isso foi um elogio, mas vamos parar com essa bobagem, por favor.

Eu o afastei e ele me olhou de cima a baixo, me deixando um pouco desconfortável pela primeira vez.

— Eu nem sabia que você tinha peitos, Jas. — Seu olhar se demorou um pouco mais que o permitido no meu decote. — Eles são bem bonitos.

Tray pigarreou, mas ainda não olhava para meu rosto.

— Ei! Tira o olho daí, indecente! Vai pegar uma daquelas admiradoras lá embaixo. Eu, hein? Acho que você bebeu além da conta.

Ele assentiu, concordando.

— É, acho que bebi mesmo.

Passei por ele e comecei a descer as escadas, mas ainda gritei por sobre o ombro antes de chegar ao quarto de Ashton.

— Amanhã! Não vai me dar o bolo ou vou comer ele INTEIRO.

Olhei para ele uma última vez e o vi passando as mãos pelos cabelos em seu gesto característico.

— E corta o cabelo — completei.



Tray

PRESENTE

— Onde pensa que vai? — Paro, ao ouvir a voz de Josh me chamando.

— E aí, cara? Tá fazendo o que aqui?

Desde que ele e Ane definiram a relação, Josh não fica muito na mansão, eles estão sempre no apartamento dele e geralmente só o encontro por aqui para os ensaios.

— Vamos ensaiar. Compus uma música nova e quero mostrar.

— Ah, maravilha! Mas vai ter que ficar *pra* depois, eu tenho que sair agora.

Josh para a garrafa de água em sua mão, a caminho da boca e olha para mim com uma expressão ridícula.

— Que foi? — pergunto.

— Que merda você tem pra fazer na rua três horas da tarde? Geralmente você acorda a essa hora. Chegamos de manhã, você nem tinha dormido direito...

Estreito os olhos para ele. De jeito nenhum vou cair nessa, sei bem que vai começar a encheção de saco, se eu disser.

A risada dele me mostra que já entendeu. Merda.

— Oh, Ash! Vem cá... — o desgraçado grita. — Adivinha quem tá indo correr atrás de alguém lá em Rainier Beach?

Ashton decide que é a maldita hora de aparecer, com a Ashley bem sorridente no colo.

— Ah, eu não me arrisco a um palpite. Quem seria trouxe de ficar andando atrás de quem não quer ser encontrado? O melhor guitarrista do mundo e o fodeur do século, não. Com certeza, não.

— Nhé, nhé, nhé... — resmungo. — Só ouço um zunido bem chatinho. A gente ensaia quando eu voltar, seus babacas. Fui.

— E não vai levar ninguém com você? Leva o Jeremi pelo menos.

Josh se refere a um dos seguranças, que consegue se misturar melhor e chama menos atenção, isso porque proibi os ternos *pra* ele, assim parece mais um amigo *pra* quem vê de longe.

— Não vou levar ninguém, não. Que palhaçada, só vou na lanchonete, a essa hora nem deve ter tanta gente por lá.

Ashton se aproxima com a testa franzida. E lá vamos nós...

— Tray, isso não vai dar certo, larga de marra e leva alguém.

— Eu vou disfarçado, então.

Os dois me olham esperando que eu explique.

— Mas que merda! Não é como se vocês não saíssem por aí com boné, óculos e tranquilos.

— Não dá muito certo. Além disso, é diferente. Nós crescemos lá, mas o lugar tem ficado perigoso. Seja por reconhecimento ou por um dos seus carros nada discretos, mas vão te cercar de um jeito que não tem a menor ideia. E você era meio babaca, vai que um doido decide te esfaquear em memória aos velhos tempos — Ashton fala. Agourento do caralho.

— Tá bom, Jeremi vai comigo. Mas vai ficar no carro e... — Olho *pros* dois e ligo o foda-se. — Quer saber? Eu combino com ele, ok? Tchau, tias.

Sem dar tempo para que continuem a aporrinhção, saio para a garagem enquanto chamo Jeremi pelo celular. Logo que ele aparece, tiro minha AMG GT R — porque se vou até lá, vou ressurgir com estilo — e deixo a mansão em direção ao trabalho de Jas. Ao menos o último sobre o qual consegui me informar, se ela não estiver lá a encontrarei em casa, mas hoje Jasmim não me escapa.

— Ei, Jê... — chamo a atenção dele, que está sentado ao meu lado. —

Seguinte, cara. Fica de olho, do lado de fora do carro. Mas não é *pra* ficar me seguindo, se perceber alguma movimentação insana, chega junto, beleza?

Ele assente.

— Não é *pra* ficar colado no meu traseiro, entendeu?

Jeremi ri, mas balança a cabeça afirmando.

Corto as ruas, voando pela cidade. Deixando nosso bairro de riquinhos para trás e seguindo para sudoeste, dirijo até estacionar diante da lanchonete.

Logo que desço do carro sinto o odor de óleo, o lugar recende a fritura.

Quando subo os três degraus e paro em frente ao balcão, um homem com o maior bigode que já vi, me encara de volta.

— E aí? Estou procurando pela Jasmim. Me disseram que trabalha aqui...

O homem acena, concordando e abro um sorriso.

Te peguei, praga.

— Ela trabalhava mesmo.

Meu sorriso murcha.

— Não trabalha mais?

— A menina só chegava atrasada, sabe? Faltava também, sei que ela tem suas responsabilidades, mas o emprego deveria ser uma delas, não acha?

Não gosto do tom dele, mas também não acho natural o que está dizendo. Jas sempre foi responsável, nunca gostou de matar aula e, depois, também odiava faltar ao trabalho. O que ele diz não faz muito sentido.

— E sabe *pra* onde ela foi?

O esquisitão só dá de ombros.

— Para casa. Não acho que tenha conseguido outro emprego ainda.

— Hum, tudo bem. Obrigado.

Ele semicerra os olhos, me encarando com curiosidade.

— Você não é o...

— Não. Não sou, não, cara.

Deixo a lanchonete e entro no carro antes que o bigodudo decida que sim, eu sou. Os óculos e o boné podem não ser o melhor disfarce, mas ao menos ganham algum tempo.

Ligo o som e saio rasgando pelas ruas, dirigindo o mais rápido que posso sem receber uma multa ou ser parado por excesso de velocidade. Não que seja grande coisa, mas prefiro não parar agora.

Quando chego na rua onde cresci, desacelero. O lugar na verdade é bem bonito, cheio de árvores, assim como toda a cidade e o lago que margeia a região me faz sentir um pouco saudosista. Foi bom crescer aqui.

Várias pessoas param, encarando enquanto o carro passa, afinal não é muito discreto.

Vejo alguns comércios abertos, lugares que frequentei quando criança. Tudo está igual de certa forma, mas ao mesmo tempo é como se as casas, a largura da rua e todas as outras coisas, tivessem diminuído.

Na minha visão infantil e até mesmo de adolescente, as coisas eram maiores, talvez seja porque eu fazia parte disso tudo e agora, estou vendo de fora.

Paro o carro na porta da casa de Jas. A janela do quarto no andar de cima está aberta e abro um sorriso ao descer do carro, me lembrando de quanto tempo passamos juntos aqui.

Não tem interfone, campainha ou algo assim, então acabo batendo palmas. Se eu chamar é bem possível que ela reconheça minha voz e se mande pelos fundos.

Jeremi também desce e para encostado na porta do meu precioso, como se protegesse um carro forte, ao menos quem o vir vai achar que é só um amigo e não a porra de uma babá.

Uma mulher desconhecida abre a porta, secando as mãos em um avental listrado.

— Pois não? — questiona, já relanceando os olhos *pro* carro, de maneira curiosa.

— Estou procurando a Jasmim. Ela está?

A senhora balança a cabeça de um lado para o outro.

— Já tem séculos que não a vejo. Ela se mudou tem bastante tempo... Eu aluguei a casa depois que foi embora. Pelo que ouvi saiu de Dunlap e foi *pra* Rainier View, mas continua por perto.

Isso é meio óbvio, Jas cresceu aqui e não iria para longe sem necessidade.

A mulher se abaixa um pouco, parece estar tentando ver por baixo dos meus óculos. Abro um sorriso, percebendo que ela já me reconheceu.

— Você! É o Tray, não é? Lembro de você desse tamaninho aqui, óh...
— Ela faz um gesto que deve indicar que eu era uma pulga, porque não acho que já fui daquele tamanho um dia. — Não lembra de mim, né?

Aumento meu sorriso. Realmente não me lembro.

— Eu era amiga da sua avó, Gal! Bom, a gente se falava as vezes...

Assinto, fingindo me lembrar.

— Claro! Amiga da minha avó! Foi um prazer te reencontrar, muito obrigado pela informação. Eu vou indo...

Vejo que ela se anima ao perceber que, tecnicamente, me lembrei dela.

— Não quer entrar? Tomar um café, talvez?

Olho ao redor e percebo que outras pessoas estão se aproximando. Isso vai virar um formigueiro assim como o vidente Ashton previu, e eu não posso ter que dar razão *pra* ele.

Jeremi para ao meu lado, tocando meu braço em um aviso.

— É melhor irmos, agora — sussurra.

— Espere aí, menino! Me dá seu autógrafo antes — A voz da senhora ex-quase-amiga da minha avó chega aos meus ouvidos e por sorte, sou prevenido.

— Ahhh, vou fazer melhor.

Abro a porta do carro e ouço um arquejo coletivo. É a primeira vez que amaldiçoo o fato dela abrir *pra* cima, porque atrai ainda mais atenção que o verde da lataria.

Retiro um CD autografado, dos vários que mantenho comigo para ocasiões em que preciso ser educado e ao mesmo tempo, dar no pé o mais rápido possível.

Entrego na mão dela e entro no carro com pressa, dando alguns acenos enquanto vejo que Jeremi já entrou no modo profissional, afastando as pessoas mais curiosas.

Me distancio dali, ligando para Jas no viva-voz algumas vezes e em todas elas a ligação não é completada.

Jasmin

— Quero dois de creme e um de morango — a cliente diz e internamente reviro os olhos.

Já não bastasse tomar milk-shake em um dia frio como hoje, ainda precisa ser tão óbvia nos sabores? Morango. Sério? Fico aqui, dia após dia esperando o momento épico em que alguém vai me surpreender.

Estou ansiosa por ver a pessoa que vai entrar e pedir por um especial de mostarda, ou com sorte, maionese. Algo diferente, que me tire da mesmice do trio morango, chocolate e creme, mas até hoje não vendi um único sorveteinho salgado.

A verdade é que o emprego não é mesmo o dos meus sonhos, então tenho passado os últimos quinze dias reclamando de tudo e nada, internamente.

Apesar de me sentir insatisfeita, Andy sempre foi uma ótima amiga e foi ela quem me arrumou o trabalho, me indicando para meio período quando uma funcionária se demitiu, então tenho feito o meu melhor, afinal preciso mesmo do dinheiro, mais ainda agora com os problemas em casa.

Mentalmente me revolto com tudo, incluindo as preferências dos clientes e o fato de que obviamente vou engordar uns bons quilos depois de consumir todos os sabores do cardápio.

Enquanto vejo a máquina fazer sua mágica e o creme cair dentro do grande copo de quinhentos ml, olho o relógio. Só mais três horas e dezesseis minutos.

Fecho o terceiro copo, coloco os canudos e os estendo sobre o balcão para a mulher, que deixa a loja sem nem ao menos agradecer.

— Acho que você pegou o jeito dessa coisa... — Andy fala.

Olho para a máquina e solto um suspiro cansado.

— É, acabei me acertando com ela.

Andy assente e se senta sobre o balcão, aproveitando que a loja não está muito cheia, mas sei que se nosso chefe a vir assim não vai ficar muito contente.

— E como estão as coisas em casa? Chrystal está te ajudando?

Assinto. Desde que minha avó faleceu quatro anos atrás, minha prima passou a ficar mais por lá, me ajudando com a casa e com tudo que pode. Ela me dá uma força enorme.

— Sempre — respondo. — Nem sei o que faria sem ela, sabe? Vocês duas são meus anjos da guarda.

Andy estoura uma bola de chiclete, abrindo um sorriso.

— Claro que sim, se fosse uma fada madrinha tirava você dessa vida, mas não posso nem com a minha, então, fazemos o que está ao nosso alcance, certo?

Eu concordo.

— Aiiiii Jas! Aumenta o volume da televisão, vai, corre!

Ela grita e me viro na direção do aparelho que está precariamente pendurado na parede.

Sinto um sorriso curvar meus lábios ao ver Ashton preenchendo a tela com um microfone na mão. Faço o que ela diz e ouvimos a narração da jornalista, falando sobre a turnê que a Dominium encerrou recentemente.

— *A banda voltou para casa nesta segunda-feira e a agenda do próximo mês já está fechada. Após os vários escândalos que envolveram os integrantes da Dominium nos últimos tempos, as coisas parecem caminhar para uma maré de calmaria.*

A câmera foca em Tray, na guitarra e um suspiro me escapa, droga. Ele não vai sossegar até me encontrar e o desgraçado precisa ser tão bonito?

— Ai, ele é tão maravilhoso, né? — Andy comenta, compreendendo

meu suspiro. Ela não sabe que eu os conheço, nem imagina minha relação conturbada com Anders ou iria simplesmente enlouquecer, como toda fã desvairada.

— Hum, nem tanto.

Os olhos arregalados dela se viram na minha direção.

— O quê?! Tray Anders é o melhor, apesar de que esse Ashton... — Ela se abana com um canudo ridiculamente. — Mas o guitarrista, Jas! O homem exala sexo.

— Sei bem disso.

— Não é? Um pedaço de mal caminho. Sabe, se eu pudesse entrar no camarim deles um dia, ele não ia me escapar.

Ergo a sobrancelha. Esse tipo de comentário não me afeta mais tanto quanto antes, já me acostumei com isso tem um tempo, além do mais, não tenho porque sentir ciúme da vida sexual nada seletiva de Tray. Não é da minha conta.

— E você?

— Eu o quê? — pergunto sem entender.

— Se pudesse levar um deles *pra* cama, qual seria? Josh Nicols parece mais seu estilo, quietinho...

Ela não faz ideia.

— Nenhum.

É a pura verdade. Eu e Tray, não dá mais. Ash e Josh nunca foram possibilidades, nem em um universo alternativo.

— Mentirosa! Quem não ia querer? Eu pegava qualquer um deles, mas se Ashton cantasse... Ai, amiga, preciso do CD novo, eu vou ENLOUQUECER se não tiver um. Essas músicas novas, tão românticas. Você viu o pedido? Quando ele pediu a namorada em casamento, eu falei morrer! Não sabia se chorava de emoção, porque foi a coisa mais linda que já vi, ou se me entristecia por saber que minhas chances estavam enterradas.

Pego um pano e começo a limpar o balcão, tentando ignorar a adoração na voz dela, mas não resisto o comentário:

— Você sabe que eles cresceram aqui pertinho, né? Não são divindades de outro mundo — falo, amarga, eu sei.

— SEI! — ela grita. — Imagina só, eu podia ter esbarrado com um deles por aqui. Na verdade, pode até ter acontecido, mas eu não sabia na época, já pensou nisso?

— Não. Nunca pensei na possibilidade — minto.

Sempre me orgulhei muito do sucesso dos meninos e alguns anos antes tinha o maior prazer em dizer abertamente que os conhecia, que eram meus amigos e tudo mais, mas depois que começaram os pedidos por CDS, contatos e também meus segredos, parei de falar. Prefiro que não me liguem a eles hoje em dia por outros motivos.

— Ah, eu não me conformo com isso. Como pode você não ser fã deles?

— Nunca disse que não era fã, só não sou doida — comento, rindo. — E eu tenho o CD novo, vou trazer *pra* você de presente.

Tray me enviou o último disco, assim como todos os anteriores, mas eu já havia comprado, então fiquei com dois.

— AHHHHHHHHH! — Andy me abraça, gritando e pulando e acaba me arrancando um sorriso.

É surreal ver onde o sucesso deles os levou.

O dia passa tranquilo, sirvo mais alguns clientes comuns, dentro do trio de sabores e ouço uma ou outra reclamação do meu chefe, que adora praguejar contra o frio e a chuva, que por aqui, nem que seja garoa, é uma constante.

Na verdade, ele escolheu o lugar errado para seu negócio, ou o comércio errado, já que sempre morou em Seattle. O sol não se mostra com tanta frequência quanto ele gostaria e Gil não se conforma.

Quando meu expediente chega ao fim, guardo o avental rosa no meu repartimento do armário e deixo a sorveteria, junto com Andy, mas nos separamos pouco a frente e continuo meu caminho sozinha.

Quando chego em casa, encontro Chrystal na cozinha, escorrendo a água de alguns legumes cozidos.

— Que bom que chegou, Jas. Sente aí...

Me jogo em uma das cadeiras da mesinha de quatro lugares e a encaro.

— E então? O dia foi tranquilo? — pergunto.

— Sim, Adam veio, mas ainda não voltou.

Assinto.

— Precisamos conversar sobre uma coisa.

Passo a mão pelo rosto, já imaginando que não deve ser coisa boa.

— O que foi? O dono da casa já veio cobrar o aluguel? Venceu tem três dias, vou pagar esse fim de semana, avise a ele, se aparecer de novo quando eu não estiver.

Chrystal para o que está fazendo, puxa uma cadeira e se senta na minha frente.

— Não é isso. Chegou aquela correspondência *pra* você.

Pego os papéis que ela me oferece, com as mãos tremendo e quando vejo o logo que me ajuda a identificar que realmente é o que estive esperando por todos esses dias, levo a mão ao peito, nervosa.

Abro a carta e soluço alto ao ler as palavras ali, sem controlar o choro.

— Pois é, Jas. É tudo horrível além do imaginável, eu nem posso pensar em como se sente... Eu sinto que o mundo está fora do lugar. O que tem feito não basta mais.

Olho para minha prima por entre as lágrimas, engolindo suas palavras.

— Falei com minha mãe mais cedo, ela me disse que o comentário do dia lá perto de casa foi sobre ele. Apareceu em um carro que vale mais que a minha vida, procurando por você, todo mundo viu e agora é a fofoca da vez.

Não respondo nada. Eu sabia que ele iria acabar aparecendo e descobrindo que me mudei.

— Sabe que o Anders não vai desistir de te achar, né? Fala logo com ele, Jas!

— Vou pensar sobre isso. Talvez... eu posso juntar dinheiro, Chrys. Não

vai ser do dia *pra* noite mesmo, vão ser feitos outros procedimentos e Adam vai fazer um teste comigo.

Ela me encara com ceticismo.

— Vai pagar esses custos vendendo milk-shake? Pelo amor de Deus!

— Posso tentar um financiamento, um empréstimo no banco... É isso, vou tentar essas duas opções.

O olhar dela é aquele mesmo de sempre.

— Olha, eu sei de todos os seus motivos, mas caramba, Jas! O pneu do carro dele paga isso, deixa de orgulho. Além disso, pode ser que *precise* mesmo contar.

— Não é orgulho, você sabe disso. — Suspiro, decidida a encerrar a conversa. — Vou tentar o empréstimo e se não der certo, aceito o emprego na mansão, depois, se meu teste não der certo...

Ela assente, já se conformou com minha decisão.

— Tá bom, então. Vou te ajudar no que precisar, sempre.

Seguro a mão dela sobre a mesa e abro um sorriso tenso. Nós sempre nos apoiamos e isso vai continuar assim e no final, tudo vai dar certo.





TREZE ANOS ANTES

Acordei como se o barril de cerveja da festa, no dia anterior, tivesse se rebelado contra mim e aterrissado diretamente no meu crânio.

A dor era um incômodo absurdo, e abrir os olhos para encarar a claridade, impossível.

Mesmo assim, reunindo alguns esforços, me arrastei para fora da cama, percebendo que nem havia chegado a retirar a calça *pra* dormir e no estado em que me encontrava, tomar um banho com certeza nem tinha passado pela minha cabeça. Eu ainda recendia a bebida velha.

Colocando um pé na frente do outro, consegui me carregar até a sala, onde minha avó estava sentada, no sofá com seu crochê. Ela apenas direcionou os olhos ao me ver passando na direção da cozinha.

— Chegou tarde, ontem...

— Hum — resmunguei. Mal conseguindo pronunciar as palavras sem aumentar as pontadas atrás dos meus olhos.

Abri a caixa onde vovó Gal costumava guardar os remédios e encontrei os analgésicos. Engoli dois de uma vez *pra* acelerar o processo e bebi quase meio litro de água, em seguida.

— Vou tomar um banho — avisei a ela em um sussurro. A vi apenas abrir um sorrisinho de quem sabe das coisas.

A tarefa de sair de casa foi realizada apenas depois do almoço, quando os remédios já tinham feito seu trabalho no meu organismo e a dor diminuía

quase que completamente.

Primeiro fui cumprir com minha obrigação. Josh e eu prometemos a Ashton que o ajudaríamos com a bagunça e isso precisava ser feito antes que tia Eleanor voltasse.

— Escutem só: quando a gente for famoso, eu não quero fazer isso mais — Ashton disse, fazendo cara de nojo ao avistar um canto sujo de algo muito semelhante a macarrão, vindo do estômago de alguém.

— Cara, essa pessoa deveria ser enforcada — declarei. — Onde já se viu? É convidado *pra* festa, bebe às nossas custas e apronta uma palhaçada dessas. Todo mundo percebe antes que vai vomitar. Dava *pra* chegar até o banheiro, porra!

Os dois concordaram e por um momento, apenas encaramos a gosmanojenta, como se fosse desaparecer sozinha.

Por fim, Josh se moveu, pegando um balde de água e jogando em cima daquilo, nos livrando da missão odiosa.

Depois disso, enfrentar o resto da limpeza foi bem menos complicado. Coloquei o lixo *pra* fora enquanto Josh e Ashton arrastavam os móveis para o lugar e, depois de algum tempo, deixamos tudo o mais arrumado possível dentro das nossas limitações relacionadas a habilidades, que não eram poucas.

— Tray, vai fazer o quê agora?

Ash perguntou parado na porta. Avistei o celular em sua mão e percebi que ele esperava uma resposta minha, para falar com quem quer que fosse.

— Estou indo na casa da Jas, vamos ver uns filmes, comer bolo...

— Hum, marcou um horário? Lembra da Samantha, de ontem? — perguntou, se referindo a uma garota que estava pendurada nele na festa. — Então, ela me chamou *pra* ir dar uma volta perto do rio e disse que uma amiga dela queria que você fosse também.

— Que amiga? — Josh questionou, antes que eu o fizesse.

— A Monica, uma gostosa que também estava aqui.

Achei que me lembrava dela, mas não estava exatamente certo disso. As

lembranças da festa foram meio que confundidas por um nível bem elevado de álcool.

— Não vamos demorar muito, né? Eu não posso furar com a Jas. Quando ela fica brava, já sabem.

Ash fez que não, rindo.

— Vou só trocar de roupa e a gente vai, voltamos a tempo de você ir *pra* lá, sem irritar a oncinha.

Assenti, animado. A Monica, se fosse quem eu pensava, era mesmo muito gata e eu não reclamaria em passar algum tempo com ela.

— E você, Josh? Quer que eu pergunte se ela pode levar mais alguém?

— Não, vou dormir um pouco.

Sáímos pouco depois das três e o horário já me deixou bastante incomodado. Ia chegar tarde *pra* ver Jasmim e mesmo ciente de que ela iria entender, ainda me sentia mal por deixá-la esperando.

Josh se despediu de nós pouco depois de deixarmos a casa e Ashton e eu seguimos caminhando. Carro era um luxo de poucos ali e com certeza não de dois rapazes, como nós.

Estávamos chegando perto do rio, quando pensei melhor e digitei uma mensagem para Jasmim. Se ela ficasse me esperando sem ter notícias ficaria muito irritada.

"Estou com o Ash, mas juro que mais tarde apareço aí.

Guarda meu bolo."

Guardei o celular no bolso, ao mesmo tempo em que avistava as duas meninas vindo na nossa direção. Ashton me apresentou a garota, que era ainda mais bonita do que me lembrava e me sentei com ela em um banco em frente ao rio. Ashton continuou andando pela calçada, com Samantha.

— E então, Tray... Já te vi na escola algumas vezes.

Observei o rosto dela, tentando me lembrar se eu também a conhecia do

colégio. Eu estava no último ano, assim como Ashton e Josh, inclusive foi na escola que nos conhecemos quando mais novos.

Mesmo tentando, não consegui me lembrar de já ter falado com ela.

— Em que sala você estuda?

Monica abriu um sorriso todo certinho. Cara, ela tinha que ter usado aparelho, os dentes eram retos demais, brancos demais.

— Eu não estudo lá... — Jogou os cabelos *pra* trás em um gesto para seduzir. — Sou amiga da Sam, e quando os pais dela se divorciaram, a mãe dela teve que transferi-la porque não podiam mais pagar pelo colégio. Elas se mudaram para cá.

Percebi o asco meio disfarçado, como se não estivéssemos em frente uma paisagem linda.

Apenas arqueei as sobrancelhas, esperando que ela prosseguisse.

— O pai da Sam era quem tinha dinheiro, então ela e a mãe ficaram na pior — sussurrou, como se fosse um segredo. Acho que era, na verdade. — Mas como sempre fomos boas amigas, eu não podia a abandonar, então agora frequento a casa nova delas e já a busquei na escola algumas vezes *pra* sairmos. Foi assim que te vi, antes, e ontem na festa, claro.

Em cinco minutos de conversa Monica já tinha me dado tudo que tinha a oferecer: nada. Esnobou o lugar onde cresci, a educação que recebíamos e se mostrou fútil, além de contar os segredos da sua grande amiga a alguém que ela havia acabado de conhecer.

Nosso assunto morreu, não tínhamos nada em comum e a conversa dela já tinha me irritado.

Evitei a conversa do único modo que pude, beijando. Ao menos ela sabia beijar e foi o que fizemos por uns trinta minutos.

Quando ela começou a falar umas merdas sobre os políticos que deviam prender os moradores de rua porque atrapalhavam o turismo, decidi que era hora de ir embora.

Ashton percebeu que eu não estava muito animado em continuar ali e nos despedimos das meninas, combinando de nos ver outro dia. Deus me livre.

Quando cheguei na Jas, já eram mais de cinco horas. A noite estava chegando e esfriava um pouco.

Jasmim abriu a porta usando um moletom velho e uma camiseta de um dos seus seriados preferidos. Os cabelos estavam presos *pra* cima em um rabo alto e havia um olhar assassino em seu rosto.

— Oi... Ainda posso comer meu bolo? — perguntei com as mãos nos bolsos, reconhecendo que ela estava brava.

— Acabou. Você demorou muito.

Jas bateu a porta na minha cara e abri um sorriso, ela era demais.

— Vovó Lisaaa... A Jas está me colocando *pra* fora! — Esmurrei a porta, mesmo sabendo que a avó dela provavelmente não me ouviria, por causa da surdez parcial, ainda podia fazer a praga passar vergonha. — Jas! Abre a porta por favor, eu imploro minha musa inspiradora, não me abandone ao relento, ensandecido de amor...

Em um gesto abrupto ela de repente apareceu diante de mim outra vez.

Jas olhou para ambos os lados, verificando se algum vizinho estava observando minha cena; os olhos dela faltavam soltar faíscas de tanta raiva e um sorriso me escapou a deixando ainda mais irada. Mesmo assim ela se afastou *pro* lado, me dando espaço para entrar.

— Desculpa, praguinha. — Dei um beijo estalado na bochecha dela, que limpou com as costas da mão.

— Tira essa boca de mim, Anders. Sei muito bem por onde ela estava passeando.

Franzi a testa, surpreso com sua declaração.

Jas deve ter notado a curiosidade em meu rosto, porque acabou explicando.

— Chrystal te viu com aquela coisinha metida da Monica. Você já foi menos superficial.

Ela me deu as costas, arrastando os pés para a cozinha.

Vovó Lisa estava de costas no fogão, retirando algo do forno e se virou logo que entramos.

— Oi, menino! Pensei que não viesse mais hoje! Estava te esperando.

Ela me abraçou com carinho e logo colocou sobre a mesa uma forma, com o bolo de chocolate intacto.

Estreitei os olhos para Jas.

— Você não disse que tinha acabado?

Como não obtive resposta, me virei para sua avó, falando em um tom bem mais alto:

— Jas me disse que o bolo tinha acabado, a senhora acredita?

A senhora, que eu tinha como a uma avó também, começou a rir.

— Ela nem deixou a pobrezinha da Chrystal tirar um pedaço, porque você tinha que comer antes. A menina foi embora com vontade, vou ter que mandar uma fatia depois...

— Eu devia imaginar, a Jas adora me enganar, vovó Lisa.

Achando graça, começou a partir o bolo. Jas e ela sabiam bem o que significava *pra* mim.

As coisas na minha casa nunca haviam sido fáceis e alguns anos antes, bolo de chocolate era um luxo do caralho. Minha avó não recebia ajuda do governo e não podia mais trabalhar, eu também era muito moleque e não conseguia um emprego, então sobrevivíamos de alguns artesanatos que ela vendia.

Sempre fomos apenas vovó Gal e eu, desde que meus pais morreram em um acidente quando eu era pequeno. Foda, né? Em meio a muitas dificuldades, nós fomos levando a vida. Eu perdi meus pais, que não eram grande coisa e minha avó ganhou um pequeno fardo. Na verdade, ela me ganhou um pouco antes disso.

Jas e vovó Lisa sempre estiveram ali, apenas quatro casas nos separavam e um pedido de socorro bastava, para o que quer que fosse. Uma doença, uma xícara de açúcar, um prato de comida. Sempre as duas senhorinhas se apoiando e a amizade delas, foi base para a nossa.

Por mais triste que possa parecer, foi em meio a toda aquela merda que conheci Ashton e Josh. E, apesar da situação com os Ray não ser das piores,

na casa de Josh era bem ruim, na de Jas não era muito melhor e, unidos por tantas circunstâncias, todos nós criamos vínculos profundos e permanentes.

Bolo de chocolate se tornou meu prato preferido na vida e mesmo que agora tudo tenha se tornado mais fácil um pouco, ainda é. Minha avó conseguiu um auxílio e eu arrumei um emprego de meio período em um lava-rápido. Jas também trabalha como balconista em um mercadinho, o pai escroto do Josh foi preso e ele e dona Regina estão se saindo bem.

Ainda assim o gostinho do bolo me traz lembranças boas, me remete a comemoração, porque antes era só em dias assim que conseguia um bom pedaço.

Comemos os três ao redor da mesa e ainda que eu soubesse que Jas não estava muito feliz, eu estava, porque tinha aquelas duas comigo e eu era importante o suficiente para que compartilhassem não apenas a comida, mas o momento comigo.

Depois que terminamos, segui Jasmim para o andar de cima, mesmo sem ser convidado. Àquela altura eu sabia que ela estava menos irritada.

Jas se sentou no tapete, as costas escoradas na cama e um pequeno caderno nas mãos.

— O que é isso? — perguntei, puxando assunto.

— Um caderno.

— E o que está fazendo com ele?

Ela ergueu os olhos da página e me olhou sem sorrir.

— Lendo.

— Para com isso, Jas — pedi. — Vamos ver um filme, como combinamos, vai?

— Eu estou estudando, Tray. Tenho prova amanhã, pode ser que nenhum de nós possa ir *pra* faculdade, mas ao menos a escola eu vou concluir direito. E como você já gastou o tempo que eu dispunha *pra* diversão com aquela... Monica, então agora vamos ter que deixar para outro dia, não posso atrasar isso, você sabe que de manhã eu trabalho.

— Eu também trabalho. Mas olha só, são seis horas ainda, se

começarmos agora, terminamos umas oito... Muito cedo.

— Preciso estudar, Anders.

— Eu também deveria fazer isso. E se estudarmos juntos por uma hora? Depois vemos um filme até às nove e comemos também, e aí eu vou *pra* casa.

A praga era persistente até no ódio.

— Por que você está brava comigo? Eu apareci. Meio atrasado, concordo, mas estou aqui.

Me sentei ao lado dela e passei o braço por seus ombros, a puxando para mim. Na verdade, quase a obrigando, porque ela endureceu o corpo feito uma criança birrenta.

— Apareceu, mas demorou demais. Além disso me mandou mensagem falando que estava com o Ash. Por que você mentiu?

— Eu não menti! Estava com o Ashton, só omiti as meninas.

— Por que?

Jas se virou, me encarando, como se realmente esperasse uma resposta. Mas que merda... Por que porra eu fui mandar a mensagem?

— E eu sei? Achei que ia ficar irritada, achando que estava te deixando por causa de uma garota qualquer.

— E foi isso mesmo que você fez — resmungou.

— Ahh, para com isso, florzinha. Primeiro: não foi bem assim, eu nem curti sair com ela, juro! Ash queria ficar com a amiga dela, mas a menina estava com a Monica, então eu fui meio que *pra* ajudar.

Os olhos dela rolaram *pra* cima, rejeitando minha explicação. Oh, praga difícil de ser convencida.

— Você vai entender quando começar a sair com garotos. É diferente, Jas. Elas não significam nada de mais *pra* mim, você é minha melhor amiga, mas eu preciso sair com outras meninas, com *outras* finalidades.

Ela me olhou de lado, abrindo um sorriso.
Graças a Deus.

— Eu entendo isso, só não gosto que me enrole, ok? Fala logo o que está fazendo que eu não fico brava. E eu saio com garotos, seu idiota. Só não preciso te contar tudo que faço.

— Ah, você sai? — Acabei rindo. Jas já saiu com uns meninos quando era mais nova, mas depois que passou a tomar conta da avó, ela não fazia nada além de ficar em casa e trabalhar. Na verdade, bem que ela estava merecendo um descanso.

— Saio, sim — retrucou meu cinismo, convencida. — Inclusive Adam me convidou para um encontro. Ainda não respondi, mas é bem provável que eu aceite.

Fiquei quieto por um instante, absorvendo a informação e tentando sondar se ela estava dizendo a verdade ou brincando.

Não consegui.

— É sério?

Jas balançou a cabeça, confirmando.

— Claro que é sério, babaca. Sei que pensa em mim quase que como um dos seus rapazes, mas devo te lembrar que ontem mesmo me disse que tenho pernas gostosinhas? Ou que tenho peitos? — comentou de modo casual, como se isso pudesse ser dito assim.

Gaguejei uma resposta, tentando me lembrar das merdas que eu tinha dito. Me recordei de a ter encontrado no terraço, do presente que me deu, que inclusive estava no meu pescoço e de ter corrido atrás dela.

A conversa, no entanto... Merda! Eu tinha dito mesmo aquilo.

— Porra. Desculpa, Jas. Eu não devia ter dito... — Abri os olhos, me lembrando de outra coisa. — Cacete, eu te dei uma palmada?

Ela começou a rir. Demônio.

— Deu, sim. Olha, Tray, eu aceito quase tudo na nossa amizade, incluindo suas mancadas, mas não posso fazer o que me pediu.

Inferno. O que eu tinha pedido?

— Eu já te pedi tantas coisas, de que você está falando?

— Do sexo... — ela soltou.

Me levantei do chão, em um salto. Minhas mãos voaram para os meus cabelos e eu os puxei. Merda, merda, merda... Eu não podia estragar o que nós tínhamos, Jas estava com razão em ficar tão brava. Mesmo que enquanto isso passava pela minha mente, ela parecesse achar graça da minha reação.

— Jas, me perdoa, flor. Eu não lembro de ter falado nada de sexo. Se eu disse isso, eu juro que estava muito, muito, muito doido mesmo!

O sorriso dela sumiu e eu acabei repassando a frase na minha mente, tentando achar o que eu tinha dito de errado.

— Talvez estivesse maluco? Doente? Febril? Merda, Jas. Sem mentiras, né? Eu só estava bêbado mesmo e você apareceu com aquele vestidinho, as pernas de fora e aquele decote. Me desculpa por ter sugerido te levar *pra* cama.

Analisei sua expressão, tentando entender se havia conseguido me desculpar do jeito certo, mas ela não me olhou de volta. Baixou os olhos para o caderno.

— Tá tudo bem, Anders. Eu só estava brincando, você não disse nada de sexo.

Me agachei então na sua frente, erguendo seu queixo *pra* mim.

— Estava me zuando? Que demônia, hein? Vou te perdoar porque me sinto aliviado.

Os olhos dela se estreitaram um pouco.

— O que foi agora? — perguntei.

— Nada, é só que... Você reagiu de um jeito...

Que jeito? Ai, porra. Eu sempre piorando tudo.

— Como assim?

— Droga, Anders. Vai soar meio estranho, mas olha, você dizer que estava muito, muito, muito doido, bêbado, maluco e febril por sugerir... Sabe, transar comigo, não é muito delicado da sua parte. Faz parecer que eu sou monstruosa.

Acabei me sentando de frente *pra* ela.

— Jas, essa amizade é uma das coisas mais importantes da minha vida — disse, totalmente sincero. — Eu não me dou bem no colégio, meus amigos mais próximos além de você, são os meninos da banda, porque ninguém mais me aguenta... Eu perco os empregos, sou um zero à esquerda e bagunço tudo em volta de mim. Eu não posso nem sonhar em estragar o que nós temos, entende?

Afaguei seus cabelos, sentindo como aquilo tudo era real.

— Eu jamais diria essas coisas porque não te acho bonita, mesmo que eu tenha que confessar nunca ter parado *pra* pensar nisso, antes de ontem à noite. Bêbado, sim. Mas não é porque estando são eu não poderia ver como você é linda, e sim porque eu entendo que tocar em você seria o mesmo que arruinar a coisa mais preciosa que tenho. Não quis dizer que precisaria ser doido *pra* querer você, apenas que teria que ser muito louco, em arriscar nossa amizade por sexo.

Fiquei esperando o que ela iria dizer, mas Jas me encarou por um minuto ou mais. Seus olhos dentro dos meus e a conversa esquisita acabaram enviando uma onda magnética *pro* meu corpo e... caralho! Naquele momento eu quase assinei o laudo médico de loucura e a beijei.

Olhei para sua boca, tão bem desenhada... Como eu nunca tinha reparado? Encarei de novo seus olhos.

Jas suspirou e balançou a cabeça por fim, assentindo.

— Tá bom — falou. — Entendi perfeitamente. Eu não sou horrorosa e isso é um alívio e tanto, peste. Agora vamos ver nosso filme, eu estudo na hora do almoço.

Jas segurou minha mão e eu entrelacei meus dedos nos seus, um gesto tão comum para nós, mas que dessa vez parecia diferente.

Sempre fomos o tipo de amigos que estava abraçado em todo canto, andávamos colados um no outro ao ponto de sempre termos de responder perguntas sobre nossa relação. Inclusive ficávamos de mãos dadas na rua e na frente de outras pessoas, sem que isso causasse estranheza entre nós.

Gostávamos dessa proximidade e isso era natural. Perdi as contas de

quantas vezes acabei dormindo na cama dela ou ela na minha e nunca foi esquisito.

A conversa que tivemos, o momento, chegou e se foi. Jas voltou a agir naturalmente e colocou um filme de mulherzinha na televisão, que fui obrigado a ver, afinal, melhor não provocar a fera.

Vovó Lisa foi dormir cedo e nós acabamos embolados em um abraço no sofá, comendo a pizza que dividimos direto da caixa.

Mas ainda assim, dentro de mim eu sabia que alguma coisa havia mudado.

05



Jasmin

PRESENTE

— O que foi, Andy? Eu estava dormindo — respondo ao telefone, atendendo a ligação. — Não, estou sozinha em casa, a Chrystal passou aqui e como não dormi direito a noite, decidi me dar umas horas extras de sono.

Do outro lado da linha, Andy dispara uma série de pedidos e súplicas para que eu me encontre com ela.

Olho no visor do celular, constatando que ainda temos pelo menos três horas antes do nosso turno na sorveteria ter início e eu bem que poderia desfrutar desse tempo dormindo, considerando a noite agitada que tive.

— Jas, eu nunca te pedi nada! — Mente de cara lavada. — Eu não tenho coragem sozinha.

Passo a mão pelos olhos, despertando e tentando compreender a conversa incoerente.

— Coragem de que, Andy?

— A tatuagem! Lembra? Eu te disse que ia fazer a primeira hoje e você falou que iria comigo, me dar apoio e tal, coisas de amigas.

Suspiro rendida. Não sei por que, não sei onde estava com a cabeça, mas eu realmente disse que iria e ela já fez tanto por mim... Não custa nada.

— Tá bom, eu vou. Vai ser naquele cara perto do trabalho? Porque se for, eu encontro você lá mesmo.

— Isso, garota! Nos encontramos lá em meia hora, combinado?

Me levanto e tomo um banho demorado. Andy que me desculpe se eu

me atrasar um pouco, mas são raras as oportunidades de tomar um bom banho nessa casa sem interrupções e agora só vou voltar *pra cá* quando a noite estiver caindo.

Deixo a água cair sobre meus ombros, me despertando e lavo os cabelos. Não me importo em secá-los, ou isso me atrasaria muito. Então me visto rapidamente, jeans e uma blusinha básica e coloco meu uniforme na bolsa — uma camiseta verde e um boné combinando, além do avental rosa por cima, que fica no armário da sorveteria, um horror — calço meus tênis gastos e em poucos minutos saio de casa.

Gasto quase vinte minutos caminhando para chegar até o lugar que combinamos. Andy já está do lado de fora me esperando, os cabelos coloridos de rosa e azul presos em um rabo no alto da cabeça e um chiclete na boca, como sempre. Abro um sorriso para a imagem dela, parece uma adolescente rebelde, e não a mulher esforçada, que venceu tantas dificuldades na vida e que sei que pode lutar com unhas e dentes pelas coisas, quando quer.

— Finalmente você chegou! Vem...

Segurando minha mão, ela me puxa para dentro do lugar e me vejo envolta por um ambiente cavernoso, mal iluminado e cheirando a fumo, misturado com incenso. Não é uma boa combinação, ou um ou o outro, por favor.

Uma recepcionista com expressão nada amigável nos encara atrás do balcão com a madeira gasta, descascado em alguns pontos e o pior, sujo com uma gosma estranha, que torço muito para que seja só um café meio esquisito. Não que meus móveis estejam em condições muito melhores, mas em um estabelecimento comercial, essas coisas não me passam muita confiança.

— Oi! Tenho horário marcado com o DMote — Andy diz e eu franzo o cenho diante do nome estranho.

Eu sei, preciso parar de julgar o que não me diz respeito.

— Você é Angel White?

Dessa vez, Andy é que faz uma expressão de desgosto. Ela odeia o nome, mas não acho que seus pais tenham pensado muito quando uniram

Angel ao sobrenome White, talvez seja por isso que ela gosta de aparentar rebeldia, diminui as chances de ser vista como um anjinho de vestes brancas e uma bela auréola sobre a cabeça.

— Isso, pode me chamar de Andy.

— Pode entrar. Ele está esperando...

A moça aponta para uma porta fechada e Andy assente, animada. Eu, por outro lado, tenho a sensação de estar adentrando um covil.

— Andy... — Sussurro. — Tem certeza de que é uma boa ideia? E se esse cara, sei lá, não esterilizar as coisas? Você poderia pegar uma infecção!

Ela sorri e me olha em êxtase, se aproxima e fala em tom conspiratório, como se me contasse um segredo.

— Jas, ele fez a primeira tatuagem do Tray Anders, acredita? É muito sério isso, e tipo, as mãos dele vão encostar em mim.

Meu Deus. Se ela fica assim porque o homem tatuou Tray, imagina se souber tudo que fiz com ele.

Me sinto desleal e uma péssima amiga por esconder isso, mas se quero evitar a atenção, melhor assim. Além disso, é mentira.

— Primeiro, ele não fez a primeira tatuagem do Tray e segundo, que vantagem você vê nisso?

Ela me olha confusa e não entendo o porquê, até a ouvir me questionar:

— Por que está dizendo que ele não fez a tatuagem? Acha que é mentira?

Porque eu estava com ele e não foi nessa espelunca. Foi em outra, ainda pior.

— Eu só deduzi. O cara é um astro do rock, por que ele viria aqui?

Dentro de mim a culpa crava suas garras em meu coração, estou pior que esse cara, mentindo *pra* ela.

Andy revira os olhos e me segura com mais firmeza, me arrastando porta adentro.

— Isso tem tempo, ele não era rico.

Cedendo, acabo entrando com ela na sala e...surpresa! Observo tudo com evidente espanto.

Do lado de dentro, tudo é mais claro e arejado. A sala é muito limpa e os móveis de bom gosto e em um estado mil vezes melhor que o lado de fora, até o tatuador me parece simpático e amigável, se comparado a recepcionista.

E o rosto dele não me é estranho.

O homem grandalhão está sentado em uma banqueta preta, os braços são inteiramente cobertos por tatuagens e uma bandana está sobre seus cabelos compridos. Acho que tem uns quarenta e poucos anos, mas não dá *pra* ter certeza por causa da barba enorme, cobrindo boa parte do rosto.

— Tudo bem? — ele cumprimenta. — Qual de vocês é a Angel White? — pergunta com o sorrisinho típico que sempre acompanha o nome dela.

Ela ergue a mão, mas está empolgada e releva a questão, sorrindo.

— Certo, Angel. Vamos lá?

— Pode me chamar de Andy, meus amigos me chamam assim.

O homem, que deve ter uns quarenta anos, abre um sorriso em retorno, provavelmente entendendo porque ela prefere não ser chamada pelo nome.

— Combinado.

Tudo que ela queria.

— Então vamos começar, Andy? Pode se sentar aí.

Andy faz o que o homem diz, se sentando em uma cadeira semelhante àquelas de dentistas, mas não exatamente igual. Acho que deve ser própria para o estúdio.

— Pode se sentar ali, moça. — DMote me aponta uma cadeira do outro lado da maca e tomo o assento ao lado de onde Andy já está deitada.

— Você viu o desenho? Mandeí por e-mail — minha amiga diz, finalmente parecendo um pouco nervosa.

— Eu recebi, já tracei tudo direitinho. Vou te mostrar.

DMote abre uma gaveta ao lado de onde ele está e tira de lá um pedaço de papel. Fecha a gaveta com um baque e vira o desenho para que Andy veja.

Mas eu também vejo.

— Que merda é essa, Andy? Você enlouqueceu?

Ela se vira na minha direção sorrindo, como se achasse engraçada minha reação. Talvez esperasse por ela.

— O que foi? Pensou que eu fosse tatuar o que?

Ergo as mãos *pro* céu. E eu sei? Algo normal.

— Qualquer coisa! Uma flor, uma estrelinha, uma frase que te represente. Sei lá! Só não imaginava uma catástrofe dessas.

— Ei! Catástrofe não. Ele tem o rosto mais lindo do mundo todo.

Do papel, Ashton me encara sorridente e o pior é que é como ver ele na minha frente, o cara não desenha nada mal, mas de jeito nenhum vou assistir uma amiga minha tatuar o rosto dele, um cara que ela nem conhece, na própria pele. É insanidade!

— Ridículo! Você não pode tatuar o rosto do Ashton, isso é... bizarro! Não importa que ele seja bonito e super famoso e sei lá mais quantos motivos possa me dar. Ele é um homem, aliás, um homem casado agora, ok? Com uma filha, não vai pegar bem.

Ela olha de mim para o DMote, que não diz nada. Ele mesmo parece achar esquisito.

— Vai pegar mal *pra* quem, Jas? Ele nunca vai chegar perto de mim, que ideia. E eu amo a Dominium... — Ela choraminga. — Meu sonho é tatuar alguma coisa em homenagem a banda.

Passo as mãos pelo rosto, exasperada. Estou agindo como uma maluca, claro, mas só de imaginar que um dia posso de alguma forma encontrar com eles, tendo ela comigo e o Ashton ver isso, Josh, Tray, a Julia... Meu Deus do céu! Morro de vergonha só de pensar na possibilidade. E podia acontecer, no casamento do Ash havia vaga para outra garçonne e eu podia ter chamado uma amiga, mas isso entregaria meu segredo. A culpa afunda mais as pontas afiadas em mim... Se Andy descobrir que eu estive lá e não a chamei, acho que nunca mais fala comigo.

DMote abre a gaveta outra vez e retira de lá uma foto, que estende *pra* Andy.

— Olha, essa foto é meu maior orgulho, sabe? De quando tatuei o guitarrista, Tray Anders. Isso tem muitos anos... E se você tatuasse a logo da banda como ele fez? Ou a frase que as fãs usam? Já fiz muitas dessas.

— Eu sou uma dominada? — Andy questiona e eu a incentivo com um sorriso. Muito melhor.

Ouçõ a conversa deles, mas as vozes estão longe. Toda minha concentração está na foto.

Quando dou por mim, estou arrancando-a das mãos dela.

— Essa foto... Seu estúdio não era aqui?

Ele faz que não.

— Era mais perto do rio. Nesse dia, o rapaz chegou entusiasmado. Devia ter uns vinte anos... Estava com essa mocinha, namorada dele naquela época. Os dois ficaram de mãos dadas o tempo todo, se o vissem na época, ninguém imaginaria que ele cobriria o corpo todo, estava morrendo de medo.

Solto uma risada com a lembrança, ao ver Tray segurando minha mão, estou desfocada na foto e ainda que fosse mais nítida a imagem, tem muitos anos já. Provável que nenhum deles percebesse que era eu.

— Ele estava mesmo... — comento, nostálgica. Ele era tão lindo, mesmo naquela época.

— O que? — DMote questiona.

Ergo os olhos e entrego a foto, disfarçando o melhor que posso.

— Da *pra* ver na expressão dele e no jeito como segura a mão da menina...

— Ai... Nem acredito que você esteve na mesma sala que ele! Tocou a pele dele — Andy não tem jeito, socorro meu Deus.

DMote solta uma risada escandalosa.

— Na época era só um moleque, mas ele me pediu *pra* tirar uma foto e eu tirei. Depois acabei guardando, gosto de revelar e colocar no meu portfólio, aí uns dois anos mais tarde, quando eles estouraram, vi o rosto dele na televisão e pensei: eu conheço esse rapaz.

Minhas lembranças desse dia são um pouco diferentes das dele, mais completas e significativas. Tray estava nervoso, mas muito empolgado e disse que seria uma surpresa para os outros, por isso não os chamou.

Apesar da empolgação, ele sentiu bastante dor e realmente segurou, ou melhor, quase esmagou minha mão o tempo inteiro. Depois disso, as coisas se complicaram de vez, foi a primeira vez que...

Balanço a cabeça afastando as lembranças e me concentro no presente.

— Andy, que tal uma nota musical? — sugiro. — É uma homenagem mais discreta.

Ela faz uma careta para minha ideia.

— Não, mas se acha que o rosto do Ashton é demais, vou ceder um pouquinho. Pode tatuar “Eu Sou Uma Dominada”!

Argh.

DMote aquiesce, contagiado pela alegria dela e eu me afundo na cadeira. Não é que eles não mereçam todo esse sucesso, se alguém merece a fama são eles, depois de tudo que passaram...

Josh e o pai babaca, Ashton e o pai babaca número dois, além do esforço imenso que sempre fizeram *pra* manter os três unidos e Tray, que sempre viveu com dificuldades, mas nunca deixou de sonhar e de se importar com as pessoas que gosta. Mas é muito esquisito visualizar uma fã tão alucinada quanto Andy, que faz tatuagem em homenagem aos ídolos e que promove passeatas quando acontece algo com um deles.

Ela acampou diante do hospital quando a filha do Ash nasceu! E fez campanha na internet quando começaram as fofocas contra Josh e Ane.

E o fato de eu saber quem eles são, meus amigos apesar da distância, deixa tudo isso muito estranho.

Ouçó o barulho da maquininha sendo ligada e fico em silêncio, observando a paixão de Andy pela Dominion ser marcada em sua pele.

Assim como antes eu fui marcada na minha. Por causa dele...

Meu celular toca, interrompendo meus devaneios e me levanto, afastando-me do barulho para falar.

— Alô... Ah, oi. Tudo bem por aqui... — respondo quando Jane, responsável pelo buffet em que faço trabalhos esporadicamente, me cumprimenta.

— Tenho um evento para o hoje à noite. Já estava com o pessoal certo, mas duas pessoas furaram comigo, acredita? Eu sei que você já ia trabalhar na próxima semana, mas acha que conseguiria ir hoje? Vão pagar muito bem...

Penso por um momento. Não estava nos meus planos sair hoje à noite, não posso me ausentar tanto assim, principalmente agora, mas o trabalho de meio período não dá conta das despesas e meu aluguel ainda está atrasado.

— Pagar bem é o que exatamente? — questiono, me odiando por soar tão interesseira, mas sabendo que mesmo que fosse o valor de sempre, eu iria.

— O triplo do de costume.

Solto um assovio, surpresa, mas me lembro da última vez que ouvi algo semelhante, quando fui trabalhar no casamento de Ashton e arrumei confusão com Tray.

— Não tem nada a ver com artistas, né? — pergunto, só *pra* garantir.

— Não! — Ela ri. — Não vamos correr o risco de você desperdiçar nossa bebida na cabeça de um deles. É um milionário que mexe com petróleo, não tem mais onde colocar dinheiro... Você vem ou não?

— Claro, pode contar comigo.

Jane solta o ar que estava prendendo audivelmente e eu sorrio.

— Ah, conhece mais alguém que possa vir tão em cima da hora?

Olho para trás, para Andy que agora já tem as primeiras letras riscadas na pele e assinto, mesmo que Jane não esteja vendo.

— Sim, vou te mandar os dados dela por mensagem.

Tray

— Por favor, cara. Eu tô implorando! Não podem me deixar nessa sozinho...

Ash me dá as costas, ignorando meu dramalhão.

— Josh?

O outro traidor também não responde.

Estamos no estúdio, acabamos de ouvir a nova música que Josh compôs, que por sinal é foda *pra* caralho. Colocando a guitarra em um canto, me sento no chão e os dois fazem o mesmo, é quase um ritual nosso. A ideia é debater alguns assuntos da banda, mas escolhi esse momento para chorar *pra* que aceitem o convite.

— Vocês não têm pena de mim? Sempre sozinho, largado às traças, enquanto os dois ficam só metendo dia e noite e parando de vez em quando *pra* um show ou outro?

— Cara, do jeito que ele fala parece um celibatário... — Josh comenta e Ashton ri. *Ele ri*. Da minha cara.

— Não sou isso aí, não. Por isso preciso das festas. Não tenho uma mulher gostosa me esperando em casa.

Ashton me olha, sem acreditar.

— Não igual a vocês, uma única mulher e tal, que não preciso convidar e já está lá, prontinha.

— Isso é besteira, Tray. As festas do Azal são muito doidas, a Julia ficou muito brava com aquelas gêmeas da última vez.

— Mas foi sem motivo. Foi na minha cama que elas passaram a noite.

Josh faz uma careta, outro rendido.

— É, Ane ficou brava muito tempo pensando que fosse coisa minha. Vocês sabem, demorou um tempão *pra* esclarecer essa merda.

Acerto um tapa na nuca dele, ou tento, porque ele escapa meio que em tempo e só pego a orelha, de raspão.

— E quem mandou você agir como se fosse o comedor? Eu não tenho culpa nisso aí, não. Nem aquelas duas... E se esse for o problema, eu falo *pro* Azal não convidar as gêmeas.

Ashton se deita no chão, resmungando sobre a minha insistência. Ele cobre os olhos com um braço, enquanto parece pensar. Preciso insistir *agora*, aproveitando que não está odiando tanto a ideia.

— Se eu me lembro bem, foi lá que você comeu sua esposa a primeira vez...

— Já disse *pra* não falar assim... — ele reclama.

— Uma babaquice, sabe? Por que podia falar sacanagem das safadas que você pegava, e da esposa não? Julia vai acabar trocando você, com essa santidade toda. Ela já sonhou comigo...

Ele descobre o rosto e me encara bravinho, me fazendo rir. Ah, eu adoro irritar esse puto.

— Não disse que não falo sacanagem *pra* ela, disse que você não pode falar assim. É diferente, e ela não sonhou com você porra nenhuma, foi só *pra* me fazer ciúmes.

— Ok, porque eu sou mesmo um macho gostoso, faço ciúme em qualquer um... Vamos fazer o seguinte, então. Eu convenço a Ju e a Ane e, se eu conseguir, vocês quatro vão comigo.

— A Ashley...

— Tia Eleanor! — interrompo a desculpa em forma de bebê, que ele já ia me atirar. — Ela e o Carter vão amar cuidar dela *pra* vocês e Carter vai amar saber disso, vocês não andam muito sociáveis. Também pode pagar um extra *pra* babá, cara. Que desculpinha furada!

Josh é quem encerra o assunto.

— Tá bom. Se você convencer a Ane, eu vou.

— Elas estão na sala de vídeo, vendo desenho com a princesinha. Eu vou tomar um banho, se der certo encontro vocês lá. Se não der, encontro os dois amanhã.

Se levantando do chão, ele deixa o estúdio. Josh também se ergue e me encara, sorrindo.

— Boa sorte com as duas.

E me deixa sozinho, maquinando ideias muito doidas *pra* convencer as esposas caretas deles a irem na festa — não que eu não adore as duas, mas cara, são quase beatas.

Não consigo pensar em uma forma certa de as manipular. Julia é esperta *pra* cacete e Anelyse é quem trapaceia com os outros. Vou ter que tentar a barganha.

Quando entro na sala de cinema, Julia está sentada observando enquanto Ane dança imitando os passinhos desengonçados da sobrinha. Cara, minha vontade de ser eternizado em milhões de filhos meio que deu uma desaparecida desde que a pequena chegou por aqui.

Ela é linda, um amor, uma fofura e todos os adjetivos dados a crianças pequenas, mas parece que os pais tem tanto apego que mesmo podendo bancar, não gostam de deixar a menina sendo cuidada por outras pessoas. O que acaba tomando tempo demais! Como eles vivem? Isso porque é uma, imaginem se eu tivesse uns cinquenta filhos? Nunca mais ia sair de casa.

Mas que ia ser foda vários Trayzinhos por aí, isso ia. Bom, acho que a Terra não está pronta.

Sento na poltrona ao lado da advogada, já pensando nos argumentos da minha causa. Ela apenas me olha de lado e faz uma cara de reprovação *pros* meus modos. Se o encosto da poltrona da frente não é *pra* colocar os pés, serve *pra* quê?

— Julinha, minha amiga preciosa...

— Preciosa? O que você quer, Tray?

Mas como ela já sabe que quero alguma coisa?

— Ane, vem aqui — chamo. — Preciso conversar com as duas.

Ane é mais fácil porque é mais festeira que a Julia, além disso ela me entende melhor e me protege dos homens maus quando querem me deixar *pra* trás ou brigar quando faço alguma merda.

— O que foi? — ela questiona, se aproximando com Ashley nos braços.

— Bom, eu estou aqui para negociar. Preciso de um favor das duas e sabem como é difícil *pra* mim implorar... Todo esse lance de ser um astro e tal, complica tudo, ser tão foda e ter que ser também humilde.

Julia abre um sorriso. Meio ponto, Tray!

— Sei, começou bem — fala, com ironia.

— E o que você quer? — Ane pergunta.

Eu olho *pra* ela e só então presto atenção no vestido que está usando. Uma coisa estranha, colorido de laranja e verde.

— Posso começar te dando um vestido novo em troca do que quero, sabe? Esse é meio esquisito.

— Tray! Fui eu que fiz, tá? E fez o maior sucesso, você não entende nada de moda.

Franzo o cenho, encarando a roupa. Realmente não falei *pra* fazer piada, achei esquisito mesmo, mas enfim...

— Esquece isso, então. O que vocês querem em troca?

— Mas em troca de quê?

— Primeiro quero saber o que vão me pedir, porque e se eu falar e vocês nem quiserem pensar na porra da proposta?

Elas se entreolham, cúmplices e eu já prevejo que vou ser depenado.

— Um carro? — pergunto. — Julia precisa trocar o seu, é uma vergonha *pra* nós.

A sobrancelha dela se ergue em um arco perfeito de desdém.

— Acha que vai ser fácil assim? Dinheiro? De jeito nenhum, isso você tem de sobra.

— E se pedíssemos *pra* ele fazer uma obra de caridade, algo como o Josh faz? — A pirralha sugere.

— Gosto disso. Estou precisando mesmo ajudar alguém, ser mais grato, essas merdas todas que são essenciais na vida, garantir meu lugarzinho à direita de Deus — respondo, é perfeito.

— Esse lugarzinho já está ocupado, acho que faz tempo que você não vai a igreja.

Nem me lembro a última vez.

— Mas você não perderia muito garantindo um assento aos pés dEle.

Aceno, concordando com essa ideia.

— E por isso, não serve. Não é mais que a sua obrigação — Julia tira o ar de mim, que sou o balão nessa analogia. — Precisa ser um sacrifício, Ane. Porque ele não vai pedir nada que vamos gostar de fazer, tenho certeza.

Acerto um tapa forte na minha perna e Julia dá um salto na poltrona ao lado.

— Que droga, Tray, sossega aí e espera a gente resolver.

Ane abre bem os olhos e parece ter tido uma ideia. Uma péssima, pelo modo como começa a rir.

— Um mês sem sexo! — ela declara, *louca*.

Muito doida mesmo.

— Que porra, Ane? Bateu a cabeça? De jeito nenhum. Você ficaria?

Ela parece refletir um instante.

— Tá bom, acho que apelei...

Julia apenas ri da minha reação.

— Olha só, o aniversário da minha sogra está chegando, certo? Primeiro, você vai precisar ir e chegar no horário, participar de verdade. O Ash me disse que você só faz a obrigação, aparecendo no último minuto e sempre meio bêbado já.

Escancaro a boca de espanto, com essa afronta.

— Que imbecil, seu marido é um escroto, sabe disso? Eu sempre vou, tia Eleanor é importante *pra* mim também. Só que ela coloca *MÚSICA CLÁSSICA* e as pessoas vão engomadinhas, o círculo dela de amigos e aí eu falto dormir. É chato *pra* cacete! Então eu curto um pouco antes e depois apareço *pra* dar um abraço nela, já é tradição.

Ane entrega Ashley para a mãe e me encara com as duas mãos na cintura.

— Você vai na festa, vai ser pontual e mais importante, vai estar acompanhado. Quero ver como se sai com uma garota, em um ambiente familiar.

— Ah, Ane... Isso é fácil — Julia ainda implica. — Ele vai levar a Jasmim. Toda vez que é um lance familiar ele apela *pra* ela.

— Acontece, que a Jas não me parece disposta a ser encontrada — Ane comenta, despertando a raiva que estou sentindo da praga e tentando esquecer.

— Isso não é justo, porra!

— É justo sim, mas ainda queremos ouvir o que você quer — Julia declara. — Acha que vamos ir aceitando assim?

Caralho, eu não posso estar mesmo perdendo *pra* essas duas. Jogo a raiva pelo sumiço de Jasmim de lado e me permito celebrar minha vitória.

— De jeito nenhum. Vão aceitar e pronto! — Já me levanto, pulando animado. Consegui! — Podem ir se arrumar que hoje tem feeeeeeeesta!

Elas olham de uma *pra* outra, parecendo apavoradas com a ideia. Nem parece que se casaram com astros do rock, ficam muito em casa, curtindo os ninhos de amor e eu serei responsável por mudar isso.

— Festa? — Julia pergunta. A garota tá apavorada, claro. Eu venci, dei meu bote na hora certa.

Pulo no mesmo lugar, erguendo os braços em comemoração e arrancando uma risadinha de Ashley.

— Yééh! Repete com o tio, princesa: festa do Azaaaaal!

Passo por elas antes que possam mudar de ideia e corro na direção da

saída.

Me viro antes de deixar o cômodo:

— Ah, o tema é árabe, precisam ir a caráter...



Jasmin

TREZE ANOS ANTES

As últimas semanas se passaram me levando a ter certeza de que as coisas entre Tray e eu haviam mudado. Não saberia dizer exatamente como ou porquê, mas eu sentia isso e via no modo como ele me olhava, que talvez também percebesse a diferença, mas não tinha certeza.

Alguns toques e manias que sempre haviam sido naturais, de repente passaram a me causar arrepios estranhos e o modo como ele sorria, o mesmo de sempre, agora me dava um frio na barriga.

Ainda éramos nós.

Nossas atitudes e a maneira como agíamos um com o outro eram iguais. Eu ainda afundava meus dedos nos cabelos dele enquanto víamos filmes e ele ainda me abraçava pela cintura e passeava os dedos pela minha pele; nós ainda saíamos de mãos dadas pelas ruas e respondíamos várias vezes por dia que não, não éramos um casal de namorados.

O ponto de virada tinha sido nossa última conversa mais séria, quando me disse que nunca tentaria nada comigo porque nossa amizade era importante demais para arriscar, mas em seguida... Não sei, pareceu tanto que ele iria me beijar e com medo do que aconteceria se realmente fosse a intenção de Tray, evitei.

Mas uma vez que a possibilidade se tornou real, não consegui mais a tirar da cabeça. Antes da tensão que pairou ali no meu quarto, não existia um formigamento na minha pele quando Tray me tocava, segurar sua mão na minha não significava nada além de carinho. Passar os dedos por seus cabelos não despertava em mim a vontade de algo mais...

Me sentia ridícula, completamente ridícula. Algo mais era impossível se tratando de nós.

Tray e eu éramos amigos há tanto tempo, eu conhecia cada uma das suas qualidades e as amava, também conhecia seus defeitos e a forma como ele mesmo tinha decidido levar a vida. Eu amava cada parte dele, mas o modo como conduzia seus relacionamentos amorosos, eliminava qualquer chance de envolvimento verdadeiro.

Não havia comprometimento. Tray nunca tinha namorado e, claro, eu também não, mas nesse quesito era nossa única semelhança. Ele sempre estava com uma garota diferente e a maneira como encarávamos o futuro e as aspirações eram completamente opostas. Eu sonhava com casamento, filhos e estabilidade. Tray sonhava com a banda, ganhar o mundo e fazer sucesso.

Nunca foi um problema. Apoiávamos um ao outro em tudo.

A maior mudança na nossa relação foi o fato de que finalmente havia algo entre nós, bem no nosso meio, sobre o que não queríamos conversar. Eu que nunca havia tido segredos com ele, ocultava os pensamentos e as sensações, guardando apenas *pra* mim e ele... Bom, se é que ele sentia o mesmo, jamais arriscaria me dizer.

Sexo não significava nada *pro* Anders, mas ao mesmo tempo era essencial e nós não estragaríamos nossa amizade que era perfeita por algo que tinha tudo para dar errado.

Exatamente por isso, cada vez que uma dessas sensações estranhas ameaçava me dominar, repetia que era besteira, pensava em outra coisa e fingia que não estava acontecendo. Por alguns dias, funcionou.

Mentia que não estava atraída por Tray, meu melhor amigo, e era tão convincente que nos melhores dias conseguia enganar a mim mesma.

Tray chegou em minha casa naquela tarde e conferi as horas. Já passavam das três e eu sabia que ele iria tocar à noite, então provavelmente não ficaria muito tempo.

— Ei, florzinha... Cadê vovó Lisa? — ele foi perguntando, logo que abri a porta.

Me deu um beijo no rosto e acabei suspirando. Idiota. Eu tinha

oficialmente me tornado uma idiota.

— Foi *pra* sua casa, as duas vovós combinaram de ver um programa. Você não a viu?

Fazendo que não com um gesto, ele entrou e fechei a porta. O cheiro do perfume, o mesmo que ele sempre tinha usado me alcançou e senti como se uma pedra de gelo brotasse no centro do meu estômago.

Ridículo, muito mesmo. Sempre fui tão racional e aquilo era tudo, menos inteligente, eu estava agindo de forma idêntica às garotas que o perseguiram e me faziam revirar os olhos por aí.

— Eu...

Tray não completou a frase e me virei para o encarar, mas me deparei com seu olhar perdido em alguma parte do meu corpo.

Antes daquela festa isso nunca tinha acontecido e agora, cada vez parecia mais constante. Ou talvez eu estivesse criando fantasias na minha cabeça, desejando que a obsessão não fosse unilateral.

— Você? — o instiguei.

— Eu estava ensaiando no Ash, mas queria falar com ela.

— Queria falar sobre o que?

— Ver se... — Ele coçou a cabeça, parecendo envergonhado e estranhei. Tray nunca ficava com vergonha. — Ah, besteira. O que você está fazendo?

— Estava limpando a casa, vai me ajudar? — Aceitei a mudança de assunto, certa de que depois ele me diria.

Apesar da careta que fez, não recusou. Aceitou o pano que estendi e começou a tirar pó dos móveis enquanto ouvíamos algumas músicas e cantávamos aos berros.

Por cerca de uma hora esqueci minhas preocupações, nada parecia mudado. Éramos os melhores amigos do mundo e nada mudaria isso.

Quando ele terminou com o pó e eu acabei de limpar o chão, nos sentamos no sofá, dramatizando um pouco nossa exaustão.

A simples presença do corpo dele ali, sentado ao meu lado, fez com que

as coisas que eu tentava ignorar voltassem, incrivelmente mais fortes.

Na verdade, tudo que meu corpo pedia era *pra* ficar mais próximo ao dele e atendi ao pedido, me deitando sobre as pernas cobertas por um jeans rasgado.

Já tinha feito aquilo tantas vezes e nunca senti meu coração acelerar com o toque das mãos dele sobre os meus cabelos, era a primeira vez. Aquilo precisava parar.

Tray cresceu comigo, nessa casa e na dele. Nós éramos importantes demais *pra* que um mero desejo nos separasse, que a atração sem nexos que vinha sentindo acabasse nos distanciando, mesmo porque eu não sabia até que ponto estava nessa sozinha, até onde o que eu via nos olhos dele não era fruto da minha imaginação perturbada.

Droga. Era Tray! Meu grande e babaca amigo, eu não podia querer... Nada mais do que o que já tínhamos.

— Sabe que vou tocar no pátio do colégio hoje, né?

Ele estava massageando minhas têmporas, enquanto eu apenas apreciava o momento. Meus olhos estavam fechados e apenas balancei a cabeça, afirmando.

— Você vai?

Abri meus olhos.

— E alguma vez eu não estive na primeira fila?

Ele sorriu. Era mesmo uma droga, toda vez que ele sorria agora eu sentia que meu coração disparava. Já disse droga?

— Você podia dormir lá em casa... — comentou, como se isso não fosse o prelúdio do caos. — Era isso que ia pedir *pra* vovó Lisa.

Tray acariciava meu rosto e senti meu coração acelerar as batidas. Será que ele poderia escutar? Parecia tão alto.

Perdi as contas de quantas vezes já tinha dormido na casa dele, inclusive na mesma cama, mas foram muitas e nunca houve constrangimento. Mas esse tempo tinha ficado no passado; Tray desviou os olhos dos meus e eu senti sua perna balançando sob mim, como se estivesse nervoso por ter me convidado.

— Não sei, peste. Acho que não devemos mais fazer isso — respondi. Não tinha outra forma de lidar com aquilo, mesmo sabendo que ele entenderia minha resistência.

Se eu desse uma desculpa, Tray acabaria me descobrindo, morávamos quase colados um no outro e se eu apenas dissesse não, ele acabaria decidindo dormir comigo, aqui.

Um sorriso sutil surgiu em seu rosto e eu me vi constrangida. Se não nos conhecêssemos tão bem, eu poderia fingir que ele havia entendido errado...

— Certo, Jas. É o seguinte, não vamos pirar, tá? Não sei lidar com essa coisa toda e acho que você também não. Nunca mentimos ou escondemos as coisas um do outro e não vou começar me fazendo de desentendido agora.

A essa altura eu já tinha coberto o rosto com as mãos. Ele ia mesmo falar sobre aquilo.

— Então é assim que vai ser, vou falar o que penso e você não vai dar uma de doida. Cacete! Já tá fazendo isso... — Ele tirou minhas mãos de sobre os olhos, se aproximou e me encarou de perto por um momento. — Você tá muito gostosa com essa calça, eu entrei aqui e não consegui não olhar. É isso, fico te secando e é bizarro *pra* caralho, não era *pra* você ter falado aquelas coisas sobre sexo, agora essa merda não sai da minha cabeça.

Apesar de ter ficado constrangida, minha primeira reação foi olhar *pra* baixo, encarar a calça listrada que não era tão nova, mas que eu sabia que realmente se ajustava bem ao meu corpo.

Me lembrei do aniversário dele, quando me disse pela primeira vez algo assim, de um modo mais sutil. Naquele dia, o repreendi e disse que não era *pra* falar aquelas coisas. Mas não sentia vontade de pedir que parasse novamente.

— Hum, obrigada — foram as palavras que consegui emitir. Minha garganta parecia seca.

— De nada. É uma praga gostosa *pra* cacete.

O jeito dele de dizer o que pensava, acabou me arrancando um riso meio contra a vontade.

Gentilmente, Tray afastou minha cabeça e me sentei no sofá para que ele

pudesse se levantar.

— Vou em casa tomar um banho. Quer ir comigo ou me encontra lá?

Era só isso? Assumir que gostou da minha calça?

Assisti enquanto ele caminhava na direção da porta, mas antes de sair, parou aguardando minha resposta.

— Te encontro lá na escola. Vou com a Chrys e nos vemos mais tarde.

Tray já estava com a mão na maçaneta, mas não abriu a porta, parecendo indeciso.

— O que foi Anders? Fala logo...

Voltando-se na direção do sofá — onde eu jazia quase morta por conta da nossa *quase* conversa séria —, ele soltou o ar dos pulmões com força, passou as mãos sobre o rosto e por fim, as colocou nos bolsos da calça.

— Vai vestir o que?

Era uma pergunta esquisita, então franzi a testa pensativa. Eu não tinha ideia.

— Isso é importante? Devo ir de calça, uma blusinha normal ou talvez uma saia. É um show, não pensei em algo especial.

— É importante, Jas. *Muito* importante.

Tray venceu a distância que tinha imposto entre nós e segurou meus ombros, me prendendo no lugar. Havia intensidade e talvez, necessidade em seu toque. A maneira como me olhava, fez com que eu o encarasse em retorno, sem entender nada.

Seus olhos estavam tão perto, suas pupilas dilatadas e me perdi na tempestade que havia ali. Por alguns segundos todo o resto não existia...

Ele estava tão perto que eu podia perceber sua respiração descompassada, reflexo da minha, que agora coordenava meu peito para que subisse e descesse, sem cadência.

— Jas, eu *tô* enlouquecendo? Sou só eu que sinto... essa porra toda quando estamos juntos?

Continuei quieta e parada. Covarde demais para falar a verdade.

— Vista qualquer coisa que quiser, florzinha e eu vou me controlar. Vou manter a distância que sei que deveria e não vou fazer nada que um de nós se arrependa. Eu tô morrendo de medo de fazer besteira, mas não consigo parar de pensar nisso...

Não estava entendendo onde ele ia chegar, apesar de compreender a *porra toda* a que ele se referia.

Minha expressão deve ter projetado a confusão que consumia tudo dentro de mim, porque ele não me esperou questionar suas palavras.

— Jas, eu vou sempre te respeitar. Mesmo que aparecer de calcinha na minha frente, se disser que não quer que eu avance, vou ficar parado. Nesse caso, de pau duro e parado, mas agora já tô fantasiando. O que eu quero dizer, é que se você usar essa calça hoje à noite, vou entender como sinal verde. Se aparecer no show vestindo isso, vou te trazer em casa e vou beijar tua boca e matar a vontade do caralho que tem me atormentado dia e noite. É uma linha que nunca planejei cruzar com você e não vou ser babaca de fazer isso se também não quiser, Jas. Então é isso, escolha o que vai vestir.

E assim, Tray me deixou ali, plantada no meio da sala, sem saber se aquilo tinha mesmo acabado de acontecer.



Chrystal havia chegado tinha uns quinze minutos e eu já me trocara quatro vezes.

Primeiro, vesti calça jeans e camiseta, a escolha inicial e muito básica. Não gostei.

Troquei a camiseta por uma blusa mais bonitinha, mas ainda não estava satisfeita. Decidi tirar tudo e tentei uma saia curta, mas me despi dela também e encarei meu guarda roupas que estava com as portas abertas.

— Jas, nós vamos no pátio da escola, é aqui do lado e não tem ninguém interessante. Qualquer coisa serve, anda.

Eu estava nervosa. De jeito nenhum iria vestir a infame calça listrada. Tray e eu não podíamos fazer aquilo, eu não podia ser inconsequente ao ponto de dar aval para que isso acontecesse.

Não sabia como as coisas ficariam depois, se eu cedesse. Podia ser só um beijo, que mataria a vontade e a curiosidade. Mas eu sabia que não seria assim, nós nunca nos doamos pela metade um para o outro.

Em alguns dias eu era a praga e ele, minha peste. As vezes invertíamos os insultos, mas sempre, eu seria sua florzinha e ele, meu Anders. Funcionava bem assim há uns quinze anos e as coisas não podiam mudar.

Fiquei me encarando no espelho, enquanto Chrystal continuava discursando sobre minha demora.

Pelo canto do olho, despretensiosamente vi a calça que havia retirado antes do banho, jogada sobre a cama. Ela nem era tão bonita, mas o tecido ressaltava minhas curvas e abraçava meu corpo nos lugares certos. A peça nem tinha bolsos, o que era um inconveniente.

Eu não a vestiria de jeito nenhum.

— Jas, você está me ouvindo? Os meninos já vão ter tocado quando você terminar de se arrumar. Escolhe logo o que vai colocar *pra* gente ir, Anders deve estar nos esperando.

Chrys estava tentando se enturmar com os meninos e, desde a festa de aniversário do Tray, resolveu que, se éramos amigos e ela vivia ao meu lado, então também se dariam bem.

Com o coração disparado e temendo cometer o maior erro da minha vida, me decidi. Não podia repensar a insanidade.

— Me dá essa calça aí na cama.

Demorei poucos minutos para terminar de me arrumar, o que apenas confirmava que desde que eu saíra do banho, ou antes disso, quando Tray foi

embora, mais cedo, a decisão já havia sido tomada. Eu apenas posterguei e por fim, não resisti.

Passei um pouco de maquiagem, coloquei uma blusa preta sem estampas e calcei sandálias baixas. Saímos de casa rumo ao ginásio, que ficava ao lado da escola, no mesmo terreno.

Ouvimos o som retumbando nas caixas ainda do lado de fora, como acontecia sempre que os meninos se juntavam para algo assim. Estavam tocando músicas aleatórias, o que significava que a Dominium não havia subido ao palco improvisado.

Parei por um momento, vendo as pessoas entrando. Algumas rodinhas já se formavam mesmo no exterior do pátio e todo mundo parecia bastante animado. Chrystal parou ao meu lado, me fitando com o cenho franzido.

— Por que paramos?

Eu não podia falar. Não podia contar a besteira que eu estava prestes a fazer. Apesar de parecer gostar dele e de, assim como as outras, o achar bonito e tudo mais, não acho que com o histórico de Tray, Chrystal fosse me apoiar.

— Nada — respondi. — Vamos...

Ela me olhava estranho, mas acabou dando de ombros. Continuamos na direção dos portões escancarados e quando passamos por eles, pude ver quanta gente já estava ali.

O bairro era grande, mas em um sábado à noite não havia muita diversão para pessoas da nossa idade e sempre acabavam todos na mesma festa.

Os meninos estavam começando a se tornar conhecidos na região e já tinham até aberto shows de algumas bandas relativamente famosas e, com isso, todo mundo em Rainier Beach se tornou fã da Dominium, mesmo que eles ainda arrumassem confusão às vezes e um ou outro morador os colocasse na lista de odiados.

Então, um show deles no pátio do colégio e gratuito, era convite certo *pra* reunir a galera toda. Apesar de não curtir muito a bagunça e nem ficar no meio das pessoas, sendo pisada e espremida, eu amava os meninos e sempre fazia questão de aparecer e assistir, aplaudir e gritar da primeira fileira.

— Acho que eles estão atrás do palco, quer ir lá falar com o Anders?

Neguei com um gesto. Eu não podia ir até ele, não antes do show, ou poderia desistir.

— Certeza? Eles devem estar bebendo, você sempre gosta de ir até lá...

Claro que minha prima estranharia a mudança repentina. Me preparei para inventar uma desculpa que colasse, mas Chrys ergueu a mão, acenando *pra* alguém atrás de mim.

— É o Josh, está chamando a gente...

Que momento lindo ela foi escolher para ser sociável.

— Finge que não viu — respondi e Chrys me encarou como se eu estivesse louca.

— Eu acenei, Jas! Eu nunca sou efusiva assim, mas ele ficou falando comigo na festa aquele dia, quando você sumiu e me deixou sozinha lá. Agora não vou parecer doida e fingir que não era com ele.

Suspirando, me virei olhando por sobre o ombro e encontrei Josh de pé, meio escondido atrás do palco, fazendo um gesto para que fôssemos até lá.

Droga. Era quase uma tradição, eu sempre bebia com eles.

— Vamos...

Caminhamos até onde ele estava e o seguimos para a sala pequena, que em dias de aula servia para os garotos do colégio se trocarem. Um vestiário convertido em camarim.

Quando entramos, vi Ashton sentado em um canto no chão, com uma cerveja ao lado dele, enquanto cantarolava a letra de uma música famosa. Eles compunham as próprias canções, mas como a maioria das pessoas não as conhecia, intercalavam com músicas de bandas famosas.

Tray estava sentado de frente *pra* ele. Os olhos fechados, como se visualizasse o show, enquanto dedilhava sobre a calça jeans, ensaiando apenas em sua mente.

— Aqui...

Josh estendeu a garrafa de cerveja *pra* mim e entregou uma *pra* Chrys.

— Ei, Tray... Encontrei tua praga lá fora.

Ele abriu os olhos e o mundo parou. O ar deixou meu corpo, enquanto eu sentia os olhos dele sobre mim, me devorando de cima a baixo; quando enfim ele fitou a calça no meu corpo, abriu um sorriso. Primeiro tímido, como se tentasse disfarçar, mas depois iluminando tudo e fazendo meu corpo todo reagir a ele.

Lindo.

Ashton olhou dele *pra* mim, vendo-nos parados e com certeza sem entender nada, e franziu a testa.

— Que merda é essa? Por que parece que a Jas vai chorar e você *tá* com essa carinha de quem ganhou presente de Natal?

Desviei os olhos e tomei um gole da cerveja, tentando agir naturalmente.

— Coisa nossa — Tray respondeu.

Nem Josh e nem Ashton insistiram. Sabiam que *coisa nossa* podia significar algum segredo meu, e Tray nunca contaria nada a eles que eu houvesse confiado a ele.

— E aí, Chrystaaaal? — Tray cumprimentou e ela sorriu, meio sem jeito com a atenção. — Não vai beber com a gente? Toma essa cerveja aí, garota. Já pensou no futuro? Vai dizer que bebeu na companhia do grande Tray Anders, espera só *pra* ver. — Ele fez um gesto com as duas mãos, como se estivesse desenhando um letreiro com o próprio nome.

Chrys bebeu e quando os meninos aplaudiram, ficou vermelha como um tomate.

Acabamos imitando Ash e Tray e nos sentamos no chão. Anders veio se sentar ao meu lado, seu braço envolvendo meus ombros enquanto beijava o topo da minha cabeça.

Nada que chamasse a atenção de nenhum dos outros, era o que fazíamos, ninguém imaginava que racionalmente tínhamos decidido dar um passo além, mas ainda assim, Josh ficou encostado na parede, em um canto, nos olhando com curiosidade.

Um pouco depois de terminarmos as bebidas, o show teve início. Chrystal e eu nos posicionamos em frente ao palco e ela cantava e dançava

animada, enquanto eu só conseguia olhar *pra* ele.

O suor escorria, dando um brilho dourado à sua pele. Os braços começavam a ganhar músculos e, por qualquer ângulo que eu o olhasse, ele era incrível. Eu sempre soube que Tray era bonito, mas nunca antes senti tanta vontade de tirar as outras garotas de perto dele, de perto até mesmo do palco para que não o vissem.

Não conseguia me concentrar muito, mas fiz minha parte como groupie. Gritei e bati palmas nas horas certas. Ashton falou um pouco sobre sonhos e como eles os perseguiam, incentivando os ouvintes a fazer o mesmo e depois arrematou com uma das composições da Dominion.

A música fora escrita em conjunto, pelos três, e muita gente ali já conhecia, porque eles sempre a tocavam. Naquele momento era a música de trabalho da banda e a que estava fazendo-os conhecidos.

A True Dream (Um sonho de verdade)

A lonely star

Announced the arrival of what is real

I said goodbye to the dream

To dream other dreams

(Uma estrela solitária

Anunciou a chegada do que é real

Dei adeus ao sonho

Para sonhar outros sonhos)

A voz de Ashton tinha algo mais, que encantava as pessoas, mas a letra de “*A True Dream*” era especial, fazia com que todos, incluindo os próprios integrantes da banda, acreditassem em sonhos e em realidade.

A música continuava e eu podia ouvir os outros garotos, as meninas, todos cantando junto, acompanhando.

*Not alone, never alone
I'm surrounded by reality
That was once a dream
Yes, before it was just a dream*

*(Sozinho não, nunca mais sozinho
Estou rodeado pela realidade
Que já foi um sonho
Sim, antes era só um sonho)*

Eu os assistia em silêncio agora, meus braços encostados na beirada do palco enquanto pensava em como queria que alcançassem aquilo. Todos mereciam, mas Tray... A música era a vida dele e, se eu pudesse, daria tudo de mim para que realizasse, para que vivesse seu sonho.

*Now it's a constellation
And the ads are bigger
Reality is utopian
I wonder if I'm sleeping*

*(Agora é uma constelação
E os anúncios são maiores
A realidade é utópica
Me leva a questionar se estou dormindo)*

Tray balançava a cabeça para frente e para trás, no ritmo da música e seus dedos moviam-se pelo braço da guitarra. Ele estava totalmente entregue,

a música dominando todos seus sentidos.

*Not alone, never alone
I'm surrounded by reality
That was once a dream
Yes, before it was just a dream*

*(Sozinho não, nunca mais sozinho
Estou rodeado pela realidade
Que já foi um sonho
Sim, antes era só um sonho)*

Eles encerraram com a canção e, com ela, o show. Porém as pessoas não se dispersaram. As caixas potentes de som começaram a tocar músicas eletrônicas e os grupinhos de amigos se reuniram outra vez, rindo e conversando alto.

Ashton pulou de cima do palco e logo o vi ser rodeado por um grupo que esperava ali perto. Eu sorri assistindo enquanto ele recebia elogios. Estava acontecendo, devagar, mas a Dominium tinha fãs!

Josh se sentou na beirada do palco, de frente *pra* nós e Tray também chegou mais perto, se sentando ao lado dele.

— Cara, eu tô cansado *pra* cacete... E com sede.

Ele parecia mesmo esgotado.

— Vou lá atrás pegar água para você — me ofereci.

Josh ergueu os dedos, fazendo um sinal para que eu trouxesse duas garrafas.

— Vem comigo, Chrys?

Ela assentiu, me acompanhando.

Voltamos em menos de cinco minutos, apenas o tempo para abrirmos caminho entre as pessoas e entrarmos no vestiário. Chegando lá, apenas peguei duas garrafas de água na caixa de isopor e logo estávamos de volta.

Quando nos aproximamos, os meninos não estavam mais sozinhos. Monica, a mesma com quem Tray havia saído umas semanas atrás, havia empoleirado na beirada do palco e estava sentada ao lado de Tray, a mão pretensiosa apoiada no ombro dele, que ria de alguma coisa que ela tinha dito. O rosto dela estava tão perto que faltava pouco para o beijar ali mesmo.

Pensei em dar meia volta, mas eu não tinha esse direito. Tray era meu amigo antes de mais nada e isso precisava ser prioridade, não seriam as atitudes dele ou as minhas reações que acabariam com a nossa relação. Mesmo que precisássemos voltar alguns passos, para o lugar de segurança.

Segurei a vontade de atirar a garrafa na cabeça dela — sempre que perco a paciência, faço umas coisinhas assim — e já com as emoções sob controle, me aproximei de onde eles estavam.

— Ah, santa Jasmim! — Josh festejou ao me ver.

Estendi uma água *pra* ele, que aceitou com um sorriso e entreguei a outra *pra* Tray. Ele estreitou os olhos, me sondando e tentei fingir que não estava brava.

Eu não tinha aquele direito — repeti *pra* mim mesma. Considerando meu histórico de menina boazinha e dócil, até ser tirada do sério, porque aí a transformação não era muito bonita de se ver, a melhor opção era ir embora e esquecer que sequer cogitei levar isso adiante.

— Bom, eu vou para casa. Até amanhã, pessoal...

Sim, péssima em disfarçar.

Chrys me olhou sem entender nada e torci para que não me questionasse, para que ficasse quieta. Mas eu não teria tanta sorte assim.

— Você não ia voltar com o Anders? Eu disse *pro* meu pai que ele iria nos levar, e agora?

Sorri meio sem jeito enquanto sentia os olhos dele fixos em mim.

— Não, está cedo. Podemos ir sozinhas e você avisa seu pai no caminho.

Dei um aceno rápido para os meninos e virei as costas, o que não me impediu de ouvir quando Josh perguntou:

— Que foi que deu nela? Você fez alguma merda?

— Praga! Espera aí... — Tray chamou e fechei os punhos com raiva.

Imaginei o sorrisinho no rosto daquela oferecida ao ouvi-lo me chamar assim, ela não entenderia que era algo nosso. Continuei andando sem olhar *pra* trás, com Chrystal atrás de mim.

— Jas, o Anders tá chamando. Vamos esperar por ele...

— Não tô ouvindo nada.

Saímos pelos portões, mas pouco depois disso Tray nos alcançou. Sozinho, para o bem deles.

— Jas, que porra é essa? A gente não ia embora junto?

O olhar dele desceu pelas minhas pernas, como se eu precisasse de um lembrete de que estava usando aquela calça. Eu ia queimá-la assim que chegasse em casa, decidido.

Dei de ombros.

— Você estava acompanhado.

Ele arregalou os olhos, entendendo tudo.

— Ah, caralho! Não, Jas... A Monica chegou lá e foi se sentando, eu só... Merda.

Tray interrompeu a explicação, olhando *pra* Chrystal que nos encarava sem entender bem, mas ela sabia que eu não gostava da garota, até aí nada de excepcional.

— Vou com você... Josh disse que leva minhas coisas.

— Eu vou com a Chrys.

Ela olhou dele *pra* mim.

— E o que tem isso? Vocês me deixam em casa e vão embora depois.

— Ótima ideia — Tray concordou.

Me virei, recomeçando a andar, mas ele logo me alcançou e enlaçou meu pescoço em um abraço.

Continuamos andando juntos e Chrystal ia nos acompanhando, enquanto ele falava um monte de coisas e tentava tornar o clima leve. Mas continuei o ignorando.

Quando paramos de frente à casa da minha prima, ela se despediu com um aceno e entrou. Enfim, ficamos sozinhos.

— Florzinha, está brava por que a Monica estava roubando seu posto?

— Ai, Anders... Já vi tanta garota se pendurando em você, não é novidade. — O desdém em minha voz não enganava nem a mim.

— Hoje é diferente.

— É? — questionei.

Tray me soltou, me virando de modo que pudesse o ver. Estava sério, como se fosse dizer algo importante. Mas então, simplesmente se agachou e me pegou no colo, enquanto eu, desesperada gritava para que me soltasse.

Ele me transpassou por suas costas, um braço segurando minhas pernas e o outro em meu pescoço.

— *Minha cruz é pesada...* — gritou no meio da rua.

— Me coloca no chão, droga. Tray!

— *Nããão! Cada um tem que carregar seu fardo...* — A voz dele berrava, cada vez mais estridente.

— Você vai ver o fardo, peste! Vou te matar enquanto estiver dormindo.

Ao ouvir isso, finalmente ele me colocou no chão.

— Quer dizer que vai dormir lá em casa? — Ele parecia esperançoso.

— Não. Mas posso pular a janela e acabar com você.

Tray riu alto. As ruas estavam quase vazias e eu temia que algum morador saísse xingando a qualquer momento, por conta da algazarra.

— Tem sido meu sonho, toda noite.

Segurando minha mão, ele entrelaçou nossos dedos e recomeçamos a

andar.

Os botões da jaqueta que Tray vestia, tilintavam. O ruído baixo, se assemelhando a um trovão em razão da noite silenciosa. Seguimos assim, quietos, por um tempo.

— A Monica surgiu de algum lugar. Do inferno, eu acho... Eu não ia ficar com ela, nem curti sair com a garota aquele dia, já te disse isso. É que eu não pensei no que ia parecer e não quis ser mal educado.

Suspirei, assentindo.

— Eu sei. Tá tudo bem, eu exagerei e nem sei por que...

Andamos mais um pouco e por fim chegamos à porta da minha casa. Quando eu era bem pequena, minha avó tinha plantado uma árvore próxima à porta de entrada, jurando que ela cresceria e nos faria uma sombra agradável.

Deu certo, Tray e eu paramos embaixo dela.

Nos olhamos por um tempo, os olhos dele mergulhados nos meus. Minhas mãos procuraram os bolsos — *droga de calça* — e acabei as segurando na frente do corpo, pateticamente.

Ele não ia fazer nada?

— Então tá... Boa noite, florzinha. Até amanhã.

Tray me deu as costas. Indo embora.

O que passava na cabeça dele? Ahhh, eu não tinha levado horas para me decidir e passado por todo aquele processo de admitir a raiva por outra garota estar perto dele e vê-lo se desculpar e tudo mais, para que a noite terminasse assim.

— Tray! — chamei e ele se virou na mesma hora. — Onde você pensa que vai?

Dando de ombros, ele respondeu naturalmente.

— Para casa. Por que?

Maldito. Ele não ia me fazer dizer.

— Como assim, por que? A gente... acabou de chegar.

Ele só ficou ali, parado, me olhando e esperando que eu explicasse.

— Que droga, Tray! Você vem aqui em casa, faz todo aquele drama, me fala *pra* vestir a calça como um sinal e agora vai dormir? — Encarei meus pés. Apesar de falar com ele sobre tudo, me senti muito constrangida, foi preciso uma boa dose de coragem, mas depois de dizer, não conseguia mais o encarar. — Você disse que ia me beijar.

Ouvi a gargalhada dele e senti como se levasse um soco no meio do peito. Ele estava rindo de mim?

— E você levou a sério, Jas? — Tray continuou rindo e não havia uma maneira digna de reagir aquilo. — Estava esperando que eu te beijasse?

Como ele podia ter me feito passar por aquilo? Sem responder e com o rosto ardendo de vergonha, dei as costas, me virando para entrar em casa.

Senti sua mão segurar a minha, aquecendo o local; ele me puxou em um impulso, virando meu corpo em sua direção. Me choquei contra seu peito e seus dedos se embrenharam entre os meus cabelos em um único gesto.

Ainda com um sorriso diabólico no rosto, ele me beijou.

Sua boca tomou a minha com fúria e com tanta vontade que anulou a brincadeira idiota de instantes atrás. Tray segurou meu rosto com as duas mãos enquanto caminhava me guiando, até que minhas costas se encostaram no tronco da árvore.

Ele estava por todo lado. Suas mãos que tocavam meu rosto, meus cabelos. Sua boca que devorava a minha. Seu peito esmagando o meu, seu cheiro perturbando meus sentidos.

Quando abri a boca e a língua dele encontrou a minha, foi simplesmente perfeito. As coisas que o beijo me fazia sentir, eram indescritíveis. Meu peito estava sendo torturado por meu coração que ameaçava o rasgar a qualquer momento.

Minhas pernas perderam a firmeza, mas o corpo dele me sustentava. O gelo... De novo estava concentrado no meu estômago e também havia algo mais primitivo: desejo.

Toquei seu rosto com carinho, porque o que sentia ia além do contato físico e por isso era tão mágico. Como se o desejo, a vontade de me fundir a

ele, fosse só a cereja do bolo.

Nos beijamos por muito tempo, mas quando ele se afastou, eu ainda não queria que fosse, não queria perder nem mesmo por pouco tempo o que tinha acabado de ganhar.

— Ai, praga... Você me destruiu. — A voz dele estava suave, baixa.

— Não foi um erro — respondi o segurando pela mão, me virando para abrir a porta de casa. — Fica aqui comigo essa noite.



Jasmin

PRESENTE

Depois de Chrystal concordar em trabalhar a noite em minha casa, até que eu retornasse da festa, acertei tudo com Andy para que me acompanhasse. O pagamento realmente iria cuidar das minhas despesas por alguns dias, um luxo de que não poderia abrir mão.

Rejeitei a milésima ligação de Tray, mas para que ele se acalmasse um pouco e também porque sabia o quanto o estava deixando preocupado, respondi com uma mensagem:

“Desculpa não ter dito nada sobre o emprego e a mudança, mas estou bem, já arrumei outro trabalho, sei que não é o que queria pra mim, mas não se preocupe comigo. Durante a semana te ligo e nos encontramos, ok?”

A resposta dele chegou rápido. Era quase como se estivesse aguardando com o celular na mão.

“Desistiu de se esconder? A hora que eu colocar minhas mãos em você, florzinha, estrangulo seu pescoço por me deixar assim, no escuro. Tá ok, nos vemos durante a semana.”

Eu não posso contar tudo, mas ao menos dar algumas explicações para o tranquilizar. Tray ainda é uma das pessoas que mais amo no mundo, mesmo que tenha me destruído por vezes seguidas. Um dia prometi a mim mesma que nada que acontecesse entre nós, mudaria a amizade e o carinho que tenho

por ele e venho tentando cumprir, por mais que ele dificulte as coisas às vezes.

Também prometi apoiar seus sonhos e fazer o que pudesse para o ajudar a alcançá-los, um dos motivos pelos quais eu não posso ser seu impedimento, um obstáculo em sua vida. E apesar de saber o quanto ele se importa comigo, também não confio mais nele, não quando o que está em jogo é entregar tudo de mim. Não sei em quanto do que é a minha verdade ele acreditaria. Eu não posso entregar aquele que é meu coração, depositá-lo aos pés dele e o ver esmagá-lo sem nem ao menos perceber, como fez com o meu.

— O que tá fazendo, Jas? Tem que se vestir. — A voz de Andy me envia um alerta.

Quando chegamos às instalações do buffet, onde eram guardados os utensílios de cozinha e todo o aparato e também de onde saía a equipe, fomos mandadas com as outras garotas para nos vestirmos.

O uniforme consistia em calça escura e camisa branca, padrão. Mas o cliente havia enviado para cada uma de nós uma máscara preta, com fios dourados, iguais àquelas usadas na dança do ventre.

— Isso é mesmo necessário? — Andy continua conversando. A pergunta é retórica, lógico que se o homem enviou os adereços, espera que todas usemos.

Termino de abotoar a camisa, prendo meus cabelos em um rabo alto, assim como as outras garçonetes e depois pego a máscara, planejando colocá-la apenas quando chegarmos a festa.

Quando o micro-ônibus com toda a equipe - uma das maiores que já vi - chega de frente aos portões, Andy me dá uma cotovelada, alertando para que eu olhe pela janela.

Os portões pretos são imensos e impressionantes. As duas cabeças de leão douradas sobre eles, extravagantes. Com um barulho mais alto que o esperado, eles se abrem e nossa entrada é permitida.

Já do lado de dentro, o ônibus nos conduz por uma alameda que está toda enfeitada, várias luzes iluminam as árvores que ladeiam o caminho e ao fundo, posso ver a casa gigantesca, que parece ter saído direto de *As mil e uma noites*, quase visualizo meu Aladim saindo de lá e encontrando Jasmim,

eu, prontíssima. Mas, pior que minhas fantasias, é Andy, que está observando tudo com a boca escancarada, eu ao menos sou mais discreta em minhas demonstrações de pobreza.

Duas mulheres próximas à entrada principal nos analisam e só então percebo que estão fiscalizando nossas máscaras, provavelmente para que nenhuma de nós possa estragar a festa temática do tal Azal Patel. Notando o olhar crítico direcionado a mim, coloco a minha no rosto rapidamente.

— Precisamos de quatro das suas moças para recepcionarem nos banheiros, as demais podem se encaminhar à cozinha.

Jane nos observa, escolhendo, enquanto eu apenas penso em que tipo de serviço pode ser aquele. Recepcionar nos banheiros?

Claro que como a sortuda que sou, ela me escolhe, além de mais três meninas que não conheço muito bem. Andy e as demais somem para dentro do palacete, enquanto eu e as outras selecionadas acompanhamos a moça loira que usa uma túnica até os pés.

— Bom, vocês vão ficar cada uma em frente a um dos banheiros e sua função é entregar os itens de higiene aos convidados quando estes forem entrar. Uma toalha da pilha que já está preparada na bancada, ao lado da porta e um pacotinho contendo sabonete líquido e lenços úmidos.

Meu Deus! A ostentação dessa medida me parece absurda. Por que não colocar uma toalha no gancho e um pote de sabonete na bancada. Quanto exagero.

A moça nos guia uma a uma, até nossos banheiros e me deixa alocada no segundo andar, após subir por uma escadaria imensa. O corrimão tem uma linha dourada no centro dele, muito parecida com ouro. Mas não pode ser, pode?

O som da festa enche a casa, mas não vejo os convidados. Ao que parece, o evento está acontecendo do lado de fora. Ainda assim, visualizo algumas coisas estranhas, ao menos para o tipo de festa com o qual estou habituada.

Uma moça passa por nós vestida como dançarina do ventre, dos pés à cabeça. Alguns vasos enormes estão aos pés da escadaria, pretos e dourados, os arabescos desenhados neles parecem egípcios e os lustres são suntuosos.

Tecidos esvoaçantes descem do teto e o cheiro dos óleos perfumados está por todo canto, além da bizarrice que foi passar diante de um sarcófago que, espero Deus, esteja vazio.

Me posiciono em frente a porta e fico ali, esperando que, na tranquilidade do meu posto, eu possa quem sabe ler um pouco, ligar *pra* Chrystal e ver como estão as coisas ou apenas aproveitar para pensar na vida e nas dificuldades que venho enfrentando desde os últimos resultados.

Minha calma dura um pouco mais de uma hora. Ouço as vozes das pessoas lá embaixo, o som da música também fica mais alto e arrisco uma olhadela pela janela que mostra parte do pátio, está lotado. Estou tentando entender o cenário a minha frente, pois parece o deserto e um harém, tudo junto no mesmo lugar. Vejo areia pelo chão e umas tochas nos cantos, além de...

— Jas! — O grito de Andy me tira da análise minuciosa.

Me viro na direção da voz e a vejo virar o corredor, totalmente sem ar.

— O que aconteceu?

— Eu vou morrer, de verdade. Acho que não posso suportar...

Apesar de não ter certeza de quão séria é a questão, vejo que sua pele está pálida.

— O que você está sentindo? — pergunto, alarmada.

— Falta de ar, taquicardia e vontade de vomitar... Estou suando frio, acho que vou desmaiar.

Que droga. Deus do céu!

— Senta aqui em um canto, pelo amor de Deus, Andy. Você comeu alguma coisa?

Ouçó alguns passos na escada ao mesmo tempo em que ela responde.

— Você não está entendendo! Eu acabei de ver Josh Nicols lá embaixo. Eu preciso retocar minha maquiagem!

Enquanto as palavras dela me alcançam, ouço a voz que reconheceria em qualquer lugar.

— Patel, seu puto! Por que porra trouxe um camelo e não posso montar nele? Você deixou todo mundo pôr a mão no tigre e agora tá fazendo graça com o camelo?

Jesus Cristo! Eu não posso encontrar com ele assim.

Abro a porta do banheiro, entro nele e me tranco. Andy bate na porta, chamando meu nome:

— Jasmim! Abre logo, eu preciso mesmo entrar. Não posso levar kebab com essa cara, de jeito nenhum. *Jas!*

Se ele ouvir... Abro uma fresta e ouço as vozes mais perto, já no corredor.

— Cala a boca, Andy! É o Tray, ele está chegando. Não fala comigo agora.

— Ahhh, então você vai se maquiar e eu tenho que entregar as toalhas? Pode sair daí, eu falei primeiro.

Fecho a porta na cara dela, morta de pavor e com medo de ser descoberta. Mas então ouço a voz dele ainda mais perto.

— Olá, arco-íris! Posso entrar? Estou precisando descarregar as energias ruins que consumi na festa do faraó...

Cruzo os dedos, torcendo para que ao menos uma vez na vida, Deus me ajude e Andy diga que ele não pode entrar, que o banheiro está ocupado.

Mas ao invés disso ouço um barulho alto, como se algo caísse com força no chão.

— Ôh, Azal, o arco-íris do banheiro desmaiou aqui. Cara, você precisa dar um jeito nisso.

Arco-íris... Ele me sai com cada ideia. E Andy tinha que ser fã assim, justo deles? Não posso simplesmente deixar minha amiga caída no chão, do outro lado da porta.

Me planejo para o combate quando destravo a porta, mas ouço a voz de outro homem.

— Mas que merda! Já é a segunda hoje, eu juro que é a última vez que convido vocês, Anders. Ficam desmaiando os funcionários e eu tenho que me

virar.

— Ficam desmaiando? Que porra, hein? Como se fosse de propósito. Olha ali, uma fã da banda, vou desmaiar a mulher!

Ouçõ alguns resmungos e uns sons abafados e, logo depois, a voz do homem volta a expressar seu descontentamento:

— E a tal arco-íris é pesada! Vocês americanos e os fast-foods...

Que cara desaforado! Ouçõ a risada de Tray e sinto um aperto no peito. Estou morta de saudades dele, a vontade é abrir a porta e o abraçar, deixar tudo voltar ao que já foi um dia. Infelizmente nunca terá volta.

— Vou coloca-la no quarto de hóspedes. Chama a menina do buffet para cuidar dela...

— E eu lá sei quem é a menina do buffet? — Tray responde.

— Esquece. Faz o que veio fazer, que eu a deixo no quarto e peço para encontrarem a chefe dela.

— Vai lá, sultão.

Estou com o ouvido colado a porta quando, de repente, a maçaneta encontra o caminho para o meu olho.

Argh! Que dor desgraçada. Cubro o olho tentando aplacar a ardência, enquanto Tray percebe que existe uma resistência ali, mas empurra do mesmo jeito, achando passagem.

Abaixo o rosto tentando prolongar minha invisibilidade ou algo assim.

— Ah, merda! Achei que não tinha ninguém.

Faço um gesto com uma das mãos, como se não tivesse problema e com o rosto abaixado tento passar por ele, que me dá espaço.

Com passos rápidos, me dirijo para longe dele, que parece me reconhecer mesmo de costas e usando uma máscara sobre o nariz.

— Praga?

Apresso o passo.

— Jasmim, sua peste! Te achei... Pode voltar aqui agora mesmo!

Balanço a cabeça e continuo reto no corredor. Que merda eu estou fazendo? Não vou conseguir me esconder dele. Chego diante de uma porta, enquanto ouço a risada de Tray atrás de mim.

Maldito.

Me viro de frente *pra* ele, ainda com a mão no olho.

Tray já está diante de mim e, nossa... Ele é de tirar o fôlego. Deveria estar ridículo usando um turbante na cabeça e uma túnica longa, preta. Mas ele se assemelha a um deus egípcio, com a barba bem aparada e os olhos penetrantes.

— Machuquei você, florzinha? — ele parece preocupado. Estende a mão para tocar meu rosto, mas eu me afasto rapidamente.

— Que foi? Tá doendo?

— Já passou... — respondo e afasto a mão, descobrindo o rosto.

Olhamos um para o outro por um momento longo demais, como se nenhum de nós soubesse por onde começar; mas ele encontra a voz antes de mim.

— O que está fazendo aqui? — Mas então nota minhas roupas. — Veio trabalhar? De garçom de novo, tarde da noite... Ralando feito um camelo e olha que vi uns camelos hoje que estão sendo paparicados lá embaixo.

Faço que não com um gesto, não pretendo ter essa discussão outra vez.

— Não estou, não. Você está enganado, eu sou uma convidada na festa.

O olhar dele é pura descrença e ceticismo.

— Jura? Quem foi que te convidou?

— Annn... — Abro a boca, tentando encontrar uma resposta vaga e satisfatória o suficiente, mas a porta atrás de mim se abre de uma vez, me desequilibrando.

Um par de braços fortes me segura por trás e quando olho *pra* cima, um rosto moreno e olhos negros me sondam. Um homem lindo, alto e moreno.

— Vim com ele... — respondo para Tray, me colocando firme sobre meus pés e enlaçando o braço do desconhecido, que agora está ao meu lado,

na maior cara de pau. — Viemos juntos a essa festa magnífica do Azal Patel. Não foi mesmo?

Abro meu melhor sorriso sedutor *pro* homem, que deve me achar completamente doida e aperto o braço dele, em um pedido para que me dê cobertura.

Ele sorri de lado e aquiesce.

— Claro. Viemos juntos, começamos bem a noite e vamos terminá-la melhor ainda...

A voz dele não me é estranha e a sugestão não me passa despercebida. Mas é melhor que Tray pense que somos um casal.

— Patel, sai fora — Tray diz.

O homem gargalha e então entendo a gafe. Meu rosto esquenta instantaneamente e com certeza, se eu fosse mais clarinha estaria da cor de um pimentão.

— O que foi? A moça disse que veio comigo, Anders.

Tiro a mão do braço dele, já que agora virei piada para o ricaço.

— Veio porra nenhuma, essa teimosa só está me desafiando — o esquentadinho responde o outro.

— Eu adoro um desafio. Gostei da personalidade dela e do fato de não desmaiar. Qual seu nome, querida? Quer dar uma volta em um camelo?

Oi? Esse homem é muito louco mesmo. E eu mais ainda.

— Hum... Claro. Posso primeiro pedir desculpas? Eu só queria ver como minha amiga estava.

— A moça desmaiada? Acho que está acordando, me falou umas coisas estranhas, mas logo ela vai estar bem. Você, no entanto, pode descer comigo.

Ele me oferece o braço outra vez e Tray cruza os dele, me encarando com raiva.

— Daqui você não passa, Jas. Não até conversarmos

— Anders, se insiste tanto, eu posso dividir.

Esse cara perdeu o juízo!

— Hum, senhor Patel, não me leve a mal, mas a coisa não funciona bem assim.

— Tem certeza? Prefere ficar só comigo? — ele pergunta e não sei, mas parece estar falando sério.

— Patel! Some, porra! — Tray grita. Me encolho com o tom estridente, inesperado e o tal Azal começa a rir. — Tira essa mão suja de areia dela, agora.

Com um safanão ele afasta a mão do homem que estava apoiada no meu cotovelo.

— Você não ia avisar a chefe da arco-íris? Então vai logo.

Ainda parecendo achar graça, o homem decide se afastar, nos deixando a sós.

— Você não pode ficar fazendo piadas com a etnia dele, Tray!

Preciso explicar o porquê, mas então ouço a voz de Andy vinda de dentro do quarto e me viro, lembrando-me de preocupar primeiro com ela, depois com o problemão a minha frente.

— *Jas! Vem cáááá... Eu juro que sonhei que estava aqui e na minha frente... Acho que era verdade! Jaaaaas!*

Reviro os olhos e aponto o dedo para Tray.

— Fica aqui. Se ela te vir, vai desmaiar de novo.

Ele apenas ergue as sobrancelhas e enfia as duas mãos nos bolsos da calça, paralisando como uma estátua. Vai ficar me esperando, claro.

Entro no quarto e fecho a porta atrás de mim.

— Você está bem? — pergunto *pra* ela, que está sentada no meio de uma cama imensa, coberta por lençóis dourados de cetim.

— Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh!

O grito dela me faz pular no lugar.

— Eles estão aqui!

A porta se abre de uma vez e Tray aparece, olhando para os lados preocupado.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa?

Olho *pra* ele zangada e apoio as mãos na cintura.

— Você aconteceu, sua peste!

Ele arregala os olhos.

— Ela tá gritando por isso? Mas eu nem estava aqui! Pensei que fosse um bicho, me falaram que tem umas tarântulas do Patel do tamanho de cachorros.

— Ai. Meu. Deus! Estou em um quarto, com Tray Anders!

Ele abre um sorriso convencido que faz minhas entranhas se revirarem, como, infelizmente, sempre acontece. Ao mesmo tempo, me dá vontade de atirar qualquer coisa na cabeça linda dele.

— É uma experiência e tanto, não? E ainda estamos vestidos! — ele responde.

— Ahá! Não o superestime, Andy. Não é tudo isso.

Os olhos dele assumem uma intensidade perigosa ao me ouvir.

— Ah, não? Por isso que você repetiu a dose... Teve aquela vez no Chile, e depois em Nova Iorque, algumas vezes na minha casa, outras na sua...

Andy nos olha com a boca aberta e os olhos escancarados. Claro, melhor maneira de descobrir meu segredinho.

Mas não posso deixá-lo sair vitorioso, então dou de ombros.

— Estava triste no Chile, entediada em Nova Iorque e você deu *pro* gasto.

A risada sarcástica dele me alcança e é deliciosa. Como eu adoro provocá-lo.

— Entediada você não estava mesmo! — Tray se aproxima de mim, como uma cobra pronta para dar o bote. — Tédio, florzinha? — Agora o rosto dele está a centímetros do meu, querendo me intimidar. — É a última

coisa que me vem à mente quando me lembro de você quican...

Cubro a boca dele com a mão e o desgraçado me morde, rindo!

— Tray! — Dou um tapa no seu braço, o afastando e dou de cara com Andy, me encarando ainda sem entender nada. — Andy, eu juro que posso explicar isso tudo.

Mas o maldito não tem um pingo de boa fé na mente.

— Espera aí! Por que precisa explicar alguma coisa *pra* arco-íris? Ah, meu Deus, florzinha! Por isso anda fugindo de mim, estava escondendo que agora é lésbica? *Cacete!* Preciso me sentar...

Ele se afasta na direção da cama, arrastando os pés, os ombros meio caídos, desolado. Hilário como Tray sempre tira as próprias conclusões imaginando o cenário mais desconexo. O rosto dele está meio pálido e seu olhar vagueia de Andy *pra* mim, enquanto assimila a informação que ele mesmo criou.

— Bom... — Ele suspira. — Você podia ter me contado, eu até gosto da ideia.

Estreito os olhos.

— Cala a boca, Anders, antes que eu quebre um desses vasos na sua cabeça.

— Jas! — Andy me repreende, porque, de certo, eu não tenho permissão *pra* falar assim com o deus do rock.

— Tá! Fiquem quietos os dois, estão me deixando doida. Primeiro: desculpa, Andy, por não ter contado sobre... essa praga aí. Eu não disse que éramos amigos e tal, por que... Bom, é que...

Eu não sei como explicar a situação porque não posso dizer a verdade, mas Andy olha do meu rosto para o dele e acho que consegue entender. Ela balança a cabeça para cima e para baixo três vezes, enquanto me olha, e discretamente eu assinto.

— Você não queria que eu surtasse e ficasse pedindo autógrafos e coisas assim?

Afirmo com um gesto.

— Bom, as pessoas fazem isso... Quando mencionava os meninos...

— Espera aí! — Ela me interrompe. — Não apenas ele, mas todos eles?
EU NÃO ACREDITO!

E ela já está gritando de novo. De repente parece sair do estado estático e pula no pescoço de Tray.

Abaixo a cabeça, exasperada, esperando o surto ser controlado.

Tray apenas sorri e a abraça de volta, educado, mas percebo que está meio sem jeito. Acho que pela situação como um todo.

Andy parece se acalmar pouco depois e se senta comportada, ao lado dele, quase em cima *pra* ser mais exata.

— Como eu dizia... É estranho, sabe? Mas sim, eu conheço os três.

Ele me encara, bastante irritado.

— Acho que isso é muito vago, Jas. Agora nós somos a sujeira que você esconde sob o tapete? Ela não nos conhece... — fala olhando *pra* Andy. — Nós somos a *vida* dela.

Já mencionei que o ego desse homem mal cabe aqui? Andy parece descrente.

— Ela nunca me pareceu muito fã...

Isso mesmo, garota.

— O quê? Ela é nossa fã número um! Estava lá na primeira fila, desde sempre! Fala, Jasmim!

Suspiro, cansada dessa loucura.

— Andy, eu explico tudo depois. Não fica brava porque ele vai autografar tudo que você quiser, tá bom? Eu prometo.

Ao menos ele não me contraria.

— Agora, Tray... Ela não é minha namorada, seu idiota. De onde saiu essa ideia? Somos amigas e Andy é muito fã da Dominion, então me senti mal por esconder vocês e nossa relação.

— Relação? Em um relacionamento de amizade as pessoas confiam,

contam a verdade, se ajudam, ok? Não ficam fugindo e escondendo coisas, Jas.

— Falou o exemplo — rebato, antes de perceber a burrice.

— Que merda isso significa? O que eu escondi de você? Nunca menti. *Nunca.*

Ele fala com tanta convicção, que se eu fosse a trouxa de uns anos atrás até acreditaria.

— Olha só, preciso voltar ao trabalho, então, como eu disse na mensagem, depois nós conversamos.

— Ah, não vai mesmo. Vamos resolver isso agora — ele me desafia.

— Vamos resolver quando eu puder e estiver disponível, Anders. E não é nesse momento... Andy, se quiser receber pelo trabalho é bom se levantar daí e rápido.

Abro a porta e saio do quarto. Tray ainda tem que se desvencilhar da fã número um que resolveu interrogá-lo.

— Espera, Jasmim!

Viro na escadaria, ouvindo quando ele alcança o corredor, então desço correndo. Talvez eu possa me misturar e fugir da conversa ao menos até o fim do trabalho.

— *Pragaaaaaa...* — me chama com a voz melodiosa e eu avisto o sarcófago ao mesmo tempo em que tomo a decisão.

Que não tenha uma múmia — é minha prece ao abri-lo e me jogar lá dentro.





DOZE ANOS ANTES

— Nem acredito nisso, Jas! A vida pode ser mais perfeita?

Era uma pergunta retórica, claro, eu sabia que a vida não poderia ser melhor.

Um ano atrás nossa relação deu um salto e, de melhores amigos, nos tornamos o casal mais foda do mundo.

A transição não foi difícil, ao contrário do que sempre pensei. Jas e eu já éramos um casal sem nem ao menos notar e o que mudou foi apenas no âmbito físico. E que físico...

Um ano de torturas e negativas da parte dela. E eu entendo, porra.

Apesar de nos conhecermos a vida toda, eu sempre fui um babaca com as garotas e sei que, apesar de querer, Jas tem receio de dar o passo fatal na nossa intimidade.

Sim, tenho sobrevivido há um ano sem levar o BigTray no playground.

Fazer o quê? Jas vale a pena e sei que, quando ela se decidir, vai ser fantástico.

Achei que fosse rolar depois que aceitou meu pedido de namoro, pensei que estava perto quando assumimos pro mundo e tive certeza de que era a hora quando disse que a amava.

Ela me surpreendeu com um balde de água fria em todas essas vezes e... quer saber? Posso esperar que minha florzinha se sinta pronta. Alguns banhos gelados e muito trabalho manual tem resolvido minha situação.

Agora, além de ter a melhor amiga e namorada do mundo todo, e ser um guitarrista em ascensão, minha banda conseguiu a gravação de um CD, um presente da minha avó, de Eleanor e dona Regina, as mães de Ashton e Josh.

Elas economizaram e se uniram *pra* isso. Estamos confiantes que, depois de termos nosso material em mãos, vamos enviar às gravadoras e conseguir um contrato foda, e o pouco que já alcançamos precisa ser comemorado.

Jas estava sorrindo enquanto saltitava pela casa ao som de Nickelback. Um dia seria ao som da Dominium.

— Como vamos comemorar, Anders? — ela perguntou, agitada.

Eu tinha algumas ideias.

Segurei sua cintura e a puxei para um beijo.

— Posso sugerir que tire a roupa?

Adorava fazer esses comentários e deixa-la sem jeito. Jas estava acostumada com as brincadeiras, mas ela entendia que eu gostaria de tirar sua roupa de verdade e, por isso, ficava sempre corada com a sugestão. Linda.

Mas dessa vez ela não pareceu constrangida.

— Pode sim, namorado. Mas e antes disso?

Considerarei sua resposta. Porra? Será que ela estava falando sério?

— Antes disso... — Qualquer ideia que eu tivesse, sumiu diante da expectativa.

— Vamos sair? Que tal chamar os meninos *pra* comermos alguma coisa?

— Quais meninos?

A mera ideia de fazer sexo com ela queimou meus neurônios.

Ela riu.

— Ashton e Josh. Quem mais?

— Ah, porra. Claro! Mas prefiro comemorar com eles outro dia, eu tive uma ideia *pra* hoje.

Ela me encarou, deixando transparecer a curiosidade.

— Sabe que, como o grande astro do rock que vou me tornar, preciso honrar o posto e ser mega tatuado, né?

Jas encarou meus braços limpos com ceticismo.

— Sério? — perguntou.

— Sim, vamos fazer uma tatuagem. Eu vou e você vai comigo, depois disso te levo *pra* jantar. O que acha?

Os olhos dela se acenderam em expectativa.

— Eu gosto disso, peste. Curto muito os tatuados...

Estreitei os olhos na direção dela e Jas começou a correr, fugindo de mim.

— Ah, gosta, sua praga? Tem que gostar de mim, Jas! Só de mim!

Corri atrás dela e a alcancei antes que chegasse as escadas.

A girei em meus braços enquanto ela gritava e gargalhava.

— Você me paga por esse comentário traidor, Jasmim!

Eu a carreguei até o quarto, enquanto ela esperneava e a atirei sobre a cama, em meio às risadas.

Seu sorriso morreu logo que me deitei sobre ela e a vi mudar de radiante para excitada em poucos segundos.

— Tem certeza que não quer mudar sua declaração?

Ela abriu um sorriso travesso e balançou a cabeça, negando.

— Se você fosse tatuado, com certeza já teríamos transado.

— Ah, sua diaba! Esse foi um golpe muito baixo.

Afundi o rosto em seu pescoço e ouvi um gemido baixinho lhe escapar quando comecei a beijá-la. Jas tinha cheiro de flor, acho que era um hidratante ou perfume, mas sempre associei esse cheiro a ela.

Beijei sua nuca e tracei com a boca o caminho para seu colo. Ela ergueu um pouco o corpo, oferecendo acesso e olhei em seus olhos escuros, antes de

beijá-la acima da blusa de alças finas, no decote que mostrava o vã entre seus seios.

Minha língua percorreu o vale e a ouvi ofegar, enquanto sentia meu pau endurecer.

— Jas, quando vai me deixar ver eles?

Não que as coisas não tenham avançado nesse tempo em que estamos juntos. Já os toquei e senti por sob a blusa, passei com as mãos por todo seu corpo, mas quero senti-la sem as camadas de tecido, o corpo quente dela contra o meu.

Ela abriu um sorrisinho malicioso e se sentou na cama. Com as duas mãos, ergueu a blusa e a retirou por sobre a cabeça, me deliciando com a visão do sutiã rosa de renda.

— Caralho...

Levei a mão ao meu pau, ajeitando-o na calça, enquanto as mãos dela seguiram para as costas. Primeiro retirou uma alça e depois a outra, antes de finalmente atirar a peça no chão.

Eu morri e fui pro céu.

— Cacete...

Fiquei olhando seus seios redondos, os mamilos marrons e os bicos arrebitados. Passei as mãos pelo rosto, abobalhado e, quando olhei outra vez pro rosto dela, Jas estava com o cenho franzido.

— Vai ficar só olhando?

Ahhh, porra.

Levei as mãos aos dois, os sentindo primeiro, enquanto ela esperava com o lábio inferior preso entre os dentes.

Então, enlacei sua cintura fina e a puxei *pra* mim, colocando-a sobre meu colo. Meu pau latejando contra seu sexo ainda coberto pelo meu jeans.

Com vontade, desci a boca sobre seus seios e os beijei, sugando e sentindo. Minha língua arrancando suspiros de rendição, enquanto eu celebrava. Finalmente ela parecia pronta e seria minha, de uma vez por todas.

Levei a mão ao botão de sua calça e o abri, descendo o zíper em seguida. Quando meus dedos encontraram o caminho para dentro da calcinha dela e pude sentir os pelos bem aparados, a interrupção aconteceu.

— Jasmim? Tray? Estão no quarto? Venham comer! Estou esperando...

Era vovó Lisa.

— Puta que pariu. Merda! — reclamo e dessa vez, grato por ela não escutar bem.

Jasmin

Quando Tray colocava uma coisa na cabeça, nada podia fazê-lo mudar de ideia; sendo assim, pouco depois de vovó Lisa nos interromper, estávamos os dois dentro de um estúdio horroroso, com um tatuador que parecia ser gente boa e ele estava prestes a fazer sua primeira tatuagem: o símbolo da Dominium.

Para algumas pessoas, sei que pareceria loucura tatuar a insígnia de uma banda que podia ou não dar certo, mas tanto ele, quanto eu e os meninos, sabíamos que não era assim. A Dominium não seria apenas mais uma.

O tatuador ligou a maquininha e o barulho do motor soou alto na sala pequena. Tray estava deitado sobre a maca e me ofereceu a mão em silêncio, sem querer admitir que estava morto de medo.

Acabei sorrindo com sua reação e segurei seus dedos entre os meus.

O homem começou a traçar o contorno das primeiras letras.

— Está doendo muito? — perguntei.

Ele balançou a cabeça de um lado para o outro, negando, mas o aperto em meus dedos se tornou mais forte.

— Então pode parar de tentar quebrar minha mão?

Isso arrancou uma risada dele.

— Desculpa, florzinha. Eu não posso admitir a dor, preciso ser forte porque ainda tenho o corpo todo *pra* fechar.

Revirei os olhos. Que ideia ridícula.

— Sabe que é uma ideia idiota, né? Você só precisa de talento, e isso, tem de sobra.

O sorriso dele era um misto de deboche, alegria e uma pontada de dor.

— Você que enfiou essa ideia na minha cabeça, Jas. Disse que gosta dos tatuados, agora vou ter que me ferrar aqui *pra* te agradar.

O tatuador parou e me olhou de um jeito estranho. Tipo, que espécie de namorada faria isso?

— Eu disse isso hoje e estava brincando. Nem vem me responsabilizar por suas loucuras.

— Mas Jas, você é minha namorada, que eu amo. Sabe disso, né?

Apenas assenti, um pouco sem jeito por causa do modo como o homem nos olhava, como se nos achasse dois imbecis.

— Então — ele continuou. — Preciso fazer suas vontades, ou então, nada de conhecer o paraíso.

Dei um tapa nele, que o fez se mexer e o tatuador me encarou de cara feia.

—Desculpe... — Voltei meu olhar *pra* Tray. — Não precisaria de nada disso se fosse por mim. Eu amo você, praga. Independente de realmente achar que as tatuagens não fariam mal algum.

Ele estreitou os olhos *pra* mim, em uma clara ameaça, mas apenas joguei os cabelos *pra* trás, afinal ele não podia me pegar. Não agora, então eu podia provocá-lo.

De vez em quando o aperto em minha mão parecia que iria conter minha circulação, mas logo ele abrandava. Eu dava um ou outro beijo no rosto dele, ao meu alcance, enquanto o homem trabalhava no outro braço e nos achava melosos e esquisitos. Óbvio.

Depois de algum tempo, a tortura teve fim.

— Prontinho, rapaz. Ficou muito bom...

Tray se levantou e olhou o desenho pelo espelho grande, em um dos cantos do cômodo. Abriu um sorriso satisfeito.

— Ficou foda, cara! Tira uma foto nossa?

Meio de lado, mostrando a nova aquisição, Tray me puxou pelo pescoço

em um abraço desajeitado. Meus cabelos caíram um pouco sobre o rosto enquanto eu dava risada da alegria dele.



Era seu segundo hambúrguer e o copo de refrigerante já havia sido esvaziado duas vezes. Tray costumava comer muito, mas se não fosse o fato de conhecê-lo há tanto tempo e também seu histórico, eu diria que ele estava nervoso com minha sugestão de que finalmente o deixaria ir além dos toques íntimos de até então.

Foram doze longos meses convivendo com a tentação, de boca suja, mente pervertida e mãos maliciosas que eu chamava de namorado.

Quando ele me tocava e me beijava, era lógico que me sentia excitada e ansiosa para avançar com nosso relacionamento, e era preciso admitir que um ano não era para os fracos. Mas infelizmente eu ainda tinha receio, medo de que ele acabasse caindo na real, mudando de ideia sobre nós e, se isso acontecesse, tudo que restaria de mim seriam fragmentos.

Tray era tudo *pra* mim, há muito mais tempo que eu ousaria dizer, mas depois do nosso primeiro beijo, ele se tornou ainda mais importante e não pude evitar que meu coração o tornasse seu dono, sem me questionar no processo.

Ele disse que me amava, anulou todas as outras garotas e se dedicou ao nosso namoro completamente, mas apenas hoje, quando ele preferiu comemorar comigo, ao invés dos meninos, foi que me senti realmente pronta.

Não que eu não adorasse Ashton e Josh, mas saber que eu era

prioridade, mesmo quando comparada à banda, isso me fez baixar a guarda.

E agora ele parecia com receio.

— Vai comer essas batatas? — Tray apontou para o restante da porção que eu havia deixado de lado, propositalmente, para irmos embora logo.

— Tray, está tentando ter uma congestão *pra* quem sabe, não fazer sexo comigo?

Ele engasgou com a coca, surpreendido e exultei. Finalmente eu conseguira deixá-lo chocado, como sempre fazia comigo.

— Acha que pode sair falando essas coisas e esperar que eu sobreviva, florzinha? Vamos embora então, agora mesmo. Vou te mostrar que o ferro aqui é brutal.

Ai, meu Deus. Eu não ia sobreviver a isso... E se fosse parar no hospital?

Tray praguejou baixinho e olhei ao redor, tentando entender o porquê, mas notei então que ele encarava apenas a mim.

Suas mãos foram parar no meu rosto e ele baixou os olhos e se aproximou de modo a quase tocar meu nariz com o seu.

— Florzinha, é brincadeira. Eu vou ser um príncipe, tá bom? Um príncipe que fala sacanagem, mas vou te tratar com todo cuidado do mundo.

Eu concordei com um gesto, um pouco mais tranquila e, segurando na mão dele, aceitei que me guiasse para casa.

Íríamos dormir na casa dele. Nossas avós estavam acostumadas com nossa rotatividade desde sempre, mas depois de engatarmos o namoro, elas proibiram que as coisas continuassem como antes e aumentaram os cuidados.

A porta deveria ficar aberta o tempo todo quando estivéssemos no quarto e não podíamos mais dormir juntos. Por isso, precisávamos nos despedir, entrar em casa e nos encontrar apenas depois que elas já tivessem se deitado.

Quando chegamos diante da minha casa, nos despedimos rapidamente e entrei pela porta. Vovó estava deitada no sofá, tecnicamente assistindo a algum filme, mas a verdade era que já estava roncando alto.

A ajudei a se levantar e ir para o quarto e desliguei a televisão. Depois

subi para o meu quarto e troquei a roupa por um pijama comprido e nada sensual, mas por baixo escolhi um conjunto de lingerie branco que eu achava que iria agradar Tray.

Munida de escova de dentes, desci pé ante pé as escadas, agradecendo em silêncio a mim mesma por ter calçado pantufas, que não emitiam qualquer ruído e depois me esgueirei porta afora.

Andei em silêncio, olhando para os lados para ter certeza de que ninguém estava me vendo e parei diante do pequeno portão da casa dele, pouco a frente.

Já conhecia as dobradiças do portão o suficiente para saber que se o abrisse, iria ranger e, no silêncio da noite, atrairia atenção indesejada. Então pulei, passando uma perna e depois a outra.

Dei a volta na casa, indo na direção da porta dos fundos. O quarto dele dava para o quintal e a janela era baixa o bastante para que eu entrasse tranquilamente e, por isso, ele a deixava aberta.

— Psssiu... — chamei a atenção dele, para não o assustar.

Tray estava sentado na mesa do computador, ouvindo música, como de costume e se levantou sorrindo, ao me ver.

Ele me ofereceu a mão e me ajudou a entrar, depois fechou a janela, tomando o cuidado de fazê-lo com lentidão para evitar o barulho.

Então, se virou para mim, sorrindo com malícia.

— Ah, praga. Hoje eu vou te mostrar o caminho da perdição.

Dei um soco no braço dele, repreendendo-o.

— Para com isso, Tray. Se ficar falando essas coisas, eu vou embora.

— O quê? — Ele me abraçou e encostou a boca perto do meu ouvido.
— Prefere que eu seja mais direto? Quer que eu fale sobre você sentar no meu...

Dei um soco na costela dele, com força, interrompendo o comentário abusado.

— Cala a boca, ou a única coisa que vai ver, vai ser meu bumbum e ele estará saindo por esta janela e te deixando na mão.

Ele começou a rir, como o idiota que sempre foi e eu o beijei.

A babaquice acabou ali, Tray apertou minha cintura com força e senti a intensidade que vinha dele, o modo desesperado como me queria e que refletia a vontade que eu tinha de estar com ele.

O beijo era intenso. Me apoiei em seus ombros para me sustentar enquanto ele explorava minha boca com a língua.

Suas mãos me seguravam com tanta força, que as marcas de seus dedos podiam ficar sobre minha pele, mas eu não me importava, queria mais era ser marcada por ele. Ser dele, completamente.

Senti a pressão do seu toque subindo minha blusa de dormir e logo ela foi retirada, fazendo com que nossos lábios se afastassem por um momento.

Tray me fitou com desejo e soltou meus cabelos que estavam presos em um coque. Ele encarou meu corpo parcialmente exposto e arrumou-os sobre meus ombros, emoldurando meus seios com as longas mechas.

Arrancou a própria camiseta em seguida e a jogou no chão.

Caramba... Ele era perfeito. O peito parecia esculpido em mármore, os gominhos, eram a recompensa dos exercícios físicos que fazia e, claro, de uma genética poderosa.

Sua boca voltou a me beijar, agora no pescoço, no topo dos meus seios e subindo para o queixo. Suas mãos encontraram a cordinha que prendia minha calça no lugar e ele a desamarrou sem perder tempo e desceu a peça pelas minhas pernas.

Quando ele se afastou para me olhar, pisquei, um pouco constrangida. Era a primeira vez que ficava assim diante dele, diante de qualquer homem.

Mas o olhar dele, o fogo que eu via queimando suas íris, o jeito com que seu corpo se movia na direção do meu, como se fôssemos imãs um para o outro e a maneira com que suas mãos me adoravam, arrancaram de vez todas as dúvidas.

— Você é linda demais, Jas... — ele sussurrou. — Tão gostosa que não sei se vou conseguir ser seu príncipe.

Acariciei seu rosto e toquei seus lábios de leve com os meus.

— Você é meu príncipe, Tray. Um príncipe arrogante, safado e desbocado. Mas é o único que eu quero.

Ele me pegou no colo e me colocou sobre a cama, não se juntou a mim antes de fazer uma reverência como um verdadeiro príncipe faria e me arrancar um riso bobo.

Depois deitou-se ao meu lado e segurou minha mão.

— Se eu for babaca, chuta bem aqui... — Ele apontou para o meio das pernas e eu ri outra vez. — É sério, Jas. Você merece perfeição, mas eu... Meu ritmo é imperfeito.

— E eu amo você, exatamente assim.

Ele voltou a me beijar e suavemente desceu as alças do meu sutiã, despindo meus seios. Me beijou ali, me deixando ainda mais excitada que antes e pronta para o próximo passo.

Seus dedos me tocaram sobre a calcinha, o atrito entre minha carne e o tecido fazia com que eu o quisesse ainda mais, desesperadamente.

Ergui o quadril na direção da mão dele, pedindo por mais e Tray finalmente afastou o pequeno pedaço de pano para o lado e me tocou onde mais o queria.

Senti seu toque escorregar pela extensão do meu sexo, enquanto um gemido rouco escapava pelos lábios dele.

— Está prontinha *pra* mim, flor.

Sua boca tomou a minha, afoita e nosso beijo passou a ser brutal. Ele mordeu meu lábio com força enquanto arrancava minha calcinha com avidez.

Suas mãos deixaram meu corpo e eu o vi descer a calça e a cueca junto, me dando a visão de seu corpo completamente nu.

Meus olhos estavam por toda parte, eu nunca o tinha visto assim e precisava decorar cada pedacinho dele.

Ainda assim, evitava olhar para o ponto chave entre suas pernas. Senti meu rosto se aquecer e a vergonha me dominar.

— Que foi, Jas?

Eu olhava para o teto e as paredes, de preferência.

— Ele está louco *pra* te conhecer, e você fazendo essa falta de educação.

Estreitei os olhos e o encarei.

— *Tô* brincando, não precisa olhar, tá bom? — ele me tranquilizou.

Apenas concordei com um gesto de cabeça.

Tray me tocou outra vez, enquanto beijava meu corpo todo, acendendo ainda mais o desejo e me deixando alucinada. Eu o queria tanto que me contorcia em seu toque, buscando por algo que nem compreendia, mesmo que o que estava sentindo já fosse muito.

Ele rasgou a embalagem de um preservativo e o vestiu com rapidez e então houve um toque diferente, próximo a minha entrada e abri os olhos, de repente racionalizando tudo.

— Eu vou devagar e é só me socar que eu paro.

Assenti e segurei em uma das mãos dele.

Assim, olhando nos meus olhos, Tray encontrou o caminho para dentro de mim e lentamente deslizou seu corpo para o meu. Senti quando sua rigidez rompeu o impedimento que havia ali e fechei os olhos ao ser invadida pela dor aguda.

Tray não se moveu, esperando que eu me adaptasse à novidade; ele apenas me beijou devagar, enquanto dizia o quanto me amava e como me queria.

Aos poucos a dor foi diminuindo, mesmo que ainda estivesse presente.

Quando eu acenei para que continuasse, Tray não foi bruto, rápido e nem intenso demais. Ao contrário de todas as brincadeiras que havia feito, ele foi sensível e doce. Recebeu aquilo que eu oferecia sem pedir por mais em nenhum momento.

Ele me amou com tanto carinho e devoção, que não estranhei atingir um orgasmo mesmo ainda dolorida, porque, apesar do ponto pulsante que doía um pouco, em todo o resto do meu corpo, suas mãos, seus beijos e seu amor por mim transbordavam.

Tray chamou meu nome naquela noite, mas ele provavelmente afirmaria

o contrário.

Adormeci em seus braços e apenas me desvencilhei dele quando o dia amanheceu, para entrar em casa antes que minha avó despertasse.

Deixei-o dormindo. Um braço cobria seu rosto e ele era a coisa mais linda do meu mundo.

Eu jamais poderia suspeitar que as coisas mudariam tanto.



Jasmim

PRESENTE

— Onde foi que você se meteu, Jas? — Ouço a voz dele e seus passos na escada.

Cruzo os dedos torcendo para que ele não invente de olhar aqui dentro. Parece improvável, mas nossas mentes, em algumas coisas, funcionam de modo muito parecido.

Andy me chama poucos instantes depois:

— Jasmim? Tem que ficar na frente do banheiro!

— É, tem mesmo — ele diz.

Pior que estão certos. Tray se afasta, indo para fora da casa. Sei disso porque os gritos acompanham os passos se distanciando e aproveito a deixa para deixar aquele que já foi o túmulo de alguém.

Dou de cara com Andy apenas me esperando, de braços cruzados.

— Troca de lugar comigo? — peço, sussurrando. — Fica no banheiro e eu circulo entre as pessoas.

— Pode ser, mas você vai me contar tudo depois. Com detalhes.

Concordo com um gesto e ela apenas sorri, antes de se virar e subir alguns degraus da escada.

— Tinha um homem comigo, no quarto. Parecia um príncipe árabe, um sultão ou coisa assim. Lindo de morrer e muito mal-humorado...

Faço sinal de silêncio.

— Shhhh... É o dono da festa, Andy e ele não é mal-humorado, ele até te

levou no colo.

Ela franze a testa e me olha como se eu fosse louca.

— Claro que é! Ficou reclamando o tempo todo, falando que não acreditava em uma idiotice dessas, desmaiando por aí e tal... Como se eu tivesse escolhido desmaiar!

— *Pragaaaaaaa...*

Claro que Tray não demoraria a descobrir que eu não estava do lado de fora.

Faço um gesto de dispensa *pra* Andy e me volto na direção oposta de onde ele vem, corro exatamente para onde a festa acontece, talvez no meio da multidão seja mais fácil convencê-lo de que devemos conversar depois.

Passo pela cozinha antes, pego uma bandeja de comida e saio porta afora.

Uau!

É um oásis! Tem areia por todo o chão, plantas exóticas e uma fonte que jorra alguma coisa borbulhante. As pessoas estão vestidas a caráter, as mulheres são estonteantes, vestem saias de tecido leve e esvoaçante, os abdomens malhados à mostra e os longos cabelos envoltos em seda.

Os homens usam túnicas longas e turbantes, outros preferem os coletes abertos e calças largas, mas todos os convidados estão caracterizados como egípcios, árabes ou seja lá o que.

E não era piada do Tray... Realmente, de imediato, vejo dois camelos no quintal. Estou parecendo uma louca, parada no meio do lugar, com a comida aprisionada e observando tudo. O que me tira do transe, é o anfitrião, que passa por mim caminhando tranquilamente com um tigre ao seu lado.

— Mali, cumprimente as pessoas — ele diz ao animal, como se este fosse compreendê-lo.

Eu, hein! Esse lugar é muito absurdo.

Voltando a mim, começo a andar por entre as pessoas, servindo a comida exótica, que alguém afirma ser kebab. Já tinha ouvido falar muito, mas nunca havia visto pessoalmente, então terei que acreditar no que me

dizem.

Ouçõ uma música melodiosa, claramente árabe e algumas dançarinas assumem um palco ostentoso. Elas começam a remexer o quadril inacreditavelmente em uma dança do ventre, ao som da letra que diz algo como: *ali, ali, aliiii...*

— Moça, eu quero um desses!

No mesmo instante reconheço a voz de Josh, mesmo que eu estando de costas ainda não o tenha visto.

Se eu me virar, todos vão querer saber o que estou fazendo aqui, mas principalmente sobre o porquê de estar ignorando Tray, então apenas continuo andando, como se não tivesse escutado.

— Ei, moça!

O esfomeado toca meu ombro.

Suspiro, cedendo a situação desastrosa e me viro com um sorriso no rosto.

— Oi, pessoal! — falo, fingindo casualidade, como se fosse a coisa mais natural do mundo encontrá-los aqui.

Claro que meus olhos se abrem um pouco ao vê-los vestidos assim. Os rapazes, eu diria que estão engraçados com essas coisas enroladas nas cabeças, mas Julia e Anelyse estão perfeitas, em seus trajes típicos, pedraria pesada e maquiagem de henna.

O que me lembra do que eu estou usando. Meu uniforme, claro.

— Jas? — Ashton encara meu rosto primeiro, que ele reconhece mesmo com a máscara e depois nota a bandeja. — Ihhhh, trabalhando em eventos de novo? O Tray já te viu?

Estreito os olhos, reagindo a atitude dele.

— Já viu, sim. Inclusive está me procurando até agora — falo, abrindo meu sorriso mais falso.

Julia abafa uma risada, mas Anelyse nem disfarça.

— Aiii, Deus! Eu shippo tanto vocês dois!

— Para de falar igual adolescente, Ane — Ashton critica e ela mostra a língua *pra* ele, o que acaba me fazendo rir também. — Mas é sério, Jas... Por que não fala com o Tray?

— Vou falar, mas não agora. Estou trabalhando.

Ele e Josh se olham, parecendo achar um absurdo que eu esteja trabalhando aqui.

— Olha só, do jeito que agem, faz parecer que estou roubando ou matando. Não estou nem mesmo fazendo algo moralmente duvidoso, é um trabalho digno e paga minhas contas — explodo com os dois, apesar de meu tom ainda ser contido.

— Ei! Calma aí, onça — Ash diz, me lembrando o modo como se referiam a mim anos antes. — Não estou dizendo o contrário, o problema não é o trabalho, mas você não precisava disso, Jas. Podemos te ajudar...

— Claro que preciso! Eu não toco, não canto e muito menos fiz sucesso... Vocês são famosos, Ash. Eu sou amiga de vocês, mesmo que nem isso seja igual antes. Mas isso não quer dizer que tenham qualquer obrigação de me ajudar.

Eles parecem sem jeito com minha resposta e me sinto mal, estão apenas querendo ajudar e eu acabei sendo grossa, por razões que eles nem podem imaginar.

— Não assim — continuo. — Mas vou aceitar o emprego, tudo bem? Já me ajudam muito com um trabalho e preciso mesmo dele agora.

— Então por que está fugindo do Tray? — Julia é quem questiona, ela parece confusa e nem posso culpa-la. Eu também estaria. — Fala que vai aceitar o trabalho, que ele te deixa em paz e volta a aprontar por aí.

— Se eu fizesse isso... — Eles todos me olham, esperando e digo, apesar de não ser bem a verdade. — Não seria tão divertido e bom, eu adoro provocar o cretino.

Josh solta uma gargalhada com minha resposta, mas vejo quando o riso cessa de repente e ele olha com espanto para um ponto atrás de mim e acabo me virando para entender o motivo de seu silêncio.

— Ai meu Deus! Ele subiu no bendito camelo... — falo, sem conseguir

segurar o riso, ao ver Tray *camelando* em nossa direção com um sorriso imenso no rosto.

— Merda! Ele ficou maluco? — Ashton parece preocupado.

— Será que... — Julia começa a perguntar algo, mas logo se cala.

Fotógrafos saem de todos os cantos e os flashes pipocam. Eu nem sabia que havia tantos deles na festa.

— O que ia perguntar, Ju? — Ane interroga a cunhada.

— Bom, ia dizer que era melhor alguém falar com ele antes que tirassem fotos. Agora esqueçam, amanhã teremos manchetes falando sobre os direitos dos animais e toda essa coisa. Ai, meu Deus. Mal saímos de um escândalo e entramos em outro...

Franzo o cenho ao notar a preocupação de todos eles.

— Gente, é o Anders. Esperavam o quê? E assim, não é como se o camelo estivesse sofrendo, é um animal de carga que já levou coisa bem mais pesada que um guitarrista criança. Ele suporta pelo menos quatro Trays!

Josh abre um sorriso.

— Você não está calculando uma coisa — ele diz.

— O que?

— O ego dele... Pesa uma tonelada.

Em meio a uma risada, noto que Tray já está chegando do nosso lado e me meto no meio dos outros, tentando desaparecer da frente dele.

— Florzinha! Te achei... Vem dar uma volta de camelo comigo.

Claro que ele iria notar minha tentativa de escapar.

— Nem em sonho, Anders.

Ele parece fascinado pelo animal, fazendo carinho e tudo. Eu só consigo pensar em como fede.

Nunca tinha estado diante de um antes e com certeza é um animal com um odor desagradável, mas ainda prefiro estar perto dele que do tigre imenso que vi circulando com Azal e, olhando de perto, nem é um camelo, é um

dromedário.

— Praguinha, vem! Precisamos conversar, a gente *camela* e fala. Que tal?

— Eu já estou *camelando* aqui, afinal o significado *pra* mim é outro. Passo na sua casa amanhã e conversamos, é só avisar *pra* me deixarem entrar. E já que está tão interessado, deveria saber que é um dromedário.

Ele me olha sem acreditar.

— Claro que te deixariam entrar. E não, Jas! Olha aqui, é um CA-ME-LO. Muito gente boa, por sinal.

Suspiro e acabo rindo no processo. Ele é tão bobo que não consigo me manter séria.

— Camelos têm duas corcovas, Tray.

Ele olha para baixo e ouço uma voz atrás de mim.

— E eles vivem na Ásia. Nas Arábias os dromedários são bem mais comuns.

É nosso anfitrião outra vez, aliás, anfitrião deles. Abro um sorrisinho e tento sair pela tangente, antes que o homem decida que não estou merecendo meu pagamento — o que não seria uma mentira.

Mas Tray me grita antes, claro.

— Jas! Sobe no dromedário, flor.

— Tray, se manca, cara! Se a Jas subir nesse bicho com você, os dois vão estampar todas as revistas e jornais amanhã. Sai daqui... — Ashton fala exatamente o que estou pensando. E temendo.

— Ahhh, saquei! Eu vou *pra* lá então — ele concorda, mas me olha com firmeza. — Mas vou ficar aqui até a festa acabar e vamos conversar no final.

De repente uma odalisca aparece no nosso meio, atrapalhando a conversa e dançando como se não fosse nada demais.

Olho *pra* Julia e Anelyse e as duas parecem achar graça, eu por outro lado estou bastante aturdida, além de achar a dançarina abusada, se insinuando assim pro Tray, sem nem pedir licença.

— Essas festas são sempre assim? — pergunto, curiosa.

— As do Azal, sim — Julia responde e o homem sorri considerando um elogio.

Olho ao redor. Tray está dançando de cima do animal, tentando imitar a bendita mulher e eu sinto a areia que já se infiltrou nos meus pés.

Observo os animais exóticos e as pessoas caracterizadas e finalmente dou de ombros. Pareço estar num daqueles sonhos estranhos, onde tudo pode acontecer, mas tenho coisas muito mais sérias para me preocupar. Inclusive já é hora de ligar em casa e tratar de me preocupar com a minha vida nada artística.

— Ahhhhhhhhhhh. — Ouço o grito de Andy.

Levo a mão à testa em um gesto desesperado e, mexendo apenas a boca, peço desculpas a Julia, porque já imagino que o motivo do grito esteja à minha frente, todo músculos e tatuagens.

— É ele! Ai meu Deus!!!

Julia está rindo, o que é um alívio, mas Ashton parece desconfortável porque várias pessoas que estão ao nosso redor, começam a olhar, estranhando a comoção. São todos famosos, artistas ou muito ricos, e esse tipo de gente quando se reúne com certeza pensa estar em um lugar seguro, onde não será incomodada por fãs desvairados.

O drama culmina quando me viro *pra* ela, tentando administrar a situação.

— Andy, se parar de gritar Ashton vai tirar uma foto com você, não é Ash?

Olho *pra* ele pedindo confirmação e Ashton abre um sorriso de um milhão de dólares *pra* ela.

— Claro, Andy! Vem aqui...

E pronto. Puft! Andy está no chão outra vez.

Os paparazzi não levam três segundos para se juntarem ao nosso redor, nem sei porque inferno eles permitiram a entrada desse povo em uma festa como essa, mas eu apenas tento cobrir o rosto com a bandeja, o que dá ainda

mais errado já que acabo derrubando o kebab todo no chão.

O pobre milionário do Azal olha *pra* Andy inconformado e eu simplesmente não sei o que fazer.

— Alguém precisa pegar ela daí — digo, esperando que alguém se mova.

Suspirando, Azal Patel se abaixa outra vez, coitado, e pega Andy nos braços, levando-a para dentro.

Tray se afasta rindo, com sua cavalgada e eu olho bastante envergonhada para os outros.

— Me desculpem. Ela é minha amiga, muito fã da Dominium e eu não tinha contado que conhecia vocês. A noite toda tem sido um choque *pra* Andy.

Ao menos eles parecem achar engraçado, sem raiva.

— Bom, gente... Foi ótimo falar com vocês, vou circular. Nos falamos depois.

— Tudo bem, mas Jas... O emprego na mansão é sério. Você vai mesmo, né?

É Anelyse quem diz e os outros parecem concordar. Olho de um para outro e acabo assentindo, no fim das contas sei bem que vou precisar fazer isso.

Na verdade, tenho evitado uma conversa honesta com Tray, mas às vezes o que queremos e o que devemos fazer pelo bem das pessoas que amamos, são coisas diferentes. Não é como se eu não tivesse tentado, planejei contar a ele várias vezes e sempre acontecia alguma coisa que me impedia.

As próximas horas se passam sem que eu fale com Tray ou Andy outra vez, meus dois problemas da noite. Minha chefe me informou de que Andy já havia se recuperado e estava no banheiro, em meu antigo posto.

Evitei o andar e, com efeito, suas perguntas. Ao menos por uma noite.

Já Tray, eu via de longe. Dançando animadamente com a tal odalisca abusada e se engraçando com uma modelo.

Nessas situações sempre preciso me recordar de que fui eu que escolhi

isso, eu não quis levar as coisas adiante por motivos muito sólidos e eu não tenho porque sentir ciúmes dele.

Azal começou uma dança árabe que achei engraçada e nada sensual e seu par parecia ser o tigre. Ele era um homem simpático, mas muito excêntrico.

Depois disso duas odaliscas brigaram e Tray tentou, em vão, separá-las. Prefiro não saber a razão da briga. Por fim, o vi encher uma taça na fonte e, pelo bem do estômago dele, espero de verdade que seja uma bebida adequada para consumo jorrando dali. Porque se não for...

No fim da noite a equipe do buffet começou a organizar tudo para irmos embora. Jane, nossa chefe, sempre nos levava de volta para o barracão onde ficavam os utensílios e a van, e de lá nos liberava para irmos embora.

Quando não tinha quem me buscasse, chamava um táxi em razão do horário, mas dessa vez apenas me certifiquei de enviar uma mensagem *pra* Adam, que confirmou me buscar na porta do evento em meia hora.

Com isso resolvido, escapo para falar com Anders, afinal eu não posso perder minha carona e ainda preciso encontrar Andy para irmos juntas.

Eu o encontro sentado na areia, fumando um cigarro e olhando pro céu. Sozinho, mesmo que ainda tenham outras pessoas no quintal e na casa.

Meu coração ainda se aperta quando o vejo, principalmente quando ele tira o sorriso enorme do rosto e parece perdido em seus pensamentos. Queria tanto que as coisas tivessem sido diferentes, mas hoje aceito melhor que minhas decisões não foram racionais e que eu não estava completamente sã quando as tomei.

— Ei, peste... — chamo.

Ele olha por sobre o ombro e me abre um sorriso.

— Senta aqui, praga.

Atendendo ao seu pedido, me sento na areia com minha calça preta. Vai sujar, mas esses momentos valem a pena.

Eu sou mesmo uma idiota, depois de tudo ainda adoro o tempo que passo com ele, principalmente no momento conturbado que estou vivendo, quando tudo que deveria fazer é me afastar de Tray, mas ele é o único que

consegue me fazer sorrir, tendo tantos motivos para chorar.

Tray está olhando para as estrelas em silêncio. Eu solto meus cabelos, relaxando um pouco e o acompanho. Está tudo silencioso aqui perto, o som já foi desligado e eu apenas espero.

— Lembra que fazíamos muito isso? Eu tocava violão, você cantava comigo e a gente olhava as estrelas...

Apenas assinto. São lembranças boas demais, mas que prefiro não visitar.

— Por que você tem fugido? Eu sei que nos afastamos e percebi que te ver foi ficando mais difícil. Você aparece quando quer, depois some por muitos meses.

Não tenho coragem de explicar tudo e nem sei se devo. Eu deveria ter feito isso há muito tempo e realmente quis fazer, ao menos depois que voltei a mim de toda aquela dor...

— Pensei que fosse o trabalho *pro* tal ricaço, mas era mentira. Você não aceita ajuda, Jas. Não me conta nada, foi demitida e não sei nem onde está morando. Eu fico puto com isso, cego, no escuro e não posso ajudar a única pessoa que me importa, além dos que já estão comigo.

— Desculpa... — falo com sinceridade. — Não é minha intenção te deixar mal, preocupado. Eu só não sei o que dizer ou fazer, Tray. As coisas são diferentes agora.

— Por que? Por que porra, as coisas são diferentes, Jas? O que foi que eu fiz?

— Não é sua culpa — falo, me sentindo mal pela meia verdade. É culpa dele, mas também é minha. — Só que a vida aconteceu... Você é o rei da guitarra e eu sou uma garçonete, vendo sorvetes, faço coisas assim. Temos vidas diferentes.

Dou de ombros, esperando que seja uma explicação aceitável.

—Não tinha que ser assim. — Ouço o resmungo dele.

Decido ignorar. Odeio quando ele faz comentários desse tipo, como se tudo o que mais quisesse fosse ter ficado comigo, porque mesmo que eu tenha terminado, foi ele quem destruiu nossas chances.

— Eu pensei no que me propôs e decidi aceitar o emprego, vou começar amanhã de manhã, mas só se prometer não ficar me azucrinando. Eu preciso muito da grana, mas não vou lavar suas cuecas, já falei.

Ele suspira, pesado.

— Mas que merda, Jas. Eu posso te ajudar, *pra* que vai trabalhar na mansão? Não faz sentido essa arrogância toda.

— Não quero que me sustente, Tray. Eu não sou nada sua...

Me arrependo assim que digo. Não é bem o que eu quero dizer, apenas me refiro ao fato de ele não ter obrigação para comigo. Mas claro, Tray não entende assim.

— Ahá — ele diz e fecho os olhos já esperando a briga que eu não quero ter. — Então não é nada minha? Você é fria, Jas. Me descartou igual um pedaço de pão velho. Duas vezes! E ainda diz na minha cara que não significo nada.

— Anders, sem melodrama. Eu não disse isso e não foi assim que aconteceu...

— Ah, não? Do jeito que me lembro, foi sim.

Toda vez que ele toca nesse assunto sinto meu sangue subir. Porque é tão injusto.

Eu sei o que ele fez. Mas ele não sabe que sei e fica pagando de injustiçado quando, na verdade, fui muito justa, mais que justa quando não culpei meu melhor amigo, pelas atitudes idiotas do homem que eu amava. Independentemente de serem a mesma pessoa.

Mantive Tray, meu confidente, meu parceiro de risadas e meu apoio em momentos difíceis e o protegi do caos que minha vida se tornou. Me afastei da outra parte dele, que jamais seria minha de verdade e que sempre me faria sofrer.

Tray não se comprometia em relacionamentos amorosos. Aprendi isso, forçada pela vida. Mas comigo, a amiga, ele se comprometia cem por cento. Então, que fosse assim.

No meu coração, ele se tornou duas pessoas. A que eu amava e queria manter ao meu lado e a que eu odiava por ter estragado tudo. O problema, é

que não é fácil assim, porque apesar dessa distinção ter sido o que me impediu de perder a amizade dele, sei bem que Tray Anders é apenas um e que o que ele fez, pode ser esquecido em nome do que temos, mas o que eu fiz... Ele jamais perdoaria, e mesmo que eu explique o que me levou aquilo, não sei, a maioria consideraria drama.

— Eu não quero brigar. Vou embora, Adam está lá fora...

— Quem? — O rosto dele se virou *pra* mim rapidamente e pela milésima vez na noite, me arrependi de ter dito algo.

Isso iria tornar meus dias na mansão mais complicados.

— Adam, você lembra dele. Morava perto de nós... — Ainda assim, não posso deixar de explicar.

— Eu lembro. Mas que merda ele tá fazendo aqui? Por que está te esperando?

— Veio me buscar, ficou tarde *pra* ir embora de ônibus.

— Claro. Eu não sei onde você mora, mas um cara qualquer pode te pegar e levar em casa.

— Não é assim, Tray. Adam não é...

— O que? Ele é especial? — me interrompe. — Não fode, Jas. Tá namorando esse cara?

— Não estamos namorando.

Ele me olha de maneira intensa, esperando que eu explique minha relação com Adam. Mas não posso, não sem entrar em outro assunto que não estou pronta para compartilhar.

— É complicado, tá? Ele gosta de mim, mas não somos namorados.

Ele simplesmente se levanta e me dá as costas, andando *pra* dentro da casa.

Fico o observando até que não consigo mais vê-lo.

Não sei que inferno eu tenho feito da minha vida, mas preciso resolver isso antes que eu fique louca. Eu preciso muito encontrar forças *pra* dizer tudo que tenho entalado há tanto tempo.



Tray

ONZE ANOS ANTES

Eu não podia acreditar.

No último ano, conseguimos gravar nossos singles e agora eles estavam espalhados por toda Seattle.

Não havia mais uma pessoa na porra da cidade que não conhecesse a Dominion e, nas cidades da região, nosso nome também estava crescendo.

Não demoraria muito para alcançarmos nossos objetivos.

Estávamos abrindo um show para uma banda indie, que tinha um público imenso e lá de cima do palco, vendo todas aquelas pessoas cantando, acompanhando nosso som, pude ter um vislumbre de como as coisas ainda iriam ser.

Ashton mandou muito bem e nossas redes sociais tiveram um salto gigante no número de seguidores, da noite para o dia.

Jasmim assistia ao show da primeira fila, cantando junto e nos aplaudindo ensandecida. Era minha garota e onde a Dominion se apresentava, também estava.

Quando Ash e Josh fizeram uma pausa, fiz meu solo que havia sido ensaiado diversas vezes e sorri satisfeito com os gritos da plateia.

Terminei tremendo um pouco de nervosismo, mas sabia que tinha sido foda.

Quando nossa parte acabou, descemos por trás do palco e seguimos na direção do camarim menor, reservado para nós.

— Cara, eu senti uma energia... Um dia esses gritos serão todos *pra* nós.

Ashton se referia ao barulho ensurdecador que podíamos ouvir, vindo dos fãs ao avistar a banda oficial, entrando no palco.

Abri a porta do camarim e parei. Ash e Josh pararam atrás de mim, esperando que eu liberasse passagem.

— O que foi? — Josh perguntou.

Abri espaço para eles, revelando as duas garotas que haviam invadido a sala.

Jasmim chegou pouco depois, acompanhada pela prima, Chrystal. Pelo olhar maligno que Jas lançou às garotas, não gostou nem um pouco de encontrá-las ali.

Eu a abracei e beijei e depois me juntei aos outros para autografar os guardanapos que as meninas tinham trazido. Não era todo dia que alguém pedia nosso autógrafo, ainda que ficasse cada vez mais frequente.

Pouco depois elas nos deixaram sozinhos e voltaram para o show.

Então nos sentamos no sofá velho que haviam disponibilizado *pra* nós e começamos a beber e conversar. Eu estava pilhado *pra* caralho.

— Era muita gente, porra! Quantas pessoas será que tinha lá embaixo? — perguntei.

— Umas vinte mil? — Josh sugeriu.

— Menos. Dez mil, talvez... — Ashton comentou.

— Era gente *pra* cacete.

Ashton desdenhou.

— Que nada. Ainda vamos tocar *pra* duzentas mil pessoas, escrevam isso aí. Que tal tatuar isso, Tray? — ele brincou apontando para os meus braços que haviam conseguido mais algumas tatuagens no último ano.

— Só se fizer comigo. Tipo um pacto, cara.

Ele riu. Ashton também se rendera às tatuagens e já tinha ao menos umas cinco.

— Conseguiram até umas fãs perseguidoras. As coisas estão evoluindo, meninos — foi o comentário de Jasmim.

— Está com ciúmes, florzinha?

Ela apenas ergueu a sobrancelha e fez que não. Mas cruzou os braços, o que era nitidamente um sim.

— Se for ficar assim, melhor largar o astro, Jas — Chrystal comentou, provocando a prima. — De agora *pra* frente vão ter loucas invadindo quartos de hotéis... Pode ser que ele seja raptado. Precisa se preparar.

Jas não parecia nada satisfeita com a brincadeira.

— Ah, pode deixar que eu as ajudo a encontrar o limite. Nada de invasão.

Ash estendeu uma garrafa *pra* ela, que a pegou de um jeito meio brusco.

— Bebe aí, oncinha. Relaxa, ninguém tira tua praga. Acha mesmo que mais alguém ia querer? — ele brincou.

— Acho sim — Jas respondeu, arrancando uma risada dele e do Josh.

Eu a encarava sério, notando que aquilo realmente a estava incomodando.

— Vem cá, praguinha. Senta aqui...

Puxei Jas pro meu colo e a abracei forte.

— Eu e você, Jas, somos eternos.

Beijei seus lábios gelados, com gosto de cerveja, mas nos separamos quando uma almofada me acertou bem na cabeça.

Olhei pros meninos com raiva, mas eles estavam se contorcendo de rir e só então notei que era Chrystal que havia nos atingido e por isso eles achavam tanta graça.

— Ahh, Chrystal! Vou contar *pra* sua avó que anda me provocando! Ela não vai ficar satisfeita, sou o menino de ouro da vovó Lisa.

Ela riu ainda mais com isso e logo Jas e eu também estávamos rindo.



Alguns meses depois, infelizmente as coisas começaram a mudar entre Jasmim e eu.

Estávamos nos beijando no quarto dela, de preguiça na cama depois que cheguei do trabalho.

Jasmim inventou de fazer um jantar *pra* nós e eu pedi que pegasse dinheiro na minha carteira, antes de ir ao mercado.

Ela abriu a mochila que eu levava pro lava-rápido e demorou um pouco mais que o previsto para voltar *pra* cama.

— Jas? Vai roubar todo meu dinheiro, amor?

Ela se virou na minha direção. Os olhos marejados e o rosto vermelho.

Me sentei na cama, pressentindo que algo não estava legal.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa?

— Se aconteceu? — Ela caminhou rápido na minha direção e jogou alguma coisa no meu rosto, com fúria. — Me diz você o que aconteceu!

Levei uns instantes *pra* agir, assustado *pra* cacete com sua reação.

Olhei pro lado, procurando o que ela havia jogado e encontrei uma calcinha embolada no chão, perto dos meus pés.

Peguei o tecido com as pontas dos dedos e franzi o cenho.

— Eu não tenho nada com isso, Jasmim. De onde tirou esse pedaço de

pano?

— Sério? — Ela se afastou outra vez e caminhou até onde minha bolsa estava.

Furiosa, Jasmim começou a retirar tudo de dentro dela e a jogar no chão com força, completamente pirada.

— Jasmim! Tá achando o quê? Que vai achar mais cinquenta calcinhas aí? Virei revendedor de lingerie agora?

Péssimo momento *pra* provocar a fera.

Por sorte era só minha marmita de comida, vazia. Porque passou voando ao lado do meu ouvido e foi aterrissar na parede atrás de mim.

— Eu vou te matar, Anders!

Em instantes ela estava sobre mim, socando meu peito enquanto chorava sem parar. Apenas a abracei, esperando que se acalmasse. O surto durou ainda um minuto ou dois, mas logo seus braços cederam e apenas o choro continuou.

Acaricieei seus cabelos, enquanto ela se agarrava com força em mim. Então afastei seu rosto e olhei em seus olhos pretos.

— Amor, sabe que isso é piração, não sabe? Eu jamais faria uma besteira dessas. Não preciso trair você, Jas. Eu tenho tudo que eu quero.

— Mas... — Ela fungou. — Era uma calcinha, na sua bolsa de trabalho.

— Jasmim, só tem homem lá, sabe disso. Quando saio do trabalho venho sempre te ver e ficamos juntos até tarde. Eu ensaio, trabalho, te vejo e vou dormir. Nem tempo *pra* outra garota eu tenho.

Ela me analisou, tentando ver se eu dizia a verdade e, caralho... não pude entender como ela podia pensar algo assim. Jasmim era minha vida, mais importante que qualquer coisa ou pessoa.

— Então... — Ela não completou a frase.

— Então não sei. — Meu sorriso se abriu, enorme. Provavelmente iria irritá-la, mas não pude controlar a empolgação. — Jas! Eu tenho uma fã doida! Isso é demais, nem acredito!

A expressão dela não demonstrava alegria.

— É sério, florzinha! Daqui a pouco vão até invadir meu trabalho. Meu patrão vai me demitir porque não pode lidar com o assédio.

— E acha isso bom? Eu podia ter te matado agora mesmo por achar que estava saindo com outra pessoa.

— Podia nada! Você é fraquinha.

Os olhos dela eram pura fúria.

— Anders! Você quer mesmo ser morto? Para de me provocar.

Jasmin

Eu não estava sabendo lidar.

Não era o sucesso que começava alcançar a Dominium, nem o dinheiro que começava a entrar em forma de cachê.

Nem mesmo os fins de semana que passávamos pulando de um palco improvisado *pra* outro, abrindo shows de bandas maiores e mais conhecidas.

Meu problema era unicamente ciúme.

Tray sempre tinha sido o mais sociável dos três, o mais carismático e, com isso, as garotas davam em cima dele onde quer que se apresentassem.

Ele nunca tinha me dado motivos *pra* achar que fosse fazer algo que me decepcionasse, mas infelizmente a maturidade que me acompanhava em todo o resto, não estava presente quando o assunto era Tray e outras garotas.

Eu tentava me convencer o tempo todo de que ele não tinha culpa das coisas que vinham acontecendo, mas depois da lingerie, coisas semelhantes aconteceram. Um bilhete no bolso da jaqueta dele, uma mensagem estranha e ligações que eu atendia e era desligadas na mesma hora.

Estávamos todos na sala da casa de Ashton, comemorando o aniversário dele e eu já havia bebido quatro copos de uma batida estranha, mas muito gostosa, quando algumas meninas chegaram.

Ashton havia convidado muita gente, e boa parte das pessoas eu nem conhecia.

Mas reconheci Samantha e Monica logo que entraram.

Faziam dois anos, mas e daí? Era a última menina com quem ele havia saído antes de começarmos a namorar e isso por si só já a colocava na minha lista de aniquilação.

Elas se aproximaram de onde estávamos sentados e cumprimentaram os garotos com beijos no rosto, incluindo Tray. *Pra* mim, apenas um aceno sem graça.

As duas se afastaram e misturaram-se às outras pessoas e Tray me virou *pra* ele.

— Jas? Que foi? — Ele sempre reconhecia minha cara de oncinha, como Ashton adorava chamar.

— Não gosto dessa Monica.

Ele riu.

— Florzinha, tem que parar com esse ciúme bobo. Isso já tem muito tempo.

Eu o encarei, demonstrando meu descontentamento e decidi mostrar a ele que eu não era a única surtada ali.

— Adam! — gritei, acenando.

O rapaz me viu e caminhou sorrindo na nossa direção. Nós havíamos estudado juntos e fomos amigos; Adam chegou a me chamar *pra* sair uma vez, mas nunca aconteceu. Tray e eu ficamos juntos antes disso.

— E aí, Jas! Tudo bem?

Acenei efusivamente. Talvez fosse o álcool, mas eu quis afrontar Tray para ressaltar que ele também era ciumento.

— E você? Como vai?

— Muito bem. Anders... — ele cumprimentou Tray, que o olhava com cara de assassino.

Tray não respondeu.

— Quer dar uma volta, Jas? — perguntou.

Ai, droga. Erro de cálculo, não imaginei que ele fosse fazer algo assim.

Tray tinha o braço passado pelos meus ombros e deu uma boa olhada para sua mão sobre mim, para nossos corpos próximos e depois *pra* Adam.

— Eu não sei o que está havendo na porra da sua cabeça. Ou seriam

seus olhos? Não tá vendo que estamos juntos?

Adam nos encarou, entendendo a situação e abriu um sorriso sem jeito enquanto passava a mão pelos cabelos pretos.

— Foi mal, cara. Vocês sempre ficaram assim, abraçados e eram só amigos. Eu não entendi que isso tinha mudado.

— Ah, mudou — Tray respondeu. — Jas é minha namorada e isso tem dois anos.

— Eu não estava aqui, fui passar um tempo na casa da minha tia, fora do país. Voltei essa semana.

— Devia ter continuado por lá... — foi a resposta de Tray.

Adam assentiu e me deu uma última olhada, como se tivesse pena de mim. Então deu as costas e saiu.

— Precisava fazer isso, Tray? — sibilei.

— Precisava chamar o desgraçado aqui? Acha que não sei que ele queria te pegar?

Revirei os olhos.

— Isso tem muito tempo. Não foi o que me disse sobre a Monica?

Vi quando a compreensão chegou aos seus olhos, refletindo no sorriso cafajeste que eu amava.

— Sua safada! Fez de propósito *pra* me dar o troco.

Dei de ombros.

— Maluca! Eu tenho uma namorada muito maluca. Você sabe disso, Josh?

Josh apenas nos assistia em silêncio e confirmou com um gesto de cabeça.

— Viu? Josh sabe...

— Josh não sabe de nada — respondi.

Ele riu.

— Vem, vamos pro porão. A gente vai tocar um pouco.

— Vão indo, eu vou no banheiro — avisei.

Joguei uma água no rosto e retoquei meu batom. Eu não estava totalmente sóbria, havia bebido bastante e saí direto *pra* cozinha em busca de algo *pra* comer que pudesse amenizar o efeito da bebida.

Tia Eleanor havia feito hot dog, antes de sair. Tinha uma bacia cheia deles sobre a mesa e peguei um, tendo o cuidado de colocar bastante ketchup para ficar menos seco.

Dando uma mordida, desci as escadas para o porão, mas a cena que vi me fez paralisar.

Bem no meio do degrau que os meninos chamavam de palco, estava meu namorado e, pendurada no pescoço dele, uma garota desconhecida, que tentava beijá-lo de todo jeito.

Tray ria meio sem graça, enquanto tentava se soltar dela e virava o rosto fugindo de seus avanços.

Olhei para a cena e para o hot dog em minha mão. Teria que servir.

Caminhei a passos rápidos, meus tênis batendo no carpete do chão. Ninguém me viu ou ouviu chegar, o som estava muito alto.

Quando me notaram, o pão já estava afundado na cara da garota e o ketchup cobria parte de seus cabelos.

Ela abriu a boca horrorizada e soltou Tray.

— Sua vadia! — gritou.

O insulto era além do que eu podia suportar. A bandida tentava beijar meu namorado e ainda me xingava de vadia.

Enfiei as unhas dentro do pão e arranquei a salsicha para a colocar direto na boca aberta dela. Quem mandou mexer comigo?

Me virei para Tray, esperando o encontrar bravo ou surpreso, mas ele ria tanto que a mão já apoiava a barriga.

Ashton parecia achar graça também, mas Josh me olhava horrorizado, ele era muito certinho e provavelmente me achava uma doida de pedra.

Segurei a mão de Tray, puxando-o de cima do palco sob olhares curiosos, atentos, chocados e divertidos.

Ele ainda olhou para a garota uma última vez.

— Foi mal. Minha namorada é meio doida.

Acho que ela já tinha percebido isso, porque em minutos já tinha pegado sua bolsinha ridícula e dado o fora dali.

Com a paz restaurada no ambiente, deixei os meninos tocando, peguei uma cerveja e subi para o terraço, estava incomodada com a cena que tinha protagonizado e pensando sobre meus sentimentos sempre que acontecia algo envolvendo Tray.

Queria ficar sozinha. Apesar de avistar duas meninas mais longe, conversando perto da borda, elas nem mesmo me viram chegar, graças ao escuro.

Sentei-me no sofá e encarei o céu. As estrelas brilhavam mais dali de cima. Perdida em meus pensamentos, não ouvi ela chegar, até que se sentou ao meu lado.

— Está tudo bem? — Chrys me perguntou.

Olhei para ela, minha companheira desde sempre e tentei sorrir.

— Acho que sim... É que, não sei se consigo lidar com Tray e essas garotas.

Ela assentiu e ficou ali, do meu lado enquanto eu apenas refletia sobre tudo.

Um pouco depois, ela voltou a conversar.

— Essa banda é o sonho dele, Jas. Essas coisas, as garotas, são só consequências.

— Eu sei... Não pediria a ele *pra* viver de outro modo e sinto que é o que tenho feito, sabe? Indiretamente. Faz parte de quem ele é e eu preciso entender, aceitar, mas não lido bem com essa parte do sonho.

Minha prima me abraçou, pensando um pouco antes de emitir sua opinião.

— Eu acho que você precisa ser mais flexível e ele mais firme em afastar essas meninas. Vocês vão achar um meio termo, sempre acham.

Ela parecia ter tanta certeza, já eu, era toda feita de dúvidas.

— Eu vou voltar lá *pra* baixo. Quando quiser ir embora me chama, tá bom?

Assenti e voltei a ficar sozinha, com meus pensamentos confusos.

Não tão sozinha assim. As garotas do outro lado riam de alguma coisa e eu podia ver a luz fantasmagórica de um celular.

— Viu só? Tirei uma foto da menina com a salsicha na boca — uma delas falou.

Eu ri baixinho, pensando que eu também queria ter essa foto.

— A namorada dele é piradinha. Você viu que louca?

Bom, não precisavam falar de mim como se eu não estivesse ali.

Dei mais um gole na minha cerveja e suspirei.

— Logo ela vai rodar. Acha mesmo que o Anders vai manter essa menina por muito tempo? Ele pode ficar com quem quiser. Eu mesma estaria disposta.

A outra garota riu e eu senti meu sangue subir. A vontade de ir até lá e dar uns tapas nela era grande, mas me controlei porque já tinha feito cena demais *pra* uma noite.

— Ele é um safado — a outra completou. — Logo a menina nem vai passar pela porta por causa dos chifres. Acha que ela dá conta dele?

As duas riram.

— Florzinha? Você sumiu...

Era Tray, subindo as escadas para o terraço. A conversa das duas cessou. Idiotas.

— Estou aqui — respondi.

Ele sorriu quando me avistou, iluminando meu rosto com a lanterna do celular e as duas garotas passaram por ele, descendo a escada rapidamente.

Provavelmente com receio de que eu as jogasse dali de cima.

Vontade não me faltava.

— Está tudo bem?

Demorei um pouco a responder. Estava tudo bem? Os segundos foram se passando e cada vez mais eu tinha certeza de que as coisas não ficariam bem.

Eu começava a imaginar as turnês da banda, os shows em outras cidades, estados, enquanto eu seguia minha vida, cuidando da minha avó e sem poder acompanhá-la.

Logo a distância e a carência se colocariam entre nós e Tray me deixaria.

Eu deveria fazê-lo antes.

— Não consigo fazer isso, Tray.

Ele sorriu.

— Tudo bem, pode ficar aqui em cima então.

— Não. Eu falo de nós dois. A Dominium é seu sonho e está tomando forma, eu não vou ser um impedimento, nunca. Mas sinto que é exatamente o que tenho me tornado, sabe? Fico implicando com outras garotas, com ciúmes de coisas bobas e imagino que isso só vá piorar. O assédio vai aumentar e eu não vou saber lidar, não posso sair atirando salsichas no rosto das pessoas...

Apesar do meu comentário no final, que geralmente o faria rir, Tray me encarava confuso e muito sério.

— De que merda tá falando, Jas? Você não me atrapalha em nada.

— Claro que atrapalho. Vocês ainda não aceitaram fazer shows mais longe e, mesmo que ninguém diga, sei que é porque não posso ir junto. Eu fingi que não até agora, mas eu sei que é por minha causa. Porque sabe que não iria querer que se afastasse sem mim.

— Não fala besteira, Jas.

— É verdade. Você precisa estar sempre alerta quanto a essas garotas

pra eu não pirar... Vejo que não consegue curtir o que vem acontecendo por minha causa e eu não consigo não ter ciúmes, não consigo ver as coisas de outro jeito, como a namorada de um artista precisa ver.

— Florzinha, minha prioridade é você, a banda vem em segundo plano. Não é um problema, tá? Uma hora vovó Lisa não vai precisar mais de você e aí vamos viajar juntos. A Chrystal pode ficar com ela de vez em quando. Sobre as garotas, isso é bobagem. Eu as jogo pro Ash, pro Josh e tudo fica bem.

Balanço a cabeça decidida. Ele parecia certo, em algum ponto bem distante do meu cérebro eu pensava que podia funcionar, podíamos encontrar um jeito juntos. Éramos a peste e a praga, o mundo podia acabar, mas nós dois não.

Ainda assim, eu estava irredutível e muito sensível.

— Não. Não posso continuar atrapalhando seu sonho. Antes de mais nada você é meu melhor amigo e isso não pode ser culpa minha, não posso ser a namorada doida, que surta com qualquer coisa e atrapalha sua carreira, que te impede de viver... Estou terminando nosso namoro, Tray.

Ele se levantou em um pulo, as mãos voando para o rosto em um sinal de pavor.

— Ficou doida, Jasmim? Não vai terminar porra nenhuma! Eu não aceito isso.

Dei de ombros, secando algumas lágrimas.

— Não tem que aceitar. É isso, eu e você vamos voltar a ser apenas amigos.

— São dois anos, Jas! Não dá *pra* voltar ao que era.

Uma lágrima escorreu pelo rosto dele, o meu já estava molhado por elas.

— Eu vou cuidar da vovó Lisa e você vai fazer sucesso e, no futuro, quem sabe as coisas possam ser diferentes?

Me levantei determinada. Precisava sair dali logo, antes que eu mudasse de ideia.

Quando olhei em seus olhos, sempre gentis e alegres, era como se uma

nuvem negra houvesse descido sobre eles. Tray estava frio e distante.

— Não tem futuro, Jas. Se você me deixar agora, não vou te perdoar por isso.

Determinada, dei as costas a ele e desci as escadas, deixando a casa e saindo para a rua.

Caminhei sem rumo, passei pela minha casa e segui direto rumo ao rio. Só parei quando vi a água banhada pela lua e me sentei na calçada, pensando no que tinha acontecido.

Chorei por muito tempo, sem entender como uma noite que começara tão bem, havia terminado assim.

Os minutos se passaram, enquanto eu apenas refletia sobre tudo. Deve ter sido meia hora depois, ou mais, quando ouvi passos se aproximando e meu coração disparou. Ele tinha vindo atrás de mim, ia me garantir outra vez que tudo ficaria bem e eu iria deixar de ser imbecil e me agarrar a ele para nunca mais soltar.

Ergui o rosto para cima e encontrei os olhos azuis de Josh me encarando com pesar. Recomecei meu choro descontrolado. Por que eu tinha feito uma idiotice daquelas?

Josh se sentou ao meu lado e esperou que eu me acalmasse um pouco.

Depois falou:

— Tray disse que terminou com ele. Por que fez isso, Jas?

Funguei, tentando controlar o choro.

— Porque eu sou idiota. Eu bebi muito, aquelas meninas ficaram dando em cima dele e comecei pensar besteira. Aí subi pro terraço e ouvi umas garotas falando dele, de como ele iria se cansar de mim. Além disso, eu fico sempre barrando ele e vocês todos. Achei que era melhor, que era o certo, mas agora... Parece que arranquei um pedaço de mim.

Ele balançou a cabeça, afirmando.

— É porque arrancou. Você é tudo *pra* ele, Jas, e são perfeitos juntos, mesmo com seus ciúmes exagerados. E não temos problema com você, quando chegar a hora vamos dar um jeito nisso. Se a Dominium estourar,

pagamos uma acompanhante *pra* sua avó... Isso não tem que ser um problema.

Pensei um pouco sobre o que ele disse, as palavras finalmente pareciam encontrar compreensão dentro de mim. Talvez eu já estivesse mais racional.

— Como ele está? — perguntei.

— Arrasado, merda. Vim atrás de você quando vi que ele já tinha bebido quase o estoque todo da festa; ele disse um monte de coisas, estava nervoso e fazendo uma bagunça total. Eu acho... Acho que se você não voltar lá agora mesmo, ele pode fazer alguma besteira e aí essa bobagem toda não vai ter mais volta.

Demorei alguns segundos para compreender o que ele dizia.

Não. Tray não faria uma bobagem. Eu tinha acabado de terminar com ele!

Me levantei do chão e Josh sorriu *pra* mim.

— Vamos lá, oncinha.

Seguimos os dois em silêncio, me forcei a andar devagar porque não queria acreditar que Tray pudesse agir de maneira tão impulsiva, pouco depois de eu tê-lo deixado.

Mas me lembrava do tom de voz dele, falando que não perdoaria caso eu fosse embora.

Levamos algum tempo até chegar na casa de Ashton outra vez, entrei na frente procurando por Tray. Desci primeiro ao porão, mas não o vi em parte alguma.

— Lá em cima — Ashton avisou.

Suspirei aliviada. Ele estava no mesmo lugar onde eu o havia deixado.

Subi os degraus de dois em dois, com a lanterna do celular em riste, ansiosa para o encontrar, pedir desculpas pelo monte de bobagem que havia dito e abraçá-lo forte.

Mas alguém já o abraçava.

Quando cheguei ao topo da escada, apoiei a mão na parede para não me

desequilibrar, sendo que, na verdade, o equilíbrio que eu tinha dentro de mim, havia sido destruído com uma única cena.

Tray estava aos beijos com uma garota que eu não conseguia ver o rosto. O corpo dele era bem visível e as mãos dela se moviam pelas costas dele com uma intimidade que não deveria existir.

Os dois estavam tão distraídos no momento que não me ouviram e nem notaram que não estavam mais sozinhos. Enquanto algumas lágrimas escorriam, banhando minha alma em tristeza, eu apenas refiz o caminho de volta, silenciosamente.

Quando parei na porta do quarto de Ashton, me deparei com Josh, que tinha me acompanhado até ali.

— O que foi? — ele perguntou, notando meu choro.

— Você tinha razão. Ele fez besteira.

Os olhos dele voaram na direção da escada e vi seus punhos se fecharem.

— Eu vou socar ele, Jas. Deixa comigo.

— Não. — Coloquei a mão no peito dele, o detendo. — Eu fiz a besteira e perdi meu namorado. Ele é babaca, mas fui eu quem arruinei tudo primeiro. Não quero que ele saiba que eu vi, Josh.

Ele crispou os lábios em uma linha fina e eu continuei.

— Depois disso, não tem como as coisas voltarem ao que eram. Então por que me humilhar e admitir que isso aconteceu? De repente, me sinto tão sóbria.

— Tray é um idiota, Jas. Ele devia saber que você estava meio bêbada.

Soltei um riso raso, sem humor.

— Isso faz diferença? Provavelmente todas essas coisas iam ficar me incomodando até eu explodir. Só acabei fazendo isso antes. Promete, Josh, que não vai falar que eu vi.

Ele não concordou, claro que não.

— Promete que só vai dizer se ele perguntar. Não precisa mentir...

Então ele aquiesceu e eu saí, despedindo-me de Tray sem nem ao menos dizer adeus. Por fora, sequei as lágrimas e agi como uma pessoa madura, que compreendia a própria culpa e que encarava tudo com sensatez.

Por dentro, eu era como uma terra seca. Tão ressequida que os pedaços estavam quebradiços e sem vida. Foi a primeira vez que Tray Anders esmigalhou meu coração e eu nem podia culpá-lo.



Jasmim

PRESENTE

Olho no relógio e confirmo que ainda não são oito horas. Estou diante da mansão da Dominium, pronta para meu primeiro dia de trabalho e enfrentar Tray, com qualquer humor que esteja.

Com minha bolsa no ombro, me aproximo da guarita e abro um sorriso para o segurança carrancudo.

— Bom dia! Meu nome é Jasmim, eu vou começar a trabalhar aqui hoje.

Ele me olha desconfiado, mas interfona para dentro da casa e logo libera minha entrada.

— A senhorita vai caminhando?

Ergo as sobrancelhas, sem compreender.

Vai pra onde, meu filho?

— Para dentro da casa? — pergunto.

O homem ainda me olha como se eu fosse uma idiota, mas está sendo gentil de um jeito esquisito.

— É que a casa fica bem longe da entrada, vai caminhar um pouco.

— Ah, sim. Eu sei... — respondo. — Pode deixar, que rapidinho chego lá.

Passo pelos portões meneando a cabeça. As pessoas andam muito preguiçosas, se esse homem soubesse o quanto já andei hoje e o quanto ainda vou andar depois, não acharia que a distância entre os portões e a casa é

grande coisa.

Sigo caminhando, buscando a sombra das árvores, apesar do sol ainda não estar quente. Demoro alguns minutos para chegar diante da porta principal, não algumas horas como o rapaz pareceu sugerir.

Ergo o braço para tocar o interfone, mas a porta se abre antes disso e uma senhora baixinha aparece diante de mim — não que eu seja muito mais alta.

— Jasmim? Eu sou a Rosa, vamos entrar — ela cumprimenta educadamente.

Não é muito calorosa, mas também não é fria.

Sigo Rosa para dentro da casa, enquanto absorvo os detalhes na decoração. Estive aqui antes, no dia do casamento de Ashton, mas a cerimônia foi realizada no jardim e a ala particular da casa, que englobava salas, quartos e áreas de lazer, não foi aberta.

Seguimos por um longo corredor e noto os instrumentos dos meninos em redomas de vidro, suspensos do chão.

Tudo na casa, incluindo as portas absurdamente ricas, grita dinheiro. Isso me faz sorrir. Saber de onde eles vieram e ver aonde chegaram, me traz uma paz de espírito enorme.

— Tray já acordou? — pergunto, temendo dar de cara com ele sem aviso prévio.

Rosa me olha como se eu fosse desmiolada.

— E aquele lá se levanta antes da hora do almoço?

Ela sabe que somos amigos, mesmo porque ele pediu que me ligasse antes e insistisse com o emprego, mas claro, já está ciente de que não pretendo ter um tratamento diferenciado, fiz questão de avisar quando enviei uma mensagem ontem à noite.

Rosa me leva até a cozinha, e lá encontro outras duas moças. Uma delas está coando café, enquanto a outra prepara a mesa.

— Bom, essas são Marisa e Kelly, elas me ajudam na cozinha. Temos uma equipe de limpeza semanal que vem, limpa tudo e vai embora.

Assinto, compreendendo a dinâmica da coisa. Provavelmente os meninos preferem assim, eu também não ia querer um monte de gente estranha morando na minha casa.

— E eu? Vou fazer o que?

Rosa desvia os olhos dos meus e suas bochechas adquirem um tom avermelhado.

— O que o menino Anders mandar — ela responde.

Fecho os olhos por um momento. O que ele iria aprontar? Tudo estava bem entre nós quando aceitei o emprego, mas depois do modo como ele me deixou falando sozinha, revoltado por causa do Adam, não sei em que pé as coisas estão entre nós.

— Conversei com ele ontem, Rosa. Fica tranquila que ele vai se comportar e eu não vou mais te passar aqueles recados estranhos.

O objetivo é tranquilizar a mulher, mas a verdade é que nem eu sei se o que estou dizendo é real. Tray pode inventar diversas asneiras e eu posso de repente querer assassinar todo mundo, enfim, tudo pode mudar.

As duas moças me olham estranho, curiosas. Mas Rosa assente, provavelmente se lembrando do meu recado sobre lavar cuecas e tudo mais.

— Primeiro pode ir no banheiro e se trocar — ela fala, enquanto me entrega um pacote com o uniforme. — Prenda o cabelo, porque vamos mexer com comida.

Com o pacote nas mãos me dirijo ao banheiro e me visto sem demora, guardando minha roupa na bolsa, junto ao uniforme da sorveteria. Amarro os cabelos em um coque e volto à cozinha.

— Posso ajudar com o café, então? — questiono Rosa. — Até ele acordar e me dizer o que fazer.

Ela faz que sim com um gesto e me entrega a bandeja com as frutas, percebo que tanto Rosa quanto as outras me tratam com certo distanciamento. Só não sei dizer se é porque sou amiga de Tray, o que pode significar coisas horríveis, ou apenas porque eu não tenho muita trava na língua e disse umas coisas bem estranhas ao telefone.

Faço minha parte em silêncio, descasco e corto as frutas, depois as

organizo na bandeja.

Quando a mesa do café fica pronta, procuro me ocupar com outras coisas, a fim de evitar os moradores da casa por mais um tempo. É muito estranho trabalhar aqui.

— Pode guardar essas coisas no armário — Rosa me diz e estende uma pilha de toalhas. — Siga pelo corredor das suítes e, na última porta, vai encontrar as prateleiras para a roupa de cama.

Acatando as instruções de Rosa, caminho com a pilha nas mãos.

No corredor, paro de frente a um espelho enorme, que cobre quase toda a parede e encaro minha imagem no uniforme novo.

Adoro uniformes, assim, gasto menos com roupas.

Eu pareço muito profissional com o vestidinho, que se assemelha àqueles que as empregadas usam em filmes. O avental na cintura e o coque no alto da cabeça me fazem parecer uma funcionária daquelas dondocas.

Acabo rindo ao entender que nesse caso, a dondoca seria a Julia, que é tudo, menos isso. Ane nem mora mais aqui, pelo que pude entender.

Não faço ideia de quem teria tido aquela ideia. Não me parece coisa dos meninos, mas eu até gosto da roupa.

Estou chegando ao final do corredor, quando uma das portas se abre.

Tray está vestindo apenas uma cueca boxer preta, que abraça suas coxas fortes. O peito está nu, coberto apenas pelas tatuagens e os cabelos bagunçados.

Ele ri de alguma coisa e em minha análise nostálgica do corpo másculo, demoro a perceber que tem alguém atrás dele, rindo e seminua.

— Eu posso voltar outro dia? — Ouço a moça questionar.

Passo pelos dois feito um raio, mas não antes do maldito me ver.

— Jasmim?

— Depois, Anders — respondo.

Destranco a porta do armário, que me cabe inteira dentro, e deposito as coisas nos lugares adequados, levando muito mais tempo que o necessário

para sair.

Quem sabe assim, quando retornar, os dois já tenham ido?

Eu já me acostumei com a versão cafajeste dele há muito tempo, não me afeta como antes. O que não significa que vou adorar assistir a ele com uma odalisca — sim, eu notei a henna nos olhos e nas mãos dela — pelados, na minha frente.

Vai ser difícil lidar com esse trabalho e quanto mais eu vejo quem Tray é hoje, mais percebo que ficar tão perto dele pode ser perigoso. Foi tão difícil vencer a tristeza anos atrás, lidar com as consequências do que essa angústia fez em nossas vidas e ficando tão próxima a ele, coloco tudo a perder, inclusive meu controle emocional.

Saio de volta para o corredor, totalmente centrada e desanuviando do meu rosto as evidências do meu incômodo anterior.

Tray está parado, escorado no batente da porta do quarto, me esperando. A mulher voltou para o quarto, mas eu ainda posso ouvir sua voz manhosa resmungando alguma coisa lá de dentro.

— Primeiro dia, hein? — ele pergunta.

Como se não soubesse disso.

— A Rosa me passou algumas tarefas por enquanto. Quando quiser, pode me falar o que quer que eu faça, em um momento em que não esteja ocupado.

— Ocupado? — Ele abre um sorriso cínico, do tipo que me faz querer arrancar os dentes dele. — Ahh, a moça. Isso não é nada.

A mulher resolve aparecer nesse momento, finalmente vestida.

— Como assim, nada? Pensei que tivéssemos nos divertido. — Pelo choramingo na voz, ela sabe exatamente onde se meteu, só está tentando conseguir um segundo round com o guitarrista.

— Minha filha, desculpe me intrometer, mas esse aí não repete a dose, entende? É assim, alguns momentos rápidos e tchau, pode se conformar.

Ele me olha de cara feia.

— Nem sempre, Jas.

— Sim, sempre. E nem é tão bom assim, verdade seja dita.

Tray vira-se para a mulher, sorrindo com uma doçura venenosa.

— Concorda com ela?

A idiota balança a cabeça, negando.

— Não, foi ótimo. Eu posso ficar mais um pouco, se quiser.

— Outra hora, quem sabe. Agora a moça aqui tem que limpar a bagunça que a gente fez.

Eu. E. Minha. Maldita. Boca.

Os olhos dele descem por minhas pernas expostas pelo vestido e um sorrisinho malicioso curva sua boca quando nota o uniforme. Homens e seus fetiches. Retiro o que disse antes, aposto que foi ele quem inventou essa roupa.

Por que eu não passei rápido por eles e sumi na cozinha? Eu precisava provocar a masculinidade da peste?

A odalisca sai pela porta, indo na direção de onde eu havia vindo mais cedo e, ao longe, ouço uma voz de homem falando com ela.

— Olha só, tem até um funcionário *pra* dispensar suas mulheres? Quanta ostentação.

Tray não responde a provocação.

— Bom, Jas. Já que está muito bem-humorada hoje e não somos mais amigos...

— Que conversa é essa, Anders?

Ele faz uma expressão de inocência.

— Achei que tinha ficado claro ontem. Você mente *pra* mim, me esconde as coisas, se mudou e não me diz *pra* onde, está trabalhando em algum lugar e também não me fala... E isso sem falar no Adam.

Claro que é sobre o Adam. Porque a ciumenta sou eu, mas é ele quem não supera isso.

— Não quer dizer que não somos amigos — respondo.

— Depende do que você considera amizade. Eu não escondo as coisas, então *pra* mim essa porra não é amizade.

Suspiro, tentando manter a calma. Ele está me provocando, mas faz isso porque está com raiva de mim e é do feitio dele que a defesa seja sempre o ataque. Se continuar assim, vai conseguir me irritar e eu não vou durar um dia nesse emprego. E agora, mais do que nunca, eu preciso manter o trabalho.

Eu disse um dia? Faz uma hora que cheguei.

E o maldito não acorda meio-dia? O que faz de pé tão cedo?

— Se você insiste, tudo bem. Não somos amigos. O que quer que eu faça, chefe?

O olhar dele se torna mais denso e por um momento, penso que irá fazer uma de suas insinuações sexuais.

Ao invés disso, ele desobstrui o caminho para seu quarto.

— Quero que troque os lençóis da minha cama. As toalhas do banheiro também estão molhadas. Eu e a... minha acompanhante, as usamos.

Desgraçado. É óbvio, pelo sorriso cínico dele, que não espera de verdade que eu faça aquilo.

Está tentando me fazer perder a compostura.

— Tem certeza disso? Acho que não sou a pessoa mais indicada para esse serviço.

Tento sair da situação vergonhosa, mas como o objetivo dele é me tirar do sério — desde o início e eu sei — Tray não vai me dar outras ordens.

Ele está provocando a garota ciumenta que fui um dia, mas isso é passado.

Hoje eu sou adulta e muito madura — repito *pra* mim mesma, tentando me convencer a agir desse modo.

— Acho que não existe pessoa melhor. Você sabe como gosto da minha cama...

Babaca.

Passo por ele, entrando no quarto e esbarro em seu braço com o máximo

de força que eu tenho. Se ele quer me irritar, vai ver logo o que pode acontecer.

Madura, como eu disse, muito adulta.

Confesso que observo a decoração e o ambiente por alguns instantes. É o quarto dele e eu não posso evitar a sensação de que conheço bem demais o lugar, mesmo sem ter estado aqui antes.

Dura apenas alguns instantes. Logo me lembro do que devo fazer.

Avistar suas roupas jogadas pelo chão, o relógio atirado no tapete e os sapatos não está ajudando. Imaginar Tray, com aquela cueca justa e a desgraça da odalisca enroscados na cama enorme, também não me agrada nem um pouco.

Primeiro, retiro de dentro do avental um par de luvas e as coloco fazendo barulho e uma cena, *pra* que ele note o nojo que eu sinto dos lençóis.

Ele apenas sorri *pra* mim da porta, esperando que eu desista.

Fito o troféu que está ao lado da cama, na mesa de cabeceira. É uma guitarra de vidro que ele recebeu de algum concurso.

Uma não fará falta, certo? Ele tem muitos prêmios.

Embolo o tecido branco sobre a cama, fazendo uma careta inevitável. Pego o monte nos braços e me viro de uma vez, esbarrando sem querer no troféu.

O barulho do vidro se espatifando no chão arranca o sorrisinho presunçoso do rosto dele.

— Jasmim! — ele grita e vem correndo ver o que quebrei.

— Nossa, me perdoa, Tray! O lençol encostou nele e o atirou ao chão.

Ele me olha por um momento tentando decidir se estou sendo sincera e eu o ajudo a compreender melhor a situação. Não vou bancar a inocente.

— Não tinha como o vidro resistir ao peso dos pecados desses tecidos. Se você não os sujasse tanto, talvez o troféu tivesse sobrevivido.

— Você fez isso de propósito? — Ele parece muito nervoso.

— Eu? Mas é claro que não, chefe. Estava apenas fazendo meu trabalho.

— Sua praga! Esse troféu era importante *pra* mim.

Minha dignidade também é.

— Agora pega as toalhas, então. A moça pode ter deixado as roupas íntimas no banheiro, espero que não se incomode.

Claro que ela não deixou. A mulher saiu pelada, por acaso? Mas ele adora brincar com fogo.

Foi só o carma o alcançando quando pisei no relógio dele no chão, acidentalmente.

— Opa! Devia guardar melhor suas coisas.

— Peste... — Sua voz me alcança enquanto eu me dirijo ao banheiro.

Imbecil.

Pego as toalhas, que estão secas e limpas.

Mentiroso.

E as junto aos lençóis.

Volto ao quarto e o encontro de costas, olhando pela janela.

O homem precisa mesmo ter um corpo desses? Talentoso, bonito, rico. Não precisa também ser gostoso, Deus! É injusto comigo, que estou aqui me esforçando *pra* nunca mais encostar nele.

E agora vai ficar passeando de cueca por aí? Não vai mesmo.

— Pronto. Vou levar *pra* lavanderia. Quero te pedir uma coisa...

Ele fica em silêncio, mas vira-se de frente.

— Enquanto eu estiver trabalhando aqui, pode não ficar andando de cueca por aí?

Sei que disse a coisa errada, quando ele abre um sorriso.

— Claro. — Engancha os dedos no cóis da peça. — Posso ficar sem, se você insiste.

Ele faz menção de retirá-la e eu grito. Saio correndo do quarto o mais rápido que posso e, o pior de tudo, com o rosto em brasas e uma vontade

ridícula de ter demorado um pouco mais.

— Isso é assédio, Anders! — grito para porta.

A única resposta que tenho, é sua gargalhada de deboche.

Tray

Eu tinha mesmo ficado chateado na noite anterior. Jasmim não me dizia nada e o desgraçado do Adam podia buscá-la e levá-la em casa?

Adam.

E eu torcendo para que o merdinha estivesse morto em alguma vala por aí.

Tá, nem tanto. Mas podia estar bem longe.

Mas não, estava mais perto do que eu podia imaginar. Foi pensando em dar o troco — um esquema que funcionaria melhor se eu tivesse quinze anos — que decidi levar uma mulher *pra* casa.

Era um hábito, sim. Principalmente em festas como as do Azal, mas eu sabia que Jas estaria lá e, se não fosse a porra do Adam e aquela merda toda ter mexido com a minha cabeça, eu teria evitado, iria *pra* casa sozinho.

Mas ela não quis esfregar o desgraçado na minha cara? Pois então.

Recolher os lençóis foi jogo baixo, mas não esperava que a praga o fizesse. Devia ter imaginado que ela não iria recuar e ainda tornaria tudo pior, no processo.

Eu adorava aquele prêmio. Ainda assim, acabo rindo da nossa infantilidade.

Tomo um banho demorado, me visto e saio para tomar café e, quem sabe, perturbar mais um pouco Jasmim.

Preciso pedir desculpas, eu sei que ela adora nossas briguinhas bobas tanto quanto eu, mas se ela me fizesse vê-la com outro cara e ainda retirar a roupa de cama... Eu ficaria puto.

Caralho, talvez tenha passado dos limites.

Ashton e Julia estão sentados à mesa, com a princesinha entre os dois.

— Bom dia, meu anjo — Ash me cumprimenta.

— Cadê a Jas?

Eles me olham confusos.

— Jasmim, morena, baixinha, cabelos castanhos e compridos, encrenqueira...

Julia começa a rir.

— Sabemos quem é, mas não a vimos.

— O que ela veio fazer aqui? — Ashton pergunta, curioso.

— Trabalhar. Começou hoje. Estava me divertindo, provocando a fera.

Ele meneia a cabeça.

— Cresce, Tray.

— Pois é, acho que exagerei um pouco.

Rosa entra na cozinha nesse instante e eu a abraço, recebendo um tapa desajeitado.

— Rosinha, minha vida! Onde está a Jasmim? Tenho muitas ordens *pra* ela e, talvez, um pedido de desculpas.

— Foi embora.

Meu sorriso morre.

— Como assim, foi embora? Ela acabou de chegar!

— Tá vendo? Falei *pra* crescer. Irritou a oncinha e ela foi embora. De novo.

Merda.

Deixo-os na cozinha e sigo para o quarto. Eu preciso trazer a praga de volta, agora que consegui encontrá-la...

Pego meu celular e ligo para meu contato nas emergências. Ele sempre

encontra as pessoas *pra* mim e *pro* Ashton, já nos ajudou diversas vezes no passado.

— Consegue descobrir uma coisa *pra* mim? Tenho uma amiga, que trabalha aqui em casa. Eu preciso do endereço dela e também do outro emprego, alguma coisa com sorvete.

— Alguma coisa com sorvete? Isso é muito vago, Tray.

— Eu pago o dobro, ela me disse que vende sorvetes, então liga em tudo que é sorveteria e descobre rápido. Se fizer isso em duas horas, eu triplico.

— Me fala o nome dela.

—Jasmim Taylor — respondo, apressado.

— Jasmine?

Sempre a mesma pergunta. Por que merda a mãe doida dela foi dar um nome com grafia diferente de outro país? Pensando bem, em alguns momentos, como esse, isso podia acabar ajudando.

— Não, Jasmim mesmo.

— Ok, retorno logo — ele finaliza.

Me resta apenas esperar.

12



Tray

QUATRO ANOS ANTES

Dentro da cabine acústica, apenas Ashton, eu e Josh. Do lado de fora, nos olhando pelo vidro, uma dezena de pessoas.

Nosso agente, Carter, que já estava conosco há uns três anos, o sonoplasta, Anelyse, irmã de Ashton, que insistiu em estar presente e a equipe de roadies. Eles não apenas nos acompanham em todos os shows, como estão presentes nas gravações e onde quer que a Dominion vá.

A realidade de hoje, era o sonho, ontem.

A Dominion era a porra da banda de maior sucesso nos Estados Unidos e liderava as listas de acessos na internet. Cada single lançado era visto por milhões de pessoas ainda no primeiro dia e não havia alguém em Seattle que não conhecesse nosso nome e, ousaria dizer, nem mesmo no mundo.

Bom, sempre teriam aqueles sem internet e que moravam no último apartamento do submundo. Podia ser que esses não nos conhecessem, mas enfim, vencemos a merda do show business.

Com minha guitarra nas mãos e os fones no ouvido, ignorei as coisas ao redor o máximo que pude, me concentrando no meu solo e fazendo o possível *pra* não errar. Ia ter um surto se tivéssemos que retornar mais uma vez ao começo.

Fechei os olhos me entregando apenas ao momento, doando tudo de mim *pra* ela, a única que nunca me decepcionou: minha música.

Quando encerramos, um dos roadies, — nunca conseguia me lembrar dos nomes deles, a rotatividade era grande, *pra* ajudar — me entregou uma

garrafa de água e saiu de perto, rápido. Esse em especial sempre estava correndo, provavelmente não gostava muito das piadas que eu fazia.

Tirei os fones e os coloquei em um canto, no chão. Ashton já tinha deixado a cabine e Josh estava saindo na minha frente.

Carter me esperava na porta com um sorriso de quem havia ganhado na loteria.

— Tenho ótimas notícias, Anders. Sua primeira indicação individual *pro* Grammy. Vai buscar, garoto.

Cacete! Mal podia acreditar que uma coisa assim estivesse mesmo acontecendo. Não apenas a Dominion foi reconhecida, como um todo, mas meu trabalho também.

Eu dei um duro danado *pra* ser o melhor, e nada abaixo disso era o suficiente pra mim.

— Eu consegui, porra!

Não me importava que não tivesse ganhado ainda, o que valia era saber que fiz meu nome e que o que eu tocava, tinha um valor do caralho.

Dei um pulo, comemorando e vi que Ashton começou a rir, tão empolgado quanto eu. Ele sabia o quanto eu queria essa merda.

Meus pais foram um lixo, no pouco tempo em que existiram, minha família era a minha avó e a banda. A Dominion era o foco de toda a minha dedicação e de todo sentimento real que sempre tive em mim. Nada mais justo que a belezinha me retribuir.

No meio da minha agitação, percebi outro tumulto. Anelyse estava falando e gesticulando sem parar, com o celular nas mãos enquanto Josh tentava acalmar.

— Ei! — gritei pros dois. — Querem parar de ignorar o astro? Eu tô no Grammy, cacete!

Ane se virou *pra* mim, o rosto triste.

— Desculpa estragar o momento, Tray.

Olhei pra Josh e notei a resistência dele. Ashton arrancou o celular de Ane para ver o que estava acontecendo.

— Ah, merda... — sua voz soou baixa.

Todos pareciam chateados.

— Que foi? — questionei.

Por que parecia que só eu fui deixado de fora do rolê?

— É a Lisa — Ane disse. — A avó da Jasmim morreu, Tray. A funerária liberou o corpo para o velório hoje.

Encarei os três por um minuto. A revelação encontrando caminho *pra* dentro de mim com um ardor que ia do meu peito *pros* meus olhos, muito rápido.

Um bolo se formou na minha garganta e eu apenas dei as costas *pra* eles e voltei *pra* dentro da cabine.

Olhei *pra* guitarra. Pensei em tocar, mas nem isso eu conseguiria agora. Minhas mãos estavam tremendo, então apenas me sentei no chão, com aquela garrafa de água na mão, vazia, enquanto tentava negar a verdade.

Eu era um desgraçado. Sumi de suas vidas delas e, agora, minha vó Lisa se foi, sem que eu me despedisse. Enquanto sentia tudo que reprimi por todos aqueles anos voltar com força total, me castiguei recordando o que deixei *pra* trás.

Sete anos atrás eu idealizava outro futuro. Mesma banda, mesmos amigos e as aspirações profissionais que realmente alcancei; mas no lugar das farras e noitadas com mulheres sem rosto, sem nome, todos os meus momentos seriam com ela, minha florzinha.

Mas Jasmim terminou comigo, sem aviso prévio, sem motivos sólidos. Apenas por um medo infundado de que as coisas dessem errado, por um ciúme opressor e, provavelmente, conselhos de línguas invejosas.

O que nós tínhamos até então... Ah, cara, era especial. Ela era tudo *pra* mim e eu não iria permitir que nada daquilo que rondava sua mente acontecesse.

Ainda assim ela se foi e eu, tomado pela raiva e minha personalidade inconsequente, que sem ela *pra* domar saía arrebatando com tudo, tomei uma atitude egoísta, movido por despeito.

Me lembro como se fosse ontem.

Jas me deixou sozinho no terraço, afirmando que tudo tinha acabado. Fiquei desolado, mas também furioso.

Desci logo depois, bebi mais que posso me lembrar, todo tipo de merda que encontrei. Peguei minha guitarra e toquei alucinado, na esperança de que o som lavasse um pouco da raiva, da mágoa.

Mas nada adiantou.

Joguei o instrumento em um canto e subi outra vez.

Quando ouvi os passos na escada, eu tive certeza de que ela tinha voltado, tinha se arrependido, mudado de ideia. Eu ainda ia falar umas verdades, brigar com ela, mas no fim tudo ia ficar bem.

Mas não era minha Jas, no lugar dela havia outra pessoa. Uma garota que nunca havia ocupado minha mente de verdade e que parecia tão bêbada quanto eu, tão desesperada quanto eu. Não fosse isso, ela não teria se atirado sobre mim e me beijado daquela forma afoita.

E eu, um escroto, como sempre, a beijei de volta.

Foi uma coisa de momento e logo que percebi a burrada épica, me afastei. A afastei. Mas era tarde.

Eu havia traído a confiança da minha praguinha. Mesmo que, tecnicamente, não fosse uma traição, afinal ela tinha posto um fim em nosso relacionamento, mas ainda assim, eu sabia que não tinha perdão.

Em nenhum dia depois daquilo, eu pedi que me perdoasse. Não merecia.

Mas agora, vendo como as coisas se tornaram incoerentes entre nós, como aquilo destruiu não apenas nosso namoro, mas nossa amizade, que sempre tinha sido prioridade, percebo como fui um inútil.

Que eu não reatasse o namoro, sabendo da minha culpa, mas devia a ela a verdade, e nunca lhe dei isso.

Me joguei no trabalho, evitei contato e mesmo quando, depois de umas semanas, mais calma, Jas me procurou e em teoria nós tenhamos nos perdoado, as coisas jamais foram como antes. Nunca mais a chamei de praga e ela nunca mais sorriu daquele jeito que me iluminava por dentro.

Nos afastamos de uma forma sem precedentes. Jasmim cuidava da avó, enquanto eu cuidava da minha carreira.

Ela trabalhava em dois empregos, quando o sucesso chegou *pra* mim.

Nunca me reaproximei, mas enviei cheques várias vezes. Meu dinheiro era dividido entre minha avó e Jasmim, mas ela nunca usou, os cheques voltavam intactos.

Enviei presentes caros, mas apenas os eletrodomésticos foram aceitos, imagino que porque eram endereçados a vovó Lisa.

Morávamos ainda a quatro casas de distância, quando nos tornamos dois estranhos. Eu ainda a conhecia, mas não sabia nada do que ela vivia.

Jas ainda me enxergava, mas não estava ao meu lado.

Eu não parava mais em casa, vivia na estrada e, quando Carter surgiu, se oferecendo para nos agenciar, as coisas mudaram de vez.

Ele conseguiu um contrato milionário. Nós estouramos da noite para o dia e em poucos meses Ashton ergueu a mansão da Dominium e nos mudamos para ela. Minha avó e eu, Ashton e Josh.

Tia Eleanor e Anelyse compraram um apartamento perto de nós, que a Dominium financiou. Regina, mãe de Josh se mudou *pra* outro bairro, um pouco mais distante.

Eu levei minha avó comigo. Reservamos o quarto mais distante na mansão para ela, longe do barulho e da zorra que vivíamos, até que recentemente ela decidiu se mudar *pra* uma instalação criada por Josh, o Peace, uma espécie de lar para idosos, porém humanizado e divertido, acho.

Eu não podia cuidar dela o dia todo e, por mais que pagasse enfermeiras e cuidadoras, ela se sentia sozinha e encontrou no Peace uma porrada de amigos, como me informou e, para o meu horror, até um namorado.

Jasmim ficou para trás, em algum lugar do meu passado.

As turnês começaram, as gravações, os flashes e as matérias na mídia.

Eu ainda enviava os cheques, ela ainda os devolvia e, dessa forma estranha, sentia que ainda fazíamos parte um da vida do outro, ainda que minimamente.

Até agora.

Egoísta. Só pensei no meu umbigo, deixei as duas lá naquele fim de mundo...

Eu devia ter insistido, obrigado Jasmim a aceitar ajuda.

Me lembro da minha velhinha, já surda e sempre sorrindo, fazendo meu bolo preferido e me reservando a melhor fatia.

Senti que com ela, uma parte de quem eu era, se foi. Ergui o rosto, que até então estava afundado entre meus braços e notei que os encharquei; apenas aí me dei conta de como estava abalado com a notícia.

Olhei *pra* cima e encontrei Ashton de pé, apenas esperando.

— Levanta, cara — ele falou. — Jasmim precisa de você.

Meu riso era frio e afiado.

— Agora, Ash? Eu queria levar um soco forte no estômago, pode fazer isso por mim? Por que vocês me deixaram ser babaca assim?

Ele deu de ombros.

— Vocês se afastaram, cara. Mas querendo ou não, Jasmim precisa de apoio, Tray. E nós vamos *pra* lá, com a porra de um batalhão de seguranças, mas vamos.

Ainda estava um pouco entorpecido com o choque, mas Carter era foda e cuidava de tudo. Eu o vi ao telefone, avisando que iríamos para o enterro, pedindo informações e, depois, instruindo a equipe que nos acompanharia.

Ele conseguiu segurar a notícia até o último momento, para evitar os paparazzi em um momento tão pessoal, e também assumiu os custos de tudo. Jasmim, pelo visto estava tão abalada que não negou ajuda, acreditei que ele nem tivesse falado com ela diretamente, mas ainda assim fiquei feliz em podermos fazer alguma coisa, mesmo que tarde.

Deixamos o estúdio e fomos direto para Dunlap. Quando chegamos à casa em que as duas moraram por todos esses anos, a rua estava tomada por pessoas.

Não vimos muitos carros, eram os vizinhos, aqueles que conviveram com a boa mulher a vida toda e que estavam ali para prestar apoio aos

familiares.

Eu odiava voltar daquele jeito, com um circo montado ao nosso redor, mas não importava, de verdade. O imprescindível era estar ali.

Os seguranças abriram caminho entre as pessoas e saímos do carro. Ashton, Josh e eu seguimos pelo meio, cercados por aquelas pessoas que nos viram crescer e não pude deixar de pensar em como parecia errado agir assim, mas infelizmente eram as consequências de quem nos tornamos.

Ninguém se aproximou, todos respeitaram o luto e abriram espaço.

Entramos na casa e, apesar de se manterem por perto, afrouxaram a segurança *pra* nos dar mais liberdade.

Enquanto os meninos cumprimentavam alguns conhecidos e se moviam em silêncio pela casa pequena, eu a procurei na sala, no meio do aglomerado. O cômodo era pequeno e tomado por conhecidos das duas ficava ainda menor.

Encontrei Jas sentada no chão, ao lado do caixão. No rosto, uma máscara de imobilidade. Ela olhava fixamente para o tapete colorido no chão, sem qualquer expressão.

Já tinha alguns anos que não a via, mas ela estava linda. Parecia uma boneca de louça, porém, tão sem vida quanto uma.

Me sentei ao lado dela e esperei que notasse minha presença, mas quando ela me olhou, havia tanta dor, tanto desespero em seus olhos castanhos, que senti como se meu coração fosse um pedaço de vidro se espatifando.

Sete anos de distância e afastamento foram vencidos em um momento. Passei os braços ao seu redor e ela se aninhou em meu peito, me agarrando em um desespero que me atingiu também.

O choro dela rompeu a passividade e senti suas lágrimas umedecerem minha camisa preta aos poucos. Acaricieei seus cabelos, sussurrando o quanto sentia pelo que tinha acontecido e a mantive assim por muito tempo.

— Ah, Tray... — ela choramingou.

— Shhh, florzinha. Eu sei que está doendo.

Ficamos assim pelo que deve ter sido ao menos uma hora e apenas voltamos a realidade quando Chrystal parou diante de nós.

— Jas, temos que ir...

Para mim, ela apenas direcionou um olhar enviesado. Eu entendia, não era o cara mais querido por lá, dadas as circunstâncias em que me afastei.

Da casa de Jasmim, seguimos para a igreja. Carter pediu uma limusine e me sentei ao lado de Jas durante a cerimônia. Ela não conseguiu dizer muita coisa, mas Chrystal acabou falando algumas palavras bonitas.

O pastor fez a parte dele, exaltando as qualidades inúmeras que Lisa tinha e falou sobre o descanso eterno. Eram coisas que deveriam ser reconfortantes, mas que infelizmente não aplacavam a dor.

Jas recomeçou o pranto quando chegou a hora de se despedir. Por mais que já fizessem três dias desde que, de fato, vovó Lisa se fora, ver o caixão descendo para a cova tornava tudo real demais, e acabei chorando junto com ela.

A recepção foi feita na casa das duas, apenas parentes e amigos mais próximos foram convidados e a comida que foi servida era da melhor qualidade.

Anelyse conversou com Jasmim, assim como Eleanor. Ashton e Josh também tentaram dar algumas palavras de alento, mas ela apenas balançava a cabeça de vez em quando, ou dava de ombros, respondendo qualquer coisa.

Jas praticamente não tinha falado comigo ainda, mas não saiu do meu lado também.

Quando os meninos me informaram que tinha chegado a hora de ir, eu apenas me despedi deles e avisei que ficaria mais uns dias. Eu não podia deixá-la assim e, por mais estranho que fosse reaparecer daquele jeito e ficar, nenhum lugar era mais importante.

Uma hora ou outra todo mundo acabou indo embora e ficamos apenas Jasmim e eu. Fiz com que ela subisse as escadas e nos deitamos juntos na cama, como tantas vezes antes.

— Jas, fala comigo... — pedi, porque já estava ficando preocupado com seu estado.

— Obrigada por vir — respondeu, baixinho.

Enrolei as pontas dos cabelos dela nos dedos, ouvindo sua respiração mais calma.

— Como eu não viria, florzinha? Desculpa por tudo. Eu sei que são anos de ausência, mas vocês duas são importantes demais para mim.

Ela não me corrigiu, mesmo que eu tenha falado de vovó Lisa no presente, como se ainda estivesse ali. Jas apenas me apertou mais forte.

— Senti tanto a sua falta — confessou, parecendo se odiar por dizer aquilo.

— E eu a sua...

Ela acabou rindo, levemente.

— Sentiu minha falta viajando mundo afora? Dormindo com celebridades e indo a festas diariamente?

Claro que ela acompanharia tudo.

— Senti no meu coração, Jas. Você também deve ter feito muita coisa nesse tempo.

— Eu ia viajar agora, sabe? Juntei dinheiro muito tempo, ia pro Chile por uma semana, mas minha avó ficou mal e eu me preocupei, achei que fosse superar, mas então tudo aconteceu.

A confissão dela, o momento e a vontade de ficar por perto, me guiaram para fazer a sugestão insana.

Jasmin

Eu não saberia explicar como o deixei me convencer.

A questão era que uma semana depois do enterro da minha avó, Tray e eu estávamos no Chile.

Minha viagem original era de classe econômica, um hotel três estrelas e sozinha, para me encontrar, talvez.

A nova versão havia nos levado em um jato particular, para um chalé exclusivo, cinco estrelas e eu tinha um astro do rock comigo, mas mais importante que isso, eu tinha meu melhor amigo.

Claro que a atmosfera da viagem não era a que eu havia planejado antes, havia tristeza e lágrimas todas as noites, mas durante o dia ele conseguia me distrair e, apesar do buraco que gritava em meu peito, os braços dele sempre estavam ao meu redor, me abraçando.

Quando sete anos antes eu voltei atrás na idiotice que cometi ao terminar com ele e o encontrei com outra garota, eu soube que não tinha volta. Mas não estava preparada para a falta que ele faria, não apenas meu namorado, mas meu amigo.

Assisti à distância o sucesso chegar, a fama acontecer para eles e aplaudi do meu canto cada vitória. Eu não tinha raiva, apesar de ter ficado magoada com o modo como as coisas aconteceram, ainda assim eu assumia minha parcela de culpa na situação e torcia para que ele encontrasse o que sempre quis.

A Dominium explodiu e Tray foi embora. O único contato que mantive com ele nesses anos todos, foi através dos cheques que ele mandava e que eu devolvia, quase como cartas, uma correspondência nossa.

Era uma quarta-feira quando me levantei para o trabalho e desci as

escadas para tomar meu café. Quando não vi vovó Lisa na cozinha, estranhei.

Encontrei-a deitada na cama, alegando o início de um resfriado, mas não era isso.

Ela definhou a olhos vistos naquela semana, o médico afirmou que era uma gripe e de repente, na terça seguinte, ela se foi. Meu mundo desabou. Ela era a única pessoa que eu tinha, além de Chrystal.

Quando Tray chegou, esqueci na hora como tudo havia terminado. Toda a distância, todos os anos e acontecimentos. Tudo que nos separava era ínfimo, comparado ao que nos unia.

Me agarrei a ele, porque seus braços ao meu redor eram tudo que eu precisava para me manter de pé.

Quando ele cancelou sua agenda e se ofereceu para ficar comigo uns dias, não pude dizer não; mencionei a viagem que eu havia cancelado ou no mínimo adiado e ele decidiu que era o que precisávamos. Não recusei. Não por causa da viagem em si, mas porque não queria que ele se fosse outra vez e me deixasse *pra* lidar com a realidade.

Eu estava desequilibrada emocionalmente e Tray foi meu sustento. Minha avó era a única família próxima que eu tinha, além de tios e primos. Quando ela partiu e Tray apareceu, foi como se eu transferisse o apego imediatamente *pra* ele, felizmente eu tinha uma pessoa com quem contar e me agarrei a ele com todas as forças.

Era nosso quinto dia no Chile, praticamente isolados de tudo e de todos. Tray já tinha me feito esquiar, além de ver a uns cinquenta filmes, também arrumou um violão e à noite acendia a lareira, tocava algumas músicas e cantávamos juntos.

Depois ele me abraçava, eu chorava e dormíamos agarrados.

Mas o quinto dia chegou, mudando as coisas outra vez.

Me sentia um pouco melhor. Não que a tristeza tivesse passado, mas quinze dias depois de perder minha avó, estava um pouco mais disposta a me levantar da cama e abrir os olhos.

Sáímos do chalé, com nossas roupas impermeáveis e gorros de lã imensos na cabeça; minhas botas afundavam na neve enquanto ele me

arrastava pela mão.

Tray me levou à recepção dos chalés e pediu um banquete, tinha comida para uma família de dez pessoas e acabei achando graça no exagero. Ele ainda autografou um CD *pro* proprietário do lugar, que falava inglês mais fluentemente que eu, e depois disso, voltamos para o conforto da nossa suíte.

— Podia ter pedido comida daqui, sem sair...

Ele me olhou, como se soubesse que eu diria aquilo.

— Podia, mas você não vai ficar só fechada dentro do quarto, precisa respirar ar puro. Você não está bem, Jas.

Dei de ombros, na verdade não fazia questão de ficar nem em um lugar nem no outro, só queria ficar com ele.

— Se você diz.

Anoitecia, e o fogo crepitava na lareira. Me deitei na cama, enrolada sob os cobertores e ele se sentou no chão, ao meu lado.

Com o violão no colo, tocou algumas canções, cantamos juntos e, ao final, apenas sorri.

— Estou feliz que esteja aqui comigo.

Tray colocou o violão de lado, se ergueu do chão e veio para a cama, comigo.

Ao invés de me abraçar, de colocar minha cabeça sobre seu peito como vinha fazendo desde que o primeiro dia, se deitou de lado e me virou para ele.

— Eu vou ficar. Pelo tempo que me quiser, Jas. Nunca devia ter aceitado tão fácil que me deixasse.

A mão dele passeava por meu rosto e encarei seus olhos, que estavam muito sérios.

— Me desculpa, Tray. Eu fui infantil, ciumenta e estúpida, me arrependo todos os dias por ter dito aquelas coisas, por ter sido covarde.

— E eu por não ter brigado, por não ter esperado que você voltasse à razão. Por não ter entendido que era só insegurança.

Tray não confessou ter beijado outra, também não admiti que sabia, mas

ainda assim aquilo estava nas entrelinhas.

— Fica comigo... — ele pediu.

Era quase uma súplica, e era o que meu coração implorava.

Quando nos beijamos, foi como se a mulher perdida dentro de mim houvesse, de repente, encontrado sua bússola, como se em meio a uma tempestade de neve, tivesse encontrado a direção. Uma parte de mim sempre estaria no peito dele. Tray sempre seria meu coração fora do corpo e, estar com ele era estar completa.

O gosto dele era tão familiar que não precisei de tempo para sentir, conhecer. Ao menor contato seu, meu corpo todo se agitou, minha alma se contorceu e meu coração acelerou.

Quando ele aprofundou o beijo, tomei seu rosto entre minhas mãos, temendo que ele se afastasse, que me deixasse.

Colei meu corpo ao dele, sentindo o calor do peito largo e me aninhando em seu conforto, na segurança dele.

Senti sua excitação contra mim, mas ainda assim Tray não avançou, me dando o poder de escolher prosseguir ou retornar para o ponto confortável da nossa relação que acabara de ser retomada.

Alcancei a barra da camiseta dele e a ergui, retirando-a como um sinal. Ele fez o mesmo comigo e voltamos a nos beijar.

Nossas calças tiveram o mesmo destino e as peças por baixo delas foram as próximas. Logo éramos apenas um amontoado de fogo, de brasas.

As mãos dele me tocavam, reconhecendo cada pedacinho meu. Meus dedos trilhavam seus contornos e meus olhos se banquetavam da visão que era ele todo.

Existiam dezenas de tatuagens que não estavam ali antes e eu as devorei com o olhar, querendo perguntar, entender cada uma. Mas não era o momento.

— Jas, preciso entrar em você agora.

Compreendi a ansiedade dele, porque correspondia a minha. O que sentia, era uma necessidade de me fundir a ele, em um único corpo, como se

só assim o mundo fosse estar em seu devido lugar.

Tray se posicionou entre minhas pernas, por cima de mim. Seus olhos estavam fixos nos meus.

— Eu preciso de um preservativo — comentou, com pesar.

Assenti, de acordo.

Precisávamos, mas estava tão frio fora da cama e tão quente naquele abraço, que nenhum de nós se moveu. Já havíamos feito aquilo antes, dessa forma e a lembrança da carne dele contra a minha, diretamente, era infinitamente melhor que nas outras vezes.

O senti me tocar sutilmente, apenas nos torturando com ameaças vazias.

— E se... eu tomasse uma daquelas pílulas milagrosas amanhã?

Tray me encarou, pesando a alternativa.

— Tudo bem *pra* você? — perguntou.

— Tray, só faz... Agora...

Ele sorriu e o senti me invadindo, centímetro a centímetro. Meu corpo se ajustava ao seu redor, enquanto um frio na minha barriga evidenciava as sensações surreais de ser preenchida por sua rigidez.

— Ah, Jas... — Seu rosto encontrou a curva do meu pescoço, como se ele lutasse para se conter. — Eu sabia que minha memória não estava me enganando, dentro de você é meu lugar preferido no mundo inteiro. O Chile é ridículo em comparação.

Isso me fez rir, ele conseguia ser intenso, gostoso e engraçado ao mesmo tempo. Seus movimentos eram tão lentos, que choraminguei, reclamando.

— Tray, mais rápido...

— Um pouco mais, florzinha?

— Muito mais rápido, muito mais...

A primeira estocada firme me arrancou um arquejo de surpresa.

— Eu faço como quiser, gostosa.

As investidas não aumentaram só o ritmo, mas também a intensidade.

Ele estava por todo lado, dentro e fora de mim.

Sua boca tomou um dos meus seios e, enquanto arremetia com força, seus dentes acabaram roçando-o, me trazendo uma pontada muito leve de dor e uma onda grande de prazer.

Eu precisava de mais força, mais brutalidade.

Não me lembrava da última vez que havia estado com um homem, houveram duas ou três tentativas de sexo frustradas depois de Tray. Nunca tinha sido igual, eu nunca gostava, até que desisti.

— Preciso falar uma coisa séria.

Olhei para ele, tentando entender de onde um assunto sério poderia ter surgido, nesse momento.

— Diz.

Ele me contemplou por um instante e as estocadas pararam.

— Sua bocetinha me apertando desse jeito, sete anos sentindo falta desse abraço aí embaixo... Não vou durar muito, Jas.

E esse era ele. Falando o que vinha a mente e desconhecendo filtros, e era assim que eu gostava.

— Tudo bem, Tray. Eu mesma poderia chegar lá só de olhar *pra* você.

— Então vem comigo, florzinha. Prometo demorar muito nas próximas.

Gemi baixinho quando ele voltou a arremeter contra mim, seus dedos me tocaram acompanhando o ritmo e me enlouquecendo.

Senti sua língua deslizar por meu pescoço e sua mão me agarrar pela nuca, enquanto ele me provava com beijos afoitos e me preenchia total e completamente.

Meu gemido se prolongou quando alcancei o clímax, e o som de prazer que escapou dos lábios dele se uniu ao meu, formando um dueto impressionante.

Ainda estava anestesiada com todas as emoções que tinham vindo à tona, como se nada nunca tivesse mudado; havia sido ainda melhor que antes de nos distanciarmos.

A voz dele chegou até meus ouvidos que, em meio ao prazer, estavam displicentes:

— Porra, a melhor trepada...

Aquilo capturou minha atenção, claro. Tray sempre me fez rir, mesmo quando não julgava possível.

— Você é um babaca, Anders. Sempre.

Ele riu.

— E você é a melhor foda do mundo, sempre.

— Para com isso — reclamei, tentando não sorrir. — Fala direito.

— O quê? Que eu quero você montada em mim? Quer mais detalhes? — O desgraçado perguntou, sorrindo.

Me virei na cama, apoiando o cotovelo no colchão e a mão em meu rosto. Fiquei alguns instantes apenas olhando para ele.

Não saberia dizer como, mas as sacanagens que ele dizia me deixavam ainda mais excitada.

— Acho que é a melhor ideia que já teve, Tray.

13



Tray

PRESENTE

Não tinha passado nem uma hora quando meu celular apitou com uma mensagem do investigador. Graças a Deus, porque eu já estava ficando cego de tanto olhar para a tela.

O endereço é comercial e bem perto de onde nós morávamos antes, ou seja, nada da casa ainda, mas já é alguma coisa.

Com as chaves do carro em mãos, saio da mansão antes de Ashton perceber, sem dar chance para que possa me obrigar a levar um segurança ou qualquer merda assim. Meu disfarce terá que bastar, porque de jeito nenhum vai ter um macho me ouvindo pedir desculpas.

Azal que me perdoe, mas com o turbante e o bigode falso, eu sou claramente um árabe melhor que ele.

Ligo meu som para ficar inspirado e coloco Shots do Imagine Dragons para ouvir, porque descer do pedestal que venho sustentando *pra* mim não é fácil, mas Jas... Por mais que ela tenha me escorraçado algumas vezes e siga me deixando de lado, não posso perdê-la. Só que continuo fazendo besteira, uma após a outra e dando provas de como sou um idiota.

É lógico que sei que o carro vai chamar atenção, mas não vou deixar em casa, fechado na garagem, depois de gastar duzentos mil nele. Que superem.

Estaciono um pouco antes da sorveteria, porque se Jasmim me vir antes, pode, de repente, sair correndo feito a maluca teimosa que é.

Olho no espelho retrovisor e arrumo o amontoado de panos sobre a minha cabeça, também gasto alguns segundos *pra* melhorar a aparência do

bigode.

Desço do carro e caminho até a sorveteria, é claro que a maioria das pessoas está me encarando, mas não pelos motivos certos.

Jasmim está no balcão, servindo um sorvete *pra* um menino. Ela está sorrindo com tanta meiguice, que por um momento me pego invejando o pirralho.

Ela me sorria assim.

Arco-íris me nota primeiro. Eu a reconheço logo, porque com aqueles cabelos coloridos fica fácil. Ela me encara com o cenho franzido e com toda certeza achando que sou a porra de algum esquisitão. Vejo quando ela se aproxima de Jasmim e me indica com um gesto discreto. Pego o cardápio em uma das mesas e o coloco sobre o rosto, para evitar que ela olhe *pra* mim tempo o suficiente *pra* me reconhecer.

Depois de alguns instantes em que meu disfarce permanece intacto, tiro o pedaço de papel da frente do rosto, discretamente para a sondar, mas Jasmim não está mais a vista.

Merda.

Me levanto procurando-a com os olhos e vejo Arco-íris dando risada, como se soubesse que fui enganado. Aproximo-me do balcão e retiro os óculos escuros.

— Oi, Arco-íris. Sem desmaios, por favor, é que estou com pressa — explico, sendo prático. — Cadê a peste da Jasmim?

— Não sei, ela deu uma saída — ela diz, mas seu dedo aponta para o balcão, indicando que ela está embaixo dele.

Abro um sorriso, satisfeito.

— Hum... Sabe se ela vai demorar? Precisava conversar com ela.

— Não sei, não. Acho que só volta amanhã...

Os olhos dela traem as palavras, mostrando que Jasmim está passando por trás dela, rumo a saída.

Me lembro que quando morava com minha avó; em algumas ocasiões entravam camundongos em casa e era horrível. Eu nunca conseguia dormir,

imaginando que a qualquer momento eles poderiam aparecer em cima de mim, na cama. E aí, quando eu olhava pro lado, distraído, via um rabinho passando na velocidade da luz.

É a memória que me vem à mente quando vejo os cabelos escuros dela em um vulto, enquanto Jas deixa a segurança do balcão e se aventura para baixo de uma das mesas.

Ela está tentando escapar para fora da sorveteria. Sua fuga é dificultada por um copo de milk-shake e uma bolsa, que tenta arrastar segurando nas mãos.

Por que está fugindo feito uma criança, eu não sei.

— Ahhhh, praga! Não vai escapar...

Me abaixo no chão e entro embaixo da mesa atrás dela. Ser infantil é a minha especialidade.

— Parem com isso! — Arco-íris grita. — Ficaram loucos? Tray! Não pode ficar rastejando por esse chão imundo.

Merda. Eu deveria ter calculado que ela podia dizer meu nome.

Algumas pessoas se levantam, nos dando espaço ou talvez apenas assustadas.

Eu sigo Jasmim, que foge de uma mesa para outra, indo na direção da saída.

— Eu já te achei, sua peste, pode sair daí.

Compreendendo a situação, Jas se ergue do chão e eu faço o mesmo, mas ela corre porta afora enquanto alguns celulares são apontados na nossa direção e ouço os cliques das fotos.

Carter vai me matar. Ele já me mandou umas cinco mensagens sobre as fotos no dromedário e com mais essa...

Eu corro mais rápido, segurando o turbante com uma mão e a alcanço no meio da rua. Ouço uma buzina e a puxo para a calçada, enquanto as pessoas saem da sorveteria para entender a merda toda.

Jas me encara, o peito subindo e descendo com a respiração afoita. Não devia, mas não consigo evitar uma olhada discreta para os seios dela que

comprimem a camiseta justa.

Ouço a risada dela antes de sentir o copo sendo colocado dentro da minha cabeça, ou melhor, no meio dos panos sobre ela.

Eu a solto em um pulo, tentando segurar o copo, mas com o gesto ele cai no chão e esparrama milk-shake *pra* todo lado. Olho do chão para ela, que me encara parecendo achar graça na bagunça que fez e eu acabo perdendo o controle. É ridículo, mas muito engraçado.

Jas ri ainda mais, provavelmente por causa da minha roupa.

Seguro a mão dela quando percebo que as pessoas já me reconheceram e a arrasto comigo para o carro. Quando abro a porta dele, percebo o olhar de espanto que ela me dirige, mas Jas apenas se senta e fica quieta, observando tudo.

Sem dizer nada, sigo com ela para uma zona mais afastada, um lugar tranquilo em que possamos conversar e apenas as músicas preenchem o silêncio no trajeto.

Eu queria evitar qualquer tipo de atração maluca depois de tudo que já passamos juntos, mas sempre que ela fica perto demais, com aquele cheiro de flor, o riso fácil, as brincadeiras tão nossas e o corpo gostoso, não consigo evitar os pensamentos obscenos. Mas agora, tudo que eu queria era poder dar um beijo na boca dela.

Parece haver séculos desde a última vez.

Retiro o turbante e o bigode e ouço o risinho baixo dela, ao meu lado.

Aproveito a proximidade e dirijo até Pritchard Island Beach. O parque não deve ter muitos visitantes em um dia de semana e tem alguns pontos mais remotos e isolados.

Sigo para mais distante da parte central, onde algumas pessoas estão observando o lago e aproveitando o sol fraco que a estação oferece. Estaciono longe o bastante para não sermos incomodados ou vistos e então, desço do carro.

Jasmim faz o mesmo. Ela me segue e se senta ao meu lado no gramado. Temos muitas lembranças nesse lugar e por alguns instantes, apenas olho *pra* tudo isso, lembrando.

— Faz tempo que não venho aqui — acabo dizendo o óbvio.

— Eu estive aqui recentemente... — ela revela.

Quero perguntar com quem, mas ao mesmo tempo prefiro não ouvir sua resposta.

— Sinto falta, sabe? Desses passeios despretensiosos, sem que precise levar seguranças e ficar escapando das pessoas.

Jas assente.

— Por que foi à sorveteria?

Eu olho para o lago, mais fácil que ficar encarando os olhos dela.

— Fui pedir desculpas. Eu sou um idiota, você sabe disso, mas tenho medo de que uma hora acabe se cansando de vez.

Ouç o suspiro dela, mas ainda não tenho coragem de olhá-la.

— Eu me cansei tem tempo, Tray. Isso não quer dizer que vamos deixar de ser amigos.

A verdade não é fácil apenas por ser real. Eu entendo o que ela quer dizer.

— Se eu ainda sirvo para ser seu amigo, não devo ter feito tanta burrada assim... — Tento sorrir, mas não parece que tenha me saído muito bem.

— Podia ter esperado até amanhã para se desculpar. Não foi nada com o que eu não estivesse acostumada.

Isso me faz finalmente me voltar na direção da sua voz.

— Você foi embora! Pensei que tinha desistido do trabalho.

Ela abre um sorriso, notando meu desespero.

— Não, seu bobo. Eu te conheço, sei que fez de propósito aquela palhaçada toda com a odalisca. Precisei ir ao médico, então tive que sair mais cedo e, de lá, fui para a sorveteria.

Franzo o cenho. Por que merda ela foi ao médico?

— Estava se sentindo mal?

— Não, estou bem. — Os olhos dela parecem tristes.

— Então?

Jas parece prestes a se abrir, mas então, de repente, a tristeza em seu olhar dá lugar a apreensão e ela se cala. Prefiro não insistir e estragar tudo.

Se ela está bem, só pode ter ido ao médico com o babaca do Adam, que insiste que não é seu namorado.

— Então quer dizer que amanhã vai estar na mansão?

— Sim, chefe. Pontualmente. — Agora ela ri e sinto a droga do meu peito reagir, como se tivesse uma lareira dentro dele.

Eu odeio isso. Prefiro quando estou com tesão, é mais fácil de resolver.

Passo o braço pelos ombros dela e puxo seu corpo; Jas me parece mais magra desde a última vez que a segurei assim, mas continua linda como sempre.

— Não fala assim. Eu sou um escroto, mas só aceitei essa coisa do emprego para te ajudar, já que não aceita de outro jeito. Vou parar de ser idiota.

Ela ri contra meu peito e sinto seus braços envolvendo minha cintura. O cheiro dela me alcança outra vez e preciso fazer um esforço sobre-humano *pra* não fazer besteira e ferrar com a paz recém-adquirida.

— Se parar de ser idiota, não vai mais ser você.

Preciso concordar com isso.

— Então prometo não passar dos limites, te mandando fazer essas coisas... humilhantes.

— Seria humilhante se eu sentisse algo por você.

— Ai... — Levo a mão ao peito, brincando, como se ela houvesse me atingido e ela ri alto. — Você pode até ser imune ao meu charme inigualável, mas eu ia ficar muito puto se me fizesse algo parecido, então, me perdoa por ter sido tão... Tray.

Sinto o calor da mão dela me acariciando sobre a camiseta e meu peito se aperta um pouco mais. É uma falta do caralho que sinto dela, de nós, mas

nunca vou assumir.

— Ah, Tray — Jas fala, meio triste, talvez sinta minha falta também. — Se você soubesse as coisas que eu fiz... Eu já perdoei todas as coisas que me fez e foram muitas, mas elas não são nada perto do perdão que vou te pedir um dia. Juro que a princípio, não me dei conta do que estava fazendo e depois...

De novo esse Adam desgraçado. Ele pode ficar com ela, mas nunca vai ser igual ao que nós somos, ao que nós temos.

Afasto o corpo alguns centímetros, apenas para que ela me encare e então ergo seu queixo na minha direção.

— Eu perdoo tudo, florzinha. Só não aceito que me corte da sua vida.

— E se você me cortar?

Essa é uma promessa que posso fazer.

— Nunca, Jas.

A mão dela toca meu rosto, as pontas dos dedos estão frias e seus olhos parecem tão perdidos quanto eu me sinto longe dela.

Porra, é só me aproximar que viro uma besta sentimental.

— Eu vou te beijar.

Jasmim fecha as mãos sobre minha camiseta, como se quisesse me impedir, mas os olhos também se cerram, cedendo.

Alcanço a boca dela com uma suavidade que nunca existiu entre nós, mas parece ser exatamente o que ela precisa e a droga que eu necessito nesse momento.

Seus lábios são macios contra os meus e se ajustam com perfeição. Encontro sua língua, que dança lentamente com a minha, meu par.

Eu a deito sobre a grama, enquanto mato a vontade insana de beijá-la, toco seus braços, seu rosto e os cabelos, mas não vou além.

Não sei o porquê. Minha maior vontade é estar dentro dela outra vez, sentir o corpo apertado contra meu pau, mas quando vejo uma única lágrima escorrendo pelos olhos dela, tenho a certeza de ter feito o certo.

Ainda estamos nos beijando, quando sinto meu celular vibrar. Rejeito a ligação sem nem mesmo ver quem é.

Jas me lança um olhar estranho, como se fosse me dizer alguma coisa séria.

— O que foi, florzinha?

— Preciso te contar uma coisa. Eu não quero que as coisas mudem *pra* você, nem nada assim... Mas tenho medo de que não me perdoe se eu não disser. Bom, não vai me perdoar de todo jeito, mas não posso carregar isso *pra* sempre.

Eu não quero ouvir essa merda. Não quero saber se o desgraçado está comendo ela, ou se está apaixonada. Não quero saber dessa porra.

A vibração do celular nos interrompe e dessa vez atendo, aliviado por ser interrompido.

— O que foi, Ash?

— Que porra você tá fazendo fantasiado na rua? Tem vídeo em todo canto, fotos suas de turbante engatinhando embaixo de uma mesa! Cacete, Tray! O Carter tá aqui e a assessoria também, vem *pra* casa.

— Tô indo, cara. Relaxa.

— Babaca.

O rei dos tabloides me enchendo o saco.

Desligo a chamada e encaro Jasmim, sorrindo.

— Praga, falamos disso outra hora. Pode ser? Me filmaram na sorveteria e o Carter tá felizão com minha atuação de um árabe. Deve me colocar de castigo.

Jas fica em silêncio por uns instantes, mas acaba se levantando, de acordo.

Ela entra no carro ainda quieta; se vira *pra* mim logo que me sento ao volante.

— Depois conversamos, então. Mas, Tray... você não pode mais me beijar assim.

Mais essa, agora.

— Por que? Já aconteceu antes.

— Eu sei, mas é melhor não fazermos mais isso, ok?

Esse desgraçado. Mas não vai tomar minha Jas, de jeito nenhum vou aceitar essa merda.

— Florzinha, hoje foi um beijo, mas agora você vai estar na mansão todos os dias. Nem que a porra do mundo acabe você vai me escapar.

Ligo o carro, enquanto a vejo afundar o rosto nas mãos, suspirando.

— Jas, se você fica uma delícia em cama de solteiro e cama de hotel, não posso nem imaginar como vai ser te pegar na minha cama. — Só a imagem mental já me relaxa. — Ah, caralho... Você pelada e meu colchão macio. Melhor combinação.

Sinto um soco forte nas costelas e me viro *pra* ela, surpreso.

— O que foi, sua peste?

— Vai comer suas odaliscas, Tray. Não vai rolar, tá achando que vou me deitar naquela cama que já viu cinquenta orgias? Nem nos seus sonhos.

— Ah, nos meus sonhos já deitou sim. Muitas vezes.

Ela me olha de lado, sem ter certeza de que estou falando sério ou brincando. Cruza os braços e segue olhando *pra* frente, irritada.

— Vou te deixar em casa, fala o endereço.

Isso arranca um sorriso dela.

— Boa tentativa, Anders.



Tray

Estou sentado na espreguiçadeira, observando enquanto Jas limpa as folhas das plantas ao redor da piscina. Sim, lhe dei essa tarefa completamente ridícula, mas a verdade é que não a quero fazendo trabalho pesado e o que seria melhor que algo bobo, que toma tempo e que não vai cansá-la? Além disso, posso ficar aqui secando a bunda gostosa dentro do vestidinho preto.

Ela parece triste e distante, com a cabeça longe daqui, mas não me disse nada, apesar de ter começado no outro dia, depois se fechou como em um casulo.

Compreender a relação que Jas e eu temos, está além do meu intelecto limitado. Quando éramos amigos e depois namorados, era fácil *pra* caralho.

Mas então terminamos e nos afastamos, para então nos reencontrarmos anos depois; as coisas ficaram completamente incompreensíveis para mim.

Eu estive ao lado dela após a morte da avó, viajamos e ficamos juntos e, de repente, quando voltamos para casa, pensei que fôssemos nos entender, estava tudo bem entre nós finalmente, tenho certeza disso, mas quando chegamos em Seattle alguma coisa a afastou de mim.

Me lembro ainda da mensagem que me enviou, afirmando que nossos mundos eram diferentes, que não podia haver nada além de amizade entre nós dois, mas que sempre estaria do meu lado, assim como estive ao dela quando precisou.

E realmente foi assim, quando chegou a vez da minha avó, Jas não saiu do meu lado por três dias, fazendo todo o possível para que eu me sentisse melhor. Isso tem mais de dois anos agora e depois disso, ela sumiu por meses outra vez.

Algum tempo atrás a chamei para me encontrar em Nova Iorque e

ameacei ir ficar na casa dela por alguns dias se ela não aparecesse. Jas decidiu que iria por um final de semana, mas me deixou antes do combinado por causa do patrão ricoço que fazia exigências fora de hora.

A questão é que na época fiquei puto com o cara, mas agora eu sei que essa merda de chefe não era mais real, se é que já foi um dia.

Voltando o foco para o presente, vejo quando Jas se abaixa um pouco para limpar os pratos dos vasos e acompanho o movimento, torcendo para ver alguma coisa que valha a pena a tortura que estou me infligindo.

— Embaixo ainda tá imundo, florzinha. Precisa abaixar mais...

Ela me olha de lado e abre um sorrisinho cínico, o primeiro do dia.

— Acha que sou idiota, Tray? Imunda é essa sua mente pervertida.

Dou de ombros e me recosto outra vez na espreguiçadeira.

— Eu precisava tentar.

Fecho os olhos por um instante, tentando compreender que merda ela anda fazendo da vida. Por que tanto segredo?

Jas me acompanhou no velório do pai escroto do Josh, mas sumiu de novo logo depois e quando descobri a mentira sobre o emprego, no casamento do Ash, aí sim a oncinha começou a me escorregar pelos dedos.

A única coisa que me vem à mente é Adam.

Talvez ela esteja com medo de assumir o namoro, de que isso nos afaste outra vez. Não faz muito sentido, mas é a única opção que enxergo e, se for isso, ele não faz bem nenhum *pra* minha florzinha. Jas perdeu peso, tem trabalhado feito louca e anda mais cabisbaixa e triste do que deveria.

Me lembro da expressão dela no lago, dos olhos marejados. Só não consigo entender se é culpa, por ficar com ele e se manter tão perto de mim ou se o desgraçado fez alguma coisa.

— Jasmim, você pode me trazer um copo de suco? — peço, não que eu queira de verdade, mas preciso das provocações para a trazer *pra* perto e acabar com a porra do meu tormento.

Apesar de me lançar um olhar maligno, ela desce na direção da cozinha.

Eu a beijei ontem e a praga me pediu *pra* não fazer isso mais, como se o Adam-barra-bom moço fosse me impedir de qualquer coisa. Se me lembro bem dele, era um babaca todo certinho, metido a inteligente e que não pegava ninguém e eu sou Tray Anders. Não existe a possibilidade de que ela prefira a ele, existe?

Pouco depois, Jasmim retorna com um copo nas mãos e caminha até mim; me sento tentando parecer inocente.

— Tira esse sorrisinho cafajeste da cara, Tray. Aqui está seu suco. — Ela estende o copo, mas sua fala me arranca uma risada.

— Cafajeste? Eu sou um anjo, Jas. Olha aqui, até tatuei duas asas nas costas.

Aproveitar a oportunidade, esse é o lema dos vencedores.

Retiro a camiseta para que ela possa ver as asas, me exibindo para, quem sabe, conseguir alguns pontos extras, já que a malhação tem me ajudado.

Ela nem parece dar muita atenção.

— Sei. Vou voltar a limpar as folhas das plantas, porque me sinto extremamente útil com meu trabalho incrível.

— Isso é ironia, dona praga? Porque eu sou o chefe aqui, e decido o tipo de trabalho que deve ser feito.

Jas revira os olhos.

— Nem me atrevo a pensar nas coisas que tem em mente, chefe — ela rebate.

— Primeiro — falo com voz solene. — Precisa se sentar, é falta de respeito ficar de pé aí enquanto eu falo.

Com um gesto abrupto, puxo-a pela cintura e a derrubo sobre minhas pernas.

Jas solta um gritinho assustado e derruba boa parte do suco sobre meu peito.

— Tray! Olha o que você fez! — ela reclama, mas não parece muito interessada em se levantar.

— Que funcionária incompetente — brinco. — Agora vai ter que me limpar. — Aproximo a boca da orelha dela e vejo a pele de sua nuca se arrepiar. — Que tal com a língua?

Jas balança a cabeça, como se para desanuviar as ideias e tenta se levantar, mas prendo-a entre meus braços.

— Isso pode ser considerado assédio? — eu mesmo pergunto.

— Claro, eu posso te processar, babaca. Espero que não faça isso com todas as funcionárias ou a banda vai se ver em sérios problemas logo, logo.

— Acha que preciso assediar alguém, florzinha? As garotas tropeçam *pra* cair nos meus braços.

— Ahá... Por isso que esse seu ego está a ponto de explodir.

Viro o rosto dela para que me olhe e vejo que seu rosto está corado. Poderia ser uma reação a situação incômoda, mas suas pupilas dilatadas e o modo desejoso como encara meu peito molhado me diz outra coisa.

A desgraçada remexe o corpo no meu colo, como se tentasse ficar mais confortável e meu pau ganha vida. Aperto-a mais contra mim, para que sinta o quanto me deixa louco e ouço um gemido baixinho escapar da garganta dela.

Jas pigarreia tentando disfarçar, mas não adianta. Apesar do que ela diz ser verdade, em partes, não é arrogância que me faz afirmar isso, é que o desejo entre nós dois não é algo que dê para disfarçar, eu vejo nos gestos dela, no olhar e sinto na respiração acelerada. Mas sei que o oposto também é evidente.

— Vai lamber, florzinha?

Os olhos dela estão por toda parte e só voltam aos meus, quando minha mão se insinua por baixo de seu vestido.

— Lamber? — Jas parece aérea.

— Está distraída? Lamber o suco, você que me sujou.

— Ah, isso! Sujei, vou buscar uma toalha.

Jas tenta sair dos meus braços.

— Acho desperdício. Assim que me enterrar em você vamos ficar suados. Podemos deixar a limpeza para depois, não acha?

Os olhos dela se abrem um pouco e acho graça em sua reação.

— O que foi? Rebolar no meu pau, tudo bem, mas eu não posso ser honesto sobre meus sentimentos?

O tapa na minha nuca vem com força.

— Eu não estou rebolando! E desde quando tesão é sentimento?

— Por que não? Eu vou te fazer sentir tanta coisa...

Começo a beijar o pescoço dela, que ronrona sob minha boca. Suas mãos agarram meus cabelos e ela inclina o rosto *pra* trás, me oferecendo o pescoço.

Seguro sua nuca com uma mão e então tomo a boca dela em um beijo. Eu a invado com a língua e Jas me agarra pelos ombros, tão desesperada quanto eu.

A ajuda a se sentar sobre mim direito, passando uma perna de cada lado e sinto sua boceta tocar meu pau, ainda que as roupas dificultem a porra toda. Movo o quadril *pra* cima, esfregando minha ereção nela, que geme mais alto.

Jasmim é gostosa *pra* cacete e faz quatro anos que não entro no meu lugar preferido. De hoje não passa. A voracidade da minha boca na dela, suas mãos sobre mim, apertando meus ombros e braços, todo o cenário me deixa louco.

— Jas, vou te foder, florzinha. Afasta a calcinha *pra* mim, por favor.

Ela me empurra na mesma hora e se levanta meio desastrada, fugindo.

— Não. Isso não vai acontecer, Tray! Eu já disse isso...

— Mas eu pedi por favor! — quase choro de frustração, enquanto ela arruma o vestido no lugar.

— Eu não te disse ontem mesmo que não faria isso?

Por que merda parece que ela vai chorar? Estava tão bom e agora parece que ela está apavorada.

— Ah, Jas... Senta aqui, vai... Você quer também, admite.

O rosto dela está carregado de arrependimento.

— Desculpa, Tray. Você se aproxima desse jeito, conversa comigo assim e por um momento quase me faz esquecer que isso é impossível, eu não posso pensar em nada mais agora.

Ela me dá as costas, seguindo para dentro de casa.

— Jasmim! Vai me deixar de pau duro, sua peste?

Parando na porta, ela me olha por um momento. Merda! Ela está chorando de novo.

— Me perdoa — Jas diz e desaparece no corredor.

Que porra foi essa?

Jasmin

Escapar dele, ontem na piscina, foi uma das coisas mais difíceis que já fiz, mas não posso ceder.

O que eu realmente preciso, é coragem e contar tudo o que venho omitindo e, assim, quando ele me odiar, não vou precisar lidar com o fato de ter transado com ele enquanto mentia. Um problema a menos.

Minha vida foi de purgatório a inferno em pouco tempo, já que paraíso mesmo, nunca foi. Eu seguia trabalhando e fazendo tudo ao meu alcance para que as coisas ficassem bem, até que aquele caos chegou, me tirando o chão.

Os únicos momentos de distração que tenho são os que passo com Tray e logo isso também vai ter fim, mas ainda me agarro à esperança de que receba notícias positivas, hoje.

Chego para o trabalho e Rosa me informa de que meu atual chefe está no quarto e pediu para me ver.

Entro no cômodo, chamando por ele.

— Anders? Cadê você?

A porta do banheiro se abre e ele sai. Pelado.

Sinto um comichão entre as pernas e, bom, preciso me dar um desconto. A última vez que transei foi com ele e isso tem tempo, além disso o homem é um espetáculo.

Passa por mim na direção do closet, me dando uma visão nítida de tudo.

A começar pelas tatuagens que estão por toda parte, Tray parece um quadro pintado por um artista dos mais talentosos. As marcas em sua pele atizam a mulher que existe em mim e a vontade de agarrá-lo vem com força.

As pernas grossas, resultado de muita musculação, os braços fortes, o abdômen trincado. É tudo tentador demais pro meu próprio bem e por alguns minutos, esqueço que fora desse quarto, minha vida está ruindo.

— Vou me vestir e já venho...

Eu agora encaro aquele que ele chama de BigTray. Pode parecer presunçoso, mas não é, realmente é grande e grosso e quanto mais eu olho, maior ele fica.

— Quer alguma coisa?

Volto a encarar Tray e estreito os olhos, o fitando com desconfiança.

— Pensei que tivesse pedido para não andar sem roupas.

— Não, me pediu *pra* não andar de cueca por aí, estou seguindo seus termos.

— Se veste logo, Tray.

— Tem certeza? — O maluco decide se aproximar de mim, com aquela coisa toda em riste, apontando direto para a minha barriga. — Você podia tirar a roupa e, assim, ficamos iguais. Sou a favor dos mesmos direitos para os homens e as mulheres, Jas.

— Cala a boca, Anders. Você não está facilitando minha vida, que por sinal já anda difícil ao extremo. Então, por favor, coloca logo uma cueca.

Ele segura meus ombros.

— Vamos transar, Jas. Eu sinto tanta falta, tanta, que chega a doer.

— Se chama ereção, Anders e você precisa urgentemente de um filtro, não pode sair falando tudo que vem à cabeça, Tray.

O cafajeste ainda sorri de lado, de um jeito que faz tudo em mim se revirar.

— Posso sim e você deveria experimentar, é libertador. Mas se insiste, vou me vestir.

Ele se afasta, sumindo dentro do closet e aproveito os minutos para me recompor.

A minha calcinha está arruinada, claro, mas eu jamais vou assumir.

Quando volta, tem uma toalha nas mãos e está secando os cabelos castanhos.

— É o seguinte, vou comprar um móvel e preciso que me acompanhe. Pode ser? É sua tarefa de hoje.

Assinto, meio desconfiada.

Vamos juntos a uma loja de móveis desses exclusivos, com pouquíssimos clientes, cujos preços são exorbitantes, mas pelo menos evitamos aglomeração. Um dos seguranças deveria ir conosco, mas como sempre, Tray sai fugido.

Uma ruiva muito bonita nos atende na loja. Apesar das roupas elegantes, a mulher parece ter ideias bem pouco profissionais ao olhar para Tray.

— O que quer ver hoje? — A vendedora falta pular sobre ele.

Já me convenci quanto a não sentir ciúmes de toda mulher que se aproxima dele, mesmo porque Tray não é nada meu. Ainda assim...

— Uma cama, a maior que tiver.

Ela assente com um sorriso de quem entende das coisas. Idiota.

A princípio me sinto ofendida, afinal, eu poderia ser a namorada dele e ela não está sendo nada discreta no flerte descarado. Mas então me dou conta de que se eu fosse a namorada dele, todos saberiam, incluindo a vendedora.

Melhor me concentrar naquilo que posso controlar.

— Para que precisa de uma cama? — pergunto, enquanto seguimos a mulherzinha para os fundos da loja.

Tray só me responde quando paramos diante da imensa cama de casal, que caberia uns quatro casais tranquilamente.

— Porque você não vai me deixar te comer na que eu já tenho.

A vendedora tem um acesso de tosse e acabo rindo, mesmo que não deva. A coitada não esperava por essa, ninguém lida bem com doses de Tray logo de manhã, exceto eu que já me acostumei.

— Não vai me comer em cama nenhuma, Anders.

— Um sofá, então?

Dou as costas para ele e volto pelo corredor por onde viemos.

— Manda entregar *pra* mim? Quero um sofá novo também, manda um bem bonito porque já viu que a conquista está difícil. Preciso impressionar.
— Escuto o pedido dele, que é feito aos berros justamente para que eu ouça.

— Você é impressionante... — ela responde, bem mais baixo, mas ainda assim eu escuto.

Ah, por favor. Como se ele não soubesse disso e precisasse de alguém *pra* dizer.

A presença de Tray agora tem me feito mais mal que bem. É impossível estar tão perto, ter tanto da atenção dele sobre mim sem pensar em como as coisas poderiam ser diferentes, sem sonhar com aquilo que não posso ter e sem esperar dele o que não pode me dar.

Tray

Jas foi para a sorveteria sem dar a atenção que tanto preciso e quanto mais ela nega, mais louco eu fico. Conheço bem a tática, até diria que ela está tentando me conquistar se não fosse tão ridículo, considerando o passado.

O que me leva a única coisa que tem me atormentado por todos esses dias e que fez tomar uma decisão no impulso.

Quando o investigador me ligou mais cedo, com o endereço de Jasmim em mãos, pedi que fosse até lá e sondasse a movimentação do lugar. Não eram nem cinco horas da tarde quando ele me avisou que um homem tinha entrado na casa.

Mandeí uma foto que consegui na internet e ele confirmou. O desgraçado do Adam estava na casa dela no meio do dia, mesmo que Jas estivesse trabalhando.

Ela não podia estar morando com ele, era uma ideia absurda demais, mas quanto mais eu pensava em tudo, mais coerente me parecia e eu não iria dormir com a dúvida.

— Tudo bem. Fica aí até eu chegar, de tocaia e me avisa se ela entrar ou se o cara sair.

Deixo o meu quarto, mas antes de sair de casa encontro Julia e Ashton na sala, vendo um filme e abraçados no sofá. A imagem me faz lembrar dela...

Jas não me enganaria assim, tem que haver alguma explicação diferente.

— E aí, cara? Onde tá indo? — Ash pergunta, mas sem tirar os olhos da televisão.

— O nosso Sherlock achou a casa da Jasmim e disse que o Adam está

lá.

Julia ergue o rosto, a expressão confusa.

— Mas a Jasmim não está no trabalho?

— Exatamente. O que esse merda tá fazendo lá? Eu vou descobrir o que ela está escondendo agora mesmo.

Os dois se olham e fecho a cara, tentando emitir o alerta de que não estou *pra* gracinhas.

— Tray, não acha que se eles estiverem juntos, isso vai ficar meio estranho? Não é melhor perguntar *pra* Jas amanhã?

Apenas ignoro a sugestão dele.

— Porra, quanto mais eu penso, mais parece ser isso. Mas Jas não ia trair o cara se fosse seu namorado, ela não é assim.

— Trair? Vocês ficaram? — Ashton parece curioso e Julia também me olha esperando a resposta.

Duas vovozinhas fofoqueiras.

— Mais ou menos, mas se a Julia beijasse outro cara você não ia considerar traição?

— Claro que ia.

Assinto, tentando colocar a cabeça no lugar.

— É, deve ter outra explicação, a Jas não ia me beijar se namorasse o Adam. Amanhã eu falo com ela. Acham melhor?

Os dois balançam a cabeça com tanta ênfase que acabo considerando. É só uma noite, de manhã vou descobrir a verdade.

Jasmin

Volto para casa andando o mais rápido que posso. O copo com sorvete em uma das mãos e a bolsa no ombro. É uma luta para chegar antes que derreta e vire só uma calda rala e eu prometi que levaria tem três dias, mas aí Tray apareceu e o milk-shake que tinha preparado teve outro destino.

Quando chego na rua de casa, vejo o carro de Adam estacionado e apresso o passo, ansiosa para encontrá-lo, ouvir o que tem a dizer.

Abro a porta e os vejo sentados no sofá, Adam e Chrystal. Ainda estou sustentando um sorriso no rosto quando noto suas expressões desanimadas e o rosto manchado de lágrimas da minha prima.

Adam se levanta e vejo em seus olhos escuros tanta tristeza, que não precisa me dizer nada.

Deixo meu corpo cair no chão, enquanto um soluço de dor me escapa e as lágrimas descem abundantes. Isso não pode estar acontecendo comigo.

— Sinto muito, Jas. Vamos dar outro jeito — Adam lamenta.

Sem forças para me manter sentada, termino me deitando sobre o tapete, aos prantos, enquanto ouço Chrystal também começar a chorar baixinho.

— Mamãe? — A voz preocupada dele me alcança. — Por que a mamãe tá *cholando*?

Eu preciso me levantar, sorrir e abraçar meu pequeno. Mas me sinto tão fraca, tão cansada de lutar, que não consigo mais fingir.

Vejo seu corpinho se deitar ao meu lado e suas mãozinhas tocarem meu rosto em um carinho suave, que me devasta ainda mais.

— Não *chola*, mamãe... Eu te dou meu *sovetinho*.

15



Jasmin

Não consegui nem mesmo sair da cama na hora que devia. É como se tivesse uma bola de ferro sobre o meu peito, meu estômago, me esmagando e tirando meu ar.

Encarar Tray assim e esconder qualquer coisa dele é impossível, por isso, quando finalmente me arrasto *pra* fora da cama, já sei o que preciso fazer.

Não importa mais que possa me odiar para sempre, ou que quando eu perdê-lo de vez, o único capaz de me oferecer algum consolo, seja ele mesmo, o que não vai acontecer. Nem mesmo importa que eu jamais me recupere disso, porque conhecendo a mentalidade das pessoas, sei que dificilmente alguém levaria a sério a situação em que me encontrava quando tudo aconteceu e sequer tive forças para lidar com as coisas. A única questão relevante, é a verdade e o resultado positivo que virá com ela.

Tomo um banho rápido e vou até o hospital colher algumas informações de que preciso antes de falar com ele. Informações impressas, e não apenas palavras soltas.

Tray vai querer respostas, explicações e distância de mim, claro, mas não posso mais evitar o confronto. Não consigo dormir, comer direito e nem mesmo fazer minhas obrigações como mãe.

Tudo que quero é desaparecer e torcer *pra* que isso desapareça junto.

Adam me liga quando estou deixando o hospital, já com tudo que vim buscar.

— Ei, Jas. Estou indo na sua casa ver o pequeno, tudo bem?

— Claro, obrigada Adam. Sério, por tudo. Nem sei o que faríamos sem você.

— Sem problemas, Jas. Faço isso porque quero ajudar vocês, sabe disso. Você não me deve nada.

Suspiro com suas palavras. Adam é sempre tão maravilhoso, que me sinto culpada por nem tentar dar uma chance a ele, mas infelizmente meu coração não é nada racional.

— Eu sei que faz porque quer. Obrigada mesmo, nos vemos daqui a pouco.

Tray

O ensaio parece mais longo que costuma ser. Talvez porque estou doido *pra* sair do estúdio, encontrar Jasmim e descobrir de uma vez por todas que porra de mistério é esse e o que o tal Adam tem com isso.

Quando Ash faz uma pausa para beber água, coloco a guitarra de lado.

— *Pra* mim deu por hoje, preciso falar com a Jasmim antes que ela vá embora.

Olho no relógio e vejo que a manhã passou voando, ela já deve estar saindo e eu ainda nem a vi.

— Mas não acabamos de passar o som, cara. O show é no final de semana... — Josh reclama.

Abro um sorriso e aceno, me despedindo.

Subo as escadas para dentro da casa, enquanto ouço os dois resmungando.

Vou direto para a cozinha, deduzindo que como eu não estava por perto, Rosa deve ter pedido que Jas fizesse alguma coisa.

— Rosinha do meu coração, cadê a Jas?

A mulher olha por sobre o ombro e não parece das mais felizes criaturas.

— Olha só, menino. Se for ficar colocando suas namoradas *pra* trabalhar aqui, elas precisam cumprir com as tarefas. A moça nem deu satisfação, simplesmente não apareceu para trabalhar hoje.

Devo parecer surpreso, porque ela continua:

— Não precisava dar emprego a ela, era só trazer *pra* casa como sempre faz e deixar o Jeremi levar embora no dia seguinte. Sei que disse que era sua

amiga, mas...

Isso me tira do momento de espanto.

— Rosa, não fala assim, tá bom? Eu não te dei detalhes sobre isso, então entendo a suposição, mas não é desse jeito. Jasmim é minha amiga desde criança, é amiga dos meninos também, eu queria ajudar com dinheiro, mas ela não aceitou porque é muito orgulhosa, gosta de batalhar pelas coisas e foi por isso que te pedi para ligar e oferecer o trabalho. Ela não é qualquer pessoa e não veio *pra* cá dormir comigo.

Rosa é quem parece espantada agora.

— Apesar de eu querer, claro — completo.

Isso faz ela sorrir.

— Bom, se é assim e a moça quer mesmo trabalhar, deve ter acontecido alguma coisa, Tray. Porque ela não apareceu.

Isso me preocupa um pouco, Jasmim não parecia muito bem ontem e hoje não veio, ela não é irresponsável, então algum motivo deve ter tido.

Escolho a moto. Apesar de barulhenta chama menos atenção e também evita um pouco o trânsito.

Visto a jaqueta preta e coloco o capacete, antes de deixar a mansão e pegar as ruas de Seattle.

A distância é razoável e levo um tempo para chegar a Rainier View; apesar de não conhecer as ruas tão bem quanto em Dunlap, consigo me virar e logo encontro o endereço que o detetive me passou.

Estaciono um pouco distante, observando o carro preto na porta. Jas não tem carro e, pelas informações que o investigador me passou, posso deduzir que seja do Adam e que ele dormiu aqui e, pelo jeito, não foi embora até agora.

Com o capacete na mão, sigo até a porta da frente. Que porra de casa é essa? Não tem nem portão, segurança nenhuma. Jasmim perdeu o juízo, só pode.

Bato na porta, me preparando para enfrentar a oncinha quando me pegar aqui, coloco meu melhor sorriso na cara e me aqueço *pro* embate.

Quando a porta se abre, não é Jasmim, mas o nerd imbecil. Eu vou matar aquela praga...

— Anders? — A expressão dele não poderia estar mais confusa, nem se eu tivesse uma melancia na cabeça.

— E aí, cara? Minha Jas está?

Ele faz uma careta com a pergunta, mas em seguida abre um sorrisinho que mostra todos os dentes brancos.

— Jasmim saiu e ainda não voltou. Quer deixar um recado?

Recado! Mas que desgraçado.

Empurro a porta com o ombro e aproveito a vantagem que ganho com o susto que ele leva, *pra* passar e entrar na casa.

Me vejo em uma sala minúscula e mal iluminada. Acho que são as janelas pequenas demais.

Uma televisão está ligada e ouço barulho vindo da cozinha, o que indica que minha praga está se escondendo.

— Tray, espera aí, cara. Não pode ir entrando desse jeito... — Adam decide que é hora de ser homem.

— Ah, não posso? O que você está fazendo aqui se a Jas não está em casa?

— É complicado, Anders. Se ela não te contou, eu não posso falar nada. Mas é melhor você ir embora.

Olho *pra* ele de cima a baixo, notando as roupas formais. Ele veste uma camisa social e calça jeans, os sapatos são novos. Parece que a vida não vai tão mal *pra* ele assim, já *pra* Jasmim vai tudo de mal a pior.

— O que você faz da vida? Vai me dizer que fica aqui às custas dela, enquanto Jas se mata de trabalhar?

Adam me olha com raiva pela primeira vez desde que entrei.

— O único escroto aqui é você, Anders. Eu assumo as coisas que faço, não ia deixar a Jasmim sozinha. Você nem sabe nada do que ela tem passado.

— Não sei porque ela decidiu esconder, mentir *pra* mim e isso deve ter

seu dedo no meio. Eu sei que ela está em casa...

Ando na direção da cozinha, o barulho já parou tem um tempo.

Quando passo pela porta, tenho a segunda decepção do dia, de uma lista que está longe de terminar. Não é Jasmim, mas Chrystal quem está encostada na pia, em silêncio.

Ela me olha de um jeito estranho e parece apavorada com minha presença na casa.

— Mas que porra tá acontecendo aqui? Cadê a Jas, Chrystal?

— Nossa! — diz, parecendo ofendida. — Oi, Chrys, há quanto tempo não nos vemos. Senti saudades... — fala em uma voz esquisita que deve ser uma imitação da minha. — Nem um cumprimento, Tray? Já chega assim, exigindo saber de tudo?

Nem me importo em responder, cruzo os braços esperando uma explicação.

— Jasmim saiu, ok? Ela precisou resolver uma coisa importante, mas me disse com todas as letras que ia passar na sua casa hoje à noite, para conversarem. É só esperar mais hoje, Tray. Ela vai te contar tudo.

Sem questionar a mentirosa, volto para onde deixei Adam. Ele está saindo de um dos quartos e o ouço sussurrar alguma coisa.

— O que é isso? Ela está escondida aí no quarto? Eu não saio daqui sem ver a Jasmim. E você, pode ir juntando suas coisas e dando o fora daqui, porque se existe algo entre os dois, vai acabar agora mesmo.

Irracional, imaturo, insano. Sei de tudo isso, mas se o desgraçado não sumir agora, vou acabar fazendo uma besteira.

— Deixa de ser imbecil, eu não vou a lugar nenhum — ele responde sem o mínimo apego a vida.

Me aproximo devagar e olho diretamente em seus olhos, o dedo apontado *pro* nariz. Que ele comece os socos, porque eu quero muito revidar.

— Tá namorando a Jasmim?

Adam estreita os olhos, mas não se afasta e nem retira meu dedo de sua cara.

— Não estou. O que une Jasmim e eu é outra coisa, mas não vou mentir, a convidei para sair e se ela aceitar, eu não vou deixá-la escapar. Sua chance já se perdeu.

Abro um sorriso, contente. Se não estão namorando, só preciso dar um jeito de fazer o babaca desaparecer da vida dela.

Assassinato podia ser legal em alguns casos.

— Vou te contar uma coisa, Adam, que acho que seu intelecto reduzido ainda não entendeu. Jasmim nunca vai ficar com você... — Meu dedo agora toca seu peito. — Eu sei foder de um jeito, que você nunca sonhou em fazer.

Adam olha meu dedo e ergue a sobrancelha, o maxilar travado como se quisesse muito me bater. Bate logo, desgraçado.

— Tem razão, Tray. Eu não fodo. Quando Jasmim for minha, vou fazer amor com ela e você, estará em um passado muito distante.

Ouçoo um arquejo e desvio os olhos dele para encontrá-la escorada na porta. A bolsa em uma das mãos revelando que realmente não estava em casa e escolheu a melhor hora *pra* chegar.

Jas tem os olhos arregalados e olha de mim para Adam com pavor.

— Ah, florzinha... Não vai ficar chateada comigo, né? Você acha que um cara que fala *fazer amor* ia te fazer gozar?

Jas cobre o rosto com as mãos e começo a ficar preocupado de que ela tenha mesmo se ofendido, ou talvez esteja nos comparando e achando que Adam é mais aceitável. Merda!

— Jas, o que foi, praguinha?

Quando ela volta a me olhar, seus olhos estão cheios de lágrimas não derramadas e há neles um completo pavor, que me deixa assustado *pra* caralho.

— Tray, eu não estou muito bem agora para conversarmos. Aqui não é o lugar para falar o que preciso, podemos fazer isso mais tarde? Prometo que vou *pra* sua casa hoje mesmo, já era minha intenção.

— Mas Jas, eu não aguento mais esses segredos! — insisto. — E esse babaca aqui? Por que ele pode ficar e eu não? Eu vou dar um soco nessa cara

metida dele...

Ouçõ então a porta do quarto se abrir e vejo Jas se virar na direção dela, paralisando o corpo em seguida, como uma estátua. Adam também olha *pra* lá e eu acabo fazendo o mesmo.

Meu cérebro entra em parafuso quando um garotinho sai de dentro do quarto, usando um pijama maior que ele mesmo e uma touca engraçada na cabeça.

O menino me olha e depois para os outros. Os olhos azuis estão curiosos e ele agarra a perna de Jasmim, que o pega no colo e me encara, completamente desolada.

— Que porra é essa? — pergunto, tentando negar a cena trágica que meu cérebro desvenda.

O garoto arregala os olhos e tampa os ouvidos.

— Mamãe, o moço *bavo* falou coisas feias — ele diz, a voz engraçadinha de criança, mas as palavras pronunciadas quase corretas.

Cadê a mãe do garoto?

— Ah, merda... — Solto outra vez e ele parece ainda mais apavorado. — Esse menino é seu filho? — Finalmente começo a compreender o todo.

Jasmim assente, a cabeça baixa, evitando me olhar.

— Puta que pariu, Jasmim! Como você pôde me esconder uma coisa dessas? Ficou louca? E você, seu merda... — Me volto para Adam. — Não tem vergonha de deixar os dois morando nesse muquifo, enquanto desfila de carro do ano? Eu vou acabar com a sua raça, desgraçado.

Adam olha para Jasmim, mas ela não diz nada.

O vagabundo não pode esperar que ela o defenda ainda!

Solto um riso sem humor algum e puxo meus próprios cabelos com força.

— Eu vou embora, não estou com cabeça *pra* falar disso agora. Adam, pode me acompanhar?

Ainda tenho tato de não arrebentar a cara dele, na frente do filho.

Apesar de Jas lançar ao homem um olhar suplicante, Adam se desvencilha do toque dela em seu braço e me segue *pra* fora.

Escuto o menino perguntando baixinho:

— Mamãe, é o deus do rock?

Caminho a frente de Adam, ouvindo seus passos às minhas costas, apoio o capacete na moto e sem aviso, me viro com o punho já preparado, acertando o queixo dele com força.

Adam cambaleia *pra* trás, a mão no rosto enquanto balança a cabeça de um lado *pro* outro, sem acreditar.

— Você quase me arrancou um dente! — fala, com a boca ensanguentada.

— Você me tirou muito mais, seu idiota.

Monto na moto, coloco o capacete e saio em disparada, sem conseguir pensar em nada que não seja o garoto, chamando a minha Jas de mãe.

Caralho, eles são a porra de uma família.

Quando chego em casa, estou completamente cego de raiva e a dor que sinto em meu peito, é a mesma que sentiria caso Jasmim tivesse me enfiado uma faca e torcido dentro de mim.

Passo pela sala e atiro o capacete no sofá. Ele cai com um estrondo no chão e sai rolando. Sigo *pra* cozinha, abro o freezer e pego simplesmente todas as bebidas que temos disponíveis em casa, e são muitas.

Eu preciso me afogar no álcool e esquecer esse dia, antes que acabe voltando até lá e arrumando mais confusão.

Jas mentiu. Não namora o cara, mas teve um filho dele, o que é muito pior, porque é uma ligação que não vai acabar.

O que une Jasmim e eu é outra coisa.

Equilibrando as garrafas sob os braços e outras nas mãos, desço as escadas pro estúdio. Eu devia mesmo era ir para minha casa, a que nunca uso, assim os meninos iriam me deixar em paz, sozinho.

Mas não tenho cabeça *pra* voltar a dirigir, nem sei como cheguei até

aqui.

Abro uma das garrafas e deixo no chão, enquanto ligo a caixa de som e conecto a guitarra nela.

Toco sozinho pelo que parecem horas, parando apenas para beber goles generosos que vão aos poucos entorpecendo meus sentidos e despertando meus sentimentos.

Caralho, minha florzinha é mãe. Mãe do filho de outro cara e mentiu por no mínimo uns três anos, pelo tamanho do moleque.

A vibração do instrumento preenche meu corpo e tento me perder no dedilhar das cordas e esquecer um pouco a decepção que estou sentindo. Não é apenas pela porra da mentira, mas por uma coisa muito pior que não posso sequer dizer em voz alta, sem parecer ridículo.

Quanto mais alto o barulho, mais distante fico de mim mesmo e mais perto da sensação de sufocamento que vem me acompanhando desde o instante em que Adam abriu a porta.

A decepção e a tristeza dão lugar a raiva e mal me dou conta do que faço, quando arranco a guitarra dos ombros e a atiro na parede. O barulho do instrumento se quebrando é muito agradável, faz companhia *pra* dor do cacete que está me detonando, neste órgão maldito que não para de pulsar no meu peito.

A porta do estúdio se abre e Ashton entra, Josh vem logo atrás dele, mas nem direciono o olhar pros dois. Me abaixo como se nada estivesse acontecendo, pego a garrafa de vodka que já está perto de acabar e me sento no chão, virando o resto em um só gesto. Em algum momento vou deixar de sentir qualquer coisa.

— Que merda tá acontecendo aqui? — Ashton pergunta e me arranca uma risada.

Foi exatamente o que perguntei um pouco antes. Não era para ser engraçado, mas não consigo conter o riso.

— Uma merda mesmo... das grandes...

A risada ecoa na sala fechada e jogo a cabeça *pra* trás, liberando a gargalhada mórbida.

— Quebrou sua Fender? Caralho, Tray! Era exclusiva, ficou maluco? — Ash nota.

Olho pros pedaços dela caídos no chão e tento fazer um gesto de desdém. Meus movimentos não estão muito precisos mais, até que enfim.

— Nós somos almas gêmeas. Eu me quebrei, porra, tinha que quebrar ela também.

— Que asneira é essa que ele tá falando? — Josh pergunta e o olhar dele se torna sério, preocupado.

Como se eu fosse uma menininha chorona. Que idiotas, não posso mais beber sozinho?

Ashton puxa uma das minhas garrafas *pra* ele e se senta do meu lado. Josh faz a mesma coisa, mas deixa a bebida.

— Tá bom. Querem ouvir? Vou contar a desgraça toda, mas vão ter que ouvir do início, sempre gostaram mesmo de se intrometer em tudo, agora lá vai...

Espero que se levantem, desistindo, mas os dois permanecem em silêncio.

— Jas e eu, vocês sabem, não deu certo... Mas ela é a minha garota, nunca mais vou namorar outra pessoa, porque não faria sentido. Ela me aceita desse jeito torto, cheio de bagunça, com um passado deprimente.

Ashton leva a garrafa na boca e toma um gole, depois estende *pra* Josh, que rejeita.

— Bebe, porra. É apoio emocional.

Josh não parece muito convencido, mas acaba cedendo e toma um pouco também.

— Sabem sobre meus pais.

Eles sabem, mas mesmo assim me vejo contando, como se precisasse relembrar o inferno que tive como família.

— Meu pai era um escroto espancador de mulher, batia na minha mãe sempre que podia. Eu não me lembro disso, soube por outras pessoas, era um bebê quando ela acabou me dando *pra* vó Gal e foi a melhor coisa que me

aconteceu.

— Um brinde a pais babacas e filhos que os superam... — É Josh. Claro, o pai dele era tão ruim quanto o meu.

— Conheci vocês e Jasmim, a Dominium surgiu e, bom, eu estou vivo e eles mortos. Um acidente de carro e pronto, fiquei órfão. Caralho, como eu queria ser pai... Ia fazer tudo diferente, mesmo que as vezes eu fale um monte de merda sobre você se dedicar demais a princesinha, Ash, é da boca *pra* fora, porra. Tenho um orgulho do caralho do pai que você é. Os nossos pais juntos, não são um terço do pai que você se tornou, antes mesmo de saber se ela tinha seu sangue.

— Valeu, cara... — Ashton está olhando *pro* chão, mas responde com a voz embargada.

— Nada... E eu queria isso, ter tantos filhos quanto fosse possível. Jasmim me largou da primeira vez por infantilidade, ciúmes, mas da segunda vez, eu nunca entendi. Estava tudo bem e, de repente, ela disse que não daria certo.

— Caralho, Tray, para de chorar assim — Josh fala, tenso.

Passo a mão no rosto e percebo que está todo molhado. Mas que droga.

— Não tô chorando. Bebida demais, corpo de menos... Extravasa o líquido.

— Sei — responde, meneando a cabeça.

— Mas Tray, é só dar um jeito na sua vida. Parar com as mulheres aleatórias e se concentrar na Jas, você é doido por ela, vai dar certo — Ashton me dá ainda dois tapinhas no ombro, como que incentivando.

— Ah, mas eu não contei o que aconteceu. Fui até lá agora a pouco, desconfiado de que talvez ela estivesse namorando o Adam e eu ia pegar minha praga de volta, claro. Mas o babaca estava lá e abriu a porta. Vocês entendem isso? Eu não sabia nem a porra da rua em que ela morava e ele estava na sala, vendo televisão.

Ashton coça a cabeça e não diz nada, apenas bebe mais um pouco.

— Pensam que acabou a desgraça? Jasmim chegou e me encontrou discutindo com o filho da puta e eu estava mesmo bem transtornado, mas, de

repente, saiu um garotinho do quarto, subiu no colo dela e perguntou *pra* mãe o que estava acontecendo. Mãe, porra!

— Espera aí — Josh se levanta, ergue as duas mãos, parando minha narrativa. — Quem era a mãe do menino? A Jasmim?

Aplauzo a inteligência dele algumas vezes.

— Exatamente. A Jasmim teve um filho e vem me escondendo isso esse tempo todo. O menino deve ter uns três anos já, é uma mentira muito grande, caralho. E o Adam estava lá, olhando o moleque, ou seja, deve ser o pai.

— O Adam é o pai do menino? Um menino de três anos? — Josh parece bastante surpreso com a revelação.

Eu entendo, também fui pego desprevenido.

— Deve ser... Um pai de merda, inclusive. Jasmim não tem porra nenhuma naquele barraco, o menino estava usando roupas ganhadas de alguém, muito grandes e a casa nem portão tinha.

— Mas que merda, cara. Sinto muito — Ashton olha outra vez para a guitarra quebrada. — Entendi agora, eu ficaria muito puto também.

Josh está mexendo no celular, ignorando a discussão. Eu nem me importo, não tem nada que um deles possa fazer.

Exceto jogar uma bomba na minha cabeça.

— Tray, eu não quero que entre em desespero, mas precisa repensar isso aí, cara. — Josh me estende o celular, aberto na página pessoal de Adam Bradler. — Olha essas fotos, vê as datas disso... Adam se mudou *pra* Inglaterra, morou lá nos últimos seis anos, fez medicina e se especializou. Eu sei disso porque a Ane seguia o instagram dele e tivemos até uma briga por conta disso, então ela disse que eu estava louco e que o cara nem morava aqui. Pelo que parece, Adam voltou *pra* Seattle tem poucos meses, não tem como ser o pai do garoto.

Passo as fotos, que confirmam o que Josh diz. Adam não estava aqui quando aquele menino nasceu, mesmo que o garoto tenha quatro ou cinco anos, ou dois, ainda assim não teria como ser filho dele.

— Caralho, só piora... Então Jasmim transou com outra pessoa.

— Ah, cara, você não pode querer cobrar isso dela — Josh diz, a sensatez em pessoa, sempre. — Mas acho que ainda não entendeu o quanto isso é sério.

Analiso o que ele diz e aos poucos, as coisas começam a fazer um sentido assustador.

— Faz uns quatro anos que a vó Lisa morreu e nós fomos *pro* Chile, colocando nove meses nessa conta, esse menino podia muito bem ser meu...

É tão ridículo que chego a rir.

— Fiquei doido, porra. A Jasmim mentiu sim, mas ela é a pessoa que eu mais confio nesse mundo. Nunca que ia me sacanear desse jeito.

Ashton olha para Josh e os dois me encaram ainda mais sérios.

— Olha, ela sumiu um bom tempo quando voltaram daquela viagem e depois disso começou a mentir *pra* você. Eu adoro a Jas e não quero acreditar que ela possa ter feito uma sacanagem dessas, e vou ficar muito puto se for o caso, Tray, mas acho que precisa esclarecer isso, porque são boas as chances.

Enquanto Ashton fala, começo a pensar em tudo que aconteceu nos últimos anos, tentando visualizar o cenário de uma maneira mais ampla e desesperado para provar que aquilo é uma mentira.

— Minha florzinha não me trairia desse jeito...

Mas quanto mais eu penso, mais parece que Ash tem razão.

Depois da viagem ela sumiu, terminou comigo e não a vi por mais de um ano. Em nossos dias em Nova Iorque ela foi embora correndo, depois de receber uma ligação.

O jeito triste com que me olha, a tal coisa que queria me contar outro dia e, por fim, os olhos azuis do menino, parecidos com os meus.

Jasmim tem os olhos da cor do mel e Adam tem olhos escuros.

Talvez...

Jasmim faria algo assim? Comigo, que estive ao lado dela a vida toda?

Meu ego cresceu com minha carreira, porque de modo algum me preparei *pra* ser traído dessa forma.

16



Jasmin

Dizem que não devemos deixar para amanhã o que se pode fazer hoje. Essa verdade caiu com brusquidão sobre minha vida da noite para o dia.

Durante tanto tempo evitei a verdade e fugi. E por mais que inúmeras vezes tenha tentado reunir a coragem necessária para dizer, falhei. E agora Tray descobriu de outra forma, complicando uma situação que já não era fácil.

Não preguei os olhos a noite toda, revirando na cama e pensando em Tray, em como ele estaria e como lidaria com aquilo. Peguei o celular uma dezena de vezes para ligar, explicar que Jay não era filho de Adam, mas talvez ele precisasse de um tempo para assimilar a novidade antes que eu lhe atirasse outra ainda maior.

De manhã, não fui trabalhar outra vez. Não fazia sentido continuar indo à mansão, provavelmente eu estaria na rua assim que passasse pelos portões.

Esperei Chrystal chegar pra ficar com meu filho e fui ao mercado buscar algumas coisas para a semana, antes do meu turno na sorveteria ter início.

Procurei nas prateleiras por uma lata de biscoitos; Jay vinha pedindo há alguns dias, mas ele só poderia comê-los depois se ficassem completamente vedados, então a lata era a única — e cara — opção. Ele também queria sorvete de novo, mas isso não compro, preparo eu mesma na sorveteria usando apenas ingredientes até então lacrados.

Com os biscoitos garantidos e alguns outros itens especificamente comprados, peguei o caminho de volta. Meu celular vibra no bolso, enviando uma onda de ansiedade para meu corpo, acelerando meu coração. Quando olho o visor, no entanto, não é Tray.

— Oi, Andy... — atendo a ligação.

— E aí? Vem trabalhar hoje? Você prometeu me contar tudo, mas aí o Tray apareceu e você saiu daqui fugida, depois não veio mais para o trabalho. Está tudo bem?

Suspiro um pouco cansada de tanta desordem na minha vida.

— Na verdade não. Tray esteve lá em casa ontem, descobriu onde eu moro e conheceu o Jay.

Andy fica quieta por um instante e sei bem o que vai perguntar, apesar de ser óbvio.

— Então...

— É, Tray é o pai do meu filho e eu escondi isso dele até agora. E de você, desculpa.

Deixar Andy sem voz, sem saber o que dizer é algo bem raro, mas ela se cala pela segunda vez em poucos segundos.

— Desculpa também por não ter contado nada sobre os meninos, Andy — continuo. — Eu não queria que Tray soubesse do Jay e preferi evitar qualquer ligação com a Dominium *pra* que isso não acontecesse.

— Eu entendi essa parte, mas assim, Jas... Além da questão mais pertinente, vocês dois, cara! Soltam faíscas, a química entre Tray e você... Uau! Por que não fica com ele, sua doida?

— Já tentei, Andy. Duas vezes e as coisas não deram muito certo. Mas vou trabalhar hoje, tá bom? Aí a gente conversa direito e te explico tudo, inclusive o que aconteceu para que eu me afastasse dele e não contasse sobre Jay.

Estou equilibrando o celular na orelha e as sacolas penduradas nos braços e quase deixo tudo cair no chão ao chegar na rua de casa.

Ashton está parado, encostado em um carro preto, falando com alguém pela janela. Imagino que seja Tray.

Meu coração perde o compasso. Não tenho mais como evitar o momento e temo a reação dele, não apenas por mim, mas por meu filho.

Tray tem todas as razões do mundo para agir movido a raiva, ainda assim, não acredito que depois de conhecer todos os fatos irá fazer algo que

prejudique Jay ou a mim, mesmo depois do que fiz.

— Oi, Ashton... — cumprimento, sondando dentro do carro e encontrando Josh sentado displicentemente. Ao contrário do que imaginei, não era Tray.

— Jasmim — ele responde, sério. — Podemos conversar?

Troco o peso de uma perna pra outra, nervosa, mas não tenho muito o que fazer.

— Tudo bem. Vou só guardar essas coisas lá dentro...

Ele assente, a boca selada em uma linha rígida e nem um sorrisinho cordial.

Entro em casa e sigo com as sacolas para a cozinha.

Chrystal está lavando as frutas com a esponja, como fazemos pra que Jay possa comer sem maiores riscos.

— Ashton está lá fora — comento. — E Josh.

Ela me olha, está tão preocupada quanto eu.

— O que vai acontecer agora? Anders vai querer saber por que não contou sobre Jay. Vai dizer a ele?

Suspiro, cansada de todas as mentiras, traições e desse mundo sujo e cruel.

— Não sei o que fazer, Chrys. Me arrependo muito de ter ocultado Jay, o que Tray fez pra mim não podia ter me cegado a esse ponto. É um filho, ele tem direitos e mesmo que depois eu pensasse nele também, na banda, nos sonhos, não era uma decisão minha.

Ela balança a cabeça, concordando.

— Sei disso, mas não deve ser tão dura com você mesma. Não estava bem... Mas sim, talvez seja melhor não dizer nada, não sei se ele entenderia.

— E as pessoas entendem? Não quero também acusá-lo para aliviar minha culpa. Ele errou, mas não posso eliminar minha falha com o erro dele.

Chrys abre os braços pra mim e recebo seu abraço de conforto.

— Guarda isso, então, Jas. Deixa ele ser o pai que o nosso Jay precisa e siga com sua vida, vocês todos merecem ser felizes. — Ela abre um sorrisinho divertido. — Inclusive o doutor, sabe que Adam é louco por você, né? E adora o Jay.

Saio do abraço, evitando a conversa incômoda.

— Mudando de assunto, vou lá fora falar com Ashton.

Ela meneia a cabeça, notando meu desinteresse no tópico.

Retorno à sala e, para meu total horror, percebo que deixei a porta escancarada e, ao sair por ela, encontro Jay no colo de Ashton em uma conversa bastante animada.

— Que nome lindo, Jay. Quantos aninhos você tem?

Cruzo os braços e olho feio pra ele.

— Não precisa interrogar meu filho, Ash. Eu respondo o que quiser saber.

Ele me direciona um sorriso frio, mas me entrega Jay nos braços.

— Claro, porque honestidade é mesmo seu forte.

Abaixo os olhos porque sei que está certo, encaro meu pequeno e forço um sorriso.

— Filho, espera a mamãe lá dentro, tá bom? Pede pra tia Chrys pegar seus biscoitos.

Jay arruma o bonezinho enquanto caminha para dentro com seus passinhos rápidos, nos deixando sozinhos.

— Então o nome do garoto é Jay. Vim aqui porque não queria acreditar nessa merda, mas nem preciso perguntar, com um nome desses é bem óbvio.

Encaro meus pés, ainda tentando manter a expressão dura, mas sem conseguir, de fato, encarar Ashton ou Josh.

— Jas... Olha pra mim! Me fala que porra passou na sua cabeça *pra* esconder um filho do Tray por três anos. Ficou louca? Cara...

Ashton se vira de costas pra mim e percebo o quanto está furioso. Os três são como irmãos e é evidente que, se algo afeta Tray, os afeta na mesma

proporção. E nesse momento, eu sou esse algo.

Josh desce do carro também e se aproxima de mim com sua calma sempre característica tomando o controle da situação.

— É o seguinte, Jas. Sei que você é uma pessoa do bem e, por isso, quero acreditar que você teve uma razão muito forte *pra* fazer uma coisa assim. Infelizmente preciso ser honesto com você e dizer que pra nós nunca vai ser forte o bastante. Tray sempre foi louco por você, não faz o menor sentido esconder um filho de um pai que com toda certeza seria presente e faria tudo pelos dois.

Não posso retrucar isso. Apesar do caos que é a vida amorosa de Tray, seus envolvimento românticos, sei que jamais desampararia a mim ou a Jay.

— Eu... Fiz besteira, estava com raiva dele e depois...

Josh ergue as mãos, em um gesto para me interromper.

— Não adianta, Jasmim. Sinto muito, mas nada que disser agora vai mudar o modo como vemos a situação. Foi uma puta sacanagem com o cara que te colocou sempre acima de todo mundo. Inclusive, quando ele nos contou a situação e tentamos abrir os olhos dele, de que o garoto era seu filho, Tray saiu em sua defesa na hora.

Ashton solta um riso ácido.

— *Minha florzinha não me trairia assim.* Caralho, Jasmim!

Começo a chorar ali mesmo, diante deles. Eu suporto qualquer repreensão, mereço isso, mas ouvir que Tray me defendeu dessa forma, duvidando que eu fosse capaz de algo assim me machuca muito, porque imagino a decepção que deve estar sentindo agora. Eu mesma já me decepcionei com ele antes e eis agora o resultado disso. Nada de bom pode vir desse sentimento.

— Ei, ei... Não precisa chorar também... — Josh coloca a mão no meu ombro, tentando me acalmar. — Jas, me ouve, sinto muito que tenha que ser assim, mas nós viemos buscar vocês.

— O que? — Olho de um para o outro, sem entender.

— Imagino que se escondeu isso tanto tempo, não quer um escândalo, não quer uma briga na justiça pela guarda do seu filho, nem nada parecido.

Então por favor, pelo menos até as coisas se acalmarem, vocês vão ficar na mansão. Pode entrar, pegar suas coisas e as dele com calma, avisar sua prima e depois nós vamos embora.

Deus do céu. Isso é insano.

— Eu não posso fazer isso, Josh! Não é tão simples assim, vou conversar com Tray, vamos resolver as coisas, não vou mais impedi-lo de ficar com Jay, na verdade preciso que ele esteja por perto.

Ashton nem me olha, fala de costas pra mim como se olhar em meu rosto o deixasse nauseado.

— É filho do Tray também! Quem garante que não vai fugir com o menino até que ele se recupere desse golpe? Uma puta traição... — sussurra no final.

— Não é isso, Ash... Não vou fugir, mas ele precisa ficar aqui. O Adam vem para vê-lo quando necessário e minha prima fica com ele *pra* eu trabalhar.

— Escuta, isso ainda não ficou claro pra mim — Josh comenta. — Se não namora o Adam e ele não é o pai do menino, qual é o lance?

Minha expressão deve ser de derrota total, pesar, tristeza e tudo mais, porque a dele se abranda um pouco.

— Adam é o médico de Jay, meu filho está muito doente.

Tray

Acordar de ressaca e com a cabeça pesada, doendo, não é mais uma novidade, já o fiz muitas vezes. Mas acordar de um pesadelo horrível, apenas para constatar que é a realidade é muito pior.

Depois de conversar com os meninos e de beber mais do que estou acostumado, e olha que meu limite é alto, me arrastei até meu quarto e me atirei na cama, de algum jeito.

Surtei, louco *pra* ir atrás de Jasmim e esclarecer tudo, mas não deixaram. Inclusive encontrei Jeremi vigiando minha porta no meio da noite.

Pensei sobre o que me disseram até adormecer. Ainda duvidando que aquilo pudesse ser verdade.

Mas é isso, é o momento e vou ter que enfrentar Jasmim hoje e descobrir se ela foi capaz de fazer uma coisa tão inimaginável assim.

Coloco uma bermuda e, sem terminar de me vestir, saio para procurar pelos rapazes, preciso de apoio pro que vou enfrentar e sei que eles vão estar comigo independente de qualquer coisa.

Julia está sentada na mesa sozinha, tomando café; ela ergue o rosto quando me vê entrar.

— Ei, como você está, Tray?

Parece preocupada, minha aparência deve estar digna de pena.

— Acho que virei um zumbi, meio morto vivo...

Ela assente, entendendo minhas poucas palavras e me estende a garrafa de café.

— O Ash te contou, né?

Despejo o líquido fumegante em um copo. Uma xícara não iria bastar hoje.

— É, ele contou. Ficou muito nervoso e você sabe como ele é, age no impulso e tal. Então espero que Josh o acalme...

Paro o copo a caminho da boca.

— O que ele fez?

Julia me olha, sem muito ânimo pra contar, mas sabendo que não adianta ocultar.

— Os dois saíram mais cedo, foram atrás da Jasmim descobrir se é... Bom, você sabe, se é seu filho.

— Mas que porra! Eles são muito intrometidos, deviam ter deixado que eu resolvesse isso. Não podem chegar lá acusando ela desse jeito.

Julia morde uma rosquinha, evitando contato visual, porque pelo jeito, todos eles estão convencidos de que ela me traiu com toda certeza.

— Só estão preocupados, Tray. Eles te amam muito, você sabe...

— É bobagem, Julia. Quanto mais eu penso, mais ridículo parece. É a Jas, caralho! Por que ela faria isso comigo?

Julia abre a boca para responder, mas ouvimos vozes se aproximando no corredor e me viro para dar uma bronca nos dois.

Mas antes deles, vejo Jasmim com o menino adormecido nos braços.

— Por que foram atrás dela? — pergunto *pros* dois. — Era coisa minha, caralho.

Olho *pra* ela que me encara com o olhar cheio de tristeza.

— Eu a conheço a vida toda. Jasmim não faria isso... — afirmo, olhando nos olhos dela, mais para ouvi-la dizer a verdade e para me convencer.

Jas começa a chorar, noto que seus olhos já estão inchados e vermelhos, evidência de que fez muito isso desde a noite passada.

— Tray, vocês precisam conversar sobre isso — Josh fala. — Tenho certeza de que a Jas vai te explicar tudo e, cara, ela deve ter alguma razão, ninguém toma uma decisão dessas sem um motivo, mesmo que não

justifique, claro.

Me viro *pra* ele, sinto que minhas mãos estão geladas de repente. Conheço Josh o bastante para reconhecer suas tentativas de acalmar uma situação, de controlar nossos surtos. Ele não está a defendendo, mas lutando *pra* manter as coisas racionais. Está dizendo que ela fez isso.

— Conversar? — Sinto o impacto de constatar que a pessoa que mais confiei nesse mundo, me decepcionou da pior forma. — Ela me enfiou uma faca nas costas, Josh! Eu não quero ver essa mentirosa, falsa e hipócrita nunca mais na minha frente.

— Ele não me quer aqui... — Ouço a voz da traidora sussurrando pra Ashton. — É melhor *pra* todo mundo se eu for embora.

Me aproximo o bastante para que ela entenda como isso é sério. Eu não grito, não tenho nem voz para isso.

— Eu não quero te ver, Jasmim, prefiro que não cruze o meu caminho. Mas vai ficar nessa casa, com o meu filho, porque se você sair dessa porta *pra* fora, pode ter certeza que eu vou fazer pior do que fez comigo. Não teste minha lealdade, porque você a pisoteou.

Ainda olho uma vez *pro* garoto adormecido, tão pequeno e frágil. O boné tampando parte do rosto.

Porra, é meu filho!

Saio da cozinha e volto para o quarto. Pela primeira vez na minha vida, a dor que sinto é tanta, que nada poderia me ajudar. Nem a música iria amenizar uma traição como essa.

Me sento no chão e deixo o choro correr livre.

Preciso colocar isso *pra* fora antes que eu exploda. Abaixo o rosto até as pernas, tentando respirar entre os malditos soluços que me escapam, mas o ar parece ter desaparecido.

Por que, meu Deus?

— Ahhhhhhhhhhhh — grito, tentando extravasar o sentimento de impotência.

De repente o mundo não faz sentido.

Os minutos passam, horas, talvez, enquanto me afogo no horror que é essa descoberta.

A voz de Jasmim me chama na porta. Duas vezes.

Ouçõ seu choro, me pedindo *pra* abrir, *pra* escutar o que tem a dizer, e a ignoro.

Na segunda vez coloco os fones no ouvido e ligo o som alto o bastante para não ouvir mais seus lamentos.

É algum momento entre a tarde e à noite e estou deitado no chão, encarando o teto e escutando música, pensando em como vou recuperar três anos na vida do meu filho e principalmente, evitando a mãe dele. Os fones são arrancados da minha cabeça e só então noto Anelyse.

— Oi, pirralha... Como entrou aqui?

Eu não tinha trancado a porta?

— Oi... Ashton encontrou a chave reserva.

Assinto.

— E você foi a escolhida? Para ver como estou me virando.

Ela sorri.

— Para ver se estava vivo.

Lanço um olhar de esguelha a ela e cubro o rosto com a mão em seguida.

— Por fora, completamente.

— Eu sei. Não consigo acreditar nisso. Mas, Tray, eu vim porque você precisa falar com ela... Todos nós sabemos que não quer isso, nenhum de nós quer, na verdade, mas Josh disse que tem uma coisa muito importante sobre seu filho.

— Fala *pra* ela contar a um de vocês e me repassem o recado. Não vou falar com Jasmim.

Ane se cala por um tempo. Sei que ainda está aqui porque ouço sua respiração.

— O que foi?

— É sério mesmo, Tray. Nível máximo de seriedade.

Descubro os olhos e a vejo de pé, ao meu lado. Seus cabelos loiros presos em uma trança comprida e os olhos bastante preocupados.

— Me conta, então. Depois eu decido se vale a pena falar com ela.

Ane parece pesar a ideia.

— Tá, eu vou chamar o Josh.

Me sento no tapete, quando a vejo deixar o quarto.

Que merda é essa agora?

Pouco depois ela retorna com Josh e depois de entrarem, ele tranca a porta.

— Fala logo, porra. Tô ficando nervoso, o que pode ser pior que isso?

Ele se senta de frente *pra* mim e faz sinal, indicando que Ane deve fazer o mesmo.

— Eu tenho que me sentar aí? — ela pergunta.

— Não se tem um papo desses de pé, Anjo. Senta aqui, vai.

Anelyse senta-se do meu lado e segura minha mão. A coisa é pior do que eu pensava.

— Seu filho se chama Jay — Josh sorri *pra* mim, mas vejo que está triste. — Ela não te contou, mas com certeza isso é uma espécie de homenagem...

Jasmim e Tray, parece piada agora, mas é um nome bonito.

— Ele tem três anos, como você deduziu. Ash e eu falamos um pouco com ele e é um garoto esperto, sabe? Vai ser seu orgulho, Tray.

Olho para Ane e vejo que ela está chorando.

— Por que está me falando essas coisas? Vou conhecer o garoto, perdi esses anos, mas vou recuperar tudo.

— Jay está doente, ele tem câncer, Tray. Leucemia mieloide crônica...

Jasmim descobriu isso cerca de um ano atrás, ele já fez muitas sessões de quimioterapia como tratamento inicial, se submeteu a vários exames e procedimentos. Jasmim trabalhou muito nesse tempo *pra* custear o tratamento, mas as coisas não vão bem. É uma doença muito rara, pelo que ela disse, mesmo em se tratando de câncer infantil.

Em um canto remoto da minha mente, armazeno as informações, mas depois da palavra câncer minha atividade cerebral foi reduzida a quase zero.

— Câncer... — Tento assimilar, mas me encontro sem reação, não posso acreditar que seja verdade. — Você tá dizendo que mal descobri que tenho um filho e ele vai morrer?

Josh não aceita meu questionamento.

— Isso não vai acontecer. Ele precisa de um transplante de medula óssea e as possibilidades de que você seja compatível são grandes e, se não for, vamos achar quem seja.

Passo as mãos pelo rosto várias vezes, em uma tentativa inútil de tornar a situação mais clara. Não consigo sair do estupor em que me encontro.

É horrível demais, como um pesadelo que nunca tem fim. Como quando se sonha que acordou, mas continua preso no limbo.

— Cara... Que merda essa mulher tem na cabeça? Um filho doente, sem pai e não porque o pai não quis ajudar, mas porque ela não contou a verdade. Isso é surreal, não faz o menor sentido. Aham que devo chamar um psiquiatra *pra* ela?

Ane parece considerar minha ideia, pelo menos não sou o único que vê como essa atitude de Jasmim foi e é insana.

— Ela descobriu essa semana que não é compatível e ia te contar para que você pudesse testar e, quem sabe, fazer o transplante — Josh fala.

— Está defendendo o que a Jas fez, Josh? — Anelyse pergunta e eu o encaro também, esperando uma resposta.

— Claro que não, Anjo. Por mim, com tudo resolvido a respeito do pequeno, nem falo mais com ela. Só queria deixar claro que apesar das diversas falhas, ela não deixou de fazer tudo ao seu alcance *pra* cuidar do filho.

— Claro que não — respondo. — Ela cuidou da avó com a maior dedicação do mundo. Sei que não seria diferente com um filho. O único que merece ser massacrado por ela, pelo visto, sou eu.

— E agora, Tray? Vai falar com ela? — Ane tem o cenho franzido ao me fitar.

— Não. Vou falar com meu filho. Só com ele.



Jasmin

Estou observando meu filho despertando sobre a cama de casal no quarto de hóspedes. O peito sobe e desce, a respiração compassada que se tornou meu maior alívio todos os dias.

Ele abre um sorriso.

Jay é um garoto normal de três anos, gosta de doces, desenhos e se desenvolve bem. Mas os cuidados são muitos, constantes e exaustivos e, até então, Chrystal foi quem cuidou dele para que eu pudesse trabalhar. A formação dela em fotografia e designer visual ajudou, já que com os horários flexíveis podia trabalhar de casa e no tempo livre.

O diagnóstico não veio quando ele nasceu. Foi difícil passar pela gravidez sozinha, o parto foi doloroso e os meses que se seguiram a ele... odeio me lembrar. Era um turbilhão de emoções e a maioria muito ruim.

Mas foi um ano atrás apenas que realmente fui testada como mãe. Jay estava sempre cansado, com sono, andava poucos metros e pedia para que eu o carregasse. A princípio considerei que fosse manha, mas com o passar dos dias comecei a me preocupar.

Então ele teve febre alta e enjoo. Supondo que se tratasse de uma doença infecciosa qualquer levei-o ao médico, mas não descobriram de imediato.

Somando todos os sintomas e eliminando algumas possibilidades, surgiu a suspeita de algo mais grave, mas não fui alertada a respeito enquanto ainda era apenas uma suposição.

No entanto o diagnóstico horrível foi confirmado. Meu bebê estava com câncer.

O último ano foi um verdadeiro inferno.

Não pelas horas no hospital, as noites sem dormir e o trabalho redobrado para arcar com as despesas médicas.

É o choro sentido dele, ver seus bracinhos picados por agulhas compridas, a prostração após a quimioterapia, os cabelos que caíram até que os raspamos.

Meu filho é a única coisa no mundo que vale qualquer coisa e até o resultado dos exames, que comprovaram a doença, procurei várias vezes um modo de dizer a verdade a Tray. Mas quando veio o diagnóstico, meio que desisti.

Justamente pelo modo como me sinto agora.

Estou apavorada em pensar no que a imprensa fará com meu filho. Meu pequeno menino, doente e frágil e a mídia causando com sensacionalismo, usando o rosto do meu filho para vender. Atacando a mim por escondê-lo e deixando-o no meio de uma situação turbulenta, sem nem ao menos ter idade para compreender.

Hoje Tray é um astro do rock, seu rosto estampa revistas por toda parte, e colocar meu filho que precisa de cuidados tão específicos, sob os holofotes do mundo me parece injusto com ele e perigoso emocionalmente. Eu queria preservá-lo.

Não sei como lidar. Não apenas em relação à explosão que vai ser quando notificarem os jornais e revistas, mas em relação ao que sinto por Tray, ao seu olhar cheio de mágoa e tristeza e meu coração despedaçado por tê-lo perdido para sempre.

Não me importa mais que ele tenha me traído. Na verdade, faz muito tempo que o amor que sinto por ele, falou mais alto que o sentimento de traição e autopreservação.

É errado aceitar o amor de alguém pela metade, aceitar infidelidade. Mas diante da enormidade do que estou vivendo com Jay, da dor que me acompanha quando abro meus olhos e do pavor que se deita comigo na cama, ter o conforto dos braços de Tray ao meu redor é tudo que mais desejo.

Mesmo que ele tenha me magoado no passado.

Mas isso, essa constatação de que prefiro não tê-lo inteiramente, do que

não ter nenhuma parte, veio tarde.

Eu nunca tive o direito de negar a ele a paternidade de Jay, mesmo que pensasse em diversas coisas quando o fiz. E agora meu coração está encolhido no peito, sofrendo pelos dois homens que o preenchem.

Ouçõ o pigarreio dele e seco uma lágrima com as costas da mão, antes de encará-lo.

— Quero conhecer Jay.

Nem posso acreditar que ele esteja falando comigo, mesmo que não me olhe.

Reparo nas olheiras sob seus olhos e na expressão de cansaço, a barba crescendo, ocultando a tatuagem no pescoço. Eu sou a responsável por isso.

— Pode entrar.

Noto a linha mais rígida no maxilar dele, travado, e sei que está se contendo para não brigar.

— Pode sair do quarto? Quero fazer isso sozinho.

Sua voz é fria e me atinge no peito, rasgando. Não tiro sua razão em agir assim, mas não faz com que seja menos doloroso.

Levanto-me da cama e tento sorrir *pra* Jay, que olha o pai com curiosidade.

— Filho, a mamãe vai preparar alguma coisa *pra* você comer, tá bom? Esse... Esse é...

Não sei como declarar, de repente, que Tray é o pai dele.

— É o deus do rock... — meu pequeno diz, repetindo o que falei a ele tantas vezes quando colocava os shows da Dominion para que assistisse.

Tray não parece prestar atenção a isso.

— Eu sou seu pai, Jay — a voz dele chega a nós e Jay abre mais os olhinhos, assimilando a nova informação.

— Hum? — pergunta, sem entender muito bem.

— É, querido. Esse é o papai — confirmo.

Jay é muito novo *pra* entender bem a gravidade de tudo, ele apenas abre um sorriso, contente e fita Tray.

— Papai do Jay... — testa, na própria voz infantil.

Tray entra no quarto. A presença dele preenche todo o ambiente e seu sorriso é tão lindo e emocionado, que me sinto desconfortável em participar do momento, sendo a responsável pela dor dele.

Vejo quando sua mão toda tatuada envolve os dedinhos pálidos de Jay.

— Papai do Jay — repete, com sua voz grossa. Então se vira e me lança apenas um olhar duro.

Entendendo a deixa, saio do quarto deixando-os a sós e sigo para a cozinha.

Encontro Rosa picando alguns legumes, mas quando me vê, ela apenas abaixa os olhos e continua seu serviço. Mais uma que me odeia, vai me odiar ainda mais quando eu disser que preciso preparar a comida do Jay; as pessoas sempre acham que é descaso, mas quando a vida do meu filho depende de preservá-lo de bactérias e infecções, não posso me preocupar com gentileza.

Subo na direção da piscina, ao menos lá posso ficar sozinha, já que ninguém parece disposto a falar comigo. Caminho pelas plantas rumo à mesa que sei que está do outro lado, mas quando chego, me deparo com Julia.

Ela tem vários papéis espalhados sobre a mesa e um notebook aberto. Apenas relanceia os olhos pra mim.

— Ah, desculpe. Não sabia que estava aqui...

Ela abaixa os óculos que dão a ela o ar profissional de advogada e aponta o banco a sua frente com a cabeça. Julia é uma mulher tão bonita, se veste sempre tão bem, de modo mais formal que os outros e, ainda assim, no momento é a mais acessível.

— Senta aí.

Meio constrangida, acabo fazendo o que ela diz.

— Sabe — ela começa. —, estou ouvindo todos te julgarem, estão com raiva e não nego que tenham motivos pra isso, mas como advogada aprendi que precisamos sempre conhecer o outro lado da história. Como mãe, sei que

tomamos decisões visando colocar os filhos em primeiro lugar, acima até de nós mesmas. E como mulher, entendo que a mágoa nos faz agir sem pensar...

Não esperava que, dentre todas aquelas pessoas, com quem convivi por tanto tempo, justamente Julia, que mal conheço, fosse quem me daria o benefício da dúvida.

— Não estou dizendo que estou do seu lado — avisa. — Mas que, se decidir que quer contar porque fez o que fez, vou te ouvir. Não me deve explicações, claro, mas eu gostaria de ter certeza de que minha intuição a seu respeito não está errada.

Assinto, compreendendo o que ela diz.

— Eu quero contar, explicar *pra* todo mundo, mesmo que meus motivos hoje pareçam fracos demais e não justifiquem o que fiz. Agradeço pelo voto de confiança, mas fiz tanta besteira, meti os pés pelas mãos e espero que entenda que Tray merece ser o primeiro a saber, depois de tanto tempo. Ontem mesmo antes de vir, disse à minha prima que não iria contar, porque não justifica e não faz diferença hoje em dia, mas quando olho *pra* ele, tão decepcionado...

Julia abriu um sorriso rápido e voltou o rosto para os papéis à sua frente.

— Ótimo. Melhor do que eu esperava ouvir. Tray merece mesmo saber antes. Mas quando estiver sozinha pode falar comigo, sei que o Ash e o Josh não vão ser fáceis e provavelmente a Anelyse vai ser ainda pior. E isso pelo que você está passando... Não sei como conseguiu lidar com tudo sem apoio algum.

— Tudo bem, estão protegendo-o e não posso ficar com raiva disso. E sobre o Jay... — suspiro. Sei que pode ver como estou me desfazendo, mas não consigo evitar. — Estou tão cansada, sabe? O trabalho exaustivo, os cuidados com ele são tão detalhados e não posso fazer tudo sozinha. Chrystal, minha prima, é um anjo nas nossas vidas. Ela é quem tem cuidado de Jay para que eu possa vir trabalhar e ir pra sorveteria, agora não sei como as coisas vão ficar. Preciso que Tray libere a entrada dela, mas ele não quer falar comigo.

Julia colocou a caneta na boca e me olhou por um longo tempo.

— Não entendo porque fez isso se o ama tanto.

Não tem por que negar, faça o que fizer, Tray Anders sempre vai ser meu único amor.

— Eu estava em pedaços e depois não sabia mais como dizer. Quando me recuperei do tombo que foi vê-lo com outra pessoa, pouco depois de ouvi-lo jurar que me amava, era tarde. Como se sentiu quando sua filha nasceu?

Julia abre um sorriso.

— Maravilhosa e olha que foi em uma situação horrível, mas a alegria foi indescritível...

Suspiro, ouvindo seu relato.

— Comigo não foi assim.

Ela me analisa, como se entendesse o que não digo. Mas como seria possível, se sua experiência foi tão diferente da minha?

— Tem certeza quanto ao Tray? Honestamente, Jas, ele é brincalhão e até irrita as vezes, mas nunca me pareceu desleal.

— E não é, geralmente. Não quando o assunto são os amigos, por isso eu o mantive em minha vida, apesar de tudo, mas quando se trata de relacionamentos amorosos, de fidelidade em um aspecto mais físico... — Dou de ombros. — Bom, eu queria acreditar que não, mas eu mesma vi.

Tray

Me sento na beirada da cama e encaro o pequeno sobre ela. Jay tem os olhos muito azuis e nenhum fio de cabelo.

Me dói olhar para ele e ver as evidências do que vem sofrendo e saber que eu não pude estar presente.

— O Jay vai morar na casa nova?

Sua voz é suave e sinto uma vontade do caralho de chorar. Nem sei se tenho mais reservatório.

— Vai. O Jay quer morar aqui? O papai vai cuidar dele agora. Gosta daqui?

Ele balança a cabeça, concordando.

— A casa nova é bem, bem *gande*.

— É mesmo. Jay, o papai vai mandar arrumar um quarto pra você. Como quer que ele seja?

O menino coloca o dedo sobre a bochecha, como se estivesse pensando.

— Hum... — Bataca o dedinho. — *Quelo* nuvem.

— Um quarto de nuvem?

Começo a me arrepender de perguntar. De onde vou tirar um quarto de nuvem?

— E *dinossaulo*.

Menos mal e mais fácil.

— E de *papaícho* — completa.

Franzo o cenho. Que diabo é isso? Ele fala a maioria das palavras

corretamente, mesmo que seu entendimento seja um pouco limitado pela idade, consigo compreender perfeitamente o que quer dizer. Mas *papaícho* saiu totalmente da minha capacidade de interpretação do dialeto mirim.

Porra, eu só convivo com a Ashley e ela mal fala papai e mamãe.

— Hum, tá bom. Vou ver o que consigo. — Preciso descobrir o que é isso. — O papai também vai pedir pra um médico vir te ver, Jay.

O garoto parece animado.

— Tio Adam...

De jeito nenhum.

— O tio Adam não pode vir hoje, está desaparecido, mas vamos trazer um tio bem melhor que esse, que tal?

Jay me olha parecendo em dúvida, mas não diz nada a respeito.

Isso, Adam tá fora.

— Jay tá dodói.

— É, eu sei. — Acabo rindo do modo como ele fala em terceira pessoa sobre si mesmo. — Mas o Jay vai ficar bonzinho logo.

Ele assente, sorrindo.

— Você quer mais alguma coisa, Jay?

— Meu chapéu...

Ele aponta o dedinho para o chapéu depositado sobre a mesa de cabeceira e eu o pego rapidamente e coloco sobre a cabecinha dele.

— Jay, você pode... — Coço a cabeça, pensando se devo mesmo pedir ou só fazer. Nunca pensei que fosse ficar sem jeito diante de um moleque de três anos. — Pode me dar um abraço?

Sem responder, ele abre os bracinhos e os estende pra mim.

Me enfio entre eles com alguma dificuldade e sinto suas mãozinhas envolverem minha nuca. Quando nos soltamos, percebo o olhar dele fixo na minha cabeça.

— O que foi, Jay?

— O papai tem cabelo até na boca.

Ele aponta minha barba, que cresceu um pouco nos últimos dias. Seus olhinhos estão tristes quando leva a mão a sua própria cabeça.

— Eu não tem mais cabelo... A moça fez zuuuuum e levou meu cabelo.

Sinto um ódio tão grande dessa doença desgraçada que vem roubando dele as pequenas coisas. E vem tirando-as da praga da Jasmim também, porque, apesar da raiva que sinto, não pude deixar de entender que ela perdeu peso por conta disso, que tem se tornado triste e perdido a vida que tanto se destaca nela.

Abro um sorriso pra ele e me abaixo, dando um beijo na testinha plana.

— O cabelo vai crescer, filho...

Deixo o quarto sem ter ideia de como suporrei ficar diante dele sem desmoronar. Me sento no corredor, recuperando as forças que precisei para me sustentar na frente do pequeno.

Espero alguns minutos e quando me sinto melhor, sigo para a cozinha, procurando por Jasmim, mesmo que não queira. Mas ela não está por lá.

Encontro Anelyse na sala. Ela e Josh não saíram de perto desde ontem, dormiram na mansão.

— Oi, Ane. Pode me fazer um favor?

Ela folheia uma revista de moda.

— Claro. Tudo por você — responde.

— Fala *pra* Jasmim que já saí do quarto. O Jay não pode ficar sozinho, não entendo dessa merda, vai que passa mal e não tem ninguém...

Ela ergue o rosto.

— Eu não quero falar com ela.

— Nem eu. Mas dada a situação, melhor você, não acha?

Ane suspira.

Ela tá com a Ju lá perto da piscina. Vou pedir para Julia avisar.

Assinto.

— Valeu, pirralha. Vou *pra* reunião.

Carter está sentado na outra ponta da mesa quando entro. Ele anda bem feliz desde que se entendeu com tia Eleanor, mas hoje está tão abatido quanto nós todos.

Ashton está sentado ao lado dele, a cabeça fixa na mesa enquanto risca o tampo com uma caneta, sem concentração alguma.

Josh está na outra ponta, sério e com a expressão de quem dormiu tão pouco quanto eu. Esses caras são meus irmãos e a dor de um reflete no outro, sempre.

— E aí, garoto? Como você está lidando com isso? — Carter questiona.

Atrás dele, Amber, nossa assessora de imprensa recém-contratada, também me olha com semblante aflito de preocupação. A coitada começou a trabalhar *pra* nós depois dos eventos acumulativos de destaque na mídia, fofocas e uma verdadeira bagunça no nome da banda, primeiro com Julia e Ashley, depois com o casamento repentino de Josh e, agora, essa bomba que está nas mãos dela.

Carter sempre fez tudo, o papel de agente e o de assessor, mas em algum ponto ele envelheceu, coitado, e lidar com tudo ficou desgastante demais. Agora ele delega funções, mas ainda manda na porra toda.

— Tem um jeito bom de lidar com essa merda? Descobri um filho ontem e ele tem câncer. Tô me levantando e enfrentando.

Me sento do lado de Josh, e Carter fica pensativo por alguns segundos. Se levanta então e abre os braços, admitindo o beco sem saída.

— É o seguinte, meninos — ele nos chama assim, mesmo que todos já estejamos na casa dos trinta anos. — Temos duas opções e vou explicar o que podemos fazer. Amber vai dar a opinião dela, mas a Dominium vai decidir junto.

Nos mantemos em silêncio, esperando.

— Não tem como deixar isso oculto por muito tempo. A casa tem muitos funcionários, vão acabar falando por aí e logo os abutres vão estar acampados aí em frente. O que podemos fazer é manter silêncio por mais dois ou três dias, enquanto Tray faz um teste de paternidade e depois

revelamos tudo ou jogamos *pro* mundo agora mesmo. Você tem que estar ciente, Tray, de que a imprensa vai massacrar Jasmim pela omissão e não existe alternativa, porque se não dissermos que você não sabia, tornamos você o vilão que a abandonou com a criança.

Olho dele para os meninos e me vejo em uma encruzilhada. Não sei o que fazer, sinto raiva só de pensar em Jasmim, mas tudo que ela já tem passado é tão foda, não quero jogar a imprensa em cima dela.

Ashton bufa, irritado, compreendendo a questão.

— Então, ou ele joga Jasmim *pros* lobos ou se sacrifica? Cara, isso é uma droga. Eu tô puto com a Jas por nos colocar em um lance desses.

Josh concorda e os dois me olham, nenhum de nós sabe o que fazer.

— Cara, o Jay tá doente — reflito. — Não posso fazer isso com a Jasmim, ela me meteu a faca, ok, mas não é como se fosse uma pessoa qualquer.

— E se... — Josh parece analisar melhor a questão. — E se fizermos uma reunião com os funcionários, pedindo o apoio deles? Revelamos a doença do Jay, isso vai fazer com que sejam mais compreensíveis. Diminuímos o pessoal, barramos a galera da limpeza por um tempo...

Ashton para os movimentos da caneta e completa, olhando para mim.

— Vão ser Rosa e as ajudantes da cozinha, os seguranças e o pessoal da portaria. Penso que, com uma equipe reduzida, podemos segurar isso mais um pouco. O que acha?

— Não quero esconder meu filho.

— Vou dar minha opinião... — Amber apoia as mãos sobre a mesa e me encara. — Deve fazer o teste de paternidade. Sei que tem certeza sobre isso, mas precisa do teste para comprovar quando a notícia se espalhar. Pode fazer os exames para a doação daqui de dentro mesmo, chamamos uma equipe médica e, se forem compatíveis, vocês dois serão preparados para o transplante em segredo. Depois que seu filho estiver bem, você o assume publicamente e conta que não sabia de nada. Não é uma mentira, não tem que assumir um erro que não foi seu e não vou permitir que a banda seja prejudicada por alguém de fora.

Assinto, conformado. Não quero prejudicar Ashton e Josh para poupar Jasmim, mas também não estou certo sobre o que fazer com relação a ela, pelo menos ganhei algum tempo.

— De acordo? — Carter me encara. Ele me conhece bem o bastante para saber que eu não estou aceitando totalmente o que Amber propôs.

— Por enquanto, sim — respondo.

— Certo. Ashton, você queria nos dizer algo sobre isso?

Ele ergue os olhos para Carter.

— Pois é, a Ju me mandou uma mensagem, estava conversando com a Jasmim agora mesmo. Ela trabalha o dia todo e precisa do dinheiro *pra* manter os custos do tratamento do Jay e a ela mesma. Geralmente uma prima dela fica com o garoto, porque tem uma porrada de cuidados com alimentação, higiene e um monte de outras coisas, então precisa de uma pessoa específica pra ficar com ele...

— Chrystal? — pergunto e ele assente.

— Ela pode vir ficar com ele? — Josh me olha.

— Não — decido. — Quem vai tomar conta do Jay seremos nós, não quero ninguém de fora. E a Jasmim não precisa ir para a sorveteria, ficar entrando e saindo, falando com sabe lá Deus quem... Entrega um cartão *pra* ela, Carter. Manda colocar todos os gastos na minha conta, despesas médicas, alimentação, roupas novas, pelo amor de Deus. Tudo.

Josh resmunga alguma coisa e o interrogo com o cenho franzido, para que se explique.

— Não sei, o menininho é apegado a ela. Tem tanta coisa mudando já e a Jasmim também vai precisar comprar as coisas para ela mesma...

Bufo, irritado.

— Pode comprar o que quiser, não me importo com isso. Sobre a Chrystal, fala que ela pode vir ver o Jay nos finais de semana e pronto. É o máximo de concessão.

Ash abre um sorriso de quem já sabe minha resposta antes mesmo de perguntar.

— E o Adam?

— O que tem o imbecil?

— É o médico dele, Tray. Já estão adaptados juntos, ele trabalha voluntariamente para ajudar Jasmim, ela pediu que o deixasse vir.

— Nem sobre meu cadáver. Já falei com Jay e expliquei que vai vir outro médico, podemos chamar a porra de uma equipe inteira, mas o Adam não vai entrar aqui.

Carter ergue as mãos em um gesto para acalmar minha explosão.

— Tudo bem, vou pedir que o médico venha ver o Jay e fique de prontidão caso o menino precise. Se necessitarmos de uma enfermeira, contratamos uma. Vou informar na portaria que essa moça está liberada aos fins de semana e que o médico está vetado. Mais alguma coisa?

— Vou encomendar uns móveis para o quarto dele e pedir *pra* Rosa arrumar um *pra* Jasmim ao lado. Preciso de dois favores, um deles é que encontrem uma cabeleireira para vir aqui e depois me ajudem a descobrir o que é a porra de um *papaícho*.

18



Jasmin

A tal assessora da Dominium me olhava como se eu fosse a escória da Terra. Cada vez que andava pelos corredores dessa casa, sentia pavor de saber que a qualquer momento poderia encontrar um deles.

Ninguém estava me tratando mal, ainda assim a frieza e o fato de fingirem não me notar vinha me incomodando e entristecendo. Se eu poderia questionar? Claro que não. Sei exatamente o que fiz para que todos me odiassem.

Mas Amber parecia ter algo pessoal contra mim.

Estou arrumando minhas roupas no armário embutido, naquele que agora é meu quarto ao menos temporariamente, quando ela me chama na porta.

— Posso entrar? — Pelo menos é educada.

— Claro.

Ela caminha para dentro do cômodo, analisando os detalhes com uma expressão enojada, como se a decoração tivesse se instalado ali junto comigo. Cada uma...

— Posso te ajudar? — pergunto, já que ela parece mais inclinada a olhar tudo do que a falar comigo.

— Carter mandou te dar isso... — Amber me estende um cartão preto, daqueles que gritam *ilimitado*.

— O que vou fazer com esse cartão? — questiono, sem pegá-lo da mão dela.

— Gastar, torrar todo o dinheiro do Anders, sei lá... Coisas que pessoas como você fazem. Ele disse que é para usar com seu filho, pagar o hospital e

os medicamentos, a alimentação dele e roupas novas, mas que pode comprar o que quiser para você também.

Estou de boca aberta com a maneira dela de falar, nem disfarça o que pensa a meu respeito.

— Está me chamando de interesseira? Acho que perdeu a parte em que não contei a ele que tinha um filho até ontem. Não estou atrás de dinheiro.

Ela dá de ombros e balança o cartão para que eu pegue.

— Esse é o ponto em que me confundo. Não entendi bem qual a sua, mas de jeito nenhum vou deixar que ele assuma essa responsabilidade. Se a imprensa vai massacrar alguém por causa das suas mentiras, esse alguém vai ser você, ele querendo ou não.

Arranco o cartão das mãos dela e saio do quarto em disparada. Aí já é demais. Me chamarem de mentirosa, de falsa e sinônimos, tudo bem, eu entendo.

Que nenhum deles queira falar comigo e que mandem a cobra, também posso compreender. Mas que ela me trate como se eu quisesse gastar o dinheiro do Tray, sendo que nunca pedi e nem aceitei um dólar dele? Não vou ficar quieta quanto a isso.

Passo pela sala, procurando por ele, sigo para a cozinha e depois entro no corredor em que fica o quarto dele. Jay está dormindo e espero que não acorde antes que eu volte.

— Tray! — Escancaro a porta, mas ele não está ali.

Continuo minha busca, até que tenho a brilhante ideia de descer as escadas. Não sei onde vai dar, a casa é imensa e só sei que em algum lugar ele deve ter se enfiado.

Encontro uma porta grande fechada e ouço o som da guitarra lá dentro. Quando a abro de uma só vez, me deparo com os três, ensaiando e só então noto que invadi o estúdio e que a música parou.

— Precisa de alguma coisa? — Ashton questiona, tão sério quanto antes.

— Preciso. Tray, quero falar com você.

Ele mexe nas cordas da guitarra e me ignora completamente.

— Estamos ensaiando agora, Jasmim — Josh me diz o que é óbvio.

— Anders, estou falando com você!

— Mas eu não quero falar com você, Jasmim. Agora não.

Olho para ele, sem saber como reagir ao seu tom. Eu errei e foi feio, mas isso não é justo.

Tray precisa me escutar, saber meus motivos por mais idiotas que pareçam e, depois, seguir me odiando e principalmente, precisa começar a vestir roupas.

Porque se nunca mais vai permitir que eu me aproxime, podia ao menos me ajudar vestindo uma camiseta ao invés de ficar suando com a guitarra na mão e o abdômen de dar inveja completamente nu. Aquele piercing no mamilo tem me tirado a paz, na última vez em que estivemos juntos, aquilo não estava ali...

— Eu só quero que saiba, e isso vale para os três — falo com firmeza, não demonstrando o efeito da aparência dele sobre mim. —, que um erro meu não me torna uma mercenária. Nunca pedi um tostão e não aceitei dinheiro de nenhum dos três. Agora você — Tray continua com sua indiferença. —, vai me jogar um cartão de crédito para não ter que lidar comigo? E eu quero saber o que vou fazer para ir trabalhar, preciso da Chrystal aqui.

Ele segue, fitando a guitarra, mas ao menos me responde.

— Você não vai trabalhar. Vai ficar com o Jay e comprar nesse cartão o que ele precisar.

— Ahá! Agora você decide se vou ou não continuar no meu emprego? De jeito nenhum, Tray.

Mantendo a cabeça baixa, ele fala outra vez.

— Jasmim, volta *pra* cima e deixa a gente continuar. Por favor — ele pede.

Entro no cômodo sob os olhares atentos de Ashton e Josh e caminho até onde Tray está, enfio o cartão no bolso da calça jeans dele, que infelizmente para o meu bom senso, está pendurada precariamente sobre seus quadris, deixando entrever aquele v.

Dou meia volta e saio do estúdio, fechando a porta atrás de mim.

— Ahhhh — Ouço o grito dele e logo escuto a porta bater enquanto ele me persegue escada acima.

Sigo em frente como se não estivesse ouvindo e continuo andando até estar no meu quarto. Tray entra logo atrás.

— Jasmim, o Jay precisa de várias coisas. Olha aquelas roupas de doação que ele usa! Isso é um absurdo.

Semicerro os olhos e cruzo os braços.

— Não são roupas de doação, comprei maiores para durar mais tempo, Tray.

— E enquanto não servem ele anda assim? Eu sei que não gosta que mandem em você, mas não é nada disso. Vai me dizer que gosta de trabalhar naquela sorveteria? Não prefere passar o dia com seu filho? Vamos cuidar dele, juntos. Não precisamos de outra pessoa.

Ele precisava falar assim? Essas coisas que amoleceriam qualquer coração, mesmo um duro, de pedra, quanto mais o meu que já é completamente dele.

— Juntos? — pergunto, com alguma esperança.

Ele percebe o que estou perguntando e se fecha outra vez.

— As coisas não vão ser como antes, Jasmim. Você acabou comigo, com a confiança que eu tinha em você, mas é nosso filho e acho que podemos dividir os horários, porra. Comprei um manual...

Apesar de sentir a dor da rejeição dele, me pego curiosa.

— Manual?

— É, sobre a doença dele. Já li metade... Vou dar a comida do jeito certo, se precisar de mim para o banho já saquei as táticas que evitam bactérias e tal. Eu posso ser um bom pai, mesmo que você tenha duvidado disso.

Noto a mágoa na voz dele e meu coração se aperta.

— Não é isso, Tray. Nunca pensei que seria um pai ruim... Eu...

Ele ri de modo frio e coloca de volta a máscara dura que tem usado contra mim.

— Não interessa o que pensou. O que importa agora é que aceite esse cartão, compre o que ele precisa e fique com nosso filho. Coloque seu orgulho de lado e pense nele em primeiro lugar, no que é melhor para o Jay.

Assinto, porque não tenho como discutir isso. O dinheiro é dele e o filho também e se Tray quer cuidar de Jay, não é um direito meu espernear por bobagem.

— Vou ver se ele acordou. — É o jeito de me avisar que não devo ir até lá, é o momento dos dois, mas ao menos quando se refere a Jay um sorriso toma conta do rosto dele.

Tray

É incrível o modo como me sinto com relação a Jay mesmo tendo o descoberto há dois dias. Talvez seja uma coisa de sangue, ou tenha alcançado outra proporção por conta da doença dele ou ainda, por ser meu filho com Jasmim, mesmo que eu prefira não pensar em como isso me afeta.

Sei que muita gente me considera infantil, imaturo, mas a verdade é que quando o assunto é sério, sei pesar decisões. Apesar de me considerarem cafajeste, dou valor às pessoas que importam, não sou infiel, apenas curto a vida sem compromissos.

E agora, com a paternidade recém-descoberta, é a mesma coisa. Com responsabilidade e cuidado, com tato e amor, mas também com diversão, porque é assim que eu sou e é a imagem que quero que meu filho tenha de mim.

Amadurecer não é permitir que a alma envelheça.

Refleti a noite toda sobre isso, sobre as poucas coisas que Jay me disse e sobre o que quero ser para ele a partir de hoje e não quero que em uns anos eu seja apenas o pai dele, aquele que o criou. Quero ser seu amigo, alguém com quem Jay sempre vai contar.

Pouco me importa que ele tenha chegado de repente. Não vivo as coisas pela metade e não vou começar agora.

— Bebê, você fica sentado ali, que quero te mostrar uma coisa.

Jay caminha com as perninhas apressadas para o sofá da sala de televisão, os olhos dele são curiosos e noto que observa tudo ao seu redor.

Me sento na cadeira improvisada diante dele e abro um sorriso quando vejo a boquinha dele se abrir, ao ouvir o barulho.

— Zuuuum — ele imita e começa a rir.

A primeira faixa de cabelos cai no chão e Jay se diverte assistindo.

— A moça fez zuuum e levou o cabelo do papai — digo, repetindo a fala anterior dele, ao se referir ao próprio cabelo.

Não tenho condições de explicar o quanto essa situação tem mexido comigo. Virei um desses ridículos que choram por causa de tudo.

Agora mesmo, noto meus cabelos caindo no chão e a risada gostosa do meu filho e já estou ao ponto de chorar outra vez.

Em sua inocência ele não entende o significado disso, apenas se sentia diferente de todo mundo e, agora, está contente porque estou ficando igual a ele.

Quando a cabeleireira termina de raspar minha cabeça e me entrega um espelho, observo a imagem refletida nele e eu aprovo. Cabelos crescem.

Viro o espelho para o pequeno, para que possa ver sua cabecinha lisa e aponto para a minha. Jay sorri, animado.

Me despeço da mulher, pedindo que encontre Carter no escritório para acertar os custos — mais pela boca fechada que pelo corte —, retiro a camiseta cheia de cabelos e então pego Jay no colo.

— Gostou do meu corte novo?

Ele afirma, balançando a cabeça *pra cima e pra baixo*.

— Eu adorei você assim, carequinha e quis ficar igual. Vamos tirar fotos, Jay, vem aqui.

É a primeira vez que o seguro no colo e posso perceber que Jay não é magrinho como uma criança doente; a mãe dele sempre foi cuidadosa e com certeza se desdobra em mil para fazer o moleque comer e se manter forte.

A sensação de ter meu filho em meus braços é surreal. Ainda não me adaptei ao meu novo cargo, mas caralho, estou fazendo o melhor que posso.

Sigo com ele até a sala onde mantemos uma mesa de bilhar, além de outros jogos e o coloco sobre o tampo verde dela. Ainda preciso me abaixar um pouco para ficar da altura dele, mas aponto a câmera para nós e tiro uma foto.

— Dá um sorrisão, Jay!

Ele mostra os dentinhos e eu o imito. Estou impressionado em ver como ele é aberto e me aceitou bem, tão rápido. Talvez seja pela pouca idade.

— Agora faz cara de mau.

Ele faz uma careta engraçadinha e minha cara de mau é prejudicada pela risada que Jay me arranca. Meu garotinho é foda.

Passamos algum tempo nessa brincadeira, tiramos várias fotos que ainda não posso compartilhar, mas são as primeiras que tenho com ele e só de saber que vou poder olhar *pra* elas, já vale nossa sessão.

Perco as contas de quantas foram, quando a porta se abre e Jasmim põe a cabeça pra dentro.

Ela fica parada no lugar, olhando para nós e não fala nada. Nunca em minha vida pensei que fosse dizer isso, mas me sinto constrangido com o modo como ela me encara, surpresa. E não tenho ideia do que se passa pela sua cabeça.

Geralmente não tenho vergonha de brincar e fazer piadas bobas, insinuações sexuais e qualquer coisa do tipo, mas são os gestos que refletem o que eu sinto que me deixam sem jeito. Ela olha fixamente *pra* onde antes ficavam meus cabelos e apesar de eu não ter dito nada, é bem óbvio que fiz *pra* me igualar a Jay.

E então, Jasmim começa a chorar.

— O que foi? — Mesmo que ainda evite ao máximo falar com ela, passa pela minha cabeça que algo pode ter acontecido. — Jasmim? Tudo bem?

Ela assente, fungando e olhando *pra* nós.

— Mamãe tá *cholando*... — Jay comenta e seu rostinho também assume um ar de preocupação.

— É que... — Ela começa. — Seu cabelo...

Ela não pode estar chorando porque raspei o cabelo. Tudo bem que eu também preferia não ser careca, mas não é motivo *pra* choro.

— É tão lindo, vocês dois... É a coisa mais linda que eu já vi...

Ah, é isso. Abaixo o rosto, evitando contato visual. Não quero me comover com ela, não quero me aproximar agora, mesmo que Jay seja um elo entre nós dois. Jasmim ainda preenche meus pensamentos de um modo bem negativo.

Pela mesma porta que entrou, ela sai outra vez, pedindo licença e avisando que volta depois.

— Mamãe *cholô*...

— É filho, ela gostou do meu cabelo.

Mais tarde um pouco, depois de deixar Jay aos cuidados da mãe, saio de casa na intenção de ir atrás das coisas para o quarto dele.

Peço a ajuda de Julia na escolha, porque não vou mesmo pedir para a única outra mulher na casa que poderia opinar.

Estamos saindo de carro, quando o guarda na entrada faz sinal pra que eu pare. O homem, que não consigo lembrar o nome, se aproxima da janela do carro.

— Senhor Tray, tem um rapaz aqui que quer te ver. Está aí desde cedo. Tudo bem, dona Julia? — ele cumprimenta, animado.

Julia abre um sorriso caloroso ao meu lado.

— Tudo ótimo, Jacob.

Ah, é Jacob. Julia sempre sabe os nomes de todos e os cumprimenta individualmente, eu queria fazer o mesmo, mas minha memória é horrível.

— Eu o conheço? — questiono Jacob, confuso.

— É o que foi vetado de entrar, o médico.

Suspiro e encaro Julia, que apenas dá de ombros.

— Era só o que me faltava. Deve estar querendo perder outro dente.

Desço do carro enquanto Julia continua sentada, me aguardando.

— Fala que ele pode vir até aqui.

O rapaz assente e se afasta. Instantes depois Adam aparece diante de mim, do lado de dentro do portão.

— O que você quer? — Vou direto ao ponto.

Apesar do modo como me refiro a ele, Adam não é covarde, isso ao menos é admirável, porque vir na minha porta, depois de levar um soco, é uma coragem da porra.

— Quero ver o Jay. Eu sei que não gosta de mim, tá bom? Entendo isso, não precisa gostar, mas eu sou o médico dele desde que Jasmim descobriu a doença.

E daí, não é mesmo?

— Vou contratar outro médico. A equipe vem hoje ainda.

Ele concorda com um gesto de cabeça.

— Você pode fazer isso. Pode inclusive achar profissionais mais qualificados, em teoria, que eu. Mas acontece que, em se tratando do Jay, eu sou sua melhor opção. Porque tenho experiência em cuidar dele especificamente, eu conheço seu organismo, sei os remédios que fazem efeito e os que só prejudicam, sei como reage após os tratamentos e posso arrumar as coisas o mais rápido possível para que você faça o teste.

Claro que o desgraçado tem razão.

— Fala sério, você é insistente e cara de pau. Quase quebrei seu dente tem dois dias.

Ele ameaça um sorriso.

— É, mas até então achava que o Jay era meu filho. Sabemos que não é o caso, não consegue relevar o ciúme que sente de mim?

Mas é muito abusado mesmo.

— Não tenho ciúmes, seu maluco! Só estou preocupado com meu filho. Mal o conheci, não vou deixa-lo morrer.

— Por isso eu sou sua melhor escolha, Anders. Trouxe os exames do Jay para você ver, a Jasmim testou a compatibilidade de medula óssea e não deu certo, trouxe também a ficha dele, tudo o que aconteceu no último ano. Tudo. A minha preocupação é a mesma que a sua: o bem estar do menino. Então dá uma olhada nesses papéis e depois me liga se mudar de ideia.

O sem vergonha me entrega um cartão de visitas e sai. Fico parado por

alguns instantes, pensando nessa merda toda.

Quando volto para o carro, ainda não me decidi.

— O que ele queria?

— Quer comer a Jasmim, claro... — solto, irritado.

Julia dá uma risadinha sem jeito e bufo, nervoso com a situação toda.

— Ele diz que quer cuidar do Jay e me trouxe uns exames e a ficha dele. Não sei o que vou fazer.

Estamos ainda parados na entrada, o portão aberto aguardando nossa saída.

— Te incomoda muito? Ele ficar perto da Jasmim e do Jay?

Se me incomoda...

— Se ela quiser namorar com ele, o problema não é meu.

Ligo o carro e saio da casa.

— Mas eu... Esquece, é bobagem.

— Não é. Se te preocupa, é importante, fala — Julia insiste.

Sei muito bem como vai soar idiota, mas Julia tem essa voz calma que faz a gente contar as coisas.

— Acabei de conhecer Jay, estou lutando *pra* caralho *pra* ganhar o menino, meu espaço na vida dele. Não quero competir com a porra do médico que conhece ele há mais tempo e já o salvou. Como vou conquistar meu filho com ele por perto?

Droga. Nem acredito que disse isso em voz alta.

— Não fala *pro* Ashton.

— Por que? Acha que vai rir de você?

Olho pra ela rapidamente e depois volto os olhos para o trânsito.

— Claro que vai. Pareço criança às vezes.

— E não acha que ele faria o mesmo? O Josh te diria que é imaturo agir assim, mas o Ashton iria perguntar porque não bateu nele outra vez.

— Ahá... — Penso por um instante e me vejo concordando. — Ia mesmo. Mas você, doutora, é esperta e sensata. O que acha que devo fazer?

Ela me olha, parecendo ter pena da bagunça em que me encontro.

— Sabe o que é o certo e o que é o melhor para o Jay. Tenho certeza de que vai colocar seu filho em primeiro lugar.

— Merda.

19



Jasmin

Eu e Jay estamos parados na porta do quarto, observando sem reação a quantidade de coisas que estão sendo montadas, além de todo o resto.

A cama que Tray encomendou imita uma casinha e é no nível do chão, para que Jay possa ter mais autonomia e descer e subir quando precisar; sobre ela, tem uma gaiola cheia de passarinhos de pelúcia que já ganharam a atenção total de Jay. Quando Julia me perguntou o que eram *papaíchos* e expliquei que era o modo como Jay se referia aos passarinhos, imaginei que fosse para algo assim.

O guarda-roupas é tão grande que caberia as minhas coisas, as dele e de mais umas três pessoas. As paredes foram pintadas imitando o céu, cheias de nuvens brancas e um fundo azul. Pelo chão, dezenas de dinossauros de brinquedo estão espalhados.

Caixas e mais caixas são alocadas em um dos cantos da suíte, cheias de bonecos, carrinhos e outras coisas. As sacolas de roupas foram depositadas sobre a cama e vejo quando uma das funcionárias começa a retirar tudo de dentro delas e colocar nos cabides.

Fico olhando, tentando encontrar um modo educado de dizer que Jay não pode usar as roupas recém-saídas da loja antes de serem lavadas.

— Marisa... — Tray chama a atenção da moça. — Não precisa guardar nada, as roupas do Jay serão lavadas. Na verdade, as de todo mundo. Que porcalhona você, hein?

A moça fica vermelha, coitada, mas abro um sorriso de agradecimento *pra* ele. Já não basta que todos me odeiem simplesmente por surgir aqui, atrapalhando tudo, se eu começar a exigir muito vão me assassinar enquanto durmo.

Tray me dá as costas, ignorando-me completamente. É tão dolorosa essa atitude dele, principalmente porque sempre foi cheio de brincadeiras e piadinhas, e o comportamento frio e distante é quase tão ruim quanto um tapa na cara.

Enquanto o observo abrir uma caixa com um robô enorme e chamar Jay, começo a pensar no que posso fazer para me redimir, se é que existe alguma possibilidade.

Sinto um toque em meu ombro e, quando me viro, encontro Adam no corredor com sua maleta a postos e um sorriso de vitória.

Olho para Tray, que ainda não o viu e saio para o corredor.

— Adam! Como entrou? O Tray vai ficar irritado, você já se complicou por nossa causa.

— Foi o Anders quem me procurou, Jas. Ele me deixou continuar o tratamento do Jay, aqui.

Não sei se minha expressão demonstra tão claramente a surpresa que sinto, mas Adam solta um riso baixo.

— Vim falar com ele, expliquei as coisas e depois disso ele foi ao hospital e cedeu.

— Essa é uma ótima notícia, Adam. Tanto para o Jay, que vai gostar de tê-lo por perto, quanto pra mim, que vou ter alguém com quem falar.

Ele franze o cenho.

— Difícil assim? Deveria sair comigo hoje.

— Todo mundo me odeia — respondo, ignorando a segunda parte da fala dele.

Adam balança a cabeça, refletindo sobre o assunto.

— Mas eles sabem como foi a situação após o nascimento do Jay? Conversou com o Anders?

Estranho o comentário, como se ele soubesse do que está falando. Adam continua:

— Me refiro ao fato de que deve ter tido seus motivos, claro. Precisa

falar com ele...

Realmente, tive razões que considerei muito importantes na época.

— É, eu preciso.

Tray sai do quarto com Jay no colo e cumprimenta Adam com um gesto sutil.

Jay estende os bracinhos para Adam, que o pega; a expressão de Tray não é das mais amigáveis.

— Vou examinar esse garotão, pessoal. Voltamos logo.

Os dois se distanciam e ficamos Tray, eu e o silêncio constrangedor.

— Já levou Jay ao cinema?

A pergunta me pega desprevenida, mas olho para o rosto dele que, como em todas as últimas vezes, não está voltado para mim.

— Não. Prefiro evitar aglomerações porque a chance de uma infecção é maior.

Ele não se dá ao trabalho de responder a isso, logo emenda a razão para a pergunta.

— Tenho uma sala aqui, quero assistir umas animações com ele hoje à noite. Tudo bem?

Claro que o convite não se estende a mim, mesmo assim balanço a cabeça afirmando.

Ele imita meu gesto e me dá as costas, mas após poucos passos, para.

— O manual diz que ele pode comer pipoca... Melhor sem óleo, né?

Acho tão fofa a ideia dele seguindo um manual e se preocupando assim.

— Tem uma pipoqueira aqui? Vou na cozinha e deixo higienizada para você usar, aí é só pôr sal depois — digo.

— Perfeito.

Tray segue pelo corredor e fico vendo-o se distanciar, a camiseta preta de mangas curtas e as calças escuras; tudo é tão discreto e sem cores. Ele está tão sério e diferente do homem divertido que sempre adorei.

Tray

Encontro Jay com o pascalho perto da piscina. Adam faz cócegas na barriga dele, que dá risada e depois se joga nos braços abertos do bom doutor.

— Isso aí, garotão. Você está ótimo.

Fico vendo-os à distância, analisando a interação entre os dois e como Jay se sente confortável com Adam. Não é justo que eu tenha sido privado de tantos momentos com ele, enquanto outro homem se sentia no direito de se instalar na vida do meu filho.

Preciso priorizar Jay e esquecer a implicância com o médico pelo bem dele, mas não é fácil.

— *Pixiiiiina...* — Jay aponta para a água e vejo que os olhinhos dele até brilham.

— É a piscina, campeão. Vamos voltar agora, que a mamãe está te esperando.

Quando ele se vira, me vê e para; seu sorriso também morre.

— Não te vi aí — comenta.

— É. — Coço a cabeça em um gesto automático. Pensando na possibilidade de fazer algo a mais por Jay, questiono o médico. — Ele gostou da piscina, não pode entrar, né?

— Infelizmente, não. O risco de uma contaminação é grande, nesse caso até que não pelas pessoas, mas mosquitos e insetos que podem ter pousado na água... A higiene fica um pouco comprometida porque a piscina fica exposta.

Considero a explicação, mas me pego procurando uma outra forma.

— Mas e se... E se eu drenasse a água, mandasse limpar toda a piscina

com álcool e depois enchesse outra vez? Só *pra* ele. Eu tomo banho antes e entro junto.

Adam me encara como se eu fosse completamente doido.

— Vai ferver a água também? — ironiza. — Muita coisa pode não complicar a situação do Jay em nada, Tray, mas em uma doença como essa, todo cuidado é pouco, existem várias outras maneiras de se divertir com o menino. Seria aceitável, claro, mas não precisa ter todo esse trabalho.

Ele passa por mim, conduzindo Jay pela mão e fico ainda por alguns minutos encarando a piscina. Adam falou em trabalho, mas cacete, se alguém pode fazer isso, eu sou esse cara.



A sessão cinema foi um sucesso. Jay adorou a tela imensa e Ashton levou Ashley para participar. Estouramos pipoca, Rosa fez um suco de acordo com as instruções de Jasmim e as crianças se divertiram com a animação que escolhi.

E, por crianças, não deixo de incluir a mim e a Ashton.

Depois do filme, levei Jay para o quarto e pedi que chamassem Jasmim. Ela perguntou se eu queria vê-la dar banho nele, mas preferi evitar a proximidade, afirmando que o manual já tinha me ensinado.

A verdade é que Jasmim é aquilo que eu sempre afirmei: uma praga.

A vontade de segurá-la pelo pescoço e a beijar é grande e constante, a diferença é que agora uns enforcamentos fazem parte da fantasia.

O final de semana chegou e, com ele, mais um show. Jay não pode estar em meio a multidões e, por mais que eu quisesse passar mais tempo com o garoto, precisei ficar o dia todo no estúdio passando o som com os meninos e, à noite, seguimos para a casa de eventos onde aconteceria o show, em uma cidade vizinha.

Estamos no camarim nos trocando, quando Amber entra.

— Deem uma olhada no instagram. Subiram uma hashtag e o engajamento está incrível.

Desbloqueio o celular *pra* ver e realmente está por todo lado, #dominiumemseattle; a campanha começou depois de constatarem que em nossa última turnê não finalizamos a programação em casa, como de costume, e é exatamente onde se concentra nosso maior público.

— Fantástico, não? Vamos atender a essas fãs... — ela fala.

Eu sorrio, animado e me viro para ver o que Ashton e Josh têm a dizer. Encontro Ash com o celular apontado *pro* chão, onde Josh está sentado devorando um sanduba.

Me aproximo de Amber e cochicho em seu ouvido para que ela também veja a situação do esfomeado.

Ashton gargalha, atraindo a atenção de Josh, mas antes que ele possa se dar conta, a foto já está em nossa página com uma legenda hilária que diz: *Famoso sim, com classe, jamais.*

Sou o primeiro a curtir a foto e volto a olhar as postagens da hashtag, e como realmente tem um tempinho que não tocamos em casa, acho que vai ser bom.

Rolo a tela da página e acabo vendo publicações dos meus amigos mais próximos enquanto arrumo uma touca sobre a cabeça, evitando dar motivo para falatório.

É quando vejo uma foto de Chrystal com Jay. Ele sorri todo contente e ela o abraça, também alegre.

Na verdade, o que me incomoda na foto não é o fato de Chrystal estar na mansão, mesmo porque isso já estava combinado, também não é por ela usar o celular da Jas. A legenda é que me irrita.

“Com meu bebê para a mamãe ir namorar.”

Mas que porra é essa?

Peço que me deem um minuto e ligo *pra* Julia, sem pensar no que vai parecer. Só espero que ela saiba me dizer alguma coisa.

— Oi, Tray! Algum problema? — ela atende, já aflita.

— Não, vamos começar o show agora. Eu queria saber se está tudo bem por aí, viu o Jay?

Ouçó o sorriso na voz dela.

— Fica tranquilo, virou um pai coruja, hein? O Jay está com a prima da Jasmim. Ela saiu com o médico, mas disse que volta logo e eu também estou em casa, posso ajudar se precisar.

Merda. Passo o celular no rosto, em um gesto claro de raiva e desespero e desligo a chamada sem me despedir.

Minha maior raiva é de mim, por me importar depois de tudo que ela fez, por sentir esse nó na boca do estômago.

Vou fazer apenas o que está ao meu alcance. Subir no palco, fazer meu show e foder uma gostosa no fim da noite.

Jasmin

Os rapazes saíram para um show em uma cidade aqui perto. Ficamos Jay e eu, Julia com a filhinha e os empregados.

Anelyse não vinha aparecendo nos últimos dias e, por mais que Julia tenha dito que era por conta da faculdade, eu sabia que ela não queria me ver.

Me sentia absurdamente sozinha, mas pela primeira vez me senti mais à vontade, com a ausência de todos.

Não estava sendo fácil.

Tray não falava mais comigo, além do necessário. Josh e Ashton me ignoravam na maioria das vezes e me evitavam no restante.

Nem mesmo os funcionários da mansão pareciam gostar de mim.

Sentia falta de Andy e Chrystal e, principalmente, de Tray, porque ele não era mais o mesmo desde que descobriu a verdade.

Quando Chrystal chegou, apresentei a casa a ela, ao menos os nossos quartos, e contei em que pé estavam as coisas, como vinha sendo a situação com Tray e os outros e sobre o corte de cabelo.

Ela ficou feliz em ver que, ao menos o envolvimento dele com Jay, ia bem e me consolou quanto ao resto.

Adam tinha vindo mais cedo e reiterado o convite para sairmos, ao qual recusei mais uma vez. Não me sinto pronta para me relacionar com alguém e talvez nunca esteja.

Tray Anders destruiu as chances de outros homens.

Mas então Adam voltou.

— Sai com ele, Jas! Não pode ficar ligada ao Anders desse jeito, o

doutor delícia te quer — Chrys brincou, falando baixinho para que, do quarto de Jay, Adam não pudesse nos ouvir.

— Eu não vou — sibilei. — Não quero namorar, Chrys. Vou ficar aqui com você e o Jay.

Ouçõ então um pigarreio na porta e, quando me viro, encontro Adam, que me encara com um sorriso divertido no rosto.

— É um jantar, Jas. Dois amigos comendo juntos, não precisa casar comigo.

Fico tão sem graça por ele ter ouvido o comentário que perco a voz por um momento. Onde vou enfiar a cara agora?

— Desculpa, Adam. Eu não quis dizer que você queria namoro também... É que...

— Jasmim — ele diz, ainda sorrindo. — Você está nessa casa tem dias, fechada aqui. Ninguém além da mulher do Ray fala com você, já está vivendo uma situação de estresse por conta do Jay e essa tristeza... Você sabe, não é bom ficar assim. Nós saímos, comemos alguma coisa e eu te trago de volta.

Olho para Chrystal, que me incentiva com o olhar e peso as palavras dele.

— Não é um encontro, certo? — confirmo.

— Não. Prometo que nem pego na sua mão, muito menos qualquer coisa além disso.

Com essa promessa me sinto mais confortável e realmente estou precisando de um momento longe dessas paredes.

Ele e minha prima ficam na sala de visitas, com Jay, enquanto me visto sem muita empolgação.

Quando fico pronta, peço à Julia que avise Tray caso ele chegue e pergunte por mim, mas ela me informa que provavelmente os meninos não voltem antes da manhã seguinte.

No carro, saindo da mansão com Adam, começo a pensar sobre isso.

Tray está fora, em um show e não é segredo para ninguém o que

acontece após as apresentações. Anders sempre é alvo de fofocas que envolvem orgias e ménages, além de clubes exclusivos de atividades duvidosas.

Com tudo que está acontecendo com Jay, talvez ele não tenha cabeça para isso, mas eu sei que o magoei muito e, por mais que nós não sejamos namorados há muito tempo, Tray se sente traído e é do seu feitio revidar.

Amanhã não vou abrir revistas online e nem sites de fofoca, vou evitar qualquer fonte de notícias, incluindo a televisão. Não quero saber o que ele fizer essa noite, já tenho motivos de sobra para preocupação.

Quando chegamos ao restaurante, meu celular vibra com uma mensagem de um número privado. Uma foto de Tray e Amber abraçados, ele cochichando alguma coisa no ouvido dela, que ri abertamente. Ao lado deles, Josh está sentado no chão comendo alguma coisa.

Está explicado porque a mulher não vai com a minha cara.

Sinto uma pontada no peito ao ver como ele parece estar se divertindo, a verdade é que o que tem roubado sua alegria é unicamente a minha presença.

Outro incômodo surge junto. De onde saiu essa foto? Quem me enviou? Isso já aconteceu antes, mas agora fazia tanto tempo.

— Está tudo bem? — Adam pergunta.

Me esforço para sorrir e aceno, afirmando que sim.

— Na medida do possível, está. Quando é que Tray vai poder testar a compatibilidade? Estou preocupada com isso. — Mas então me dou conta do que estou fazendo. — Desculpe, era para termos um tempo de leveza, sem preocupações e aqui estou eu...

— Não, Jas. Tudo bem, é importante. Na verdade, colhi uma amostra de sangue do Anders assim que ele me procurou dizendo que eu podia cuidar de Jay. Segunda-feira teremos o resultado. Jay está bem esses dias e, se tudo der certo, podemos começar a nos preparar na semana que vem.

Adam tenta agir com naturalidade comigo, posso perceber seu esforço para deixar de lado as formalidades.

Provavelmente em nome disso, ele pede uma pizza ao invés de comida.

O garçom nos serve e Adam assume os talheres e começa a cortar com cuidado os pequenos pedaços e os levá-los à boca.

É irrelevante e não faz o menor sentido, mas eu queria que ele comesse com as mãos. É muito estranho cortar a pizza desse jeito.

Olho ao redor, tentando ver se mais alguém nota o gesto esquisito dele, mas como Adam morou um tempo fora do país, imagino que tenha algo a ver com isso. Fico sem saber o que devo fazer: se o acompanho, cortando também meu pedaço para que ele não seja o único, ou se ajo como todos os outros.

Adam começa a discorrer sobre música clássica e livros, geralmente um assunto agradável, mas que me faz o comparar com Tray o tempo inteiro.

Acabo pegando meu pedaço com a mão.

— Morei muito tempo na Inglaterra, você sabe, e lá o aspecto cultural é muito mais presente. Você iria adorar, Jas. Depois de um jantar agradável, eu poderia te levar a uma peça de teatro...

Depois de um jantar, o que Tray me disse certa vez foi bem diferente.

Vou te mostrar que o ferro aqui é brutal.

— Teatro? — questiono, tentando manter minha mente fixa na conversa e parar com as comparações ridículas.

— Sim, gosto de ir às vezes. Você trabalha tanto, merece se divertir, ser tratada como uma princesa...

Princesa.

Você é meu príncipe, Tray. Um príncipe arrogante, safado e desbocado. Mas é o único que eu quero.

Ai, Deus. Que falta eu sinto dele. Adam parece mesmo um príncipe, mas não é perfeição que eu quero.

Passamos o resto da noite em uma conversa unilateral, não porque ele fala muito, mas porque luta o tempo todo para não deixar nosso jantar cair naquele limbo desagradável em que o silêncio impera.

Quando chegamos outra vez em casa, Adam entra com o carro e estaciona diante da porta.

— E então, Jas? Acho que você não se divertiu muito.

Ao menos ele é esperto.

— Desculpa, Adam. Você é maravilhoso, acontece que...

— Não sou ele — completa.

Ele não parece triste, apenas constatando um fato.

— É, bom... Não acho que seja difícil entender o que eu sinto.

— Eu entendo, Jas, mas não compreendo vocês dois.

Espero que ele prossiga.

— Você gosta dele e ele é louco por você, e tem o Jay. Por que não ficam juntos?

Respiro fundo, com pesar.

— É complicado. Primeiro, eu fui idiota, imatura e nos separamos, mas depois Tray me decepcionou no momento em que mais precisava dele e eu não superei. Jay nasceu, eu estava muito mal e as coisas foram acontecendo. Agora ele está com raiva e vamos fazendo besteiras, uma atrás da outra.

Adam balança a cabeça, ainda sem aceitar.

— Vocês precisam de uma conversa, Jas, só isso. Espera o transplante e as coisas se resolverem com relação ao Jay e, então, chama o Anders, seja sincera sobre tudo que houve, peça desculpas e explique o que te magoou. Vocês são adultos e se amam, não tem porque continuar assim.

Fico quieta, absorvendo os conselhos da última pessoa de quem eu esperava. Acho que ele nota como me sinto, porque acaba rindo.

— Você é bonita, Jas. Eu não estou ficando mais novo e quando a Chrystal me disse que combinávamos, quis tentar, mas não é nada como o que vocês dois têm.

Me sinto aliviada com a declaração.

— Se quer minha opinião, minha prima está sempre se preocupando mais com a minha felicidade que com a dela mesma, vocês dois sim é que seriam perfeitos juntos.

Adam não concorda, mas não rejeita a possibilidade. Na verdade, pela sua expressão, me parece que já cogitou a hipótese.

— Boa noite, Adam.

— Boa noite, Jas. Até segunda, quando, se Deus quiser, teremos boas notícias. Pode falar para a Chrystal que estou aqui? Vou levá-la em casa.

Abro um sorriso de incentivo. Esses dois bem que podiam se acertar.

Entro na casa e a aviso sobre a carona e combino de nos encontrarmos outra vez na próxima semana.

Passo pelo quarto de Jay, que já está no sétimo sono e então entro no meu.

Me jogo na cama e começo a responder algumas mensagens. Meu chefe, Gil, entrou em contato afirmando que posso buscar os papéis da rescisão de trabalho na segunda. Grandes acontecimentos na próxima semana.

Envio um áudio para Andy, contando as novidades e informando que na segunda iremos nos ver e colocar o assunto em dia, mas ao invés disso ela me liga e conversamos por mais de uma hora.

Conto sobre toda a situação com Tray e os outros, sobre a saída horrível com Adam e acabo falando um pouco sobre meus sentimentos.

Andy me escuta e faz comentários ocasionais, sempre muito divertida mesmo em meio ao horror de tudo isso. Por fim, falo da foto dele com a assessora e o modo estranho como a recebi.

— Isso é bizarro, Jas. Você não acha que é tudo muito esquisito nessa relação de vocês, desde o começo? Quem fica te mostrando as coisas que ele faz e mandando fotos? Alguém o odeia muito.

Sempre soube que era algo suspeito, mas independentemente de quem seja, ainda assim, se há algo para mostrar, é porque algo foi feito.

— Acho que um de nós tem um admirador, sei lá. Mas a foto de hoje...

— Está no instagram da Dominium. Foi postada mais cedo, eu até comentei, não acho que seja nada como essa mensagem fez parecer.

Dou uma risada tão cheia de amargor, que me espanto com o som.

— Diz isso porque não conhece o Tray. Ele pensa em sexo vinte e duas horas por dia e a tal Amber me odeia. Eu sei somar dois mais dois.

— Olha, ao menos não são vinte e quatro horas — Andy fala.

— É que nas outras duas ele está transando.

Andy começa a rir e isso acaba me irritando um pouco, ainda não estou no ponto em que eu consiga achar graça em Tray com outra mulher, principalmente agora, com a pressão toda sobre Jay. Estou pilhada e com receio de não suportar e chegar ao meu limite emocional.

Me despeço dela e decido tomar um banho. Quando olho o relógio, percebo que já é madrugada, mas me sinto cansada e precisando de calma e a banheira está me chamando desde o primeiro dia.

Não poupo nada, coloco espuma, sais e óleos, tudo disposto na bancada da pia e espero a água chegar perto da borda.

Ligo a babá eletrônica que Tray colocou, porque assim posso ficar atenta a qualquer ruído no quarto de Jay, e a levo comigo para o banheiro.

Entro na banheira e me permito relaxar, deixando a água levar embora um pouco do meu estresse e do esgotamento mental dos últimos dias.

A água está tão gostosa que acabo adormecendo, apenas para acordar um pouco depois com um barulho vindo do quarto de Jay, que ouço pelo aparelho ao lado da banheira.

Abro os olhos assustada e me levanto em um salto, passo apenas a toalha correndo pelo corpo para não sair pingando e visto a camisola por sobre a cabeça antes de deixar o banheiro e seguir porta afora para conferir se está tudo bem com meu filho.

Quando entro no quarto dele, avisto de imediato uma sombra escura inclinada sobre Jay e me preparo para atirar o aparelho em minhas mãos na pessoa, mas algo em seus movimentos me detém.

— Tray? — sussurro.

— Sou eu — ele responde.

Saio para o corredor e ouço seus passos me seguirem.

— Eu não sabia que tinha voltado, me assustei.

— Cheguei agora e vim ver o Jay.

Assinto, a voz dele é áspera e percebo que não quero continuar essa conversa.

— Pode ficar com ele, vou me deitar.

— Claro, deve estar cansada depois da noite com o doutor.

Franzo o cenho para o comentário maldoso.

— Não que você tenha que saber, mas só fomos jantar, voltei cedo.

Tray indica a porta do meu quarto e entendo que está com receio de que acordemos Jay, conversando ali.

Entro no quarto e ele vem atrás, fechando a porta em seguida.

Ali, com a luz acesa, posso perceber que ele bebeu. Sei reconhecer de longe suas expressões e o olhar meio insano que ele agora dirige às minhas pernas descobertas.

— Saiu vestindo isso? — pergunta.

Olho para baixo apenas porque, por um momento, penso que me enganei e devo estar usando outra roupa.

— Uma camisola?

— É, não sei qual era seu plano.

Olho para ele, me irritando.

— Bebeu quanto, Tray?

O vejo caminhar até a beirada da minha cama e se jogar sobre ela, de costas.

— O bastante, acho.

— E agora vai ficar questionando o que eu faço? Pensei que não quisesse saber, não quer nem falar comigo.

— Falar eu não quero. Estou furioso com você, florzinha.

Só pode estar mesmo muito bêbado. Ele não me chamou assim nem uma vez desde que descobriu sobre Jay, nem de praga ou de Jas.

— E então?

— Quero te comer, não deu *pra* notar?

— Tray! — Nem sei porque meu espanto, mas a verdade é que a maior surpresa que tenho é a constatação de que o comentário grosseiro enviou um sinal direto para a parte adormecida entre minhas pernas.

— O quê? Ah, é... fazer amor. Você estava com o bom moço... — Ele começa a rir.

— Acha que pode falar alguma coisa? Vi sua foto com a Amber, não achei nada profissional.

Tray se senta na cama e me olha, nervoso.

— Minha foto? Ah, corta essa. A gente estava rindo do Josh, se leu a legenda sabe disso, já você saiu *pra* namorar com o Adam.

— O Adam... ele é quase um príncipe! — solto, simplesmente porque estou brava com ele por entrar aqui fazendo essa cena, por se aproximar da Amber daquele jeito e por não me escutar, mesmo que o fato de Adam ser tão perfeito seja justamente o que retira dele todo o charme.

Tray se levanta da cama com uma agilidade impressionante para as circunstâncias atuais.

Ele anda rápido até mim, em poucos passos e me afasto de costas, até encontrar a parede. Suas mãos são postas dos dois lados do meu corpo, sem me tocar e quando ele fala, seu hálito que cheira à bebida, cigarro e menta me atinge com força.

— E gosta de príncipes, por acaso?

Seus olhos estão fixos nos meus, as pupilas tão dilatadas que mal posso ver suas íris azuis.

A respiração começa a deixar meu corpo em ondas afoitas, a proximidade me afetando drasticamente.

— Pensei que gostasse dos meninos maus, Jas...

A mão dele deixa a parede e se insinua por sob a barra da minha camisola. É o momento em que eu deveria mandá-lo embora. Sei muito bem qual vai ser sua reação no dia seguinte e o quanto vou me magoar com ela,

mas o olhar dele é magnético e simplesmente não consigo escapar de orbitar ao seu redor.

— Está enganado... — reúno algum resquício de autocontrole.

— Tem certeza? — ele avança sobre minha boca e morde meu lábio com força.

Arfo. De surpresa, de desejo.

Meu peito sobe e desce com a dificuldade em me manter calma e o olhar dele recai sobre o decote; sinto meus mamilos se projetarem e sei que ele também percebe.

A umidade se concentra em meu sexo, que anseia por algo que não deveria.

A mão parada em minha coxa decide subir mais um pouco e Tray passeia com ela, muito perto. Perto demais.

Expiro em um gemido baixo, completamente louca pelo toque dele e, quando finalmente sua mão me acaricia onde mais quero, percebo a surpresa em seus olhos ao notar a falta de uma lingerie.

— Tray... — chamo seu nome, quase implorando.

Tray

Sem calcinha, a praga!

Sinto sua boceta gostosa na ponta dos dedos, completamente molhada e eu ainda nem comecei.

— Tray... — ela geme meu nome e é demais *pra* mim.

— Você não gosta de príncipes, florzinha. Você gosta do meu pau, entendeu?

Ela balança a cabeça em concordância e eu exulto.

Gostosa da porra!

Desabotoo a calça e deixo-a cair até os joelhos, abaixo a cueca em seguida e retiro meu pau, duro e doido *pra* entrar dentro dela.

Jasmim olha *pra* baixo sem nenhum pudor, nem parece a menina inocente que mal conseguia me ver sem roupa. A língua dela passa sobre os lábios, como se estivesse doida de vontade de...

— Me chupa, Jasmim — mal reconheço a minha voz.

Como se fosse um comando que ela não pudesse resistir, Jas se ajoelha diante de mim, abre a boca e me toma com vontade.

— Caralho...

Sentir sua boca me envolver quase acaba com tudo ali mesmo. Ela pode ser uma mentirosa e falsa, pode ter me enganado por mais de três anos, mas é a única mulher que eu poderia foder até o fim dos meus dias, sem me cansar.

Os lábios macios descem e sobem em movimentos ritmados e a língua passeia por mim, desde a base até a cabeça. Quando chega na ponta, ela me lambe enquanto observa minha reação com os olhos semicerrados.

Levo a mão aos cabelos fartos dela e fodo sua boca gostosa, enquanto ela geme. A praga gosta disso e tem a cara de pau de me dizer que não.

— Chega.

A ergo do chão pelo braço e a empurro contra a parede outra vez.

Desço as alças da camisola e liberto os seios desnudos diante de mim.

— Estava me esperando? — pergunto, antes de tomar um dos mamilos entre os dentes, arrancando um gritinho dela.

Sugo com força por uma e duas vezes, mas não suporto mais esperar. Estou na porra das preliminares há muito tempo.

Ergo a barra de sua roupa um pouco e vejo a boceta depilada.

— Ah, porra...

Seguro suas pernas e as coloco ao redor do meu quadril, me abraçando. Levo meu pau até a entrada encharcada e escorrego de uma só vez *pra* dentro dela.

— Meu lugar preferido.

Estoco com força, arrancando um gemido prolongado da boca macia e finalmente eu a beijo.

Apoiando o peso dela na parede e com suas pernas ao meu redor, consigo ir além e me afundo nela, entrando e saindo enquanto seus grunhidos se misturam aos meus.

Nossos corpos se unem tão completamente que nos movemos em um ritmo inexplicável. Tenho tanto tesão nessa desgraça de mulher e tanta raiva ao mesmo tempo, que só deixa o sexo ainda melhor.

A boca dela se libera da minha e sinto seus lábios em meu pescoço, antes de gemer com sua mordida. Afasto seu rosto, sem parar de me enterrar nela e levo minha mão ao seu pescoço; seguro com força, em um limite muito frágil entre a dor e o prazer.

Os olhos dela brilham e Jas sorri *pra* mim. Suas mãos apoiadas em minha nuca, os gemidos descontrolados que preenchem o ar.

— É só isso? — ela pergunta. — Pensei que fodesse, mas está fazendo

amor comigo, Anders.

Nem sei como a peste encontra voz com minha mão em sua garganta, e ainda é *pra* me desafiar.

Desço as pernas dela e ainda segurando-a pelo pescoço a conduzo até a beirada da cama.

— Empina essa bunda *pra* mim.

Obediente, ela leva as palmas das mãos na ponta da cama.

Arranco a camisola por baixo, puxando com força e ouvimos o barulho do tecido se rasgar.

Logo tenho o traseiro gostoso virado na minha direção. Minha mão se enche dele e vejo as marcas dos meus dedos onde ela recebe a palmada.

Entro nela nessa posição e seguro seus cabelos com força, trazendo seu rosto *pra* perto.

Mordo a orelha pequena, enquanto sussurro coisas desconexas até *pra* mim.

— Ah, como eu amo essa bocetinha apertada, Jas. Eu amo, mas você só me fode, e não é de um jeito gostoso como esse aqui.

— Eu...

Ela começa falar, mas não quero ouvir nada agora. Cubro sua boca com a mão, liberando os cabelos e me enterro nela seguidamente. Minha outra mão segura seu seio, enquanto o outro se balança acompanhando meus movimentos.

Os tremores tomam conta do corpo dela e sinto seus dentes cravados na minha mão no instante em que ela goza, comprimindo meu pau e me levando junto em sua loucura.

Com mais duas estocadas me liberto dentro dela e, agora, só me resta torcer para que Jasmim não desapareça e surja com um filho adulto, de vinte anos.



Jasmin

QUATRO ANOS ATRÁS

Desde que chegamos em Seattle e infelizmente nos despedimos no aeroporto, já se passaram duas semanas. Tray havia tido a agenda lotada pelos últimos dias, principalmente por ter se ausentado mais tempo que o adequado.

Estar outra vez em casa não era fácil. Desde que Tray reapareceu, me apoiei na força dele como se fosse um bote salva-vidas e eu estivesse me afogando sem ele. Seus abraços preencheram um pouco o vazio que ficou em mim com a morte da vovó, a única pessoa que me amou e cuidou incondicionalmente.

Mas agora ele e eu temos nos falado por telefone apenas, e passar por entre os cômodos, tão ciente da presença da vó Lisa, mas sem tê-la aqui comigo, é devastador.

Nos dias que se seguiram à viagem, longe do apoio de Tray, dos sorrisos dele que me acalentaram no Chile, sentia que estava outra vez à margem de sentimentos sufocantes de tristeza e amargura.

Chrys estava sempre por perto e compartilhávamos a tristeza por nossa avó, mas enquanto ela tinha perdido uma das pessoas que a amava e com quem havia convivido a vida toda, eu perdi minha única referência maternal, a mulher que, mesmo depois de ter criado os próprios filhos, assumiu a responsabilidade por mim e me amou tanto quanto uma mãe.

Apesar da similaridade, a dor que eu sentia era só minha.

Naquela manhã, quinze dias depois que eu voltara para casa, desci as escadas e encontrei Chrystal na cozinha. Minha prima tinha a chave extra e

sempre aparecia para me oferecer seus abraços e, também, comida.

— Oi, Chrys... — cumprimentei, desanimada.

Escorreguei para uma das cadeiras na mesa da cozinha, enquanto ela preparava o café da manhã no fogão.

— Está melhor? Te achei tão abatida ontem... Vim te fazer uma omelete.

Abri um sorriso com seu gesto fofo.

— Obrigada por se preocupar, eu vou ficar bem. Não devo ter muito mais o que chorar...

Ela assentiu, compreendendo a situação.

— Só queria que Tray pudesse ficar aqui.

Chrys sorriu e virou a omelete no meu prato.

— Acho que dessa vez as coisas vão bem entre vocês dois. Estão mais adultos, sabem lidar melhor com a relação de vocês...

— Acha mesmo? — Eu tinha tanta esperança de que encontrássemos um caminho juntos.

— Claro que sim. Fiquei brava quando ele sumiu, por você, mas entendo que essa relação que vocês têm é muito forte, Jas. E agora, você não é mais a menina ciumenta que já foi e ele também vai saber lidar com o compromisso.

Esse era o ponto que ainda me incomodava. Por mais que eu realmente tivesse mudado e ganhado um pouco de sabedoria com o tempo, eu lia as revistas, os sites de fofoca e via como a vida dele era agitada e como a rotatividade sexual era absurda.

Mas eu não havia pedido por uma relação e, se ele quisesse isso, se realmente me amasse, então tudo ficaria bem.

Mexi no prato à minha frente e o cheiro de ovo me alcançou tão forte, que era quase como se estivesse cru. Junto com o odor, uma ânsia de vômito me acometeu e o enjoo se instalou na boca do meu estômago.

— Acho que não estou legal, Chrys. Vou deitar um pouquinho, tá bom?

Puxando o prato para ela, Chrystal assentiu enquanto dava uma

garfada.

Subi as escadas para o quarto e me deitei na cama. Tinha acabado de acordar, mas não me sentia nada disposta.

Abracei o travesseiro extra e, enquanto pensava na falta que sentia de vovó Lisa, o choro veio outra vez. Deixei que algumas lágrimas lavassem a tristeza que vinha sendo minha companheira no último mês.

Meu celular vibrou e quando fitei o visor, o rosto dele me encarava da tela.

Atendi a ligação, tentando disfarçar a voz chorosa.

— Oi, praga — falei, me esforçando para parecer alegre.

— O que foi, florzinha? Estava chorando?

— Ah, lembranças... — assumo.

Tray se cala por alguns segundos e então suspira com pesar.

— Eu queria estar com você, Jas. Mas não posso ir essa semana, vou receber o Grammy em poucos dias. Nos apresentamos ontem e tive uma noite agitada. Tenho dois shows agendados ainda essa semana, mas na próxima vou ficar com você, tá bom?

— Promete?

— Claro que sim. Sabe que, se quiser, pode vir ficar aqui, também.

— Não, muito cedo para enfrentar esses abutres que não saem de cima de você — falo, me referindo aos paparazzi que fariam fila por um pedaço da nossa história, e com a morte de vovó Lisa não me sentia pronta para enfrentá-los.

— Logo, então. E, Jas... Sabe que te amo, certo? Vou sempre segurar sua mão.

— Eu sei — fungo. — Também vou estar do seu lado. Eu te amo, Anders.



Acabei adormecendo outra vez, o mal-estar persistiu por horas e eu sabia que era reflexo do meu emocional, que não estava indo bem.

Quando acordei já era noite. Chrys já tinha ido e eu estava novamente sozinha.

Peguei o celular ao lado da cama e olhei as horas. Uma nova mensagem.

Quando abri para ver, percebi que era um vídeo de um número desconhecido.

Franzi o cenho estranhando a legenda que dizia “você precisa ver isso”, cliquei e esperei carregar.

Quando a cena começou a se desenrolar diante dos meus olhos, senti que toda a estabilidade que vinha lutando para construir nos últimos dias, desmoronava em exatos vinte e três segundos de vídeo.

Tray estava em um quarto de hotel com uma garota. Ela estava de quatro sobre a cama enquanto ele se afundava nela seguidamente.

Mesmo que ele estivesse de costas para a câmera, eu reconhecia algumas das tatuagens e o corpo esculpido. Tinha bebida por todo o quarto e dava para ver na lateral, que havia mais gente no cômodo.

A bile subiu com força pela minha garganta.

O vídeo não tinha áudio, mas o som do meu grito de desespero reverberou pelas paredes, que antes sentia tão distantes de mim, sozinha, e

agora pareciam me comprimir no centro da cama.

Quando outra mulher surgiu, se juntando aos dois na cena erótica que me enojava, fechei os olhos.

Em seguida os abri, lutando para encontrar evidências de que não era real. Talvez fosse apenas um pesadelo, mas bem em cima, no canto da tela, a câmara marcava a data de ontem, no horário das três da manhã.

Me lembrei de ouvi-lo afirmando que sua noite tinha sido agitada.

Corri para o banheiro e me ajoelhei ao lado do sanitário, enquanto vomitava tudo que tinha no estômago: água.

E mais água escorreu de dentro de mim quando o pranto veio com força e sacudiu todo o meu corpo. Senti a dor em meu peito retornar com força. Eu estava sozinha, não podia contar com ele, minha avó havia partido e tudo que existia para mim, era solidão e desespero.

Jasmin

PRESENTE

Quando acordo, Tray não está ao meu lado e o lugar em que ele tinha se jogado e adormecido, está frio.

Suspiro, resignada, afinal já era o que eu esperava quando permiti que avançasse. Ele estava bêbado e, por um momento, deixou a raiva de lado e cedeu ao desejo gritante que existe entre nós. Mas eu sabia que no dia seguinte a mágoa ainda estaria lá; só posso esperar que talvez nossa noite intensa e as horas em que ainda ficamos juntos, abraçados, os instantes em que Tray esteve adormecido ao meu lado, sirvam ao menos para que ele se sinta melhor.

Para mim foi um gás e tanto. Diante de tudo que vem acontecendo, meus dias têm sido nebulosos e insanos e, nos braços dele, consegui encontrar um pouco de força para seguir.

Apesar de o passado ainda doer, não me sinto mais como naquele dia, anos atrás. Talvez eu possa mesmo superar o que ele fez, se Tray conseguir encontrar, em seu coração, amor o bastante *pra* me perdoar.

Me levanto e sigo até o quarto de Jay. Ele está sentado sobre a cama folheando uma revista com tanta rapidez que as páginas se rasgam no processo.

— Oi, bebê da mamãe... Bom dia.

Jay ergue os olhos para mim e abre os braços para que eu o pegue.

Me sento na cama e o coloco sobre meu colo.

— O que está vendo, hein?

— É o papai, ele tem desenhos — responde.

Jay aponta para as tatuagens nos braços, corpo e até a pequena nota musical no rosto de Tray, que está posando para várias fotos na revista. Ele parece admirado.

— Onde conseguiu isso?

— Foi a tia Ane, ela me deu.

Pelo menos a raiva de Anelyse não se estende ao Jay.

— São tatuagens, Jay. Gosta delas?

— Eu quero uma *tantunage* igual do papai. O deus do rock.

Ainda estou esperando o momento em que ele vai me fazer passar vergonha com essa história. Sempre quis que Jay visse o pai, que se orgulhasse de quem Tray é e apresentei a ele todos os DVD'S da Dominium, dizendo sempre que Tray era o deus do rock, mesmo que meu filho não entenda o significado disso. E agora Jay não para de repetir isso.

Nem posso imaginar o que vai ser de mim quando Tray prestar atenção.

Só de pensar nele sinto um calor subir pelo meu corpo, lembrando nossa noite. Talvez seja só o dia que esteja quente. Ao mesmo tempo que revivo com desejo seus toques, sei que vou me sentir magoada quando o olhar dele encontrar o meu e estiver tão frio quanto antes.

— Posso, mãe?

A voz de Jay me tira dos devaneios.

— O que, filho?

— Posso ter uma *tantunage*?

Ai, Deus.

— Cadê meu herói? — A voz de Tray surge do corredor, chamando por Jay e sinto meu coração idiota disparar.

Tento parecer tranquila, mas quando ele surge na porta, tão lindo e com um sorriso que me arrasa em muitos, muitos níveis, não sei disfarçar a fome que sinto dele.

— Bom dia, Jasmim.

Ele não está me chamando de florzinha, como ontem, mas, apesar de certa distância, não parece ter voltado à raiva original. Um passo de cada vez.

— Bom dia, príncipe — respondo, com um sorriso.

Tray pode ficar com raiva o quanto quiser, mas vou mostrar a ele o que sinto e quero sem máscaras, e ele que lide com isso.

Seus olhos se estreitam em minha direção, mas não responde a provocação.

— Jay, preparei uma surpresa *pra* você. Quer ver? — Nosso filho balança a cabeça, freneticamente e Tray se vira para mim. — Vou tomar um banho e encontro vocês na piscina em vinte minutos.

Assinto, sem compreender. Quando ele se afasta, no entanto, troco as roupas de Jay e sigo com ele para a piscina antes mesmo que o tempo estipulado se passe, estou ansiosa.

Vejo algumas pessoas descendo, homens vestindo uniformes azuis e que não faço ideia de quem sejam. Olho de um lado para o outro tentando compreender o que está acontecendo.

Rosa passa por mim, carregando uma caixa com vários vidros de álcool vazios.

Josh e Ashton vêm pouco depois, mas eles seguem na mesma direção que eu e passam por mim com apenas um aceno sutil, apesar de Ash parar por tempo o bastante para dar um beijinho na cabeça de Jay.

Julia vem subindo atrás, observando a movimentação e guiando a pequena Ashley pela mão.

— Sabe o que está acontecendo? — pergunto.

Mas é Anelyse quem responde.

Ela aparece logo atrás de Julia e abre um sorriso meio tenso.

— Tray comprou vinte e quatro mil litros de água. O caminhão descarregou agora há pouco. — Agora entendo os homens descendo com as roupas azuis. — Depois que a pobre Rosa e as meninas esfregaram a piscina toda com álcool.

Olho dela para Julia, porque não pode ser verdade. É impossível que ele

tenha feito uma coisa assim.

— Vinte e quatro mil? Isso não pode ser sério.

Julia ri, achando graça.

— Claro que pode. É o Tray, não sabe que ele é doido? Acho que ele deve ter esvaziado a cidade. Parece que Medina também forneceu o que tinha, mas uma cidadezinha minúscula como aquela não deve ter tido tanta água assim.

— Mas... Por que ele fez isso?

— Porque hoje — Tray surge atrás das duas, usando apenas uma sunga branca. Meu Deus me ajuda a me controlar. —, meu Jay vai entrar na piscina.

— Tray! — Não acredito que seja esse o motivo. — Quase ninguém entra nessa piscina, era só filtrar a água e dar um bom banho nele depois.

Ele dá de ombros, como se não fosse nada de mais esgotar a água da região apenas para que o filho possa nadar.

— Vem, garoto...

Ele estende os braços para Jay, mas eu o abraço forte e afundo o rosto no pescoço do meu pequeno, para que ninguém veja o quanto a atitude dele mexeu comigo.

Droga. Por que ele fica fazendo essas coisas?

— Jas? — Julia me chama. — Está tudo bem?

— Táá... — falo, sem erguer o rosto.

— Você está chorando? — Anelyse pergunta, a voz cheia de surpresa.

— Chorando? Por que ela iria chorar? É legal *pra* cacete o que eu fiz. Opa! Legal pra caramba, Jay — Tray parece achar graça na suposição de que eu estaria chorando.

— Eu não estou chorando... — resmungo, mas uma fungada me contraria.

— Vem filhote — Tray tira Jay dos meus braços e, com isso, descobre meu esconderijo. — Jasmim! Por que essa choradeira?

Seco o rosto com as mãos, de cabeça baixa. Mas isso deixa meu rosto em linha reta com o volume considerável no meio das pernas dele.

— Ahhh, você fica fazendo essas coisas. Raspa o cabelo e agora a piscina — falo, entre os soluços. — E ainds aparece com essa sunga branca.

Tray começa a rir e logo Anelyse e Julia o acompanham. Dou as costas para os três e fujo, rumo as espreguiçadeiras.

Vão me dizer agora que não é emocionante?

Ah, faça-me o favor, eu me sinto no meu direito ao chorar.

Ele acabou de conhecer Jay e vem fazendo essas coisas pelo filho, que me deixam com o coração apertado de tanto amor.

E ainda ficam rindo de mim.

Julia chega e se senta à minha esquerda, Anelyse se deita do meu lado direito.

Assistimos juntas enquanto Tray desce pela escada da piscina e toma Jay nos braços, que gargalha tão gostosamente que quase recomeço o choro.

As duas estão rindo. Mesmo que Ane pense que não, estou vendo seu risinho discreto.

— Vão ficar rindo da minha cara? Eu me emocionei, gente, e com razão.

Ane deixa a risadinha escapar, está muito alegrinha *pra* quem não falava comigo dois dias antes.

— Não é por causa disso que estamos rindo.

Olho para o rosto de Anelyse, os olhos estão cobertos pelos óculos escuros e ela usa um vestido rodado, cheio de pontas. Coisa de modelo, estilista ou sei lá o que.

— Por que, então?

— Porque foi engraçado te ouvir falando da sunga dele, enquanto chorava sem parar — Julia diz. — Ah, como as coisas são lindas e emocionantes, essa sunga então... — ela fala, imitando minha voz chorosa.

— Se tirar a sunga eu morro de amor... — Ane completa, com a mão sobre o peito e rindo ainda mais.

Cruzo os braços e me viro de frente *pra* ela.

— Então a senhorita nem falava comigo ontem e agora vai ficar fazendo piada com minha sensibilidade?

Ela ergue a sobrancelha bem desenhada.

— Você sacaneou com ele, Jas. Fiquei brava, mas já passou. Fazer o que? Fico passando pano *pra* você.

— Passando o que?

Julia ri da minha confusão.

— Esquece, Jasmim. Ane usa umas expressões que, se for tentar entender, vai surtar. Nesse caso ela quer dizer que releva as coisas que você faz...

— Hum, entendi. Queria que a raiva dele passasse tão rápido quanto a sua, Ane.

— Ah, é? — Julia sussurra com ironia. — Eles não dormiram fora, porque Tray queria voltar para casa.

Dou de ombros, isso não quer dizer nada.

— É só por causa do Jay.

Ela ri.

— Foi o Jay que deu aquela mordida enorme no pescoço dele?

— Jay também gosta de arranhar as costas do pai? — Ane questiona, apoiando a cunhada.

— Podem parar, as duas. Agora vão ficar analisando esses detalhes e criando teorias?

— Pode ir se acostumando, as vidas das pessoas nessa casa raramente ficam no privado.

Relanceio os olhos para ela.

— Quer dizer que a Ane sabe das coisas que você faz com o irmão dela?

Anelyse faz uma careta de desgosto.

— Prefiro não ter os detalhes.

— Ah, mas eu tenho todos os detalhes das coisas que Ane aprontou. Sabia que teve uma situação inusitada com um colar de pérolas, um piercing e Josh quase sendo castrado?

— Julia! — Anelyse repreende, ficando vermelha de vergonha.

Eu abro a boca de espanto e encaro Anelyse, sedenta pela história.

— Ah, Ane! Você contou *pra* sua amiga no Brasil, fiquei sabendo que noticiaram por lá, foi parar em revistas e tudo. Inclusive ela é bem fofqueira, viu?

— Aff... Ela disse que contou só para uma prima, mas acho que a prima contou para as amigas e aí já viu. A coisa se espalhou...

Começo a rir com a cara dela de frustração.

— E como foi isso?

Anelyse suspira e começa a contar, e enquanto ouço sua narrativa engraçada, preencho minha mente com a visão de Tray andando na piscina de um lado para o outro.

Ele coloca Jay sobre os ombros; os dois com as cabeças completamente raspadas e rindo, são a visão do paraíso.

Jasmin

PASSADO

Fiquei deitada em posição fetal desde que recebi o vídeo; não comi mais nada porque meu estômago não parecia mesmo disposto a aceitar.

O celular ao meu lado me lembrava do ocorrido e eu me autopunha vendo o vídeo seguidamente. Me culpava por ter voltado para ele, sabendo que as coisas não eram mais como na nossa adolescência. Fui burra.

Tray reapareceu quando toda a minha vida desaparecia ao meu redor, com a morte da única pessoa que importava. E eu, sedenta por ligação emocional, criei com ele uma que não existia, me atirei em seus braços no escuro, saltando de um precipício e confiando que ele me ampararia. Mas ele me deixou cair.

Vi o sol nascer por entre as janelas e meu celular apitou com a mensagem dele de bom dia um pouco depois. Não respondi. Não estava pronta para enfrentar a situação como devia, de cabeça erguida. Eu só queria me afundar em comiseração e chorar.

Passava das nove horas quando finalmente me levantei e desci as escadas, apenas para me deitar no sofá e ligar a televisão.

Nesse momento, avistei a correspondência sob a porta e fazendo um esforço hercúleo, me arrastei até lá e peguei os envelopes do chão.

Contas, cartões de condolências e um envelope preto, maior. Abri, acreditando se tratar de mais um gesto de solidariedade de algum conhecido da minha avó. Eles estavam sempre chegando desde o falecimento dela, mas, para minha surpresa, era outro punhal para o meu coração que já sangrava.

Tray estava parado na calçada, nas fotos. Eu podia reconhecer o lugar, não muito longe da minha casa e abraçada a ele estava uma garota, que com certeza não era eu.

Tentando inventar desculpas e não acreditar nas provas diante de mim, observei as roupas dele e constatei que eram as mesmas que havia usado no velório. Os dois se beijavam e, em algumas fotos mal dava para ver o rosto da menina, mas em uma ficava bem claro que era Monica. A mesma maldita Monica que, de acordo com ele, nunca tinha significado nada.

Ainda assim, anos depois, no velório da minha avó os dois se encontraram.

Como ele pôde vir até mim, me oferecer o ombro, o apoio e seu amor, enquanto fazia algo tão horrível? Eu não podia reconhecer no rockstar, o garoto por quem me apaixonei.

Me sentei no sofá em estado letárgico, não conseguia entender porque que a vida era tão dura comigo.

Ainda estava assim quando Chrystal chegou, ela me encontrou catatônica, mas vendo as fotos ao meu lado, compreendeu a situação. contei sobre o vídeo, enquanto chorava tudo que ainda havia em mim.

Chrys era a única que me restava.

— Sinto tanto, Jas... Achei... Nossa, realmente achei que iam ficar bem.

— Eu...

Não sabia nem o que dizer diante de tanta coisa dolorosa.

— Quem te mandou isso? Porque, assim, tem certeza de que essas fotos são de verdade, Jas? Por que não fala com Tray?

— O vídeo, Chrys... Não tem como ser falso, eu conheço cada centímetro dele.

A expressão dela era tão desolada quanto a minha, e Chrystal ainda tentou me confortar, mas diante do acontecido, eu estava inconsolável.

— Ficou o dia todo assim? Por que não me ligou?

Dei de ombros.

Então tive a única ideia que me veio à mente nublada. Peguei meu telefone no sofá e procurei o contato dela. Não éramos amigas, mas por causa de Samantha ela havia sido adicionada no grupo de ex-alunos, algo que nunca compreendi o porquê.

Enviei uma mensagem, porque nunca conseguiria manter a voz firme, a questionando sobre algo tão humilhante.

“Sim, ficamos juntos naquele dia em que Tray esteve em Rainier Beach. Ele não me ligou, se puder me passar o número dele, vou ser eternamente grata!”

Foi a resposta dela. Eu estava acabada.

— Quer comer alguma coisa? Pensei em pedir comida. O que acha? Precisa se alimentar, Jas.

Só de ouvir Chrystal falar em comida a bile voltou à minha garganta.

Apesar das ânsias, não havia mais nada que eu pudesse vomitar, mas quando voltei o rosto para Chrystal, ela estava com os olhos arregalados, apavorada.

— Jas... Quais as chances de você estar grávida?



Jasmin

QUATRO ANOS ATRÁS

Fazia dias que não me levantava da cama, a não ser para ir ao banheiro.

Os primeiros três meses de gestação foram horríveis, permeados por muito enjoo, um cansaço sobre-humano e nenhuma expectativa. Com o passar do tempo as coisas apenas pioraram.

Eu não tinha mais um emprego, já que me entreguei a uma tristeza profunda por mais de uma semana após receber as duas notícias que terminaram de destruir meus sonhos.

Tray, a pessoa em quem eu mais havia confiado durante toda a minha vida tinha me traído e nós não tínhamos um futuro juntos.

E eu esperava um filho dele.

Quando terminei nossa relação retomada há pouco, pro meio de uma mensagem, ele não aceitou bem. Me procurou, mas não encontrou, agi como se não estivesse em casa enquanto ele esmurrava a porta sem cessar.

Não queria olhar nos olhos dele e constatar como ele era capaz de mentir, fingir e dissimular sentimentos.

Chorei por dias seguidos, afundada entre os lençóis e cobertores e nada podia me demover de me entregar ao desespero. Com isso perdi meu trabalho e as coisas apenas pioraram.

Sustentei a gravidez com uns poucos trocados que minha avó tinha deixado, que serviram para pagar a comida que Chrystal trazia e as despesas de água e luz.

No quarto mês, no entanto, esse dinheiro também acabou e, por duas semanas, tive apenas as velas por companhia, porque a energia tinha sido cortada.

Eu sinceramente não me importava. Não sentia vontade de ver um filme, não fazia compras e não precisava de nada que necessitasse de energia, então apenas fiquei em casa, vivendo no escuro que refletia muito bem o que se passava dentro de mim.

Até que Chrystal conseguiu algum dinheiro extra e pagou a conta.

Ela ia e voltava da casa dos pais todos os dias. Minha tia, mãe dela, aparecia de vez em quando, mas a verdade é que eu ficava aliviada quando ela partia, assim não precisava responder perguntas ou mesmo me preocupar com o banho.

Eu estava despedaçada e não me importava.

Enquanto isso minha barriga crescia. Eu a olhava e não conseguia reconhecer aquela gravidez, não foi algo que planejei e com certeza eu não queria ser mãe naquelas condições emocionais e financeiras. Me recusava a dar um nome ao bebê porque tornaria tudo mais real.

Ouvi a conversa entre minha tia e Chrystal no dia em que, teoricamente, eu completava sete meses de gestação — a contagem partia de quando eu tinha descoberto.

— Chrystal, ela não pode continuar assim. Tenho medo que faça alguma coisa contra si mesma.

Minha tia parecia preocupada, mas não havia razão para esse alarme. Eu era covarde demais para algo assim. Seguia minha existência morta e sem vida, mas ainda insistia em respirar.

Além disso, planejado ou não, tinha um bebê que precisaria de mim e, por mais abatida e entristecida que eu estivesse, me recusava a ser como minha mãe.

— O que podemos fazer? Ela não quer sair mais da cama, não toma banho... Jasmim mal come, não sei como esse bebê tem sobrevivido, mãe; estou seriamente preocupada — minha prima respondeu.

Coloquei a mão sobre a barriga protuberante ao ouvir o comentário.

Meu bebê já chutava e se movia entusiasmado com a vida. Pobre criança, mal sabia o que era esse mundo de horrores.

— Você sabe quem é o pai do bebê, Chrystal. Devia falar com ele, fazer com que assuma a responsabilidade, isso é desumano! Ela está com depressão...

— Eu sei que ela não está bem, mas não é uma decisão nossa. As coisas que ele a fez passar... Jas está assim por causa do que ele fez, ela não está doente, está triste, arrasada...

Fechei os olhos, lembrando a dor. Eu estava definhando a olhos vistos e simplesmente não queria fazer nada que mudasse a situação.

Jasmin

PRESENTE

Estou decidida.

Queira ele ou não, vou dar o troco por toda aquela perseguição.

Depois de colocar Jay na cama, dar os medicamentos e ter certeza de que ele está se sentindo bem, procuro por Julia.

Ela abre a porta do quarto já vestida para dormir e me analisa com curiosidade.

— Quero ver se pode me fazer um favor... — peço.

— Claro! — responde solícita. — O que precisa? Jay está bem?

Ela passa os cabelos escuros para a lateral do rosto e termina de vestir o robe de seda sobre uma camisola longa.

— Jay está ótimo, eu quero ficar um pouco sozinha, preciso colocar a cabeça no lugar... Pode ficar com a babá eletrônica por umas duas horas e, se ouvir alguma coisa, me ligar ou chamar? Vou estar perto da piscina.

Julia abre um sorriso cínico.

— Eu ligo, não tem mais ninguém aqui hoje. Nem eu, nem Ashton vamos subir até lá.

Finjo não compreender que ela esteja me incentivando a qualquer coisa.

— Não tenho ideia do que você está falando...

— Claro que não tem. Vai ligar e pedir que ele suba? — questiona, com um entusiasmo exagerado.

Troco o peso do corpo para a outra perna, refletindo sobre o que vou fazer. A verdade é que não tenho certeza.

— Acho que não funcionaria — assumo. — Não sei se ele vai subir se eu pedir.

— Se eu fosse você, passaria na cozinha para pegar uma garrafa de vinho, só para o caso de ter companhia. Deixa comigo.

Abro um sorriso malicioso. Essa Julia é fantástica.

— Ele prefere cerveja — declaro.

Faço o que ela aconselha, apenas substituindo a bebida, e subo com um balde cheio de garrafas e gelo. Acendo as luzes que circundam a piscina e ligo o aquecedor.

Devia ter pensado em colocar um biquíni, mas mesmo que o fizesse não daria muito certo. O meu biquíni mais novo ainda é mais velho que Jay, então apenas retiro a calça e entro na água, usando a camiseta que já estava vestindo.

A água está deliciosa. Apesar de ainda não ter aquecido de verdade, também não está fria e das laterais da piscina saem bolhas que deixam a experiência mais gostosa.

Fecho os olhos e me deito de costas deixando o corpo boiar, enquanto sinto a mornidão na água se intensificando.

Se passam poucos minutos.

— Jasmim... — A voz dele me chama, perto. Nem sei como Julia conseguiu esse feito, mas agradeço mentalmente.

— Oi — respondo, sem abrir os olhos.

— O que está fazendo aí, no meio da noite? A Julia te viu subindo, disse que estava chorando e ficou preocupada.

Muito esperta.

— Eu não estava chorando, ela se enganou.

Ele fica em silêncio por um tempo e chego a pensar que foi embora. Abro os olhos e me coloco de pé, mas Tray ainda está parado na borda da

piscina, me olhando fixamente.

— Não é nada, Tray. Nosso filho dormiu e eu estou precisando relaxar. Decidi subir.

Ele coça a cabeça, seu gesto típico, que indica nervosismo.

Apesar de parecer não ter certeza da própria atitude, ele se senta na beirada, com os pés dentro da água.

— Relaxar... — testa a palavra. — Caralho, acho que também preciso disso, estou ansioso com os resultados amanhã.

Me aproximo alguns passos, devagar.

— Você nem me disse que tinha testado... — Não era o que eu planejava, mas minha voz soa magoada.

— Não, mas seu doutor disse — ele responde, com sarcasmo.

— Ele não é meu doutor, é do Jay.

Tray faz uma careta engraçada e acabo rindo.

— Você sabe de uma coisa? Sempre fui tida como a ciumenta entre nós dois, mas você não perde *pra* mim.

Ele alcança uma garrafa de cerveja do balde e a abre. Toma um longo gole e só então me responde.

— Não tenho ciúmes de você, Jasmim.

— Ah, não? — pergunto. Chego mais perto, cercando-o. — Que bom, assim fico mais tranquila por saber que não vai se importar.

O olhar dele se concentra em mim e vejo o instante em que nota a camiseta justa e molhada, os bicos dos meus seios em evidência pela falta de um sutiã.

— Me importar com o que? — Sua voz soa rouca, seus olhos me devoram.

Apoio os braços nas pernas dele e meu rosto sobre eles. Tray olha *pra* baixo, me fitando com um fogo que aquece a água mais rápido que o mecanismo da piscina.

— Se eu sair com Adam outra vez.

Ele sorri.

— Você não vai namorar com ele. Se fosse, já teria se decidido antes.

Respondo ao seu sorriso com um meu, inocente.

— Não estou falando de namoro. Não te disse que preciso relaxar? Eu quero sexo.

As mãos dele passam pelo rosto. Tray parece frustrado.

— Sexo? Pelo que me lembro, ontem mesmo a gente... — ele se interrompe, percebendo o rumo que segue a conversa.

É estranho que Tray se controle e deixe de falar o que vem à cabeça, mas eu sei exatamente como o surpreender na mesma medida.

Se ele pode de repente se calar, pesar as palavras e evitar fazer comentários que nos levem a algo mais íntimo, eu posso revidar agindo como ele realmente é, totalmente sem filtro.

— Fodeu? — questiono.

Ele permanece quieto, mas noto seu peito subir e descer rápido, a respiração acelerada.

— Mas isso foi ontem... — continuo, ao ver que ele não vai me responder. — Além disso, eu preciso de algo mais intenso que aquilo.

Vejo a surpresa no seu rosto.

— Ahá! — Sua risada é de total descrença. — Com o doutor? Mais intenso, Jasmim? Isso é sério?

O olhar dele se demora na água, notando minhas pernas nuas.

— É. Eu quero ser comida com tanta força que chegue a esquecer meu nome.

— Mas que porra... — Tray me olha com o cenho franzido, mas aos poucos sua expressão vai relaxando, entendendo que estou apenas o provocando.

Dentro da água e ainda entre as pernas dele, me abaixo um pouco e

retiro a calcinha devagar, enquanto ele acompanha cada movimento meu. Depois a atiro do lado de fora.

— Desgraça de mulher! Você parece um demônio, sabe disso, não é?

Tray pula de roupa dentro da água e me puxa pela nuca, grudando a boca na minha com fúria. Minhas mãos encontram a barra da camiseta dele e a retiro por sobre seus ombros, desesperada.

O simples toque dele sobre minha pele me acende completamente e sinto um aperto forte entre as pernas, o desejo incontrollável de tê-lo dentro de mim, *pra* nunca mais sair.

Sua língua brinca com a minha e seus dentes se cravam no meu lábio com força.

Sinto um gosto metálico de sangue, mas não o afasto, apenas intensifico o beijo com vontade.

Ele coloca a mão entre minhas pernas, sentindo minha boceta, enquanto abro espaço para que me toque.

— Sua cadela — xinga. — Eu vou te comer com tanta força que não vai andar amanhã.

Meu riso sai contra os lábios dele.

— Não faça promessas que não pode cumprir. Se sou uma cadela, quer dizer que vai me comer de quatro? — Se ele pensa que as palavras baixas me ofendem, se enganou, quanto mais ele fala sacanagem, mais excitada eu fico.

Tray enfia dois dedos dentro de mim sem aviso e sem delicadeza, reagindo à minha pergunta. Exploro seu peito com as mãos, com pressa e vontade.

Ele para de me beijar e em um impulso inverte nossas posições, colando minhas costas na parede.

— Você é tão gostoso — sussurro, rendida à nova posição.

— E você é uma mentirosa que tem mel na boceta.

— Vem provar... — desafio olhando nos olhos dele.

— Puta merda, Jasmim. Você vai acabar com a minha vida.

A risada me escapa, mas morre em meus lábios quando ele me ergue e me põe sentada onde ele estava antes.

— O maior guitarrista de todos os tempos... — retomo as provocações, enquanto mordisco a orelha dele. — O deus do rock e do sexo! Depois de tanta orgia, deve ter aprendido a chupar direito.

Ele me afasta, segurando meus braços com força.

— Sua desgraçada. — As mãos dele descem em uma carícia lenta, para então apertarem minhas coxas com tanta força, que prevejo as marcas na pele. — Quer dizer que não gostava antes? Não é assim que me lembro.

Seus dedos descem outra vez para minha entrada e ele volta a me penetrar. Seu rosto está tão perto, que com um gesto mínimo ele poderia acabar com o tesão descontrolado que estou sentindo.

— Do que você se lembra? — instigo.

Ele me penetra seguidamente e acabo gemendo, o que confere a Tray um sorriso arrogante.

— Me lembro que você gozava na minha boca, se contorcia gostoso, esfregando a bocetinha apertada na minha cara.

— Huum... — A lembrança me dilacera, quero muito repetir a dose. — Você não vale nada, Anders. Refresca minha memória...

Abro as pernas diante do rosto dele e Tray retira os dedos de dentro de mim e os leva aos meus lábios. Ele me provoca com um sorriso de quem duvida e eu chupo meu próprio gosto.

Tray grunhe, completamente insano e desce a boca sobre meu sexo, mordendo minha boceta e me arrancando um grito, que se converte em gemido quando ele desliza a língua por toda minha extensão.

— Eu te adoro — ele fala, diretamente *pra* ela. — Odeio sua dona falsa, mas adoro você.

Ergo o queixo dele com a ponta dos dedos.

— E eu odeio você, safado, cachorro e que não sabe se contentar com uma só mulher, mas adoro quando usa suas habilidades em meu benefício. Então para de usar a boca *pra* papear.

O sorriso que ele me oferece, de lado, erguendo um dos cantos da boca, me deixa ainda mais molhada, se é que isso é possível.

Tray me encara enquanto a ponta de sua língua brinca com meu clitóris.

Jogo a cabeça *pra* trás, gemendo sob sua tortura.

— Tray... — choramingo.

Ele passeia com a língua por entre os vales da minha carne e então a abocanha de uma vez, sugando com força. Os beijos, as mordidas fortes, a alternância entre os toques sutis e os dolorosos, tudo me leva ao ápice em questão de minutos e gozo na boca dele, implorando por mais.

Tray me agarra pela cintura, me descendo outra vez para dentro da água. Meu corpo ainda está relaxado por causa do momento, mas ele me abraça, fazendo com que eu passe as pernas ao seu redor e então caminha comigo para o outro extremo da piscina, onde se senta sobre o degrau estreito, mas suficiente para acomodar meu corpo sobre suas pernas.

Ele arranca minha camiseta e suga meus seios com força, distribuindo beijos afoitos pelo meu colo, puxando meus cabelos para expor meu pescoço. Então me ergue apenas o bastante para tirar o short e a cueca e me acomoda sobre seu pau.

Desço em cima dele, sentindo meu corpo se abrir para recebê-lo.

Paro no meio do caminho, com alguma dificuldade em acomodá-lo inteiro dentro de mim.

Tray morde meu queixo com força.

— Senta no meu pau, Jasmim. Agora.

Termino de descer, me recusando a negar qualquer centímetro dele, por maior que seja.

— Cavalga, porra — ele dá um puxão em meu cabelo, que está enrolado na mão dele e me arranca um gritinho.

Apoio os pés nas laterais do corpo dele e começo a me movimentar; desço e subo me deliciando nas sensações de ser preenchida por ele, que tem o rosto afundado entre meus seios.

— Mais rápido... — Sua voz sai abafada, mas ele não ergue o rosto para

ser mais claro. — Você não queria que eu te comesse forte?

Aumento o ritmo o máximo que consigo, com o maldito fazendo piada da minha velocidade.

— Que florzinha delicada...

Levo as unhas ao rosto dele e o arranho com força.

Tray grita e me segura, paralisando meus movimentos.

Ele me retira do colo e quase choro com sua ausência, mas logo estou sendo prensada contra o piso frio da piscina, meus seios comprimidos contra o chão, enquanto o braço dele passa por meu pescoço em uma chave perfeita.

Minha boceta é invadida por trás em uma estocada bruta.

Ele se enterra em mim uma vez após a outra, em uma velocidade que arrasa com minha sanidade.

— Mais forte... — peço, duvidando que seja possível.

O tapa vem estalado na minha bunda e sinto o lugar arder para, em seguida, ter os dedos dele se afundando em minha carne.

Eu estou molhada por todo os lados, mas me sinto em chamas.

— Ah, como eu tenho vontade de apertar esse pescocinho lindo.

O braço dele ainda está apoiado ali, mantendo minha cabeça imóvel.

— Igual fez ontem? Muito fraco.

O riso dele em meu ouvido vem acompanhado da mão, que se encaixa perfeitamente, vedando parte do ar e me deixando completamente louca. Inclino o quadril na direção dele, pedindo por mais e Tray me recompensa com estocadas fundas e rápidas.

Meus gritos ecoam no ambiente aberto, enquanto o homem fode meu corpo e arrasa meu psicológico.

Ele move o corpo, alcançando um ângulo que lhe dá acesso tão completamente, que sinto as pontadas doloridas dentro de mim, ao mesmo tempo em que a fagulha de dor me alucina de prazer.

Estou ao ponto de gozar outra vez quando meu cérebro para de filtrar os

pensamentos, antes de liberá-los pela boca.

— Ah, Anders... Eu te amo tanto.

Os movimentos cessam instantaneamente. Não me lembro a última vez que disse que o amava, mas tem muito tempo e com certeza foi antes dele descobrir sobre Jay.

Ele sai de mim sem um pinga de piedade e vira-se de costas, andando rumo à saída.

— Tray! Volta aqui.

Bato a mão na água, frustrada.

— Ah, não fode Jasmim! — Se vira *pra* mim, furioso. — Tinha que falar de amor agora, porra? Amor... Como se você soubesse o que é isso!

O ódio me cega.

— Ah e você sabe, né? Não consegue nem manter seu pau dentro das calças.

— Pelo jeito, não mesmo — responde.

— E vai fazer o que? Me deixar aqui desse jeito? Não vai terminar o que começou?

Ele sobe os degraus da piscina e eu o sigo, mas Tray apenas me olha quando já está do lado de fora.

Me amaldiçoo por falar sem pensar.

— Não com você, pelo menos.

Ah, desgraçado.

— Seu babaca! — grito e caminho até ele. — Escuta aqui, Anders. Se você deixar alguém que não seja eu encostar em você outra vez, beijar tua boca, que seja, eu vou arrancar seu pau nos dentes, tá ouvindo? — Aponto com o dedo enfaticamente.

Tray arregala os olhos e fita o membro ainda rígido, antes de olhar *pra* mim outra vez e perder o controle. Ele começa a gargalhar com minha ameaça ridícula, meneia a cabeça e me dá as costas.

— Você não vai me deixar aqui desse jeito, Tray. Não vai mesmo.

Seguro a mão dele, tentando impedi-lo e ele realmente para.

— O que você quer de mim, porra? — grita.

— Que termine o que começou.

— Sabe o que você é? — pergunta, os olhos brilhando com raiva.

— Sei. Sou sua praga, só sua.

O corpo dele se volta *pra* mim e seus dedos encontram a carne do meu bumbum.

Ele solta um som rouco, exasperado e passo as duas mãos por seu pescoço, puxando-o para mim.

Beijo a boca dele afoita e me deito no chão de pedra, o levando comigo.

Em instantes ele está outra vez dentro de mim.

Tray investe o corpo contra o meu com raiva, percebo em suas feições o quanto está irritado por não resistir. Passo o braço pela nuca dele para impedi-lo de se afastar e abro um sorriso enquanto ele mete com toda força que tem.

— Eu te amo, Anders.

Os dentes dele se cravam no meu ombro e a velocidade aumenta.

Olho no fundo dos olhos dele e repito o mantra.

— Amo você...

— Cala a boca, sua peste.

A reação dele me faz rir.

— Te amo muito, Tray, eu perdoo o que você me fez...

Há alguma confusão no rosto dele, com minha declaração, mas logo a raiva de antes volta.

— Eu vou matar você, Jasmim.

— Goza *pra* mim... — peço, baixinho.

— Você é uma bruxa gostosa *pra* caralho.

O rosto dele se afunda no meu pescoço e sinto suas estocadas mais frenéticas, enquanto ele se libera dentro de mim. Penso ouvir suas palavras sussurradas contra meus cabelos.

— Eu te odeio, porque te amo.

Mas em seguida, não sei se foi real ou apenas imaginação.

Jasmin

QUATRO ANOS ANTES

As contrações começaram no meio da noite. Ainda era madrugada e eu já gritava com as dores que iam e vinham, cada vez mais fortes.

Me virei de lado na cama, para conseguir me sentar. O peso da barriga me deixava mais lerda. Desci as escadas sem saber o que fazer, afinal, não havia ido em mais que duas consultas de pré-natal e meu mundo se resumia àquele quarto escuro.

Liguei para Chrystal, porque ela saberia o que fazer. Os toques se seguiram um após o outro, mas ela não atendeu. Comecei a entrar em desespero, eu nem mesmo tinha me preparado para aquele momento, estava completamente apavorada.

Outra contração chegou, levando com ela o que me restava de forças. Eu só tinha me alimentado pela manhã e o bebê consumia todas as minhas energias.

Um bebê para o qual eu não tinha comprado nada. Não tinha roupas, berço, nada.

Me sentei no sofá com algum esforço. A dor era tão forte que senti uma onda de raiva me consumir. Tray tinha me feito isso e ele nem sabia.

Enquanto eu sofria e definhava, ele transava toda noite e se esbaldava em rios de dinheiro. Peguei o celular outra vez e em um rompante de coragem, disquei o número dele.

— Jas? — ele atendeu no segundo toque. — Lembrou que eu existo, sua praga?

Respirei fundo, tentando não começar a gritar com ele.

— Anders, preciso te contar uma coisa. Agora.

Eu podia ouvir o barulho de música alta no fundo.

— Agora? Ah, não dá, Jasmim. Deixa pra amanhã, beleza? Estou ocupado.

Mais uma contração. Fiquei calada, esperando que passasse.

Desde que eu havia enviado uma mensagem para ele, falando que não iria mais insistir em uma relação, não tínhamos nos falado mais, então era evidente que Tray estava se recusando a falar comigo para me dar o troco.

— Você não vem? Vamos começar sem você — uma voz feminina o chamou.

— Já estou indo, delícia. — Ouvi a voz dele responder e o ódio apenas cresceu. — Amanhã, Jasmim?

Desliguei a ligação sem responder.

Tentando pensar, apesar do meu cérebro ter quase entrado em estado vegetativo nos últimos meses, chamei um táxi. Só depois me dei conta de que o dinheiro que eu tinha podia não dar para pagar a corrida.

Quanto tempo o bebê levaria para nascer? Podiam ser várias horas e tinha um hospital a quatro quadras dali. Decidida, peguei apenas o celular para quando Chrystal ligasse de volta e saí de casa.

A cada dez minutos eu parava, sentia meu corpo todo se contrair, inspirava e expirava, depois retomava meu caminho vagarosamente.

Minha bolsa estourou quando cheguei na esquina do hospital. Ao longe eu podia ver algumas pessoas na porta, as luzes de uma ambulância ligadas, mas a visão foi ficando turva e me senti morta de medo de que meu filho saísse ali mesmo. Tentei clarear a visão e apressei o passo um pouco.

Uma contração veio forte e comecei a chorar sem vergonha alguma. Meu filho ia mesmo nascer no meio da rua.

— Por favor! — gritei por socorro. — Me ajudem!

Foi uma completa estranha que me ouviu.

A mulher estava parada em frente ao hospital e quando me viu começou a gritar desesperada.

— Tragam uma cadeira de rodas! Tem uma moça ali, precisando de ajuda!

Um enfermeiro apareceu e, com toda calma do mundo, começou a conduzir a cadeira na minha direção. Vendo a vagareza do homem, a mulher, que agora eu via que devia ter a minha idade, o empurrou para o lado com o ombro e a arrancou das mãos dele.

Com seus cabelos coloridos em tons de azul e rosa, ela correu até mim e me ajudou a sentar; depois me conduziu até a entrada do hospital e ficou comigo até que me levassem às pressas para a sala de parto.

Foi assim que Andy entrou na minha vida, como um verdadeiro anjo.

Em meio aos meus gritos de dor e as instruções médicas, meu bebê nasceu. Quando olhei para ele e vi seus olhos iguais aos do pai, meu coração doeu.

— Qual o nome dele, mamãe? — a enfermeira perguntou.

Eu o fitei sem grandes emoções, estava tão esgotada fisicamente e emocionalmente, que parecia entorpecida.

— Eu... Não sei.

A mulher me olhou como se eu fosse louca e, por esse olhar, me decidi na hora. Se ele não teria o pai, que fosse como eu e recebesse ao menos um nome que viesse dele.

Mas não era justo. Era eu quem o tinha carregado e que cuidaria dele de agora em diante.

— Jay... Ele se chama Jay.



Jasmin

QUATRO ANOS ATRÁS

Voltei para casa com um pequeno pacote no colo: meu filho. Chrystal ficou desesperada ao descobrir que eu havia ido ao hospital caminhando, tentou providenciar um carro para me buscar, mas não conseguiu.

Por sorte a moça, Andy, estava de carro e se ofereceu para nos levar.

Não sabia quem ela estava acompanhando, mas ficou no hospital pelos dois dias em que eu e Jay ficamos internados e quando saímos nos acompanhou, preocupada comigo e o bebê.

Chrystal saiu para buscar minha tia, que ajudaria a cuidar de Jay nos primeiros dias e Andy ficou ao meu lado. Era uma total desconhecida, mas uma das poucas pessoas dispostas a ajudar.

Meu corpo todo doía. O abdômen machucado por causa do parto, os pontos que haviam sido dados para me tornar inteira outra vez — Jay me rasgou de dentro para fora, minha cabeça que pulsava com dores fortes e até mesmo minhas pernas.

Me joguei na cama assim que consegui subir as escadas, com muito esforço e adormeci quase que imediatamente.

Jay foi colocado ao meu lado na cama e, por sorte, ele também parecia gostar de dormir, porque se manteve em silêncio, respeitando meu sono.

Quando despertei, a noite já caía e avistei Andy sentada em uma cadeira, com meu filho no colo. Ela o balançava tentando mantê-lo quietinho.

— Ah, que bom que acordou. Seu bebê está com fome...

Olhei ao redor e percebi que a casa estava toda limpa, minhas roupas dobradas e arrumadas e havia algumas coisas, que não estavam ali antes.

— De onde saiu tudo isso? — perguntei, me referindo às sacolas de roupas de bebê, uma banheira pequena e um bercinho que foi colocado em um dos cantos.

Andy acompanhou meu olhar, fitando tudo com olhos tristes.

— Era da minha irmã. Eu estava com ela no hospital, mas o bebê não sobreviveu. Então, quando cheguei aqui e vi que você não tinha nada...

Surpresa era pouco para definir o modo como me sentia. Não era natural que as pessoas fizessem as coisas para me ajudar sem esperar nada em troca e realmente eu não havia providenciado nada para meu bebê.

— Por que fez isso? — perguntei, ainda assimilando seu gesto.

Ela deu de ombros.

— Não sei, pareceu precisar de ajuda e, bom, não ia ser utilizado mesmo.

Ergui as sobrancelhas, descrente.

— Você também limpou a casa?

Ela balançou a cabeça, afirmando e vi os cabelos coloridos acompanharem o movimento.

— E fiz uma sopa. Tinha uns legumes na geladeira e um pedaço de bacon, juntei tudo e parece que ficou bom. Você precisa comer e esse rapazinho também.

Levantando-se, Andy estendeu Jay pra mim.

Olhei em seu rostinho pequeno, seu tamanho frágil demais, tentando encontrar dentro de mim a vontade de segurá-lo.

— Pode ficar com ele mais um pouco... — disse, por fim.

As pessoas gostavam de bebês, ao menos a maioria. Eu também gostava, achava engraçadinhos, mas agora meu próprio filho estava ali e eu não me importava.

— Você... não quer segurar seu bebê?

Dei de ombros, imitando o gesto que ela mesma fazia.

— Ele parece bem aí, com você.

Andy me olhou de um jeito terno, sem o ar de julgamento que eu esperava. Como se me entendesse, mas nem eu me entendia.

— Tudo bem. Vou ajudar você para que amamente e depois o levo pra baixo pra que possa descansar um pouco mais. Pode ser?

Assenti e me sentei na cama, tentando me preparar para a amamentação.

Era uma verdadeira tortura.

Desde o momento em que ele nasceu e as enfermeiras o colocaram em meus braços pela primeira vez, soube que não seria um momento fácil.

Cada vez que ele sugava meu seio, eu sentia uma dor forte irradiar desde o bico até o cerne do meu peito e aquilo parecia desfazer meu emocional em mil partículas.

Eu não podia entender como o fato de um bebê tão pequeno se alimentar de mim, podia me causar tanta tristeza.

Andy o colocou em meus braços e ofereci o seio a ele desanimada, sabendo o que estava por vir.

Quando ele sugou, senti o mal-estar se instalar na boca do meu estômago. Virei o rosto para que ela não me visse chorar.

Que espécie de mãe chora ao amamentar o próprio filho?

Eu olhava o rosto dele, tão bonitinho, mas não conseguia sentir aquela ligação maravilhosa que outras mães declaravam. Era apenas um bebê fofo, mas meu coração não estava cheio de amor, nem nada assim, não vivia um sonho.

Andy ficou calada durante a meia hora em que Jay esteve em meu seio, então me ajudou a colocá-lo do outro lado. Ela viu quando sequei o rosto com as costas da mão, mas não disse nada.

— Eu vou buscar um prato de comida pra você. Sua prima já deve estar chegando e vou embora depois que ela voltar.

Não respondi. Tive medo de que minha voz soasse embargada.

— Você... Tudo bem o Jay ficar aqui até eu trazer o prato, né?

Olhei pra ela sem entender bem a pergunta, mas aquiesci.

Andy saiu do quarto. Eu deveria perguntar porque ela estava ali, me ajudando quando nem me conhecia, mas honestamente, eu não me importava com nada disso.

Nem mesmo com a ajuda.

Enquanto meu leite se derramava na boquinha pequena do meu filho, eu derramava tanta tristeza de dentro de mim, que cheguei a cogitar a possibilidade de secar. Uma hora eu não choraria mais, não tinha como aquilo continuar.

Eu nem sabia porque estava chorando tanto.

A única coisa da qual tinha certeza, era que eu me sentia muito mal, tinha uma vontade tão grande de ficar completamente sozinha, no escuro, sem me preocupar ou pensar em nada, sem precisar comer ou tomar banho, sem ter que me levantar.

Só queria dormir, porque aquela dor no meu peito, aquele sentimento horrível, simplesmente passava quando fechava meus olhos e me rendia ao sono.

Quando Andy retornou, colocou a bandeja com um prato de sopa ao meu lado e em seguida pegou Jay. Instantaneamente me senti aliviada, apenas para ser tomada pela culpa outra vez.

Ela o colocou sobre o ombro para que arrotasse e peguei o prato de comida, sem nenhuma vontade. Dei algumas colheradas. Não queria ofender a menina, mas a comida estava horrível, ou talvez fosse apenas o meu paladar.



Duas semanas desde o nascimento de Jay e eu ainda não conseguia lidar com minha nova condição de mãe.

Chrystal tinha aparecido depois do almoço e estava com ele no andar de baixo, enquanto eu tentava dormir outra vez. Tudo que eu fazia era amamentar e dormir e, honestamente, só não parei a amamentação porque não tinha dinheiro para custear um leite alternativo e meu bebê não podia morrer de fome.

Mas ainda me sentia triste em todas as vezes que precisava ficar com ele no colo, esperando que se satisfizesse. Eu me sentia um monstro e isso só piorava a tristeza.

— Jas... — minha prima chamou da porta. — Que tal se tomar um banho? Acho que já tem três dias.

Ela fitou o chão, constrangida de me dizer aquilo.

Faziam quatro, mas em um deles eu me esforcei e fui até o banheiro, liguei o chuveiro e fiquei parada observando a água cair. Depois voltei para a cama.

— Eu não vou sair de casa... — respondi.

Na minha concepção, justificava.

Uma ideia tinha se plantado em minha mente, de repente. Talvez Tray não se importasse em cuidar de Jay por uns dias... Eu estava tão cansada.

— Chrys... Pode mandar uma mensagem pro Anders? Diz que preciso

conversar com ele urgente. Pede pra ele vir... Eu vou contar.

Ela assentiu.

— Tudo bem. Talvez seja melhor mesmo — concordou.

Ouvimos uma batida na porta, lá embaixo, e ela desceu correndo para atender. Era Andy.

Ela havia voltado umas quatro vezes e sempre trazia alguma coisa. Comida, roupas para o Jay, e trouxe também um shampoo que eu nem cheguei a abrir.

Fazia quase um mês desde a última vez em que havia lavado os cabelos, antes de Jay nascer.

O olhar dela percorreu meu quarto de pernas para o ar e me senti um pouco envergonhada. Não acreditava que pudesse me importar mais com alguma coisa, mas a expressão de choque no rosto da moça, que estava sempre tão alegre, me deixou constrangida.

— Bom, senhorita Jasmim — brincou, mas seu tom era sério. — Vamos tomar um banho e sair.

Balancei a cabeça, negando. Onde a mulher pensava que eu ia?

— Você vai ao médico. Sei que não se importa com nada e acha que não tem problema, mas isso não é normal, tá bom?

Chrystal e eu apenas observamos enquanto ela pegava minhas coisas e juntava em uma bolsa.

— Você fica com o Jay? — perguntou à minha prima, que concordou imediatamente.

— Andy, eu vou ficar bem — resmunguei, tentando a dissuadir.

Ela me olhou e abriu um sorriso.

— Vai mesmo, depois que formos ao médico. Você vai. Vem...

Observei que ela abriu a porta do banheiro, esperando que eu caminhasse até lá.

— Você não vai me dar um banho! — respondi, irritada.

Ela continuou sorrindo, mas agora parecia animada.

— Olha só, senhoras e senhores! Ela tem garras! Se entrar no banheiro e tomar seu banho, prometo esperar aqui na cama, quietinha.

Contra minha própria vontade me ergui da cama e caminhei na direção que ela apontava, com uma toalha na mão. Passei por ela, pegando o tecido felpudo e a olhei de cara feia.

— Ah! — ela continuou. — Eu vou cheirar você, então é bom que tome banho de verdade... E lava esse cabelo, pelo amor de Deus.

Entrei embaixo do chuveiro e tomei meu banho. A água que descia sobre mim se misturava ao sabor salgado das lágrimas que caíam.

Eu era uma desgraça de mãe, não conseguia nem cuidar do meu filho, sozinha e precisava dos outros para me forçar a tomar banho.

Ele tinha um pai. Um pai que nadava em dinheiro e estava aqui, enfiado nessa casa que não via uma vassoura há tempos e eu não fazia nada pra mudar a situação. Não conseguia fazer. Jay não merecia uma mãe como eu...

Me sentei embaixo do chuveiro e chorei por longos minutos.

— Jasmim... — A batida na porta me chamou a atenção. — Se não sair eu vou quebrar a porta.

Mas que mulher irritante!

— Já vou! — gritei de volta.

Lavei os cabelos com o shampoo que ela tinha me levado e esfreguei o corpo. Quando saí do banho, ela me entregou roupas limpas e fez com que eu voltasse para dentro do banheiro e me trocasse.

— Pronto. Agora podemos ir.

Eu a segui escada abaixo e fui até a cozinha me despedir de Chrystal antes de sair.

— Chrys, eu já volto.

Ele encarava o celular com uma expressão que era pura tristeza.

— O que foi?

— O Anders...

Virou o celular para que eu pudesse ler a mensagem que ele havia enviado, como resposta ao meu pedido.

“Saindo em turnê com a banda. Te vejo em um mês.”

Dei de ombros, conformada. Se nem avisando que era urgente ele se importava, que ficasse onde estava.

Meia hora depois, me sentei no consultório médico e expliquei como vinha me sentindo, sendo corroborada por Andy, que era bem pontual em apontar meu dia-a-dia.

“Ela não come, não toma banho, só quer dormir. Não gosta de amamentar e não passa tempo com o filho... Não sai da cama e não tem expectativa alguma de vida. A casa parece um chiqueiro e não tem comida na geladeira. Pode dizer a ela que isso não é natural, doutor?”

Ouvindo assim parecia ainda pior.

Depressão.

Ouvindo meu relato e a fala abusada da amiga que ganhei sem ao menos pedir, o médico constatou que eu já sofria de depressão antes do nascimento de Jay e as alterações hormonais apenas contribuíram para um quadro grave de depressão pós-parto.

Tray

PRESENTE

A desgraça da mulher agora não me deixa dormir. Depois da foda fantástica na área da piscina, comecei a pensar na declaração bizarra e isso me tirou o sono.

Como ela pode dizer que me ama, tendo escondido Jay de mim?

Mas a pergunta mais importante é que finalmente começo a me fazer, é: por quê? Qual razão a levou a uma atitude tão extrema?

Eu preciso saber e se Jasmim está disposta a contar, de hoje não vai passar.

Merda. O dia já amanheceu e eu não preguei o olho. Curioso sobre isso, ansioso com os resultados dos exames e sem saber o que fazer com a praga da Jasmim.

É oficialmente segunda-feira quando saio do quarto e sigo na direção da cozinha, umas oito horas.

Rosa já está a todo vapor preparando o café e eu arrisco roubar um bolinho da pilha que ela vem montando, fazendo com que alguns desmoronem.

— Mas que... — ela me dá um tapa na mão.

— Ei, Rosa! Anda ficando muito abusada, cara. Vou ter que te mandar embora.

Ela me olha parecendo que não jantou e está com fome.

— Eu levei um soco no nariz nessa casa, cuidando de vocês. Então nem fale em demissão, porque eu processo todo mundo.

Dou risada da fala, mas verdade seja dita: ela tem razão, coitada.

— O doutorzinho já chegou?

Rosa meneia a cabeça, com ares de riso.

— Devia parar de falar do bonitão desse jeito.

— Ah, então a senhora o acha bonitão, dona Rosa?

— Quem não acha? Ele chegou sim, está no quarto do menino Jay.

Roubando mais um bolinho rumo para o corredor onde ficam os quartos em que Jasmim e Jay foram alojados, perto da suíte de Ashton e Julia.

Meu quarto fica em outra ala, junto com o de Josh quando ele e Ane dormem na mansão. Tudo porque quando Ashley nasceu, Ashton decidiu que era melhor nos afastar da bebê, pensando em companhias noturnas e farras desapropriadas para serem presenciadas pela princesa.

Não me escapa à mente a possibilidade de que em pouco tempo seja eu, fazendo escolhas para proteger Jay, até mesmo de mim.

Quando entro no quarto, ele está sentado na cama, brincando com um dos robôs que comprei de presente.

Jasmim está abraçada a Adam, enquanto o desgraçado acaricia os cabelos dela.

Mas que merda é essa?

— Interrompo os pombinhos? — questiono. O tom ácido de sarcasmo.

Adam me olha por sobre o ombro, o semblante tenso, mas não se afasta.

Jasmim por outro lado se solta dele e corre para o quarto ao lado, sem ao menos me olhar.

— O que foi isso? — pergunto, alarmado.

— Vamos conversar em outro lugar? — ele diz, apontando para Jay com um gesto.

Não preciso que ele me diga nada. Seu olhar, aquele mesmo que vemos nos rostos dos médicos quando anunciam uma morte, me diz o que preciso saber.

— Não deu certo, não é?

Adam balança a cabeça, negando e sinto como se de repente houvesse um buraco no meio do meu peito.

Olho meu filho, tão pequenininho e inocente, brincando sem entender nada ao seu redor e me sinto devastado por não ser seu herói, não ser aquele que poderá salvá-lo e livrá-lo de todo o sofrimento.

— Anders, escuta uma coisa. A Jasmim e eu, nunca vai acontecer nada, entende? Ela ama você e precisa que esteja presente, agora mais que nunca.

Eu assinto.

— Não vou sair do lado dela.

Deixo os dois no quarto e vou atrás de Jasmim, mas quando entro no quarto não a vejo em parte alguma. Sigo até o banheiro e experimento a porta. Trancada.

— Jasmim? Abre *pra* mim...

Não obtenho nenhuma resposta.

— Me deixa entrar, vamos conversar.

Eu podia ouvir os soluços entrecortados dela agora, mas nenhum movimento que indicasse que iria abrir a porta.

— Florzinha... — chamei, me rendendo. — Vamos passar por isso juntos. Me deixa te abraçar.

A cada instante que passava sem resposta dela eu ficava mais aflito. O jeito era arrombar a porta.

Me afastei o bastante para erguer a perna a uma distância que funcionasse e chutei. Apesar do barulho, a tranca continuou firme no lugar.

Chutei mais duas vezes com força até que ouvi o barulho da fechadura se quebrando e a porta bateu contra a parede, abrindo e revelando Jasmim deitada no chão, abraçando o próprio corpo.

— Jas — chamei e me agachei na altura dela. — Vem aqui, florzinha.

Como ela não se moveu, a não ser pelo pranto que sacudia seu corpo, passei os braços por baixo dela e a ergui do chão. Me sentei com as costas

apoiadas contra a parede e Jasmim sobre minhas pernas, como se fosse uma criança pequena.

Era assim que eu a via naquele momento, tão delicada quanto uma.

Eu estava arrasado com a notícia, mas ao contrário dela, que havia se desesperado, via outras possibilidades. Aprendi que a vida pode sim ser boa *pra* caralho.

Jasmim não tinha mais esperança, eu era feito dela.

— Florzinha, vai ficar tudo bem. Eu prometo que vamos conseguir...

Finalmente ela ergue o rosto e me olha. Vejo a dor refletida em seus olhos, o semblante contrito e carregado de tristeza, pesar e algo mais.

— É tudo minha culpa... — diz, como se isso fosse possível. — Eu sei que é, Tray. Deus está me punindo por ser uma mãe horrível.

Porra.

Beijo a testa dela com carinho.

— Você é uma mãe maravilhosa, cuida do Jay de um jeito que nenhuma outra faria. Não é culpa de ninguém, Jas.

— É sim... — o choro continua, inconsolável. — Se eu tivesse te contado desde o início, você poderia ter cuidado dele quando eu não pude, podia ter me ajudado antes e agora estou sendo castigada por não ter amado meu bebê desde o começo. Mas eu o amo tanto agora... Eu trocaria de lugar com ele se pudesse.

Não sei de onde saiu isso tudo, mas tento apenas acalmá-la e fazer enxergar que vamos achar outra solução.

— Calma, Jas. Você não é a culpada. Eu perdoo você por não ter me dito, tá bom? Fiquei puto, mas não vou te cortar da minha vida. Ninguém, nem o universo puniria você por uma coisa que eu já perdoei.

Ela agarrou minha camisa com força e se deitou outra vez no meu peito. Suas palavras saíam abafadas, mas fluidas.

— Eu fiquei com tanta raiva do que você fez, Tray... Senti meu coração ser arrancado de mim. — Ela seca um pouco o rosto, mas não adianta, as lágrimas continuam descendo, molhando minha roupa. — E então Jay nasceu

e eu não tinha mais coração *pra* ele...

Mas de que merda ela está falando?

— Florzinha, não sei o que eu fiz. Por que arranquei seu coração? Você me deixou, Jas.

— Você me matou, Tray. Mas eu já te perdoei tem muito tempo...

Afastei o rosto dela, preocupado. Sua frase era dura demais e eu não conseguia assimilar o significado dela.

— Jas, do que você está falando?

Ela me olhava, tão arrasada, que eu tentava puxar algo pela memória. Eu devia ter sido muito filho da puta *pra* tê-la deixado tão mal.

— Eu... Nós voltamos do Chile e naquele momento, com a morte de vovó Lisa, você era tudo que eu tinha. Meu emocional estava completamente sem estruturas e a sua força era a minha, Tray. Mas então você me traiu... Eu não soube lidar com as coisas que descobri, e morri por dentro.

Seguro o queixo dela, forçando-a a me encarar.

— De que porra você tá falando, Jas? Nós voltamos de viagem e eu me afundei no trabalho. — Um riso de descrença me escapa. Não é possível que eu esteja ouvindo isso. — Eu sempre fui fiel a você, Jasmim. Nunca trairia sua confiança desse jeito.

Jas luta para fugir do meu olhar, mas através de sua expressão sei que não acredita em uma palavra do que eu digo.

— Tudo bem, Tray. Isso foi há muito tempo... — responde.

— Tudo bem, o caralho, Jasmim! De onde tirou essa história de traição? Cacete! Será que você não sabe o quanto eu era louco por você?

Ela remexe as mãos, nervosa.

— Eu vi. Ninguém me contou, Tray.

— Ah, mas não viu mesmo! Você não pode ter visto uma coisa que nunca aconteceu.

Jasmim suspira, cansada. Como se a última coisa que deseja, seja reviver essas merdas, mas de jeito nenhum eu vou encerrar essa conversa sem

ter os detalhes.

— Recebi um vídeo de um número de telefone que eu não conhecia. Você estava em um hotel, transando com uma garota... Reconheci as tatuagens, vi suas roupas no chão...

Franzo o cenho. Não estou entendendo essa droga.

— E daí? Não quer dizer que tenha sido filmado depois que voltamos. Nós tínhamos acabado de voltar a namorar, Jas. Não pensou que fosse algo antigo?

Ela move a cabeça, negando.

— Era um vídeo da câmera do hotel, tinha a data e o horário no canto da tela e era da noite anterior. Nós tínhamos nos falado ao telefone e você disse que estava cansado, que a noite tinha sido agitada.

Minha mente entra em parafuso.

— Eu trabalhei feito doido naqueles dias, não estava comendo ninguém por aí. Você ainda tem esse vídeo?

— Ficou salvo no meu e-mail — responde, envergonhada. — Apaguei do celular, mas por algum senso de masoquismo bizarro, acabei guardando no e-mail.

— Me mostra.

— Tray, isso é passado — fala, relutante.

— Não é passado se você está me dizendo, que não me contou sobre Jay por causa dessa merda. Não é passado se não confia em mim por conta disso, Jas. Com certeza não é passado, porque algum desgraçado armou *pra* mim.

Ela me fita, tentando ver a verdade. Eu percebo isso e dói *pra* cacete saber que fizeram com que a confiança tão bonita que nós tínhamos se perdesse assim.

— Foi em partes por isso. Mas também teve a situação com a Monica. Tudo bem que não tínhamos voltado, mas no dia do enterro da minha avó... Ver aquilo me deixou arrasada.

Quem é essa desgraça de Monica?

Enquanto olho *pra* Jasmim, aos poucos começo a me lembrar da tal garota.

— Aquela Monica que eu sai uma vez, há mais de dez anos? A doida que me agarrou no dia do enterro? Como você sabe disso? — Ela não responde de imediato e decido contar o que houve. — Saí *pra* comprar comida *pra* você, depois do enterro. Lembro que coloquei um boné esperando que disfarçasse bem... Quando eu saí do mercado encontrei essa garota. Ela me cumprimentou, chegou perto e eu tinha certeza que ia me pedir um autógrafo, mas me pediu um abraço.

Jas se afasta um pouco e me encara com os olhos confusos.

— Foi, juro! Eu abracei, claro, pensei que era coisa de fã, igual sua amiga, Arco-íris, nada anormal. Mas quando me afastei ela me tascou um beijo na boca. Eu me assustei, tentei afastar, mas a diaba segurou meu pescoço com força e demorei uns segundos *pra* me soltar dela... Foi só isso que aconteceu. O que ela disse?

Jasmim está pensativa, relembrando como tudo aconteceu e eu espero. Preciso de tudo que ela puder se lembrar, antes de matar quem quer que seja.

— Eu recebi fotos de vocês dois, no mesmo dia que descobri a gravidez. Mandeí mensagem *pra* ela *pra* saber...

— Recebeu fotos de nós dois? No dia que... Mas que merda! Por que não me ligou?

— Eu já tinha recebido o vídeo, foi só um acréscimo.

— O que essa Monica disse?

A expressão dela agora é de apreensão. Jas me conhece, ela sabe que sendo mentira eu não vou deixar isso quieto.

— Que queria seu contato e que sim, vocês tinham ficado.

— Filha da puta! Essa vaca armou *pra* mim, Jas!

Jas tem os olhos arregalados, tentando entender o que estou dizendo e não é *pra* menos.

Quem suspeitaria de armação? Minha vida virou um dramalhão desses com uma vilã obcecada?

— Por isso terminou comigo por mensagem — eu disse, finalmente conseguindo responder aquela pergunta.

Ela assente.

— Eu tive depressão, Tray. Passei a gravidez toda na cama, me decompondo em vida. Não comia, não cuidava de mim mais... Perdi o emprego e não tinha dinheiro *pra* nada.

Quando ela diz isso, tudo que eu sinto é ódio. Consigo imaginá-la assim, arrasada, tudo por conta de uma mentira.

— Juro que tentei algumas vezes, em um acesso de coragem, antes da tristeza voltar com tudo. Te liguei uma noite e você me disse que não podia conversar, estava se divertindo... Se lembra disso?

Assinto, meu peito doendo ao ouvir o relato dela. Agora a raiva também é dirigida a mim mesmo, eu estava tão magoado por ela ter me deixado de novo, que não a escutei.

— Estava em trabalho de parto, sozinha em casa e apavorada. Andei até o hospital, minha bolsa estourou na rua...

Cubro o rosto com as mãos. Não consigo a encarar, saber que passou tudo isso e que não estive ao seu lado. Eu devia ter dado um jeito... Sido menos orgulhoso.

— Depois que Jay nasceu, o rejeitei. Não sentia raiva do meu filho, mas não sentia nenhuma ligação com ele, não havia amor.

Penso em seu sorriso doce *pra* ele, o modo incondicional com que o ama e mal posso acreditar no que ela diz.

Jasmim vive em função dele, trabalha dia e noite por ele. Ela é uma mãe tão linda, não consigo vislumbrar um momento em que as coisas tenham sido diferentes.

— Eu o amamentava simplesmente porque não podia comprar leite, mas odiava cada segundo. Parei de tomar banho e passava as tardes e noites deitada, chorando e dormindo.

Uma lágrima solitária desce pelo meu rosto, mas outras a seguem. Não quero mais ouvir, é doloroso, mas eu preciso. Foi muito mais doloroso *pra* ela.

— Conheci Andy, a quem você chama de Arco-íris, na porta do hospital. Ela me ajudou a entrar, nos levou para casa depois e acabou me doando várias coisas. Foi só por ela que Jay teve um lugar confortável para dormir, roupas decentes para vestir... Comida. Eu não queria viver, mas não podia mais morrer, tinha uma criança que dependia de mim.

Ela suspira e finalmente consegue secar o rosto, sem que o choro persista.

Eu, por outro lado, apenas comecei.

— Fiquei duas semanas assim, vegetando. Isso depois dos nove meses de gestação que já tinham sido um inferno. Um dia Andy chegou *pra* me ver e se cansou daquilo. Fez com que tomasse banho e me levou ao médico. Ele me diagnosticou com depressão, seguida de depressão pós-parto e precisei fazer uma reposição hormonal, eu estava uma bagunça...

Apesar de perda nas memórias, ela parece mais calma, o que tranquiliza um pouco meu coração. Minha Jas é forte.

— Andy foi um anjo. Me ajudou com Jay, com os remédios e tudo que podia, mesmo que tivesse muito pouco. Um dia Jay sorriu e meu peito finalmente se aqueceu. Eu chorei por vinte minutos... Por puro alívio. Meu bebê finalmente estava dentro do meu coração. Daí *pra* frente fui me apegando a ele cada dia mais, até que cheguei ao ponto em que deveria ter estado desde sempre, aquele em que a vida dele é mais importante que a minha e o amor é tão grande que não pode crescer mais.

Jasmim coloca as mãos sobre meu rosto e começa a secar minhas lágrimas que caem sem cessar. Ela me beija suavemente no rosto.

— Não fica assim, Tray. Não é culpa sua... Eu fiquei doente, estava triste e depois... Sua carreira era a coisa mais importante que você tinha, então aprendi a manter meu amigo por perto, o máximo possível e distanciei o homem que eu amava. Jay e eu não podíamos ser um empecilho *pra* você e, por conta da traição, era isso que eu pensava que seríamos...

— Eu nunca trairia você, florzinha. Preciso que acredite em mim. Eu sou um pedaço de homem, levo a vida de um jeito torto, faço besteira até dormindo e sou taxado de maluco, mas desse jeito completamente insano, meu coração é todo seu. Sempre foi e sempre vai ser, Jas.

Ela se aproxima, toca meus lábios com os seus. Tão leve, tem gosto de perdão, de recomeço...

— Acredito em você.

Eu a abraço forte, mas quando a solto, Jasmim continua. Ainda não acabou.

— Lembra nossa viagem a Nova Iorque? Chrys ficou com Jay para que eu fosse te ver. Claro que, dadas as circunstâncias, eu não disse que ia me encontrar com você. Ela te culpava pela minha situação anterior. Mas a verdade é que você sempre me fez sorrir... Além de ter ameaçado aparecer de repente, algo que eu não podia arriscar. Ficamos juntos e realmente foi pelos velhos tempos, eu sentia sua falta mais que tudo, mas não estava pronta *pra* ter uma relação outra vez. Então Chrystal me ligou. Jay estava ardendo em febre, vomitando... Foi quando a doença chegou.

Suas explicações fazem sentido, mas algumas coisas não se encaixam.

— Depois que ele nasceu, nunca quis me dizer? — pergunto, tentando me recordar dos momentos mais recentes que vivemos juntos.

— Sempre quis, mas não queria atrapalhar você. Eu tentei mais uma vez, no dia em que descobri a depressão. Pedi que Chrystal enviasse uma mensagem dizendo que precisava conversar, mas você respondeu que estava saindo em turnê.

Me lembro vagamente de algo assim.

— Além disso, depois que veio o câncer, meus pensamentos eram todos para o Jay — continua. — Vendo meu filho doente, passei a temer que você descobrisse, porque a mídia também descobriria e Jay se tornaria alvo de fofocas. Quis preservá-lo, tinha esperança na quimioterapia.

— Não deu certo... — Me lembro da ficha que Adam me entregou.

— Jay fazia uma semana, diariamente. Ficava muito cansado, sentia-se muito mal, então os cabelos começaram a cair. Vinha o descanso de três semanas e quando os exames eram feitos, não apresentavam melhoras. Adam voltou da Inglaterra, assumiu o caso dele e conseguiu a autorização para o transplante de medula. Eu testei, Chrystal também e nenhuma de nós acusou compatibilidade. Já tinha me decidido que iria te contar de uma vez por todas,

precisava falar, não apenas porque o segredo estava me matando, mas porque talvez você pudesse doar. Mas então, descobriu daquele jeito...

Tiro do bolso uma corrente e a balanço com o pingente prateado diante dos olhos dela.

— Tá vendo isso aqui? Ganhei da minha melhor amiga, muito tempo atrás. Nunca saiu de perto de mim, durante todo esse tempo, estive no meu pescoço ou no bolso, porque você sempre foi a pessoa mais importante da minha vida, Jas. A única mulher que eu amei. É em nome disso que juro a você duas coisas: a primeira é que pode confiar em mim, e vou provar isso. A segunda é que não vou deixar que nosso filho morra.

— Vamos cuidar de Jay, não precisa remexer o passado, quem quer que tenha feito isso, não merece que nenhum de nós perca mais um dia sofrendo — ela diz.

Nego no ato.

— Ah, eu preciso remexer, Jas. Não vou dormir mais se deixar a pessoa que fez isso sair impune. E se foi essa Monica, doida, vai apodrecer na cadeia por uma brecha que a Julia vai encontrar e, cara, ela é mesmo boa. Essa garota está morta na minha mão. — Jas ameaça falar, mas coloco as pontas dos dedos sobre a boca dela. Não quero nem ouvir. — Olha tudo que você passou, Jasmim? O quanto nós perdemos por causa de mentiras? Isso não vai ficar assim, mas em uma coisa eu estou de acordo, primeiro vamos nos preocupar com Jay. Fica tranquila, já tenho uma ideia...

Jas me abraça outra vez, somos a força um do outro. Caralho, que pessoa desgraçada poderia tentar mudar isso?

— Nunca mais haverá segredos entre nós e, já que estamos sendo honestos, preciso te contar uma coisa. Quando você terminou comigo, da primeira vez, eu fiz besteira. Beije outra garota, logo em seguida e foi por isso que nunca tentei retomar nosso namoro, naquela época... Me senti um escroto.

— Eu sei. Josh foi me procurar, acabei percebendo que tinha feito bobagem e voltei. Encontrei vocês aos beijos...

— Você sabia? Eu estava puto com você e ela chegou, me perguntou porque eu estava nervoso e parecia meio bêbada também; de repente, pulou

no meu pescoço e me agarrou e eu a beijei de volta. De raiva, eu acho, sempre fui idiota. Depois disso não queria que você soubesse, evitei o assunto por vergonha, até hoje e nunca mais consegui manter uma amizade com ela, não depois da burrada épica... — Respiro mais aliviado. É bom não ter mais segredos entre nós. — Fico feliz em saber que se entenderam e que Chrystal foi mais sincera que eu e te encarou.

— Chrystal?

— Eu achei que ela nem se lembrasse, que estava tão alterada pela bebida que nem sabia o que estava fazendo, mas te conhecendo, imagino que tenha dado uns tapas nela e depois...

Jasmim está pálida, me encarando. O rosto lívido e os olhos arregalados.

— Que foi.

— Tray, a Chrystal nunca me disse nada.



Tray

Pela primeira vez em muito tempo, tenho problemas sérios, que precisam ser resolvidos por mim e, porra, eu não seria Tray Anders se os deixasse me engolir.

Por dentro eu posso sentir medo, verdadeiro pavor de perder Jay, ódio pela pessoa que tirou minha florzinha de mim, seja quem for, e ansiar desesperado por justiça. Por fora, sou o Tray de sempre, sorrindo, oferecendo apoio e esbanjando otimismo.

Cacete. Quando eu era um garoto, pobre e fodido, sem um tostão no bolso, com uma avó *pra* cuidar, sem perspectiva de alcançar as coisas pelo meio convencional, como faculdade e essas paradas todas, eu tive esperança, lutei em meio a todas as adversidades e venci.

Não ia ser agora, com o mundo todo diante de mim, com mais dinheiro que um rei e apoio público em todos os países, que eu iria abaixar a cabeça e aceitar essa merda.

Minha Jasmim, sozinha, quase teve meu filho no meio da rua sem que ao menos eu soubesse. Doente, afundada na cama, em desespero e depressão.

Quanto mais eu penso, mais ridículo tudo parece. Por que uma garota com quem eu fiquei uma única vez faria tudo isso? Por que alguém teria essa maldade toda e a direcionaria a nós?

Jasmim ficou momentaneamente chateada por Chrystal ter escondido o beijo, mas isso é algo muito pequeno *pra* que ela guarde rancor e logo decidiu esquecer o ocorrido. Concluimos que tenha ficado envergonhada, com receio de que Jas a cortasse de sua vida e por isso optou por esconder. Posso entender isso.

Mas pensar em Monica, aquela garota tão aleatória, armando todo um

esquema *pra* foder com a nossa relação, é inacreditável.

Ainda assim, por mais bizarro que seja, tudo leva a crer que sou o próximo John Lennon, ou talvez Dimebag Darrel, porque, merda, essa maluca quer me matar.

Sei que o ódio pode ser dirigido a Jas, afinal ela foi quem mais sofreu nisso tudo, porque além de nos separarmos, passou dificuldades e lidou com a criação de Jay, mas não faz o menor sentido. Jasmim é boa demais *pra* que alguém queira prejudica-la diretamente.

Depois de acionar meu investigador — sei que nunca digo o nome dele, mas o cara prefere assim, paciência — e enviar todas as informações de que disponho, incluindo o vídeo, decido colocar o assunto em suspenso até que ele me dê novas direções. Eu tenho algo mais importante *pra* me preocupar.

A sala de reuniões está agora cheia, acho que nunca esteve tão lotada.

Convoquei quase que um batalhão, a porra do meu batalhão, e nós vamos vencer essa guerra.

Carter, Amber e as garotas que trabalham a serviço dela estão de pé, postados como uma equipe de guardas.

Ashton, Josh, Ane e Julia, tia Eleanor, Rosa e Jeremi estão sentados, espalhados pelas cadeiras. Em videoconferência estão Thierry, amigo de Ane, que já nutriu uma paixonite por mim e o atual namorado — graças a Deus —, Dênis.

O prefeito Joseph também está aqui. A Dominium e ele estão indo bem, caminhando para a amizade que existia antes da ex-mulher doida dele aprontar *pra* cima do Ashton, e em nome da paz, ele veio.

Adam também está sentado em uma das cadeiras do meu lado esquerdo, assim como Chrystal. Mesmo com o lance do beijo, Jasmim insistiu que ela a havia ajudado quando mais precisou e cuidou do Jay todo esse tempo, por isso merecia fazer parte desse momento.

A Arco-íris foi chamada e também uma das primeiras a chegar e, pelo que posso, ver Azal está testando a paciência da maluquinha. Porque sim, a desgraça do Patel também está aqui. Não que eu esteja reclamando, o apoio dele é muito importante.

Jas está sentada ao meu lado com Jay no colo e diante da mesa enorme estão todas as pessoas mais próximas de nós.

— Bom, pessoal... Chamei todos vocês aqui porque tenho um plano e, com ele, um pedido importante *pra* cacete. *Cadete*.

Altero a palavra quando ouço o resmungo de Jay, que sempre reage assim ao menor sinal de xingamento. Eu tenho que aprender, caralho. *Canalha...* Sou um canalha.

— O lance é o seguinte. Jay e eu não somos compatíveis.

Por toda a sala ouço resmungos de tristeza e infelicidade, além de confusão.

— Quem é Jay? — Joseph questiona, olhando ao redor.

Já Azal olha do pequeno *pra* mim e então *pra* Jas e abre um sorriso.

— Anders, seu delinquente! Como foi que fez um filho na garota e ele já cresceu assim? Bem que você disse que tinha fermento na sua... Ai!

Acabo gargalhando quando vejo que foi Arco-íris que o impediu de terminar a frase.

— É, Patel... Toma cuidado, eu fui pego assim.

Jas também sorri, mas a maioria das pessoas nos encara sem entender a conversa.

Abro os braços e faço a declaração que a maioria já conhece.

— Jay é meu filho.

Nossa assessora, no entanto, parece que vai desmaiar.

— Calma, Amber. Vai ver que tenho tudo sobre controle... Decidi contar *pra* todo mundo.

A mulher arrasta a cadeira a sua frente e se joga nela, desistindo da vida.

— Jasmim passou maus bocados criando o garoto e teve motivos muito válidos para não ter me procurado até então. Alguém aqui duvida que eu não tenha sido babaca em algum momento? — Ninguém em minha defesa... É, eu fiz meu nome. — Decidimos que a culpa disso é nossa. Eu não sabia mesmo da existência de Jay, mas Jas teve razões que a levaram a me esconder o

nascimento dele. Então Ashton e Josh, chega de dar gelo na florzinha.

Ashton assente e Josh abre um sorriso, aliviado.

— Se estão bem, nós estamos bem... — ele responde.

— É o seguinte, Jay tem leucemia, caso alguns de vocês não saibam e nossa esperança era que eu pudesse ser o doador de medula que ele precisa, mas Adam, esse aqui que a Rosa insiste que é bonitão, — Rosa esconde o rosto nas mãos e tenho certeza de que a brincadeira vai me causar uma boa reprimenda depois. — é o médico do meu filho e fizemos o teste, que infelizmente apresentou incompatibilidade. Agora precisamos de outro doador, um compatível e que salve nosso Jay.

As pessoas estão sérias, assimilando a notícia e com certeza processando que essa é a primeira vez que eu os chamo por um motivo triste, mas não é o que eu quero. Claro que não é uma festa, mas vai ser um mega evento.

— A princípio, nosso objetivo era manter isso em segredo por um tempo e planejar direito o que iria acontecer depois, mas agora Jay precisa de um doador e eu tive uma ideia que vai nos conseguir um, bem rápido. Mas preciso do apoio de vocês...

— O que precisar, filho. — Tia Eleanor está segurando a mão de Anelyse e a emoção dela é bem clara.

— Vamos fazer um show amanhã.

Ashton e Josh se entreolham e em seguida me fitam, concordando. Eles não são de olhar obstáculos e sempre soube que apoiariam a ideia.

— Amanhã, é terça-feira — Amber sussurra. A coitada até perdeu a voz.

— É terça, sim e não temos um espaço reservado, não temos ingressos e nada disso, mas temos uma notícia capaz de reunir todos os curiosos dessa cidade e garanto que é muita gente. Eu imprimi isso aqui, então passem para o coleguinha que vou explicar.

Entrego as folhas com meu plano *pra* Julia e ela sorri, antes de começar a entregar aos outros. De um em um, vejo as pessoas pegarem o papel e abrirem um sorriso, afinal, meu plano parece ter sido desenhado por uma criança de cinco anos, mas é muito eficaz.

— Vamos lá, primeiro ponto: Precisamos de um lugar para o show e é aí

que Joseph entra. Consegue um espaço grande o bastante *pra* amanhã mesmo e que comporte um público assustador?

O prefeito se levanta da cadeira, já com o celular na mão.

— Claro. Arrumo o T-Mobile Park em dez minutos.

Vemos Joseph deixar a sala, enquanto passo para o tópico número dois.

— Resolvido isso, nós vamos para a internet. Ashton vai fazer uma live, anunciando um show no T-Mobile Park, completamente gratuito. É só informar que temos uma notícia bombástica, que todos vão aparecer.

Olho *pra* nossa assessora, que parece prestes a desmaiar. Quase posso ver seu cérebro analisando as informações e tentando encontrar um jeito de fazer tudo dar certo.

— Amber, lembra da hashtag? #dominiumemseattle? É o seu momento. Depois que Ash fizer o pronunciamento, nós todos entramos em ação.

Olho Jas, sentada ao meu lado e ela me fita emocionada.

Ah, porra, pode se emocionar mesmo, porque eu sou foda!

— Vídeos, postagens, stories. Instagram, facebook, twitter. Todas as redes sociais. Vamos lotar essa porra divulgando o show e o aviso de que uma revelação imensa será feita nele. Entrada franca. Patrocinamos todas as nossas publicações, Josh, Azal, Ashton, Julia, Ane... Thierry — falo para o rapaz do outro lado da tela. — Qualquer um com um bom número de visualizações em seus perfis, vai mostrar a cara e pedir que não percam o show.

Jasmim então coloca Jay sentado na cadeira e se levanta. Ela olha *pra* todos e percebo que quer falar com eles também. Seguro sua mão e espero, paciente.

Ela parece nervosa, mas não dura muito.

— Obrigada por estarem aqui. Sei que muitos de vocês nem me conhecem e outros não gostam muito de mim no momento. Mas vou ser eternamente grata por se juntarem a nós nessa luta... Meu filho é tudo que eu tenho.

— Ei! — Cutuco a costela dela e Jas fica vermelha. Uma gracinha.

— Meu filho e meu príncipe torto.

O comentário arranca risadas das pessoas.

Ela se senta outra vez, agora rindo da minha cara. Mas com ela eu me acerto depois.

— Continuando... Feito isso, vamos gerar uma repercussão violenta e aí entra o tópico Azal.

O Aladim me encara com o cenho franzido, ele até olha o papel *pra* ver se esse é mesmo o nome do tópico.

— Azal, seu sobrenome é *grana*, com ênfase em *nadando em dinheiro*. Então preciso que gaste, é isso.

Ele sorri, animado.

— Não tenho achado onde investir mesmo...

— Achei *pra* você. Vai financiar a transmissão do show. Quero ele em todos os países possíveis, quanto mais gente melhor. Acredito que o maior foco de doações, seja aqui, então a Dominion vai custear um posto de saúde agregado ao Northwest Hospital & Medical Center, outro no Virginia Mason e mais um no Kindred. Pode tomar conta disso, Carter?

Todos me olham sem compreender exatamente o que está acontecendo.

— Mas vocês são lerdos, hein? A notícia que vamos dar é que Jay é meu filho, vamos contar sobre a leucemia e lançar ao vivo uma campanha em busca de um doador. Amber, quero nosso último álbum aos montes, para que todos os doadores recebam um, mesmo que não sejam compatíveis com Jay, porque poderão ajudar outras pessoas. Dr. Adam, o senhor pode trabalhar com Carter nisso? — É a primeira vez que uso o *doutor* sem soar irônico ou sarcástico. — Preparar as equipes, assumir a organização das doações? É um projeto grande, sei que sabe disso... Confio em você.

Adam me faz um gesto de positivo. Até que o cara é gente boa.

— Chrystal, pode fazer as fotos da galera e um vídeo com momentos do Jay? Quero isso rodando no telão, no fundo do show e como ele não pode estar em lugares muito cheios, assim as pessoas podem conhecê-lo.

Ela também concorda.

— Podemos divulgar aqui na França, Anders? — É a voz de Dênis, no computador.

O rapaz trabalhava na portaria da mansão e era tímido que dava dó, agora me encara pela tela de echarpe e boina, todo estiloso.

— Claro. Vamos espalhar para o mundo e, onde quer que esteja essa pessoa, ela vai ser encontrada.

— Todos pelo Jay... — Amber fala e se coloca de pé. Parece que o momento de sofrer já passou e ela entrou em modo de ataque. — Usem as hashtags #dominadospeloamor e #salvemojay. Vamos movimentar o planeta!

— É assim que se fala!

— E eu? — Arco-íris é quem pergunta. — O que eu faço para ajudar?

— Você, minha querida, vai comigo ali na garagem rapidinho.

A expressão dela é confusa. Cara, ela vai pirar.

— Na garagem?

— Isso. Vou te deixar escolher um dos meus carros. Sabe o que isso significa?

Todo mundo me encara, como se tivessem nascido chifres de unicórnio na minha testa.

— Que você ficou louco? — ela questiona.

— Não. Que você salvou minha garota, minha florzinha e merece um presente de agradecimento.

— Ah, Jas contou sobre isso... Sabe, um CD daqueles que vocês vão distribuir *pra* todos já basta. E talvez uma camiseta, um boné... Posters... Essas coisas, tem alguma coisa com essa frase? — Ela ergue a manga da blusa e vemos claramente escrito: Eu sou uma dominada.

— Você tatuou isso? Tem algum juízo nessa cabecinha oca? — Azal é quem pergunta, mas ela o ignora.

Também ignoro, porque a tatuagem dela é demais.

— Carro é exagero, mas obrigada. Quero ajudar de alguma forma.

Então me vem à mente outra ideia brilhante.

— Tem uma vaga na equipe, Amber? Essa Arco-íris é uma ótima funcionária, trabalhou na festa do Azal e vou te falar, foi o impacto da noite.

Não preciso dizer que o impacto era o barulho que o corpo dela fazia caindo no chão.

Amber olha *pra* Andy e concorda, quase efusiva. Estou gostando de ver a empolgação de todos e, no caso dela, posso suspeitar que ache que a ideia vai gerar um ótimo marketing, mas se fizer a parte dela, ignoro as motivações.

— Claro. Sempre tem vaga.

— Perfeito. Rosa e as Rosinhas, vocês podem preparar um painelão de comida? Vamos trabalhar todos daqui por enquanto e temos fome, minha gente.

Rosa também se levanta e marcha com suas soldadinhos para a cozinha. Azal sai logo depois, a fim de resolver a sua responsabilidade. Amber e a equipe, que agora inclui Andy, também deixam a sala.

Carter e o Dr. Adam se juntam em um canto e começam a traçar a estratégia deles. Thierry e Dênis se despedem e ficamos apenas nós, a família.

Ashton, Josh e suas respectivas esposas, tia Eleanor, Chrystal, Jasmim, Jay e eu.

— É agora que faremos a mágica acontecer. Pode filmar o Ash, Chrys?

Ela já se levanta, disposta.

— A Amber deve estar por aí, acho que foi com as outras lá *pra* fora. Pede a ela *pra* te fornecer uma câmera boa e depois volta aqui...

Ela sai e então me viro *pra* Ashton.

— Sabe o que fazer, né?

O riso dele diz que é uma pergunta idiota.

— Cara, eu pedi minha esposa em casamento no meio de um show. Acho que sei lidar com isso.

Quando Chrystal retorna, já com a câmera, Ashton deixa a sala com ela.

Julia e Ane também saem para fazer a divulgação da campanha e até mesmo tia Eleanor — ela tem mais de trezentos mil seguidores no instagram, acreditem se quiserem.

E ficamos apenas os três. Jasmim observa a sala quase vazia, abraçada a Jay.

— Tudo bem, florzinha?

Ela sorri.

— Não posso acreditar em tudo o que está fazendo... É uma loucura e é tão lindo! Vai ajudar tanta gente, Tray, você sabe que é incrível, né?

Meu sorriso vem prontinho.

— Sou, não é?

Ao invés de me xingar pela arrogância, Jas aquiesce.

— É sim, e eu te amo, Tray Anders.

— Eu te amo muito mais, minha Jas.

— É minha mamãe.

Demoro alguns segundos *pra* entender que Jay está com ciúmes. Era só o que me faltava...

— Eu te amo, garotão.



O T-Mobile Park está lotado. Em tão pouco tempo para promover a campanha nunca esperei que pudéssemos reunir tanta gente assim, mas é isso, dominados em peso lotam o lugar e a expectativa me consome.

Estamos na oitava canção da noite, quando Ashton faz sinal para que eu me aproxime.

— Pessoal, sei que a maioria está aqui hoje por causa desse mistério todo rondando a internet. Chamei o Tray, porque ele é que vai contar *pra* vocês qual o segredo.

Ash me entrega o microfone e fica de pé ao meu lado.

— E aí dominaaaaaados... — Minha voz ecoa pelo espaço e as vozes deles me retornam em um som muito maior.

Me aproximo da beirada do palco e me sento no chão, como se de certa forma isso me deixasse mais perto das pessoas ali embaixo.

— Preciso contar *pra* vocês um pouquinho da minha história e espero que possam me ouvir de coração aberto. Quando eu era menino, meu sonho era isso aqui... Estar diante de uma galera linda como vocês e tocar, ter meu nome reconhecido pelo que eu amo. Eu vivi uma infância difícil, não tive meus pais, eles me deram *pra* minha avó e morreram pouco depois. Foda, né?

Vejo os rostos deles, tensos e assentindo. Eles me entendem.

— Eu conheci uma garota. Ela me batia no parquinho, sabem? Era uma verdadeira oncinha, mas nós ficamos amigos, melhores amigos. Na adolescência, porra... Ela ficou linda demais e eu entreguei meu coração e ela me deu o dela. Dois pirralhos, imaturos, sem conhecer nada da vida e sem estrutura emocional. Ela também não tinha os pais e nós éramos tudo um para o outro, mas a imaturidade, ciúmes e essa merda toda acabou nos separando.

Ashton se senta ao meu lado, sinto o toque da mão dele em meu ombro e vejo pelo canto do olho Josh fazer o mesmo.

Existe uma multidão abaixo de nós, mas ainda assim o silêncio é palpável.

As pessoas entendem como tudo isso é sério, elas seguem o exemplo dos meninos e fileira a fileira, vejo as pessoas se sentarem no chão.

Merda, vou chorar na frente de vinte mil pessoas.

— Eu encontrei essa menina anos depois e tivemos alguns dias juntos. Vocês leem revistas, acompanham nossa carreira e claro, sabem que não sou nenhum santo. Disseram a ela que eu a tinha traído. Porra, ela era tudo *pra* mim, sabem? E eu sei que eu era o mundo dela. Mas fizeram isso, ela acreditou e nós nos separamos de novo. Mas essa garota estava esperando um filho meu...

O silêncio acaba. Os cochichos começam por toda parte e o barulho das pessoas conversando chega até nós profusamente.

Eu me calo e apenas espero que se acalmem.

Quando o falatório começa a diminuir, recomeço.

— Esse é o Jay...

O telão atrás de mim se acende e meu pequeno aparece, olhando fixamente para a câmera, com um sorriso lindo, capaz de deixar a plateia de quatro por ele.

— Fala oi para as pessoas, filho.

Jay acena, felizão e ouço os murmúrios, principalmente das mulheres. Ele é uma beleza mesmo.

— O Jay está dodói — tento continuar. Mas vendo seu rosto, os olhos tão alegres sem entender o que essa merda pode fazer com ele, eu desmorono. — Por causa do tratamento... — Não consigo prosseguir.

O choro trava minha voz. Não posso mais falar e acabo abaixando o rosto por um momento. Sinto quando o microfone é arrancado de mim.

— Por causa do tratamento — Ashton continua no meu lugar. —, Jay perdeu os cabelos como podem ver, e o papai aqui — ele passa a mão pelo topo da minha cabeça, evidenciando o óbvio. —, se jogou nessa com o pequeno e por isso temos um guitarrista careca. A questão é que Tray e Jasmim, os pais do Jay, não são compatíveis e não podem doar a medula óssea que pode salvar nosso garoto. Por isso estamos aqui hoje, diante de vocês.

Josh pega o microfone e decide falar também. Esses caras... Não sei o que seria de mim sem eles.

— Precisamos encontrar um doador para o Jay, pessoal. Temos postos

de doação instalados em todos os hospitais da cidade, a campanha vai ajudar o Jay, mas pode salvar muitas outras vidas. Todos os doadores vão receber nosso álbum novo, não é uma troca, mas um agradecimento pelo apoio de cada um. Pedimos que espalhem essa notícia, não apenas aqui, mas para o mundo... Onde quer que esteja essa pessoa, que vai ser nosso herói, nós vamos encontrá-la.

Atrás de nós, o painel agora mostra os endereços de coleta e as hashtags, uma mensagem de incentivo também.

— Quem está com a Dominium nessa? — Ashton grita e um urro coletivo se segue.

As pessoas se colocam de pé outra vez e uma salva de palmas se segue.

É a solidariedade, a humanidade que domina a todos.



Tray

Durante os dias que se seguiram ao show, fiz tudo ao meu alcance para conhecer mais sobre a doença do meu filho. Jasmim reviveu as lembranças amargas, me colocando a par de todos os sintomas, das reações aos medicamentos fortes da quimioterapia e da luta para que Jay não deixasse de ser criança, mesmo tendo que viver em uma bolha que o protegesse de infecções e doenças.

O tipo de leucemia de Jay é raro. Dentre os casos infantis, uma minoria desenvolve essa doença em específico, ela é mais invasiva e o único método de cura completa, é o transplante.

Apesar da disposição de Jasmim em me contar tudo, posso notar como as respostas são dolorosas e com isso, procurei por Adam, que me explicou todo o processo, o tratamento, além de tudo que meu garoto sofreu até aqui.

São etapas e elas são necessárias. Adam me alertou que mesmo após o transplante, ainda continuariam os exames por algum tempo, anos na verdade. É necessário confirmar que a doença não retornou e estar preparado para a possibilidade.

Mesmo diante dessas informações, estou otimista. A repercussão do show e da campanha está sendo imensa e em apenas três dias nosso alcance foi surreal.

Os postos tem filas imensas de possíveis doadores e no resto do mundo as pessoas estão se movimentando nesse propósito.

A calçada da mansão virou um acampamento. Os paparazzi e dezenas de fãs estão sentados diante dos portões desde o final do show. Acendem velas em todas as noites e cantam as canções da Dominion.

Assistimos com Jay da janela de um dos quartos e, o sorriso dele... não

tem preço. O brilho nos olhos de Jasmim também mexeu muito comigo, é como se o apoio dessas pessoas, o carinho, renovasse as forças dela. Saber que o mundo todo agora torce por Jay e está do nosso lado na luta para salvá-lo, gera um ânimo extra que ela não tinha mais.

Os vídeos e as postagens nossas e dos fãs têm repercutido tanto, que o rosto dele está por todo lado, mas não de um modo ruim, como Jasmim tinha medo, é a solidariedade das pessoas, a união, fazendo diferença nas nossas vidas.

É surreal. Doamos muito de nós, como banda e como músicos a essas pessoas. Não de um modo doloroso, pelo contrário, mas nos dedicamos a levar canções que fizessem parte de suas vidas e dos momentos importantes e agora estou sendo recompensado em um nível que nunca esperei.

Não são os gritos desesperados da multidão, aquela energia gostosa que sempre curti, não são os presentes e todas essas coisas que me inflam o ego, é a humanidade. O calor no coração, que aquece outras vidas.

Carter organizou uma sessão de fotos para Jay e eu. As imagens serão liberadas para a imprensa e será minha declaração pública e oficial como pai. Amber providenciou o teste de paternidade às pressas, apenas para caso lidássemos com algum idiota que ousasse contestar qualquer coisa, mas antes disso a novidade já rolava mundo afora.

Provando que a imaturidade é uma característica minha e da florzinha apenas quando lidamos um com o outro, ela pediu ao Carter que deixasse Chrystal fazer as fotos. Isso pode alavancar a carreira dela e Jay também se sente mais à vontade.

Anelyse providenciou várias fantasias e figurinos, e Jay e eu nos vestimos a cada leva de fotografias. Estou bem confortável com a cabeça lisa, mas aproveito isso *pra* usar as mais variadas fantasias com perucas de todo tipo.

— Assim, filho... Coloca a mão na frente.

Jay tenta imita meu gesto com a guitarra infantil. Estamos os dois usando cabelos compridos, os dele são tão cacheados que deixariam o Slash com inveja e os meus bem podiam competir com os do Axl Rose.

Jay está sorrindo, todo animado e faz poses que só podem indicar que já

me viu em ação. Quando ele dá um salto meio desajeitado, o mesmo que já fiz tantas vezes, olho *pra* Jasmim que nos encara escondendo o riso.

— Ele está me imitando?

Ela não responde.

— O deus do rock! — Jay grita ao meu lado e eu me viro *pra* Jas outra vez.

— Ele está me imitando!

— Jay já assistiu todos os shows da Dominion, ele é seu fã. O deus do rock... — ela fala por fim.

— Deixou que ele visse?

— Claro que sim, tenho muito orgulho de vocês todos. Só não disse a ela quem você era...

Fico muito feliz com a informação, apesar de não saber que eu era seu pai, Jay já gostava de mim. Contamos até três e saltamos juntos, parando na mesma pose, enquanto Chrystal clica sem parar. Jay é pequeno e novinho, mas sabe fingir muito bem e nos divertimos no processo.

Jasmim se senta no sofá e começa a assistir ao vídeo que gravamos para ir ao ar ontem, durante o show. São cenas de Jay pela casa, momentos filmados especificamente *pra* isso e alguns trechos filmados no hospital, durante o tratamento dele, que Adam conseguiu.

Pude ver como ele parecia mais frágil, cansado e, mesmo que a quimioterapia não o tenha curado, possibilitou que agora pudesse ter certa qualidade de vida até o momento em que o doador apareça.

Faço uma pausa quando Amber entra na sala. Ela me avisa que Adam ligou e caminho até onde Jasmim está para dar a possível boa nova.

— Oi, florzinha... — Me sento ao lado dela, ainda com a peruca na cabeça. — A Amber veio avisar que Adam nos quer no hospital. Acho que encontraram alguma coisa.

O semblante dela se ilumina e Jas pula no meu colo, rindo de felicidade. Apenas três dias, mas com toda a movimentação que foi feita e com os hematologistas de plantão testando as amostras, demos alguma sorte.

— Tem... Tem certeza, Tray? — Acho que só então ela se deu conta do milagre que é isso. Um doador que não seja da família, a probabilidade de encontrar é de uma em cem mil.

— Ele não disse que era isso, então acalma o coração e vamos *pra* lá descobrir.

Nos levantamos e Jasmim tira o vídeo, ainda olhando para ele com a expressão de desalento. Pego Jay, que está rindo das caretas que Chrystal faz *pra* ele e o levo direto para o quarto.

Jas prepara o banho dele e, pela primeira vez, fazemos isso juntos, como uma família. Eu já tinha mesmo lido a respeito dos cuidados extras, mas é bom ver em primeira mão.

Jasmim é maravilhosa com ele e em meio a brincadeiras e risadas, logo Jay está pronto e vestido para irmos.

— Advinha, Jay... Tenho uma surpresa *pra* você. Quer saber o que é?

Ele balança a cabeça, com ênfase.

— Vou buscar! Me espera, hein?

Corro no meu quarto, onde deixei os pares separados, depois de serem lavados e higienizados e os levo até o pequeno. São mangas para colocar sob a camiseta, com estampas que imitam tatuagens e que se colam ao braço.

Visto as duas nos bracinhos dele, enquanto Jay pula comemorando as *tantunagens* que ganhou. Amarro uma bandana na cabecinha dele e coloco uma na minha e, juntos, nós três deixamos a mansão.

Quando o carro conduzido por Jeremi passa pelos portões, escoltado por outros dois veículos, podemos ver a quantidade de gente que espera por notícias, os cartazes erguidos com mensagens de apoio e, *pra* meu total espanto, tem duas meninas que também raspam os cabelos em apoio a ele.

Se fosse em outro momento, eu pararia o carro e iria até elas, mas com Jay não é possível, então apenas abaixo um pouco o vidro e aceno de dentro do carro, com o pequeno no meu colo, fazendo o mesmo.

Jeremi dirige até o estacionamento do hospital. Quando descemos do carro, os seguranças que nos acompanharam na escolta já nos esperam, e é assim que entramos.

Na rotina de uma pessoa normal, ir a hospitais não é um grande evento, mas na minha vida a história é outra e, com todo o falatório desde o show, a coisa vai ficar feia quando nos descobrirem aqui.

Encontramos Adam na sala dele e noto que o corredor é todo colorido, adequado *pra* crianças mesmo. Inclusive vejo uma garotinha andando com um daqueles suportes para medicação em uma das mãos, empurrando e um urso de pelúcia na outra.

Sinto que a merda do choro está chegando outra vez, mas me esforço *pra* controlar. Ando mais marejado que o Pacífico, se é que isso faz sentido.

Adam está sentado atrás da mesa quando entramos, os seguranças acampam do lado de fora da sala e Jasmim se senta em uma cadeira enquanto eu me sento ao seu lado com Jay nos braços.

— E então? — pergunto, impaciente.

— Tenho duas notícias. Vou falar primeiro da parte chata e, com ela vão compreender a parte boa; a movimentação foi insana, mas em pessoas tão aleatórias provavelmente levaríamos mais tempo para encontrar um doador que fosse cem por cento compatível, o que é necessário no caso do Jay. A menos que fosse algum familiar...

Nós assimilamos tudo em silêncio.

— Chrystal? — É a única pessoa da família da Jasmim em quem posso pensar.

Adam nega com um gesto.

— Não, ela já havia testado. — E se virando *pra* Jas, ele finalmente conclui. — Sua mãe, Jasmim. Ela viu as notícias na televisão, ficou sabendo que era seu filho e veio testar. Como era uma parente diretamente ligada ao Jay, a examinamos o mais rápido possível....

Jasmim está com os olhos muito abertos e um pouco pálida. Por essa nem eu esperava.

— Praga... — chamo baixinho e ela me olha, meio chorosa. — Tudo bem?

— Não sei. Adam, está dizendo que minha mãe é compatível? Cem por cento?

Ele assente.

— Sim, essa é a boa notícia. Ela pode doar e o transplante pode ser feito logo, mas eu chamei vocês porque sei que sua relação com ela não é das melhores.

Jasmim não parece se importar tanto com essa parte, o que interessa é que vamos salvar nosso pequeno.

— Na verdade não é uma relação. Simplesmente não convivemos, mas isso não é importante, nem remotamente, Adam. Ela pode curar Jay e isso é motivo *pra* que eu a ame a vida toda — ela responde, confirmando o que pensei.

— Caralho... *Canário*...— sussurro, refletindo sobre a novidade. A mãe de Jasmim, que deixou a filha e sumiu no mundo, agora vai salvar meu filho. — Onde ela está? — pergunto.

— Fazendo alguns exames. Procedimento padrão, mas podem ficar no hospital já, vamos internar Jay e começar os preparativos. Jay vai ter que passar por algumas sessões intensivas de quimio e o transplante poderá ser feito só depois de limpamos a medula.

Jay nos vê rindo e comemorando e gargalha quando Jasmim o abraça forte, apertando-o contra o peito e eu envolvo os dois. Essa é a minha família e não existe nada que me importe mais que as duas pessoas nesse abraço.

— O Jay não é mais dodói?

A pergunta dele é como uma injeção de esperança em nós. Logo, se tudo correr bem, vamos poder dizer que ele foi curado.

Quando deixamos a sala, rumo ao quarto reservado *pra* Jay, apesar da felicidade não pude deixar de pensar em como Adam foi cuidadoso em nos chamar até aqui antes, em informar a Jasmim sobre a mãe pensando no impacto emocional que a notícia poderia ter.

Já superei a raiva que sentia do doutor, mas não pude evitar o pensamento de que ele sabia sobre Jas e a mãe e, por mais óbvio que seja, já que elas não fazem parte da vida uma da outra, um pedacinho miserável de mim consegue se sentir enciumado ao ver que ela compartilhou algo que é tão íntimo.

Enquanto seguimos para o elevador, Adam caminha na frente instruindo a enfermeira e Jasmim me puxa pela manga da camiseta.

— Que foi? — sussurro.

— Como é que ele sabe tanta coisa? Eu nunca falei da minha mãe e esses dias ele pareceu saber sobre minha depressão... — ela parece alarmada.

— Pensei que você tivesse contado, não foi?

— Não contei nem *pra* você, por que eu iria falar disso com Adam? — ela ainda mantém a voz baixa. — É estranho, não acha?

Percebo pelo tom desconfiado que ela está pensando no vídeo que recebeu, nas fotos e, apesar de bizarro, Jas planta uma semente de dúvida em mim.

Mas o cacete que vou ficar sondando o cara que vai fazer um transplante no meu filho. Quero saber e quero agora.

— Ei, Adam... Chega aqui, por favor.

Ele volta alguns passos até nós. A profissão altruísta, o sorriso imaculado... Não é possível que esse homem seja um demônio.

— Aqui, vou mandar a real porque sabe que não curto meias palavras. Você sugeriu que sabia da depressão da Jasmim e agora a pouco na sala demonstrou que estava ciente da situação dela com a mãe. Como sabe de tudo isso se ela não contou?

Ele me olha, parecendo surpreso.

— Eram segredos? Chrystal me contou, sempre ficávamos conversando quando eu ia ajudar com Jay e foi assim que fiquei sabendo sobre você ser o pai dele. Por isso lhe disse aquelas coisas quando nos encontramos, eu não sabia que Jasmim não tinha falado sobre o Jay, pensei que a tivesse abandonado.

Olho *pra* Jasmim e vejo o baque no olhar dela. É uma besteira, mas eram seus segredos, que ela mantinha a sete chaves e não é um sinal muito positivo que sua prima tenha compartilhado aquilo.

— Pode ficar tranquila, Jas. Se não quiser que outras pessoas saibam, eu vou manter segredo. Pode ser que fique tudo em família...

Ele dá uma piscadinha e abre um sorriso e fico tentado a dar um soco na cara do doutor, até que entendo que ele não se refere a Jasmim.

— Você e Chrystal? — pergunto.

— É... — Adam parece envergonhado. — Conversamos muito essa semana, ela confessou que está apaixonada por mim. Eu não fazia ideia, porque sempre insistiu que eu saísse com a Jasmim.

— Por que ela faria isso? — questiono o óbvio. Adam podia ser mais espertinho.

— Disse que achava que eu gostava da prima e queria que eu fosse feliz. — Ele olha para os lados e volta ao modo profissional. — Não é o melhor lugar *pra* discutirmos isso. Vamos?

Adam volta a andar e eu passo um braço pelas costas de Jasmim, incentivando-a a prosseguir.

Não tenho certeza, mas parece que algo muito ruim acaba de acontecer.

Jasmim

Para aqueles que esperavam um reencontro emocionante entre minha mãe e eu, lamentei muito por decepcioná-los. Não nos odiamos, só não temos esse tipo de relação.

Ela não é uma pessoa ruim, apenas decidiu priorizar outras coisas a ser mãe. Não acho que seja um direito da mãe ou do pai esse tipo de escolha, mas respeito quem pensa diferente.

Dizer que tive uma infância e adolescência fácil nesse quesito seria mentira. Claro que eu me culpava por minha mãe ter me deixado e em outros vários momentos a culpava, mas a verdade é que já faz muito tempo em que deixei de importar.

São laços sanguíneos que nos unem, mas não existem as ligações amorosas. Tray e eu somos família, independente do sangue e de quantas besteiras ele faça ou eu cometa, independente dos nossos vários desencontros. Família sempre volta, se perdoa e segue como se o passado não importasse mais.

Minha relação com Gisele, minha mãe, não é assim e tudo bem.

— Oi, Jasmim... — ela chama, ao entrar no quarto do hospital. — Imagino que não esperava me ver por aqui.

Seu rosto demonstra toda a preocupação que sente, já antecipando um surto meu ou qualquer coisa assim, mas apenas abro um sorriso caloroso.

— Oi, mãe. Estou muito contente que tenha vindo. Obrigada por fazer isso.

Ela olha *pra* todo canto, menos *pra* mim, envergonhada.

— Não fui uma boa mãe, mas quem sabe eu possa ser uma avó melhor...

É, quem sabe.

— O que está fazendo por ele já me torna eternamente grata.

Ela nem apareceu no enterro da minha avó, mas imagino que se tivéssemos conseguido a contatar, tivesse sido diferente. Como eu disse, não se trata de uma pessoa ruim, ela apenas não tem muitas ligações emocionais, é um espírito livre, digamos assim.

— E como vai a vida, Jas? — ela pergunta. — Maravilhosa, como imagino?

Minha mãe não faz ideia do que foi minha vida, mas não quero entrar em detalhes, não preciso sofrer mais. Ao menos ela sempre foi honesta, transparente.

— Alguns percalços no caminho para o maravilhoso. Mas vou chegar lá.

Tray entra no quarto e minha mãe logo se despede, meio sem jeito na frente dele.

Nós nos sentamos em poltronas que foram posicionadas ao lado da cama. Jay recebeu um medicamento para dormir. Logo as sessões de quimio mais intensivas para limpar a medula dele terão início e provavelmente alguns efeitos colaterais bem desagradáveis também, mas tudo necessário antes de transplantar as novas células.

— Jas... Você acha que...

Sei bem o que ele quer perguntar. Tray toma minha mão entre as suas e seu olhar é apreensivo. Desde a conversa com Adam venho revisitando minhas memórias e tentando encontrar outra explicação.

— Acho que é possível. Não quero acreditar em algo tão horrível, que ela me trairia dessa maneira, Tray, mas... são muitas pontas soltas, não acha?

Ele fica sério e em silêncio e eu continuo, porque agora que comecei, não consigo calar minhas suspeitas.

— Vou ligando os fatos na minha cabeça e acho que estou parecendo uma paranoica, mas não consigo deixar de pensar. Quando saímos da mansão eu estava vendo o vídeo de ontem, as edições que ela colocou... Tudo tão bem feito. Não pude deixar de lembrar do vídeo do hotel...

— É, pensei nisso também — ele admite. — E quanto mais eu penso, maior fica minha desconfiança, Jas. É a pessoa mais próxima de você, que tinha acesso ao seu celular, às suas coisas e à nossa relação. As informações todas, dadas diretamente por você. E teve aquele beijo... Todo esse tempo pensei que fosse um gesto impensado, mas e se não foi?

Enrolo meus cabelos em um coque, enquanto tento mais uma vez encaixar as peças do quebra-cabeça.

— Tray, isso é muito sério. Eu fiquei doente e não sei, quando olho *pra* trás e penso na ajuda que recebi, o primeiro rosto que me vem à mente é o da Andy. Chrystal não se esforçou muito *pra* me tirar daquela cama... E agora essa história com o Adam. Até semana passada ela queria que eu saísse com ele de todo jeito, e agora decidiu que está apaixonada?

A expressão dele é de horror, mas também parece furioso.

— Eu vou falar com a Monica, Jas. Já pedi uma análise do vídeo e vou descobrir quem fez isso e eu juro por Deus que, se foi a Chrystal, ela não me escapa. Posso ficar irritado com a Monica ou qualquer outra pessoa, mas ela... Dentro das nossas vidas e nos fodendo? Te deixando *pra* morrer naquela cama?

Baixo os olhos, sem conseguir pensar nas consequências disso. Me apavora pensar que a pessoa mais próxima que eu tive por anos, possa ter sido tão cruel. Mas agora todas as minhas lembranças estão sendo vistas sob uma nova óptica e por mais surreal que seja, faz todo sentido que tenha sido Chrystal.

— *Pra* começar, ela não vai entrar aqui. Não vai chegar perto de você ou do Jay enquanto eu não souber a verdade. — Ele respira por um momento, mas não se acalma. — Filha da puta! Estava lá em casa tirando fotos nossas... Cuidando do Jay... Que desgraçada!

Quero dizer *pra* que não fale assim, que não sabemos ainda dos fatos, mas não consigo. Sinto que, em minha cegueira, ocultei de mim mesma o que estava debaixo dos meus olhos o tempo todo.

25



Jasmin

Não tinha outra maneira de ser. Meu coração sempre foi dele e agora eu havia desistido de lutar contra e finalmente parado de encontrar obstáculos que nos separassem.

Tray se tornou de um dia para o outro o melhor pai que já pude ver, mas não devia me surpreender, tudo com ele era intenso e nunca o vi se doar pela metade.

Com Jay não é diferente. Tray está todo o tempo procurando maneiras de deixá-lo mais confortável, de distraí-lo dos procedimentos médicos e de me confortar. Nos dias que se seguiram à internação, seus cuidados têm feito toda a diferença.

Nunca pensei que esses momentos angustiantes no hospital pudessem ser tão mais fáceis, mas com ele ao meu lado, eles são.

Estou refletindo sobre isso e me sentindo a mulher mais idiota do mundo por ter privado a nós três de tanta coisa linda que podíamos ter vivido, quando Tray entra no quarto, vindo sabe se lá Deus de onde.

— Jas, eu tive uma ideia que não vai acreditar. Você vai ser a praga mais feliz do mundo quando souber!

Ele é tão lindo e o modo animado com que encara tudo de frente, sem desanimar e me apoiando como sempre fez, faz com que meu peito se encha de um calor gostoso. Ter Tray na minha vida é maravilhoso e, por mais que não tenhamos conversado sobre o que nós somos agora, isso não é necessário.

Somos o que sempre fomos, um do outro e um pelo outro, independente do mundo e das circunstâncias.

— Qual a ideia, peste?

Os olhos dele se desviam *pra* Jay na cama e se enchem de tristeza. Não é fácil ver nosso filho assim, prostrado devido a quimio e, por mais que eu já tenha vivenciado a cena centenas de vezes, não tem uma maneira de se acostumar.

Os enjoos, sangramentos em algumas vezes, o cansaço, intestino solto... Tudo é uma realidade com a qual não estamos preparados para lidar, mas *pra* Tray o choque é maior por estar vivendo isso tudo pela primeira vez.

— Ele vai ficar bem, Tray. Agora eu sei que vai...

Ele caminha até ao lado da cama e vejo sua mão coberta por tatuagens tomar a mão pálida de Jay. O acesso por onde o medicamento entra na veia dele dificulta um pouco o carinho.

Jay olha para ele, os olhos semicerrados, exausto, mas ainda acordado.

— Oi, pequenininho... Como está se sentindo?

— Bem — a voz dele sai fraquinha e me levanto, indo até eles.

Toco a testa do meu filho, conferindo a temperatura que é sempre uma preocupação; está frio, graças a Deus.

— Bem, é? Sabe que o papai achava que era o deus do rock, mas você é muito mais poderoso que eu — Tray fala e vejo o sorriso de Jay se abrir, lento.

— Eu sou?

— Claro que sim. Eu já teria dormido, mas você está firme esperando o desenho começar, não é?

Jay assente, voltando os olhos na direção da televisão enorme na parede.

— Você é forte, Jay. Estou orgulhoso de ser seu papai. Sabe... Fiquei sabendo que seu aniversário está chegando. Que tal fazermos uma festa quando você sair? — Ele então me encara com o olhar apaixonado. — Vamos comemorar a vida.

Sinto a emoção presa na garganta, a expectativa e a ansiedade *pra* que aquilo possa ser real. Ficamos nos olhando por algum tempo, sentindo a enormidade do universo, tão perfeito e de Deus que, apesar da luta, também

nos possibilitou vencer.

Quando olho outra vez *pra* Jay, esperando que responda sobre a festa, ele já adormeceu.

Seguro a mão de Tray por sobre nosso bebê e ele aperta meus dedos, me passando um pouco de fé, enquanto ofereço a ele minha dose de amor.

No silêncio que se segue, compartilhamos muito mais que um toque, são promessas silenciosas de que sempre estaremos juntos.

Ouvimos o celular dele vibrar e Tray solta minha mão para pegá-lo. Ele olha a tela e sua expressão muda, de terna para compenetrado.

— E aí, cara? Conseguiu alguma coisa? — atende já deixando o quarto, indo direto para o corredor.

Eu o acompanho.

— Eu sei que o vídeo foi editado, porra! Quero saber quem foi, onde, quando...

Tray ouve com atenção as informações, provavelmente passadas pelo investigador.

— Me envia por e-mail essa tralha toda. Não, vou chamar a Julia, vou ferrar essa merda de hotel tão fundo que vão gritar e vai ser de dor.

Arregalo os olhos diante do tom dele, nunca o vi tão nervoso assim.

— Vou te mandar uma foto da desgraçada e você confirma *pra* mim.

Quando ele desliga o celular, noto sua respiração acelerada, a raiva borbulhando na superfície.

— E então? — questiono.

— O vídeo foi adulterado, mas isso não é novidade. Ele descobriu o hotel e foi até eles. Acredita que a desgraçada da recepcionista, confessou que vendeu o vídeo *pra* uma garota que jurava ser minha fã?

Infelizmente eu acredito.

— Já sabe quem foi?

Ele me olha por um segundo e pega o celular outra vez, digita alguma

coisa rapidamente.

— Pronto. Saberemos em minutos, enviei uma foto da Chrystal.

— E a Monica?

Ao longe, no corredor, vejo Adam vindo em nossa direção e, pela expressão dele, parece ter descoberto sobre a proibição de Tray para que Chrystal não entre no hospital.

Antes que ele chegue até nós, Tray recebe uma nova mensagem.

— Bingo, a filha da puta da Chrystal!

— Tem certeza? Isso tem quatro anos... — insisto, sem querer acreditar.

— Anders, que história é essa de proibir a Chrys de entrar *pra* ver o Jay? Ela cuida do garoto desde sempre, como podem fazer isso com ela? Por quê?

Tray abre um sorriso, que é qualquer coisa, menos alegre.

— Escuta essa, doutor. Sabe a historinha triste que ela te contou? Sobre a Jas e como ela a ajudou em um momento de dificuldade? Saca só...

Ele vira o celular *pra* Adam, que parece confuso.

Eu nem quero ver, ou talvez queira... Não sei o que sentir em relação ao que ela fez.

— O que é isso? — Adam questiona, confuso.

— Essa é a porra da Chrystal, subornando uma idiota *pra* comprar um vídeo meu. Um vídeo de sexo.

Adam ainda olha a imagem sem entender e eu sinto minhas pernas fraquejarem. Permito que meu corpo escorregue, as costas apoiadas na parede até me sentar no chão.

É real.

Ao meu redor a conversa deles continua, mas só consigo pensar em quanto tempo ela esteve com meu filho e, se teve tanto ódio de mim, guardado por tanto tempo e me fez tão mal, o que ela poderia ter feito a Jay?

Afundo o rosto nas mãos, tentando me acalmar e faço um mantra mentalmente de que tudo vai ficar bem, mesmo que a dor da traição seja

grande demais, mesmo que o que estou sentindo nesse momento me dilacere por dentro.

— Florzinha... — Tray se senta ao meu lado. — Você está bem?

Olho *pra* ele. Adam continua de pé a nossa frente, mais perdido que eu.

— Não sei... Ela esteve na minha casa por tanto tempo, presenciou tudo que eu passei, na verdade, causou a maioria das coisas. Se ela não tivesse te beijado lá atrás...

Tray meneia a cabeça.

— Também tenho culpa nessa história.

— Nós voltamos de viagem depois, estava tudo bem. Se não fosse esse vídeo, as fotos... Será que as fotos...

— Com certeza foi ela, Jas. Vamos falar com a Monica hoje, só *pra* ter certeza. Eu fico puto com o vídeo e as fotos, mas o que me deixa louco é ela ter visto você ali, morrendo aos poucos e não ter feito nada. Tudo bem que não soubesse que você estava grávida quando nos separou, mas em momento nenhum tentou consertar as coisas...

Adam se abaixa diante de mim, os olhos estão tristes, mas decididos.

— Fica tranquila, Jasmim. Ela não vai entrar aqui.

Assinto, porque é o certo a fazer, mas a verdade é que não sei se quero isso. Eu gostaria de olhar nos olhos dela e perguntar porquê. Talvez depois.

— Vamos fazer o transplante amanhã, Jas. Não é uma boa notícia? — Adam parece determinado a melhorar meu dia e apesar de tudo, consegue.

Abro um sorriso tenso.

— Sim, é uma ótima notícia.



O transplante não durou nem duas horas e graças a Deus foi um procedimento bem sucedido.

Jay foi encaminhado ao quarto outra vez, mas devido ao feito recente o corpo dele ainda não estava preparado para lidar com possíveis infecções e bactérias, por isso é imprescindível que se mantenha no hospital por mais um tempo.

Os dias da recuperação de Jay se passaram lentamente, mas aos poucos ele começou a parecer mais animado e bem disposto. Enquanto isso, nem Tray e nem eu nos afastamos do hospital.

O quarto bonito e amplo foi nossa casa por mais de três semanas e Jay melhorava a olhos vistos, nos deixando cada dia mais cheios de esperança de que em breve as coisas pudessem ficar definitivamente bem.

As visitas ainda estavam bem restritas por causa da baixa imunidade dele, mas nós nos distraíamos como podemos.

Tray vivia surgindo com coisas para passarmos o tempo, deixadas por Carter na portaria do hospital.

Revistas em quadrinhos que ele lia *pra* Jay, palavras cruzadas que fizemos juntos e alguns filmes. Até mesmo um livro de piadas, mas Jay riu tanto que acabou bagunçando o acesso e, com isso, as piadas foram vetadas.

Estamos agora entrando na quarta semana desde o transplante e Jay parece outro garoto. Saudável e bem, e com certeza prestes a receber alta.

Mas há algo que vem me incomodando durante todo esse tempo.

— Tray, quero resolver uma coisa hoje. Pode ficar com Jay?

Ele me olha por um tempo longo demais. Tray me conhece como ninguém e sabe muito bem quais minhas intenções.

— Vai atrás dela, praga?

Suspiro, temendo que ele me impeça, mas é Tray, então tenho alguma esperança.

— Analise a minha situação aqui e me diga o que você faria. A Monica confirmou a armação da Chrystal, que a enganou dizendo que você queria se encontrar com ela. A bandida ficou se fazendo de sonsa e me enganando dentro da minha própria casa... Editar a data de um vídeo? Tirar fotos de um beijo? Essas coisas não mandam alguém *pra* cadeia. Semana passada ela estava me enviando foto sua *pra* me colocar contra você. Ela separou a gente e me ferrou por vários anos, se fazendo de santa e agora ninguém pode fazer nada. Ao menos vou resolver as coisas do jeito que posso, preciso me sentir vingada.

Tray abre um sorriso de lado, lindo. Meu cafajeste preferido.

— Vai bater nela?

Acompanho o sorriso dele.

— Bater eu bato em você, peste. Vou esfregar a cara da vadia no asfalto.

Ele gargalha ouvindo o termo pejorativo, mas me aplaude.

— Essa é minha oncinha. Acaba com ela, amor.

Meu coração dá um salto ao ouvir o tom carinhoso com que ele me chama de amor.

— Leva o Jeremi — ele continua, como se não tivesse me deixado sem fala. — Ele fica no carro e só entra no meio se a maluca puxar uma faca ou algo assim.

Assentindo, me levanto e ofereço os lábios *pra* ele em um beijo, mas o canalha me puxa para o colo, me arrancando um gritinho de susto.

— Quer que eu vá junto? — pergunta, e posso ver a empolgação. —

Podemos pedir *pro* Adam ficar de olho no Jay.

Penso por um instante, mas a verdade é que quero muito isso, esfregar minha felicidade na cara de pau dela.

— Posso pedir a Andy que venha... — sugiro.

Tray concorda com a solução e rapidamente ligo *pra* minha amiga. Enquanto esperamos, começo a tramar o passo a passo.

— Podemos passar em um lugar antes? — pergunto, refletindo melhor.

— Claro, florzinha. Onde?

— Na loja daquela amiga da Ane. Quero uma roupa nova, sapatos... Vamos no seu carro discretíssimo.

— Estamos indo *pra* uma surra ou um desfile de moda? — ele pergunta, rindo.

— As duas coisas. Se o problema dela comigo é a inveja que tinha de nós dois e do que eu podia ter, monetariamente falando, se ficasse ao seu lado, então quero chutar a cara dela de Manolo Blahnik.

Tray gargalha.

— Um colar de diamantes também? — ele questiona.

— Meio exagerado *pra* essa hora do dia... Mas podia me deixar dirigir o carro.

Ele ri, debochando da minha vingança.

— Se não for o colar, pode ser um anel — diz, empolgado. — Ela vai achar que ficamos noivos. Quer melhor vingança que essa?

Começo a pular animada pelo quarto, agradecendo ao universo porque Jay não faz ideia do que está acontecendo.

Desgraçada, meu filho ainda sente falta da mentirosa. Perguntou por ela várias vezes.

— Você é o melhor! Suas ideias são fantásticas. Já pensou a cara dela quando me vir com um diamante no dedo?

— Diamante? — Andy questiona, entrando pela porta. — Que

diamante?

— O que vou deixar marcado no belo rosto da Chrystal.

— Opa! Não posso ir junto? Ah, é, sou a babá. Pode tirar uma foto? Eu preciso ver isso.

Dou risada e meneio a cabeça, não sei qual de nós é o pior.

— Eu tiro, Andy. Pode deixar. Vários ângulos... — Tray responde.

Bom, acho que sei.



Anelyse nos encontra na loja e me prepara um look digno de uma perua. Algo que eu não usaria no meu cotidiano jamais, mas hoje é um dia especial.

Claro que muita gente espera que depois de tudo que eu passei, tenha adquirido maturidade e sensatez e realmente, a doença de Jay me mudou muito, mas meu sangue ainda ferve às vezes. Quando penso em tudo que ela me fez, bom, eu seria outra pessoa se deixasse isso passar, alguém como Julia talvez, aquela sim é fina e sensata.

Ane por outro lado ri a cada passo da minha transformação, achando tudo tão divertido quanto eu.

Estou usando um vestido justo off white, a gola cobre boa parte do meu pescoço, mas os braços ficam nus. O tecido grosso se molda ao meu corpo perfeitamente e até em meus cabelos Ane deu um jeito, sem falar na maquiagem um tanto quanto exagerada para o meu gosto.

Nos pés, os maravilhosos sapatos que escolhi e no dedo uma joia brilhante com a maior pedra que já vi. Tray a conseguiu enquanto eu me arrumava e, para minha sorte, serviu perfeitamente.

Entro no carro dele e Anders se senta no banco do passageiro. Rumamos para Rainier Beach e meu sorriso é o mais franco em muito tempo, enquanto o vento bagunça meus cabelos como em um comercial de Hollywood.

No som, a voz de Ashton grita e, ao meu lado, Tray bate as mãos nas pernas acompanhando o ritmo da música.

Dirijo até o estúdio em que ela trabalha meio-período e, pelo horário, tenho certeza de que estará lá.

Quando estaciono a beleza verde na porta, vejo o modo como as pessoas saem de dentro dos comércios e os pedestres param para olhar o carro.

Abro a porta e coloco o salto fino na calçada.

Tray já está rindo da minha encenação de socialite, mas me deixa ir na frente, conforme combinamos no caminho.

Ando para dentro do estúdio, os óculos escuros sobre o rosto e uma bolsinha Prada em uma das mãos.

Chrystal está atrás do balcão, remexendo em alguns papéis quando o sino na porta anuncia minha entrada. Por sorte tenho apenas alguns poucos expectadores, ou isso iria parar nos jornais no dia seguinte.

— Posso ajudar? — ela pergunta sem erguer o rosto.

Apoio o cotovelo no balcão e o rosto na mão, de modo a dar destaque ao anel.

— Claro, quero uma sessão com minha prima mentirosa.

Isso atrai a atenção dela, que finalmente olha *pra* cima e me vê.

— Jasmim? — Seus olhos se abrem com surpresa e ela me fita de cima a baixo, o olhar se detendo nas minhas roupas e, por fim, no anel, que descansa no meu dedo brilhantemente.

— Eu mesma. Vim aqui olhar nos seus olhos e te dar a chance de me dizer por que fez o que fez.

Ela parece apavorada, faz um muxoxo, mas não nega. Com um suspiro assume o que, claro, eu já desconfiava.

— Sempre gostei dele... Desde antes de vocês começarem a namorar. Não queria ir tão longe, pensei que o lance da calcinha nas coisas dele fosse bastar, mas vocês não se separavam! Nem minhas ligações e mensagens funcionavam, então tive que improvisar.

— Ah, claro. A culpa foi nossa por não terminarmos antes.

— Não é o que estou dizendo... É que... Ele me beijou e vocês terminaram, pensei que...

— Pensou que ele gostasse de você.

Ela não responde, mas na cabeça doente dela, deve ser exatamente o que pensou.

— Mas Tray foi embora e quando voltou para o enterro da nossa avó, nem falou comigo direito. Logo vocês estavam juntos e não aguentei. Mas eu não sabia sobre o Jay, descobri depois, quando já tinha enviado o vídeo.

— E mesmo assim não disse nada, nem mesmo quando eu fiquei doente, ou depois, quando Jay ficou.

O rosto dela se crispa, como se tivesse algum motivo *pra* ter raiva e não o contrário.

— Vai me culpar por ter sido fraca? Deveria ter levantado da cama e enfrentado a vida. — Finalmente ela assume o tom equivalente ao ódio todo que sente por mim. — Se vocês se gostassem de verdade eu não teria conseguido nada disso, se confiassem um no outro...

Não a deixo terminar, meu punho acerta seu nariz em um soco bem dado, o anel abrindo um pequeno corte.

— Ficou louca? — grita, a mão indo ao nariz para conter o sangue que começa a sair.

— Louca? Eu confiei em você! Deixei meu filho sob os seus cuidados enquanto você me cravava uma faca no meio das costas.

Seguro os cabelos dela com toda força que tenho e a arrasto de trás do balcão, dando tapas seguidamente no rosto de traidora dela, quando a jogo

sobre o piso e vejo que os poucos clientes se levantaram, me preparo para sair de cena, antes que seja tarde.

O pouco sangue que arranquei dela já me contenta.

Chrystal se senta no chão, meio desajeitada e colocando a mão sobre a face vermelha de tanto levar bofetada.

Dou as costas, preparada para minha saída triunfal, mas encontro Tray parado atrás de mim com um sorriso de orgulho no rosto.

— É, Chrystaaaal... Não devia ter mexido com a oncinha. — Ele para diante dela. — Você, melhor que ninguém, sabe a necessidade de registros, preciso de uma foto sua *pra* guardar de recordação.

Ele aponta o celular *pra* ela, que o fita furiosa e tira a foto.

— Ficou gata, hein? Vermelho é a sua cor.

Me abraçando pela cintura, deixamos juntos o estúdio, mas Tray ainda para na porta, enquanto Chrystal se levanta do chão.

— Ah, espere a notificação. O processo vai chegar, boneca.

O abusado ainda tira onda.

— Sabe, Chrys, não é você, sou eu...

Suas palavras me arrancam uma risada.

É isso, juntos no amor e na guerra.

Quando entramos no carro, ele apenas sugere.

— Então praga, que tal se esse anel ficar bem aí onde está?

Olho *pro* lado e dou de ombros. Meu coração disparado com a proposta e meu peito gritando um sonoro *sim*.

— Até que a ideia não é ruim.



Tray

Quando Adam entra no quarto pela manhã, não tenho ideia do quanto o desgraçado vai me deixar feliz.

— Podem ir para casa — ele diz, tão casual, como se não fizesse um mês que estamos aqui.

— Ahhh, que maravilha — comemoro me colocando de pé. — Minha caminha me espera!

Jasmim ri da minha alegria e Jay já está se levantando na cama, acompanhando nosso ritmo, todo contente.

— Não precisam vir para o hospital mais. Vou fazer o acompanhamento do Jay direto em casa. É um paciente especial.

— Ah, cara... Vem cá. Vou te dar um abraço.

Adam me olha com o cenho franzido, resistente.

— Anda. Vem logo, pode até dizer por aí que te abracei.

Agarro o doutor pelo pescoço, rindo do constrangimento dele. De um jeito bem esquisito, acho que nos tornamos amigos.

— Valeu por salvar nosso garoto, Adam. E por cuidar dele e porque vai continuar indo lá.

Vou te oferecer uma cerveja na próxima visita, combinado?

— Hum, claro — responde, mas acho que é só *pra* que eu o solte.

Corro até a cama e abraço meu pirralho, que ri, felizão de poder ir embora. Nenhum de nós,

por mais bem tratados que estejamos sendo, sente a mínima vontade de permanecer aqui.

E se a florzinha e Jay estão contentes, imagine quando souberem as surpresas que preparei?

Porque se tem alguém que sabe fazer surpresas, esse alguém sou eu.

A começar pelo carro.

Quando descemos para o estacionamento do hospital, ainda sem sair de dentro dele, Jeremi e

os outros caras nos acompanham para o automóvel que mandei trazer.

Diferente dos meus brinquedinhos esportivos, esse é um modelo mais tradicional e familiar, que foi preparado para receber Jay com mais conforto.

A pequena tela LCD no encosto dos bancos dianteiros, voltada pra ele, possibilita que assista seus desenhos enquanto seguimos para casa. Jeremi assume o volante e nós três nos sentamos atrás, juntos.

O olhar que Jas me dirige demonstra o quanto gostou da novidade. É isso, cara. Estou pensando como um homem que tem família, porra!

Ao contrário do imaginado por eles, não nos dirigimos para casa, ao menos não a que eles têm conhecido assim desde que Ashton os levou *pra* mim.

Mas o lugar para onde estamos indo não fica tão longe da mansão da Dominium, que na verdade é a casa do Ashton. Sempre foi, ainda que preferíssemos viver juntos enquanto éramos só nós.

Eu já havia deixado minha própria casa fechada por tempo demais, mas desde que me acertei com Jasmim não pude pensar em outra coisa que não fosse prepará-la para os dois, com espaço reservado para as atividades com Jay e uma enfermaria com equipamento de última geração, que espero não precisar usar mais, muito em breve.

Ashton e Josh me apoiaram em tudo. Mesmo que estejam bastante

ocupados desde que Anelyse, finalmente, após alguma consideração decidiu o que fazer com a herança recebida: investir no Peace, abrindo um segundo e um terceiro lar para idosos. Falo mais sobre isso depois.

— Onde estamos indo? Deveria ter virado ali... — Jas pergunta, perceptiva.

— Estamos indo *pra* casa, bebê. A nossa casa.

Ela me olha por um momento rápido e volta o rosto para fora, na direção da rua, em silêncio absoluto.

Quando Jeremi para em frente aos portões e eles se abrem, percebo os olhares atentos dos dois. Jay também parece curioso enquanto rumamos para dentro.

Seguimos por uma alameda de pedras e até eu dedico um tempo a reconhecer as mudanças que foram feitas no lugar.

Subimos uma encosta gramada, cheia de árvores e, no topo, a casa desponta toda iluminada.

— Essa casa é sua? — Jas está com os olhos bem abertos encarando a mansão. — Só sua?

Balanço a cabeça, negando.

— Não, praguinha. Essa casa é nossa. Minha, sua e do nosso Jay.

Jeremi abre um sorrisinho ao notar como ela está admirada.

— Tray! Com uma casa dessas... Por que você morava com os meninos?

Beijo o topo da cabecinha de Jay, sentado ao meu lado.

— Porque não queria ficar sozinho, florzinha.

Quando descemos diante das portas grandes, de madeira, Jasmim fita tudo com assombro.

Pego Jay no colo e as abro para que os dois conheçam nosso novo lar.

Nos deparamos com a sala grande e completamente iluminada e a escadaria que conduz ao andar superior.

— Ai, meu Deus! Olha esses sofás!

Jas parece aturdida com os estofados brancos de tecido. São bonitos, mas eu honestamente não entendo o fascínio das mulheres com isso.

— Olha só, não vai dar uma de Julia e me inventar de comer pizza com talheres *pra* não cair óleo sobre ele — digo as últimas palavras, imitando o tom de voz de Julia.

Jas solta um risinho com minha péssima réplica.

— Vamos subir, amor. Vem conhecer o quarto onde vamos fazer mais cinquenta mini Trays e várias florezinhas.

Seguro a mão dela e Jay me puxa escada acima, empolgado. Ver o modo como ele sobe os degraus sem demonstrar sinal de cansaço me enche de alívio.

O corredor amplo acomoda cinco suítes. Abro a primeira porta, mostrando a eles o que mandei fazer para a enfermaria.

— Espero que não seja necessário usarmos, mas estamos preparados, Jas. Vamos superar qualquer merda que vier.

As mãos dela estão sobre o rosto e ouço seu arquejo de surpresa, antes de emitir o meu quando ela se atira sobre mim, beijando meu rosto em todos os lugares possíveis.

— Calma, praguinha! Ainda nem viu a cama inédita que mandei fazer *pra* você.

Fecho a porta e continuamos o trajeto, os lustres clareando o caminho.

Paro na segunda porta, fazendo suspense.

— Jay, advinha o que tem aqui?

Ele batuca o dedo no rosto gordinho, em seu gesto pensativo.

— Um quarto! — responde animado.

Balanço a cabeça negando.

— Não, campeão.

Abro a porta revelando a maior brinquedoteca que pude preparar.

Se alguém merece não ser privado de nada, é meu filho, caralho! Ele

venceu a morte e merece vida.

Jay passa feito um raio para dentro do cômodo e abre os braços, dando uma volta para absorver as coisas.

— É tudo do Jay, papai?

Sorrio diante da expressão abobalhada no rostinho dele.

— Tudo do Jay, amor.

O furacão que chamo de filho avista em um dos cantos o carro elétrico, uma miniatura exata da minha Mercedes verde e logo está sentado ao volante, aprendendo a ligar.

Deixo que se divirta e puxo a mãe dele pela mão até o quarto seguinte.

— Esse é o quarto do Jay... Pedi que trouxessem as coisas da mansão, ele já estava se acostumando. Tem os *papaíchos* na gaiola aberta, como ele gosta.

— É *pra* eles voarem e voltarem — ela explica, rindo. Porque, obviamente, passarinhos de pelúcia não voam.

Apesar da explicação, sinto Jas mais calada desde a enfermaria, absorvendo tudo com o olhar atento.

— E agora, peste — anuncio. — Vamos ao lugar em que vou passar os próximos três dias enterrado em você. Porque, cara, esse hospital acabou comigo. Já estou quase esquecendo como se transa.

Ela solta um riso, contente.

— Eu te lembro, amor.

É a primeira vez que ela me chama assim, mesmo que já tenha dito que me ama. Pego Jas nos braços igual aqueles casais de noivos e, com a maior pompa do mundo, sigo com ela para o quarto no final do corredor.

Abro a porta com um pontapé.

— Preparada, futura senhora Anders? — questiono com formalidade. — Vou te comer a noite toda.

Ela joga a cabeça *pra* trás, rindo deliciosamente.

— Se continuasse com o romantismo eu iria estranhar — responde, fitando o pé direito alto, as paredes em tons pasteis e a cama monstruosa no centro do quarto.

Sigo com ela até a beirada do colchão e a atiro sobre ele.

Jas solta um gritinho e abre os braços sentindo todo o espaço.

— Eu adorei essa cama, Tray! É imensa.

— Gostou, é? — Me joga ao lado dela. — Macia e confortável.

— Limpa, praga. Não viu orgias, nem nada assim e isso já me basta.

Gargalho com o pensamento dela.

— Quer conhecer o que, agora? A banheira? Meu estúdio? A sala de cinema!

Jas arregala os olhos enquanto falo.

— Quer ver a piscina? Sei que gosta de piscinas.

— Tem tudo isso aqui? — pergunta parecendo apavorada.

— Muito mais.

Ela coloca a ponta da unha na boca e me olha apreensiva.

— O que foi, florzinha?

— Como vou limpar esse lugar? Não consigo nem ver o fim!

Sua preocupação me arranca outra gargalhada.

— Não vai, Jasmim. Que ideia...

— E o que eu vou fazer? Sempre trabalhei muito, não fiz faculdade. Eu não quero ficar sem

nada *pra* fazer.

Coloco uma mecha do seu cabelo lindo atrás da orelha.

— O que tiver vontade, florzinha. Vou colocar o mundo aos seus pés e te dar o que quiser. Se preferir ficar em casa com Jay, fará isso. Se quiser estudar, vamos dar um jeito e, se quiser continuar trabalhando, desde que não faça mais serviço escravo, também vou concordar. Você vai ser feliz, Jas,

fazendo a porra que der na sua cabeça.

O sorriso dela, ilumina tudo ao nosso redor.

— O que eu quiser... Eu nem sei o que quero, Tray.

Beijo sua boca gostosa e seguro seu rosto entre minhas mãos.

— Que bom que temos muito tempo *pra* você descobrir.

— Manhê... Eu *num* consigo subir...

Ergo o rosto e fito os olhinhos de Jay, a única parte visível dele, porque o corpo foi ocultado pela altura da cama.

Puxo o pequeno *pra* cima e brinco com ele, como se o fizesse voar sobre nós; a risada dele ecoa, enchendo a casa e meu coração de vida.



UMA SEMANA DEPOIS...

Chegou o dia da grande inauguração do Peace, uma casa de repouso para idosos criada por Josh há bastante tempo e que agora está em expansão, desde que Anelyse recebeu uma herança do pai, ao se casar.

Estamos todos de pé no gramado, observando Ane falar sobre o lugar e como é importante *pra* Josh.

— Estarmos aqui hoje é motivo de festa! O Peace nasceu no coração do meu esposo.

O sonho de dar a vocês um lugar de paz e de alegria, em que pudessem não apenas repousar, mas viver — ela diz. — E, como amor se compartilha, Josh dividiu comigo seus sonhos e planos e fez com que eu também me apaixonasse por vocês. Que seja um lugar de felicidade e que juntos possamos farrear muito, porque eu sei que gostam disso.

O comentário arranca risadas nossas e de todos ao redor.

Vemos Josh pegar a tesoura gigante e cortar a fita, liberando nossa entrada. Todos aplaudem empolgados.

Jay ficou em casa com Andy, que se prontificou a ser sua babá por hoje; ainda estamos evitando as multidões, por mais que a doença não tenha mais dado sinal, graças a Deus.

Jas me oferece a boca em um beijo rápido e sai na frente, em uma conversa animada com uma das senhoras que estava ao nosso lado.

Aproveito *pra* falar com Josh, não temos conversado muito desde o lance com Jay e é bom bater um papo despretenso. A fofoca da vez é tia Eleanor, que decidiu assumir uma relação com Carter, nosso agente, e o levou *pra* jantar com Ashton e Julia, como namorado.

Ane se aproxima de nós com um sorriso alegre, a pirralha está muito feliz, posso ver isso só pelo jeitinho dela. Fico contente por ela e Josh, eles merecem isso.

— Gente, Thierry perguntou se queremos fazer uma visita no dia do show em Monte Carlo — declara, animada.

— Não é uma má ideia — respondo, refletindo sobre a proposta. — Esticar até Paris é uma boa, agora que seu amigo assumiu o Denis e desistiu do meu corpo sarado.

Ane me olha de um jeito engraçado e Josh parece segurar o riso.

Então Jas acena *pra* mim e eu os deixo e sigo atrás dela, como sempre fiz.



Chegamos em casa. Andy está deitada no sofá, dormindo. Jay está abraçado a ela, também adormecido.

Jasmim se abaixa quietinha e tira nosso pequeno de sobre a amiga dela, me entregando-o em seguida.

Subo escada acima com ele e o levo para o seu quarto. No sono, Jay apenas resmunga algo incompreensível, se vira de lado e continua de onde parou.

Deixo o quarto dele em silêncio e sigo até o nosso. Troco a roupa que estou usando por uma camiseta antiga da banda e calças largas e vejo Jas entrar pouco depois; no rosto o mesmo sorriso que a acompanha agora em todo o tempo.

— Andy já foi... Sabe, fiquei lembrando de nós dois hoje. Nosso começo.

Ela segue para o closet, abarrotado de coisas que comprei *pra* ela durante a semana e

escolhe um pijama de flanela. Parece que estamos os dois no modo *inverno aconchegante*.

Retirando o vestido colado, ela fica apenas de lingerie, enquanto desabotoa a camisa do pijama. Me aproximo rapidamente, antes que seja privado da visão que ela é e a abraço por trás, apalpando os seios fartos.

— É, amor? E o que andou pensando? — sussurro em seu ouvido.

— Que tal um programa como nos velhos tempos? Filme lá embaixo, nós dois embolados no sofá e uma pizza.

— Ah, florzinha, acho uma grande ideia.

Jas termina de se vestir e, quando se vira, estou abaixado oferecendo as costas para que ela suba. Rindo, ela passa as pernas ao meu redor e agarra meus ombros, enquanto me ergo com ela nas costas. Saio correndo e trotando e Jas se esforça para não rir alto demais e acordar Jay.

Descemos as escadas um pouco mais devagar e eu a deixo no sofá. Ela já se afasta para o canto, me oferecendo espaço e pega o celular para fazer nosso pedido.

— Calabresa, peste? — pergunta.

— Sempre, praga.

Coloco um filme de ação, porque é a minha vez de escolher e me aninho a ela no sofá.

Em dado momento, Jas adormece. Os últimos dias e a nova rotina têm sido cansativos de um jeito novo para ela.

Continuo assistindo a trama que se desenrola na televisão, sentindo o cheiro gostoso que vem dos cabelos dela. Sua cabeça apoiada no meu peito e meus braços ao seu redor.

Nosso filho dormindo em paz no andar de cima... Não preciso de mais nada da vida. A não ser, talvez, da pizza que, pela mensagem que recebo da portaria, acaba de chegar.

— Florzinha... — chamo, baixinho e ela se remexe, abrindo os olhos logo depois. — Nossa pizza chegou.

Jas se senta preguiçosamente, enquanto me levanto e busco nossa comida na porta.

Volto para perto dela com a caixa na mão e vejo que Jasmim já buscou os copos para o refrigerante. Compartilhamos então nosso momento nostálgico, mas que a partir de agora tende a ser apenas algo recorrente nos nossos dias.

Terminamos de comer e Jas leva a caixa e os copos que usamos para a

cozinha. Ao voltar, noto que seu olhar se demora no meu peito. Minha camiseta foi atirada sobre o tapete, propositalmente.

— Por que está ficando pelado, Anders? — questiona, já sacando minhas más intenções.

— Por que acha? Vamos batizar o sofá.

Ela me olha feio, mas a curva de um sorriso se insinua em seus lábios bem feitos.

Jas engatinha desde a ponta do sofá — sim, é imenso — até estar meio que sobre mim. Ela beija minha boca com carinho e faz menção de se afastar, mas a seguro pela nuca, mantendo-a perto de mim.

Aprofundo o beijo, testando minha língua na dela e a enlaço pela cintura para que se sente sobre mim. Sua camisa é arrancada pelas minhas mãos, com calma e encontra refúgio junto a minha.

Toco seus seios por sobre a lingerie preta.

Jas sobre mim, me olhando de cima é como uma miragem. Os cabelos soltos sobre as costas, o rosto afogueado, seja pelo calor da lareira em um canto da sala ou pelos nossos toques apaixonados.

Solto o fecho do sutiã dela e liberto seus seios diante de mim. Meu toque não tem a pressa que sempre nos consome, dessa vez quero senti-la com tudo de mim, vagarosamente.

Voltamos a nos beijar. Suas mãos tocam meu rosto, meu peito e então seu toque cessa.

— O que foi?

Mesmo a meia luz, reconheço seu olhar de curiosidade.

— O que significa?

O dedo dela aponta para uma das minhas tatuagens. Um coração perfurado por uma agulha de crochê.

— Fiz em homenagem a vovó Gal, ela amava fazer crochê...

Jas assente.

— E essa?

Abro um sorriso.

— Essa fiz junto com o Ash. Em uma das nossas festas loucas decidimos que faríamos um pacto dos tatuados. Idiota, né?

Ela também ri.

— E essa flor?

Meu olhar encontra o dela e vejo a dúvida. Ela sabe, mas mesmo assim quer ouvir de mim.

— Essa é uma Jasmim, amor. Fiz pensando em você... Queria te ter tatuada em mim.

— Quando?

Beijo seu ombro nu e vejo sua pele se arrepiar.

— Quando voltamos do Chile e terminou comigo. Você é e sempre foi a minha vida, Jas. Querendo ou não.

Uma lágrima solitária desce pelo canto do olho dela e eu beijo a trilha salgada que ela deixa.

— Eu quero, Tray. Você é meu mundo.

Tomo sua boca em um outro beijo e nos despimos lentamente. Inverto nossas posições quando a tenho inteiramente contra mim.

Beijo seu pescoço e inalo seu aroma, antes de voltar a encarar seus olhos que parecem mel sólido.

— Jasmim, não sei se te disse com todas as letras desde que voltou *pra* mim.

— O que?

— Eu amo você.

Ela beija meu queixo com a ternura típica de seus gestos.

— Não com palavras, amor, mas com todas as suas atitudes.

Assinto, satisfeito por ela saber.

— Agora, florzinha, vou fazer uma coisa *muito louca*.

Jas ergue a sobrancelha, receosa, e eu continuo:

— Vou fazer amor com você, e depois disso, nunca mais haverá outra mulher.

Ela ainda está me fitando com emoção quando encontro caminho para dentro do seu corpo. Adoro todos os nossos momentos, todas as nossas transas e, no conforto do meu lugar preferido no mundo, descubro que seja como for, não há nada melhor que pertencer a ela e tê-la para mim.

Minha maior aventura será a vida ao lado da mulher que ganhou meu coração quando era apenas uma menina.



Jasmin

SEIS MESES DEPOIS

Tudo bem que Tray queria uma cerimônia exótica e completamente diferente do que víamos por aí no quesito casamento. Mas daí a permitir que Azal Patel coordenasse tudo, tinha uma diferença gigante.

Para começar, não seria na igreja. Ok, até aí considero super aceitável, mas o homem precisava entender que um tigre não podia substituir uma dama de honra. Ao invés de uma acompanhante para ficar de frente a ele no altar, Azal queria de todo jeito que Malí fosse seu par. Não concordei com isso, claro.

E se o tigre ficasse com fome e decidisse atacar os convidados? Cada coisa.

Por fim, ele cedeu nesse ponto, concordando em entrar com Andy, mas só com ela. Parecia uma obsessão e quanto mais ela o destratava, mais louco o árabe ficava; Tray e Ashton já haviam feito apostas sobre o possível casal e estavam esperando para ver quem levaria a melhor.

Resolvido o impasse com o carnívoro listrado, Azal insistiu em um casamento na praia e gostei bastante da sugestão. Até que ele começou a falar que todos deveriam comparecer usando roupas de banho, inclusive eu.

No fim das contas, o magnata acabou acertando em tudo, por mais que tivesse gostos exagerados, a cerimônia e a decoração era a nossa cara.

O casamento aconteceria em poucos minutos. Azal alugou um iate e levou todos nós a bordo.

Enquanto os homens passaram a tarde em um salão de jogos, se

divertindo, as garotas e eu passamos o dia no salão, montado especificamente para esse fim, nos arrumando e relaxando.

Não havia tantos convidados, mas todos que eram importantes para nós estavam presentes. Andy, Julia, Ane e Eleanor estavam nesse momento especial, ao meu lado.

Ashton, Josh, Carter, Azal e até mesmo Adam ficaram com Tray.

Muitos outros foram convidados para a cerimônia, incluindo minha mãe e todos os funcionários que trabalhavam para a Dominion, além de Amber, que desde que passou a me enxergar como algo além de uma interesseira, já melhorara bastante seu tratamento comigo, chegando até mesmo a pedir desculpas por ter me julgado mal.

As crianças passaram o dia brincando em um espaço reservado para elas, com monitores bastante atenciosos e um pouco antes do casamento ter início, foram levadas para o salão, a fim de que se vestissem também.

Estou agora observando minha imagem refletida no espelho.

Pareço uma dessas princesas de contos de fadas, com o vestido rodado igual a um bolo e os cabelos cacheados, soltos sobre os ombros. Nos pés, um par de tênis, que destoam completamente do conjunto, mas que não poderiam ser mais perfeitos.

— Como estou, meninas? — pergunto, apreensiva.

— É a praga mais linda que eu já vi — Tray me responde da porta.

Me viro com um sorriso *pra* ele e noto que todas as outras parecem horrorizadas.

— Ei! Você não pode entrar aqui — Julia se adianta para fechar a porta, mas ele coloca o pé a impedindo.

— Ah, também dizem que não se pode fazer sexo antes do casamento. Já pulamos muitas regras aqui, doutora.

Mesmo Julia acaba rindo do comentário e se vira *pra* mim com as duas mãos na cintura, como quem diz: resolva você.

Fito meu noivo, que está vestindo uma camisa branca social, gravata, um paletó lindo sob medida, e calças jeans rasgadas. Os cabelos já cresceram

e têm um tamanho razoável, assim como os de Jay.

— O que foi, amor? — questiono, notando que ele está um pouco nervoso com a coisa toda.

— Pensei que podíamos ir juntos... *Pra* que essa coisa de um entrar e depois vir o outro pelo corredor?

— Pela tradição — Ane responde.

— Gosto de novas tradições, pirralha.

— Se é novo, não é tradição — ela explica o óbvio.

— Você duas — Tray decide. —, podem ir *pra* lá, andem logo... Seus maridos estão esperando, aos prantos.

Elas parecem saber que a batalha com ele é perdida, porque pegam os buquês e saem, Andy e Eleanor as seguem para fora, nos deixando sozinhos.

— Que tal? Bora casar?

Seguro a mão dele, sorrindo. Estou nas nuvens.

Deixo a cabine do salão e sigo com Tray em direção ao local que foi preparado para nos unir.

Quando chegamos, as damas de honra ainda não entraram e não há uma única pessoa no altar. Apenas os convidados estão sentados nas cadeiras esperando que tudo comece. Esperando provavelmente que o noivo tome seu lugar.

— Vamos entrar assim? — pergunto.

Tray faz sinal para que a orquestra comece a tocar e, quando a música clássica invade o lugar, se vira *pra* mim com o cenho franzido e os olhos cheios de pavor.

— Quem foi que escolheu essa porra? Tia Eleanor?

Dou de ombros. Não faço ideia de quem decidiu que música clássica seria uma boa ideia.

— Aff, não posso me casar com isso aí tocando, Jas! Sou um astro do rock! Pelo amor de Deus.

— O que está acontecendo? — Ashton pergunta atrás de nós. — O que está fazendo aqui, oncinha? Nós entramos primeiro. Tray, você precisa entrar agora.

Tray já está balançando o dedo indicador, negando.

— Mudança de planos, Ray. Vai lá e pega o microfone daquele nerd. Josh — fala para o amigo, que chega arrumando a gravata. — Você pega aquele saxofone e se vira, toca um som mais animado aí *pra* gente entrar.

Josh começa a rir e então seu semblante assume preocupação.

— Isso é sério?

— Claro que é sério, podem ir, agora mesmo.

Rindo um pouco, os dois se afastam na direção do palco, mas fazem exatamente o que Tray pede. Como se fosse apenas um detalhe e, na verdade, é o que sinto.

Me casar com Tray é essencial, o modo com que chegamos ao sim, não faz mais diferença.

A voz de Ashton soa ao microfone.

— Boa noite, pessoal! Vamos agitar um pouco as coisas por aqui...

Quando ele começa a cantar *A True Dream*, Tray e eu entramos de mãos dadas pelo corredor, acenando para as pessoas.

Jay nos vê e sai correndo ao nosso encontro e Tray o pega no colo. Terminamos o caminho assim, os três juntos.

— Filhão, dá aquela caixinha *pro* pai — Tray pede, já que tecnicamente Jay seria nosso pajem e levaria as alianças.

Meu garotinho entrega a ele o pequeno quadrado de veludo preto e desce do colo do pai para o chão, indo ficar ao lado de Ashley e Eleanor.

— Pronto, cara — Tray fala para o mestre de cerimônia. Ele está particularmente elétrico hoje. — Já posso beijar a noiva?

Ouçó algumas risadas dos presentes e até o homem acaba rindo um pouco. Mas, compreendendo que não estamos para enrolação, prossegue com a cerimônia e, pouco depois, dizemos nossos votos.

— Florzinha, antes de te desejar como mulher, você tomou meu coração. Antes que houvesse tesão...

Arregalo os olhos e vejo o homem atrás do altar ter um acesso de tosse. Tray se dá conta de que a palavra não é adequada. Tarde demais.

— Merda... Quer dizer, desculpem. Antes de existir *química* — Ele olha *pra* Ashton, que faz um sinal de positivo. — Certo, antes de existir química, existiu lealdade, amizade e afeto. Você é minha praga, eu sou sua peste e nós dois somos a prova de que, se é *pra* ser, inveja, intrigas e separações não podem impedir. Amo você.

O olhar dele é cheio de calor e meu suspiro de paixão é audível.

— Meu melhor amigo no mundo todo — começo. — Precisei te abraçar mesmo quando te odiei, senti sua falta mesmo enquanto me distanciava... Eu te amei mesmo sem saber que ainda tinha um coração, Tray. Você pode ser uma peste, mas é a calamidade que escolho *pra* minha vida, hoje e sempre.

O dirigente nos declara marido e mulher e Tray me deita no colo, em um beijo de cinema, enquanto os aplausos e vivas ecoam ao nosso redor.

A festa segue noite adentro no próprio lugar em que a cerimônia aconteceu e dançamos juntos, Tray, eu e Jay, que em instantes está nos braços do pai e pula para os meus, para então saltar para o chão, tão saudável quanto poderia estar.

Ao nosso redor, tudo é amor. Talvez seja apenas o meu coração explodindo de felicidade, mas vejo casais apaixonados e outros, que em minha mente romântica, se formam diante dos meus olhos.

Ashton e Julia são lindos, um amor que grita intensidade e paixão e Ashley é a cerejinha do bolo.

Anelyse dança agarrada ao marido e, julgando pelo vestido colado no corpo, um futuro baterista virá ao mundo logo, logo. Mas se eles preferem manter em segredo, vou agir como se não tivesse percebido.

Eleanor e Carter são fofos e lindos e, se Tray e eu chegarmos a idade deles com toda essa disposição para a dança, já me vou me dar por satisfeita.

Azal está dançando com Amber e movimenta os braços em seu estilo árabe de ser. O engraçado é que ele só tem olhos para Andy, e ela, mesmo

que se mova ao som da música na companhia de Adam, não para de lançar olhares ferinos ao outro. Adam e Amber trocam olhares de compreensão, percebendo o fogo cruzado em que se encontram.

Pode ser apenas minha mente cheia de amor, mas ao meu ver os casais estão invertidos. Bom, tudo em seu tempo, logo eles mesmos descobrem isso.

No fim, seja qual for seu ritmo, dance conforme a música.

Envolvente, sensual e imperfeita, sim, porque perfeição demais é enfadonho.

Epílogo



CINCO ANOS DEPOIS

É nosso primeiro cruzeiro ao redor do mundo, em família.

A Dominium havia fechado com a agência de turismo por um valor astronômico para tocar a bordo e, claro, a tripulação está completa.

Além de Ashton, Josh e Tray, Julia, Ane, eu e nossos filhos, também estão conosco nossos amigos mais próximos. Era uma oportunidade única de nos reunirmos em férias e a abraçamos de olhos fechados.

Trocamos o grande salão de jantar por uma hamburgueria deliciosa e até mesmo Azal parece satisfeito. Creio que os anos convivendo com Andy o ensinaram a apreciar nossa culinária mais gordurosa.

Sim, eles se casaram pouco depois de Tray e eu. Foi uma verdadeira loucura na época e até nós tivemos que intervir no meio da bagunça, mas no fim o amor venceu e Andy se mudou para Abu Dhabi permanentemente.

— Vai caber isso tudo em você, Jas? — Amber pergunta em tom de riso.

Talvez ela esteja se referindo ao hambúrguer duplo, mas também pode ser por conta das batatas, ou do copo enorme de refrigerante. Sem falar no Milk-Shake.

— Não é culpa dela — Tray responde, ao meu lado. — São as gatinhas comilonas do papai, não é, bebês? — ele fala com minha barriga gigantesca, no sexto mês de gestação das gêmeas.

— São elas, Amber. Dá um tempo — respondo e ela ri mais ainda. Acabamos nos tornando grandes amigas, tanto porque ela continua assessorando a Dominium, como por causa do casamento dela com Adam, que nos aproximou ainda mais.

Tray e eu esperamos algum tempo para tentarmos outro filho, apenas depois que ano passado Adam afirmou que estávamos livres da doença com toda certeza e que era como se Jay nunca houvesse conhecido a leucemia.

— Manhê! — Jay vem correndo, os passos ecoando no piso de madeira. — A Ashley tá me enchendo o saco!

Suspiro, cansada das brigas deles.

— Puxa o cabelo dela, Jay — Tray põe fogo e Ashley faz uma careta *pra* ele.

— É mentira, tia Jas! Eu não fiz nada...

Ashton olha feio *pra* Jay e Julia já começa a rir.

— Se puxar o cabelo dela eu puxo o seu.

— Mas que merda, vocês dois parecem mais crianças que eles — Josh reclama. A voz sensata no caos que são Ash e Tray. — Jay, chama o Dylan e venham comer, agora.

Jay assente e sai correndo outra vez, Ashley segue atrás.

— Ah, gente... — Ane suspira, parecendo preocupada. — O Dylan está tão complicado.

Todos nós concentramos nela, curiosos. O garoto tem quatro anos.

— Agora decidiu escolher as próprias roupas!

Acabo rindo do comentário e ganho um olhar feio de Anelyse.

— Ele vai ficar bem, Ane — Julia consola a cunhada.

— Ainda bem que Thierry não pôde vir conosco. Ia ficar arrasado ao ver que Dylan usa a echarpe que ele deu como coleira para o cachorro passear.

Ashton cutuca Josh com o cotovelo e vejo o baterista fechar a cara, mas ainda assim, ele se pronuncia em defesa do filho.

— Ane, Dylan está certo. Meu filho não é playboy, não vai andar por aí de echarpe.

Tray gargalha, vendo a cara de Ane.

— Ah, deixa disso, pirralha. Só falta querer vestir o garoto com um pulôver.

Adam pigarreia e nos voltamos *pra* ele, notando o pulôver bordô.

A gargalhada é coletiva.

E aqui, sob o brilho das estrelas, sinto que estamos todos onde

deveríamos estar.

Completamente dominados pelos laços que nos ligam.

Nota sobre a vida

Se chegaram até aqui, não é nenhum segredo que o pequeno Jay passou por uma luta e tanto contra a leucemia, a questão aqui é que assim como Jay, muitas crianças que sofrem a doença podem e se salvam.

Os números graças a Deus são animadores e muitas vezes apenas a quimioterapia é o bastante para curar.

Em outros casos, não.

Quero usar esse momento para levar essa reflexão até você que lê essas páginas agora. Talvez nunca tenha cogitado a possibilidade e talvez até tenha, mas não levado a ideia até o fim.

Existe no Brasil um banco de doadores de medula óssea e ele é ligado aos bancos de vários outros países, dessa forma, quando um paciente necessita do transplante e os familiares não são compatíveis, a busca é feita nesse banco e caso encontrem a pessoa cuja compatibilidade é afirmada, o transplante pode ser feito.

Saber que por causa desse gesto uma vida pode ser poupada, que alguém pode estar apenas esperando por você para viver, é surreal. Além disso, para incluir seu nome no registro, será feita apenas uma pequena coleta do seu sangue inicialmente e apenas se encontrarem um paciente compatível, você será chamado para o processo.

Proponho aqui, que você entre no site abaixo e se informe, procure saber onde pode ser feita a inscrição na sua cidade e realmente faça.

<http://redome.inca.gov.br/doador/como-se-tornar-um-doador/>

#dominadospeloamor

Mais uma nota sobre a vida

Sobre a depressão pós-parto, ou mesmo o baby blues.

Acredito que muitas mulheres passam por isso e que é um assunto que precisa ser debatido, esclarecido, para que o julgamento e a pressão diminuam.

Quando vemos os bebês nascendo, muitas vezes nos esquecemos que as mães também estão sendo moldadas ali. As noites sem dormir, o choro constante, o cansaço físico e mental e vários outros fatores contribuem para que o momento não seja aquele típico comercial de margarina que muitos fazem parecer.

Mas não é só isso. Existem ainda as questões hormonais, muito mais graves e que intensificam os sentimentos, sejam eles bons ou ruins.

A jovem mãe vai de um estado de total alegria, para outro de tristeza profunda e isso nos casos comuns, que atingem oitenta por cento das mulheres — no mínimo.

Em alguns casos, no entanto, a coisa é muito mais séria. O sentimento de tristeza não vai embora, o amor pelo filho não se sobressai a angústia e em casos extremos, até mesmo a morte, dela e do bebê, parecem possibilidades.

Essa é a depressão pós-parto.

Caso não tratada apropriadamente e rápido, o quadro da doença pode se desenvolver e se tornar algo crônico e duradouro, portanto esteja atento.

Tanto aos seus próprios sentimentos, caso seja a mulher em questão, quanto aos daquelas mãezinhas ao seu redor, que precisam de bem mais que palavras de julgamento.

Não é frescura, não é mentira, não é drama.

Os sentimentos são muito reais e ainda mais por conta da culpa que vem junto deles. Que mulher desejaria não se sentir ligada ao próprio filho?

Mas assim como Jasmim e tantas outras superaram, é totalmente possível e até mesmo natural.

Vai passar, tudo ficará bem.

Agradecimentos

Deus, obrigada por me dar a oportunidade de trabalhar com o que mais amo no mundo, que são os livros, por me abençoar com inspiração e me dar tantos leitores maravilhosos — leitoras, em sua maioria.

Agradeço a vocês, que chegaram até aqui. Eu não seria escritora, se vocês não fossem leitores. Por isso, agradeço muito por me darem uma chance, acompanharem meu trabalho e se apaixonarem pelos personagens tanto quanto eu, em especial as Ladies, que estão comigo desde o começo e permanecem em nosso grupo no whatsapp.

Agradeço a minha família, pelo apoio e incentivo. Meu esposo, Gustavo e meu pai, Aloísio, em particular. Mas também aos demais que sempre me ajudam no que preciso.

Um agradecimento especial para minha assessora, Polliana Teixeira, pelo empenho, por acreditar em mim e fazer todo o possível para que minhas histórias aconteçam, principalmente nesse caso, por sonhar comigo em cada fase, por ir atrás do rosto que deu presença física ao nosso protagonista e todos os detalhes para que concluíssemos a trilogia como queríamos.

Letti Oliver, meu anjo de luz que já tem lugar cativo aqui. Pelos conselhos, conversas madrugada adentro, por ouvir minhas lamúrias e enfim, por tudo, sempre. Por surtar comigo, nas horas boas e principalmente nas ruins. Amo você.

Fagner, @fagnerh, obrigada por dar um rosto ao nosso Tray, por aceitar fazer a foto para a capa e receber as dominadas nas suas redes sociais haha.

Larissa Honório, obrigada pela revisão, por trabalhar noite afora para que esse livro ficasse pronto dentro do prazo e por se divertir com Tray e Jasmim. Foi ótimo!

Di Marroquim, agradeço por cuidar do meu menino bagunceiro, lendo e relendo, apontando coisas que podiam ser melhoradas. Sua ajuda foi incrível e linda.

Washington Rodrigues, meu designer particular haha. Muito obrigada pelo material de divulgação lindo que preparou para esse livro.

Agradeço a todos os outros que contribuíram com algum trabalho para que este livro chegasse até aqui: Sil Záfia e Larissa Aragão, seus banners ficaram lindos, Olívia K, que book trailer perfeito!

Quero também deixar registrado, meu muito obrigada ao meu grupo de parceiras, por colocarem os tênis, vestirem a camiseta da banda e serem as melhores groupies que o mundo já viu! Vocês são a melhor equipe que eu poderia ter: Ana, Anathielle, Angel, Carla, Dri, Hayane, Isabele, Jaque, Jessica, Lahri, Lari Caren, Lígia, Lih, Luh, Maria, Juliana, Nana e Uinayara.

As meninas da minha campanha de divulgação, pelo apoio de sempre. Por serem incríveis e espalharem meus livros por todo o país.

Redes Sociais

Convido você a conhecer minhas redes
sociais e ficar por dentro de tudo que escrevo:

<https://www.facebook.com/SaraFidelisGoncalves>

<https://www.facebook.com/SaraFidelisAutora/>

<https://www.facebook.com/groups/354301838631957/>

<https://www.instagram.com/sarafidelisautora/>

<https://www.wattpad.com/user/SaraaFidelis>

E-mail: sarafidelisautora@gmail.com

Outras Obras

CONHEÇA MINHAS OUTRAS HISTÓRIAS



**RITMO ENVOLVENTE – O BEBÊ DO ROCKSTAR
(TRILOGIA AMOR & RITMO – LIVRO 1)**

Ashton Ray é o vocalista da Dominion, uma das maiores bandas de rock da atualidade e aproveita ao máximo o que a vida de rockstar oferece: festas, mulheres e brigas também.

Em seu último excesso, Ash se viu diante um problema maior, um processo que pode destruir sua imagem e a da banda.

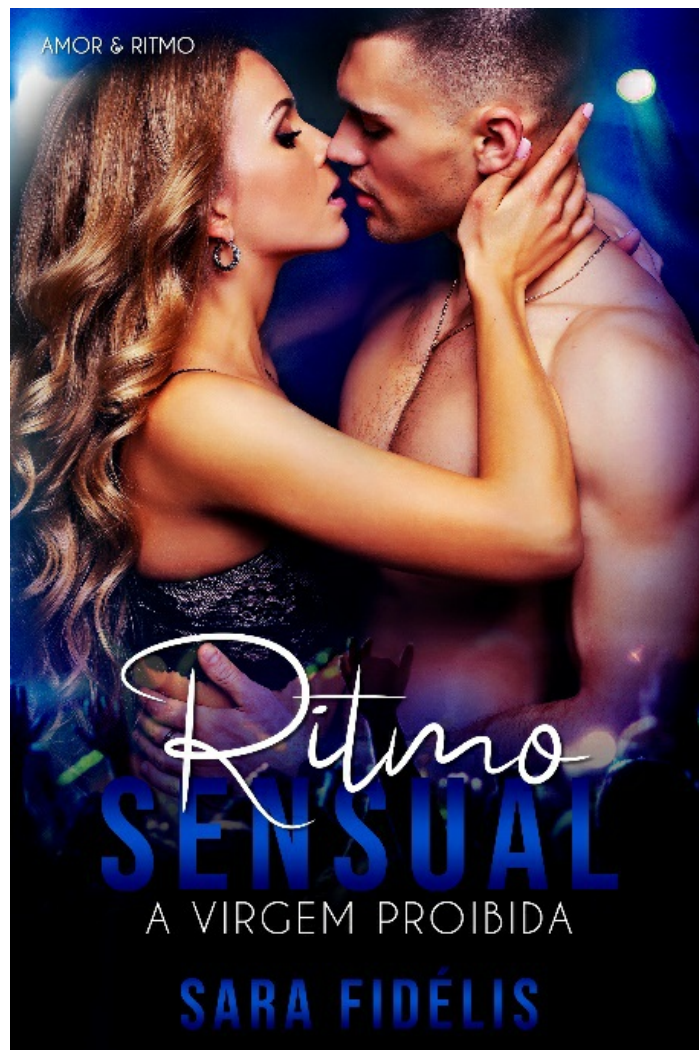
Festas estão proibidas e manchetes vetadas!

Julia Foster é uma mulher determinada a ter o que deseja: uma família e uma carreira de sucesso.

Grávida e trabalhando como estagiária em uma grande firma de advocacia, Julia vê as coisas saírem do eixo ao ter que mudar sua vida para vigiar o astro do rock arruaceiro e auxiliar em sua defesa diante dos tribunais.

Para vencer o caso ela precisará mantê-lo na linha, porém, ao contrário do que imagina, será muito mais complicado controlar seus próprios instintos.

Acompanhe a história desse casal completamente oposto em meio a muito rock, romance e bem... roupinhas de bebê.



**RITMO SENSUAL – A VIRGEM PROIBIDA
(TRILOGIA AMOR & RITMO – LIVRO 2)**

Josh Nicols é o baterista da Dominium, mas apesar de todas as loucuras

advindas disso, é um homem sensato e que pesa muito bem cada uma de suas decisões.

Um passado doloroso, uma família destruída...

Tudo isso apenas serviu de material para moldar quem ele é e em cada um dos momentos difíceis que viveu, Ashton Ray, seu grande amigo, esteve ao seu lado e a família dele se tornou a sua própria.

Por isso, nada fica fácil quando Josh começa a sentir-se atraído por Anelyse Ray, a irmã virgem de seu melhor amigo e a garota por quem sempre jurou sentir apenas afeto fraternal.

Mas, Anelyse o conhece como ninguém e nada pode ser mais inevitável, que uma mulher decidida.

O que fazer quando os dois lados da balança têm o mesmo peso?

Quando a distinção do certo e do errado, não é mais tão visível e o desejo se torna mais forte que o senso de lealdade?

Venha descobrir o amor com Josh Nicols e seu Anjo impuro e infernal.



O OGRO E A LOUCA – TRILOGIA PAIXÕES IMPROVÁVEIS (LIVRO 1)

Mathew Calston, o marquês de Wheston vive recluso em sua mansão no campo desde que acontecimentos em seu passado o fizeram repensar a vida e mudar completamente sua visão do mundo e das pessoas.

A senhorita Nicole Smith, aceita o cargo de governanta na mansão, porém ela não esperava que houvesse tanto trabalho para tão poucos criados.

Também não esperava conhecer o patrão em circunstâncias impróprias que o levassem a crer que ela era uma louca, desvairada.

Mas foi o que aconteceu.

Agora, com a pior impressão possível um do outro, eles terão que aprender a conviver, superando a aversão inicial e descobrindo um desejo incontrolável que aumenta a cada embate entre eles.

Será que a linda governanta conseguirá colocar ordem, tanto na casa quanto no coração desse marquês turrão?

E ele, poderá manter seu juízo diante dessa mulher que o tira do sério com tantas loucuras?

Venha conhecer o marquês ogro e sua governanta louca e se apaixonar por este casal.



O HIGHLANDER E A DEVASSA – TRILOGIA PAIXÕES IMPROVÁVEIS (LIVRO 2)

A senhorita Juliette Smith sempre se orgulhou de seguir seus instintos e desejos.

Convencida de que nunca se casará ou poderá desfrutar dos prazeres dentro da proteção de um matrimônio, ela decide conhecê-los com ninguém menos que Lorde Gregor MacRae, o libertino mais viril e belo no qual já pôs os olhos.

Porém, contrariando as expectativas da moça, um belo dote lhe é cedido e junto com ele a oportunidade de se casar.

Agora ela precisará atrair a atenção de um cavalheiro disposto a se comprometer, o que pode não ser nada fácil quando se tem a lembrança de olhos azuis e selvagens para assombrá-la.

Lorde Gregor é imprudente e adora ostentar suas conquistas amorosas, mas não essa. Se possível levará o segredo para o túmulo para não perder os amigos que tanto estima.

Mas então, ela decide se casar e a mera ideia de que todo aquele fogo indomado estará nos braços de outro homem faz com que o guerreiro highlander que habita nele, desperte.



O DUQUE E A FUGITIVA – TRILOGIA PAIXÕES IMPROVÁVEIS (LIVRO 3)

Maryelen Lorena Somerset, filha do distinto duque de Beaufort, cresceu sob a mão rígida de seus progenitores e foi preparada desde o berço para um casamento político que tornaria sua família ainda mais poderosa.

Sebastian Cavendish, o filho mais novo do duque de Devonshire surge em sua vida e ao vê-lo Maryelen sente que encontrou alguém especial.

Em meio ao florescer dos sentimentos, descobrem que uma união entre os dois não é bem quista pela família da jovem e o destino com suas intempéries os separa em uma sucessão de tragédias.

Agora, anos depois, Sebastian é o novo duque de Devonshire e um reencontro inesperado o coloca frente a frente com a moça que acreditava estar morta ou algo ainda pior.

As circunstâncias não são adequadas e a mulher que agora atende pelo nome de Helen não é mais a menina que um dia conheceu, mas uma fugitiva que forjara a própria morte impiedosamente.

Após um acidente que poderia ter fatalmente lhe tirado a vida, Sebastian tem um novo objetivo, um motivo para persistir: encontrá-la e descobrir quais outros segredos oculta e por quais razões o deixou.



UM BÁRBARO DE JOELHOS – CORTEJOS IMPROVÁVEIS - SPIN OFF DA TRILOGIA PAIXÕES IMPROVÁVEIS

Lorde Ian MacRae não é exatamente o que se espera de um nobre. Com um desprezo transparente por regras da alta sociedade, o escocês prefere a vida nas highlands, acompanhado de seu bom whisky e sua família.

Apenas poucos britânicos conseguem sua confiança e boa vontade, mas em um ato generoso no passado, livrou a tímida Lady Mariane Stanford das garras de sua progenitora.

No entanto, seu gesto isolado de cavalheirismo ocasionou uma série de situações em que se viu vítima de perseguição e obsessão, por parte da jovem dama.

Ou não seria paixão, o real motivo pelo qual a irrepreensível Lady passou a vasculhar seus pertences e analisá-lo com mais atenção que o adequado?

Mistérios, romance e muitas reviravoltas. Nesse jogo, quem se ajoelhará primeiro?



QUE SEJA DOCE – VOLUME ÚNICO

Cinco anos após a fatídica noite que fez o futuro arquitetado de Robin ruir, ela tenta sobreviver em meio a dificuldades, cuidando sozinha de seu filho, Bernardo, e trabalhando em um emprego que odeia, após abandonar o sonho de abrir a própria doceria.

Decidida de que não há espaço e nem tempo para paixões em sua vida, a confeitadeira faz de tudo para não ser notada, mas o acaso se encarrega de dar a Robin uma transferência no emprego, que a leva para outra cidade.

Para outra pessoa.

Dominic é apaixonado por palavras e vê nelas, sejam faladas, escritas ou cantadas, uma chance de mudar vidas. Com a carreira de psicólogo em ascensão, ele está de volta à sua cidade natal e deseja apenas um colega para

dividir o aluguel.

Uma confusão com os nomes desses dois e voilà: temos a receita perfeita para cenas hilárias, fortes emoções, um romance com cheirinho de chocolate e potência para aquecer os forninhos.

Table of Contents

[Notas Inicias](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Epílogo](#)

[Nota sobre a vida](#)

[Mais uma nota sobre a vida](#)

[Agradecimentos](#)

[Redes sociais](#)

[Outras obras](#)